

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL  
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES:  
UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA SÓCIO-HISTÓRICA

Karen Michel Esber

Goiânia  
Março de 2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL  
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES:  
UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA SÓCIO-HISTÓRICA

Karen Michel Esber

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
Stricto Sensu em Psicologia, da Universidade Católica de  
Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa

Goiânia  
Março de 2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

Esta Dissertação de Mestrado foi avaliada pela seguinte banca examinadora:

---

Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes de Sousa  
Universidade Católica de Goiás – UCG (Presidente)

---

Profa. Dra. Anita Cristina Azevedo Resende  
Universidade Católica de Goiás – UCG (Membro)

---

Profa. Dra. Wanda Maria Junqueira Aguiar  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP (Membro)

---

Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos  
Universidade Católica de Goiás – UCG (Membro Suplente)

“O sexo pode fazer aflorar o melhor e o pior nas pessoas.”  
(Madanes)

Aos meus amados pais, Michel e Olga, por terem-me proporcionado condições emocionais que me possibilitam batalhar por um mundo menos violento.

Aos meus três sobrinhos, Cybele, Michel e Izabela, por terem-me revigorado com seus sorrisos e alegria.

Aos meus irmãos, Mahassen, Ziad e Salim, por terem-me sempre incentivado.

## AGRADECIMENTOS

À professora Sônia Margarida Gomes de Sousa, que incansavelmente colocou à disposição sua competência e conhecimento em favor do aprimoramento teórico-metodológico desta pesquisa.

À professora Anita Cristina Azevedo Resende, que, além de compor as bancas de qualificação e de defesa, foi parte importante na constituição deste trabalho.

À professora Wanda Junqueira Aguiar, que gentilmente concordou em participar da banca de defesa.

Ao professor Pedro Humberto Faria Campos, pelas valiosas contribuições realizadas na banca de qualificação.

Aos sujeitos desta pesquisa, por terem concordado em expor suas vidas.

Às estagiárias de pesquisa Andréia Oliveira do Carmo, Juliana Ribeiro do Espírito Santo, Karla Ricardo Kravo e Zali Santos Ferreira, cujas contribuições foram imprescindíveis para o bom andamento dos trabalhos.

Às colegas de trabalho e de militância, Maria Aparecida Martins e Eulange de Sousa, pelas contribuições teóricas enriquecedoras.

Aos colegas do Centro de Estudos, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil, em especial a Benedito Rodrigues dos Santos, Maria Luiza Moura Oliveira, Mônica Barcellos Café e Núbia Angélica de Jesus, que sempre me estimularam para novos desafios intelectuais e profissionais.

À Débora Stival de Sousa e à Nelcina Martins Alves Neres, da Agência Goiana do Sistema Prisional, que facilitaram a entrada naquela instituição, e ao agente prisional Sebastião Alves de Oliveira, que deu pleno apoio à realização desta pesquisa.

Ao Superintendente de Políticas de Ação Integral à Saúde, Dr. Antônio Wilson Soares de Oliveira, e à gerente de Ações Programáticas, Sirlene Gomes de Oliveira Borges, pelo apoio oferecido para a conclusão de meu mestrado.

## RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa é o de analisar a subjetividade de três autores de violência sexual contra crianças e adolescentes, que se encontram encarcerados na Agência Goiana do Sistema Prisional, fundamentando-se na teoria sócio-histórica de Vygotsky. Assim, o método do materialismo histórico e dialético e a pesquisa qualitativa foram pressupostos fundantes da perspectiva adotada. Para o desenvolvimento da pesquisa, contou-se com três procedimentos metodológicos diferenciados: o primeiro, uma pesquisa bibliográfica realizada no Portal CAPES, durante o período de 2000 a 2006, com o intuito de traçar um breve panorama da literatura internacional sobre o tema. A par disso, teses, dissertações, livros e artigos produzidos pela literatura nacional, também no mesmo período, foram resenhados. O segundo procedimento consistiu em uma pesquisa documental nos prontuários dos sujeitos, nos arquivos do Cartório da Agência Goiana do Sistema Prisional. No terceiro procedimento, fez-se a análise dos relatos de cinquenta e uma sessões psicoterapêuticas com os três sujeitos, possibilitadas graças às ações do Projeto Invertendo a Rota (IDF/UCG). Dois núcleos de significação emergiram dessas sessões: a violência sofrida e a violência praticada. A partir da análise desses relatos concluiu-se que os três sujeitos foram vítimas de violência sexual em suas infâncias; houve, em dois sujeitos, uma certa dificuldade em verbalizar os sentimentos relacionados à violência sexual sofrida; os três revelaram plena consciência do caráter maléfico das violências que cometeram, apesar das tentativas de dois deles de minimizar seus efeitos negativos para as vítimas; todos eles confirmaram ter experienciado sentimentos em relação à violência praticada. Ao relacionar os motivos para cometer a violência sexual, dentre outras razões, todos a vincularam à experiência da violência sexual sofrida na infância; para dois deles, os sentidos atribuídos às crianças revelam uma compreensão delas como seres sexuais, beneficiadas de alguma forma pela relação sexual praticada; há um consenso do desejo de não mais cometer violência sexual. Os sentidos da violência sexual cometida expressos pelos três sujeitos são diferenciados: para um deles, está ligado à necessidade de vingança; para outro, ao desejo sexual experienciado por adolescentes; para o último, à figura da criança sedutora. Por fim, esta pesquisa possibilita elencar algumas questões consideradas essenciais: a necessidade de responsabilização legal pelas violências cometidas e a importância do atendimento psicoterapêutico para a prevenção de futuras reincidências.

Palavras-chave: Psicologia Social, violência sexual, autor de violência sexual, sexualidade, teoria sócio-histórica de Vygotsky.

## ABSTRACT

The main aim of this research is to examine the subjectivity of three sexual offenders against children and adolescents, who are imprisoned in a state prison (Agência Goiana do Sistema Prisional), based on Vygotsky's socio-historical theory. Thus, the method of historical and dialectical materialism and the qualitative research approach were base structures for the adopted perspective. For the development of the research, three distinct methodological procedures were adopted: first, a literature research was conducted in Portal CAPES, from 2000 to 2006, in order to draw a brief overview of the international literature on the subject. In addition, theses, dissertations, books and articles produced by the national literature, also in the same period were reported. The second procedure consisted of a research on the subject's files, held in the prison's archives. In the third procedure, it was made an analysis of fifty one psychotherapy sessions with the three subjects, which was only possible through the actions of Projeto Invertendo a Rota (IDF/UCG) – a project against child exploitation. Two meaning cores have emerged from the sessions: the suffered violence and the perpetrated violence. The analysis of these reports reveals that the three subjects were victims of sexual violence in their childhoods; in two of them, there was a certain difficulty in verbalizing the feelings related to the sexual violence they suffered, the three of them revealed fully awareness of the negative consequences of the violence they perpetrated, despite the attempts by two of them to minimize its negative effects on the victims; all of them confirmed having experienced feelings regarding the violence they perpetrated. In an attempt to list the reasons for practicing sexual violence, among other, all of them linked it to the experience of sexual violence suffered in childhood; for two of them, the meanings given to children show an understanding of them as sexual beings, benefited in some way by the sexual relation they practised; there is a consensus of the desire to no longer commit sexual violence. The meanings of the perpetrated sexual violence expressed by the three subjects are different: for one of them, it is linked to the need for revenge, to another one, it is connected to the sexual desire experienced towards adolescents; to the last one, it is linked the picture of the seductive child. Finally, this research enables to list some issues considered essential: the need for legal accountability for the violence they committed and the importance of the psychological treatment for the prevention of future recidivism.

Key words: Social Psychology, sexual violence, sexual offender, sexuality, Vygotsky's socio-historic theory.



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
O método empregado .....	18
Os procedimentos metodológicos adotados .....	19
CAPÍTULO 1 – A LITERATURA SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DA AUSÊNCIA À PRESENÇA DOS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL .....	24
1.1 A violência sexual contra crianças e adolescentes: revisão bibliográfica .....	26
1.2 Os autores de violência sexual na literatura internacional: a ausência da voz dos sujeitos .....	34
1.2.1 A vitimização de AVS na infância .....	34
1.2.2 A questão das distorções cognitivas .....	36
1.2.3 O debate da generalização/especialização .....	39
1.2.4 A investigação da sexualidade de AVS .....	41
1.2.5 Características de AVS .....	43
1.2.6 Temas diversos .....	47
1.3 Os autores de violência sexual na literatura nacional: o início da presença dos sujeitos .....	52
1.3.1 A intervenção clínica com AVS .....	53
1.3.2 O perfil de AVS .....	55
1.3.3 Temas diversos .....	56
1.4 Considerações críticas sobre a literatura internacional e nacional pesquisada .....	58
CAPÍTULO 2 – AS DIFERENTES VOZES SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES .....	66
2.1 Henrique: a violência como expressão da vingança .....	66
2.1.1 A história de vida pelo próprio sujeito .....	66
2.1.2 A história de vida retratada pelo processo .....	69
2.1.3 A voz do Ministério Público .....	70
2.1.4 A voz dos juízes .....	72
2.1.5 A voz da Comissão Técnica de Classificação (CTC) .....	74
2.2 Pedro: o desejo sexual por adolescentes .....	76
2.2.1 A história de vida pelo próprio sujeito .....	76
2.2.2 A história de vida retratada pelo processo .....	79

2.2.3 A voz do Ministério Público .....	80
2.2.4 A voz dos juízes .....	81
2.2.5 A voz da Comissão Técnica de Classificação .....	84
2.3 Renato: as crianças ninfetas .....	87
2.3.1 A história de vida pelo próprio sujeito .....	87
2.3.2 A história de vida retratada pelo processo .....	89
2.3.3 A voz do Ministério Público .....	90
2.3.4 A voz do juiz .....	90
2.3.5 A voz da Comissão Técnica de Classificação .....	91

### CAPÍTULO 3 – OS SENTIDOS DE VIOLÊNCIA PARA OS AUTORES

DE VIOLÊNCIA SEXUAL .....	93
3.1 Henrique .....	94
3.1.1 A violência sofrida .....	94
3.1.1.1 As conseqüências da violência sofrida: “Eu ando com uma ferida que nunca vai sarar” .....	94
3.1.1.2 Os sonhos/pesadelos como continuidade da violência sofrida .....	98
3.1.1.3 A construção da subjetividade de AVS: “O ser humano é espelho do outro. Do jeito que um age, o outro reage” .....	100
3.1.1.4 Os sentimentos oriundos da violência sexual sofrida: culpa, raiva, ódio, medo, mágoa e vingança .....	104
3.1.2 A violência praticada .....	108
3.1.2.1 Latrocínio: a primeira tentativa de “libertar-se” da violência sexual sofrida .....	108
3.1.2.2 A segunda tentativa de “libertar-se” da violência sexual sofrida – os motivos para cometer a violência sexual .....	110
3.1.2.3 Os sentimentos sobre a violência sexual praticada: vingança, culpa, arrependimento, vergonha, ódio/pena, nojo e medo .....	114
3.1.2.4 A responsabilização pela violência sexual cometida .....	119
3.1.2.5 O sentido atribuído às vítimas .....	121
3.1.2.6 O desejo de não mais cometer violência .....	124
3.2 Pedro .....	127
3.2.1 A violência sofrida .....	127
3.2.1.1 A minimização dos efeitos da violência sofrida: “Apesar de tudo, não foi tão ruim assim. Eu gosto dela” .....	127
3.2.1.2 Os sentimentos em relação à violência sofrida: medo, nojo, culpa e vergonha .....	131
3.2.2 A violência praticada: “Nenhum pedófilo é santinho” .....	133
3.2.2.1 A construção da ética própria: “Os outros não podem, só eu que posso” .....	133
3.2.2.2 A não-violência da violência .....	137

3.2.2.3 A relação de amor com os adolescentes: “É gostoso porque é um amor puro” .....	140
3.2.2.4 A desresponsabilização pela violência sexual cometida: a presença do maligno .....	141
3.2.2.5 Os motivos para cometer a violência: “O brilho da pele do garoto tem mais brilho pra mim, é um brilho mais macio” .....	146
3.2.2.6 Os sentimentos relacionados à violência sexual praticada: o arrependimento, a vergonha e a culpa .....	151
3.2.2.7 O sentido de crianças/adolescentes para Pedro .....	153
3.2.2.8 A infantilização – “Eu fui crescendo. Ficando mais velho, né? Crescer eu não cresci não” .....	158
3.2.2.9 As conseqüências da violência: para os adolescentes e famílias e para si próprio .....	159
3.2.2.10 A ambivalência entre o desejo de parar de cometer violência e o desejo sexual por adolescentes .....	160
3.3 Renato .....	162
3.3.1 A violência sofrida .....	162
3.3.1.1 O medo da homossexualidade .....	163
3.3.1.2 Sentimentos a respeito da violência sofrida .....	166
3.3.2 A violência praticada .....	167
3.3.2.1 Responsabilização versus culpabilização das vítimas: “99% da culpa é minha, mas pelo menos 1% é delas também” .....	168
3.3.2.2 As conseqüências da violência: “Não é fácil, pra mim como pai, pra ela como filha, pra esposa também, pra todos não é fácil” .....	174
3.3.2.3 Os motivos para cometer a violência .....	177
3.3.2.4 O sentido atribuído às crianças – as crianças sexualizadas .....	180
3.3.2.5 Os sentimentos em relação à violência cometida: medo, vergonha e culpa .....	182
3.3.2.6 As dimensões da violência: a violência processual e a violência como expressão do uso força física .....	184
3.3.2.7 O desejo de não mais cometer violência .....	186
CONCLUSÃO .....	188
REFERÊNCIAS .....	196
APÊNCICES .....	213
Apêndice A: Lista dos periódicos pesquisados em áreas diversas .....	213
Apêndice B: Periódicos selecionados para a revisão da literatura .....	214
Apêndice C: Lista dos periódicos pesquisados na área de Psicologia Social .....	215
Apêndice D: Periódicos de Psicologia Social selecionados para a revisão da literatura .....	216
Apêndice E: Artigos selecionados para a revisão da literatura internacional .....	217
Apêndice F: Títulos referentes à literatura nacional sobre AVS .....	222
Apêndice G: Temas, sujeitos e metodologias dos artigos selecionados .....	223

## INTRODUÇÃO

A violência sexual<sup>1</sup> contra crianças e adolescentes, transformou-se em pauta de preocupação pública brasileira na década de 1980 (FERRARI e VECINA, 2002), e, desde essa época, diversos estudos têm tido como foco, prioritariamente, a vítima ou os progenitores que não cometeram violência. Nesses estudos, os autores de violência sexual (AVS)<sup>2</sup> normalmente têm sido negligenciados. Aparecendo secundariamente, retratados por meio de perfis sociodemográficos, são caracterizados apenas por meio de dados quantitativos (AZEVEDO e GUERRA, 1988; FALEIROS, 2003; HABIGZANG et al., 2005).

Azevedo e Guerra (1988), por exemplo, realizaram uma pesquisa em São Paulo nos anos de 1982 a 1984, na qual foram localizados 168 casos de abuso<sup>3</sup> sexual de crianças. Em todos os prontuários pesquisados, o agressor era do sexo masculino. Quanto ao grau de parentesco dos agressores sexuais com suas vítimas, as autoras apontam que 69,6% eram pais biológicos, 29,8%, padrastos e 0,6%, pais adotivos. No que concerne à idade, a pesquisa indicou que 2,4% dos agressores têm entre 19 e 24 anos, 8,3% estão entre 25 e 29 anos, 44,6% têm de 30 a 39 anos, 25,1% estão entre 40 e 49 anos, 8,3% se encontram acima de 50 anos e 8,3% dos prontuários pesquisados não forneceram essa informação. Sobre a questão do estado civil, 16,1% eram solteiros, 54,2%, casados, 13,1%, amasiados, 8,3%, desquitados, divorciados ou separados, 5,9%, viúvos e 2,4% dos prontuários não informaram nada a respeito. No que tange à cor, 58,3% eram

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, utilizar-se-á o termo “violência sexual” em detrimento de “abuso sexual” por duas razões principais. Primeiramente, o termo “violência” expressa um fenômeno sócio-historicamente constituído. Em segundo lugar, o termo “abuso” necessariamente supõe a permissão para se fazer uso de algo (FELIPE, 2006), e usá-lo aqui seria admitir a prática sexual de adultos com crianças.

<sup>2</sup> A opção pelo uso do termo “autor de violência sexual” se dá em contraposição aos nomes: estuproador, abusador, pedófilo, ofensor etc. O uso de tais termos acaba por focar um só papel entre os vários que o sujeito desempenha (VECINA, 2002; ESBER, 2005).

<sup>3</sup> Optou-se por manter os termos utilizados por outros pesquisadores tendo em vista mostrar mais fielmente a terminologia empregada por eles.

brancos, 9,5%, negros, 28%, pardos e 4,2% dos processos não traziam essa informação. Quanto à ocupação, 60,1% estavam no grupo de trabalhadores de produção industrial, operadores de máquinas, condutores de veículos e trabalhadores assemelhados e os outros 39,9%, em profissões diversas. Por último, no que concerne ao uso de álcool ou drogas, as autoras descobriram que os documentos consultados, em 92,3% dos casos, não traziam tal informação. Contudo, 6,5% dos perpetradores faziam uso de álcool e 1,2% utilizavam maconha.

As informações apresentadas sobre o grau de parentesco dos AVS em relação às suas vítimas são confirmadas por Silva e Silva (2005), numa publicação do The United Nations Children's Fund (UNICEF), organizada com dados provenientes da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância (ABRAPIA). Os autores apontam que, nos casos de violência sexual doméstica, 53,85% dos AVS contra crianças são pais, seguidos de 32,87% de padrastos e 2,8% de mães.

Faleiros (2003) realizou uma pesquisa quantitativa sobre a violência sexual em cinco cidades brasileiras: Belém, Recife, Vitória, Goiânia e Porto Alegre. Nessa pesquisa, dos 47 AVS pesquisados, 2 eram do sexo feminino e 45, do sexo masculino. As faixas etárias oscilaram dos 14 aos 70 anos. Outro dado encontrado foi a existência de abusos sexuais múltiplos (35% do total), nos quais houve a presença de diversos autores de violência e/ou de diversas vítimas. No que concerne à relação de parentesco entre o autor da violência e a vítima, os autores, na grande maioria, eram pais e padrastos, seguidos de avós, irmãos e primos. Encontraram-se também madrasta, tio, cunhado e tio-avô, ou seja, os perpetradores, em grande parte (93,7%), eram conhecidos das vítimas.

Criticamente, analisam-se as pesquisas citadas como uma primeira aproximação acerca da compreensão do AVS, uma vez que são apenas descritivas, de quantificação acerca do fenômeno<sup>4</sup>. Além desse tipo de pesquisa, também a chamada “literatura psicologizante e patologizante” vem se dedicando ao tema do AVS. Tal literatura se baseia, em sua maior parte, no DSM IV (1995), o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, elaborado pela

---

<sup>4</sup> Possivelmente, essa forma de apreensão do fenômeno tem relação com o modo de produção do conhecimento, no qual um determinado fenômeno pode aparecer secundariamente para depois se transformar em um objeto de investigação. No caso dos estudos mencionados, pretende-se, mais tarde, usá-los como base para singularizar a investigação em relação aos AVS.

Associação Psiquiátrica Americana, que denomina “parafílicos” os comportamentos sexuais criminais, tais como a pedofilia. Etimologicamente parafilia significa o desvio (para) da pessoa para algo que a atrai (filia). Segundo o DSM IV (1995, p. 497),

fantasias, comportamentos ou objetos são parafílicos quando levam sofrimento ou prejuízo clinicamente significativos (por exemplo, são obrigatórios, acarretam disfunção sexual, exigem a participação de pessoas sem consentimento, trazem complicações legais, interferem nos relacionamentos sociais.

A característica essencial da parafilia é a presença de um impulso sexual intenso, recorrente, e de fantasias que despertam excitação sexual geralmente envolvendo objetos não humanos, sofrimento ou humilhação de si mesmo ou do parceiro, ou ainda implicando crianças ou outras pessoas sem o seu consentimento (DSM IV, 1995). Tal concepção necessariamente conduz à idéia de que os sujeitos parafílicos – neste caso os AVS – foram formados intrapsiquicamente de maneira anormal, ignorando-se o caráter sócio-histórico de sua constituição. Essa forma de compreensão do fenômeno ocasiona conseqüências negativas para a compreensão dos protagonistas da violência sexual, na medida em que, por vezes, são oferecidas explicações demasiadamente moralistas ou insatisfatórias em relação à subjetividade deles. Raramente se questiona sobre o tipo de sociedade que produz tais sujeitos, o que reduz a possibilidade de compreensão de sua subjetividade.

De acordo com este tipo de explicação sobre os AVS, a conduta deles é decorrente de tendências genéticas ou de defeitos em sua formação psicológica. Os profissionais que aderem a essa abordagem defendem que os AVS sofrem de perturbações mentais, sendo portadores de uma conduta doentia, e que, motivados por fatores internos, muitas vezes, estariam fora de seu controle. A partir desse entendimento, algumas assertivas generalizadas e moralistas têm sido feitas sobre tais sujeitos. Cohen (1993, p. 76), por exemplo, assim se manifesta:

Sob o ângulo da psicopatologia forense, podemos considerar o autor do ato incestuoso como um indivíduo portador de uma perturbação da saúde mental que pode ser psicossocial (anti-social, dissocial, associal, amoral, imatura etc.) ou psicosssexual (parafilias, como, por exemplo, pedofilia), e nestes casos o indivíduo deverá ser considerado semi-imputável. [...] esses indivíduos são doentes mentais (com quadros psicóticos orgânicos e outras psicoses), e, nessa condição, devem ser considerados

inimputáveis.

Outra pesquisadora que se posiciona de forma similar acerca dos AVS é Safiotti (1989b, p. 84). Para caracterizar esses indivíduos, ela utiliza a expressão “traços incomuns”: Socialmente - afirma ela – “não há como distinguir entre os pais estupradores e os outros pais, o que, aliás, é válido para estupradores não incestuosos também. Emocionalmente, contudo, tais pessoas devem apresentar traços incomuns”.

Essas concepções sobre o AVS, estão presentes tanto no meio acadêmico quanto no meio jornalístico. Vivarta (2003), numa pesquisa intitulada *O grito dos inocentes*, realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI), analisou 718 matérias jornalísticas sobre abuso e exploração sexual publicadas em 49 jornais brasileiros entre janeiro de 2000 e junho de 2001 e constatou que, em 7,8% das matérias, os acusados pelos crimes foram tratados de forma desumana e desqualificada. Isto pode ser observado inclusive pela utilização de termos, tais como “monstro”, “besta”, “animalesco”, “adulto desequilibrado”, “psicopata”, “maníaco” e “tarado”.

Contrariando a perspectiva referida, as pesquisas têm demonstrado atualmente que poucas pessoas que cometem violência sexual são portadoras de distúrbios mentais (SANDERSON, 2005). Isso torna essencial uma mudança de foco na explicação do fenômeno em questão, passando-se do modelo biologicista para um modelo multidisciplinar, que inclua os aspectos históricos, culturais e sociais (KNERDESEN, 1992, apud FAGUNDES, 2003).

Na contramão das assertivas generalistas ou moralistas sobre pessoas que cometem violência sexual, Azevedo e Guerra (2000, p. 156) recentemente têm defendido que as explicações acerca desses sujeitos, e mais especificamente acerca dos crimes sexuais bárbaros, devem situar-se “para além do enquadramento destes na categoria dos loucos (e portanto inimputáveis) ou dos psicopatas (e portanto penalmente responsáveis)”. De acordo com as autoras, essas explicações e esses enquadramentos em categorias não são suficientes, pois “quando muito introduzem em cena um personagem enigmático para cuja ‘produção’ a ciência ainda não dispõe de uma teoria satisfatória” (p. 159).

Propõe-se neste estudo a compreensão dos AVS no campo da Psicologia Social Crítica. Essa abordagem entende que a compreensão da realidade se torna possível por meio da apropriação dos nexos constitutivos que o sujeito tece no decorrer de sua história. Ela nega a

existência de uma natureza humana, uma tendência biológica para o crime (CAMINO e ISMAEL, 2004; GUARESCHI et al., 2006). Ao contrário, o fenômeno da violência sexual, assim como qualquer fenômeno humano, é sócio-historicamente constituído, tanto em sua filogênese quanto na ontogênese.

O processo dialético de constituição do sujeito implica necessariamente a compreensão pontuada por Aguiar e Ozella (2006, p. 224). De acordo com eles,

indivíduo e sociedade vivem uma relação na qual se incluem e da qual se excluem ao mesmo tempo. Quando afirmamos que se incluem, lembramos Vygotsky, quando afirma que o indivíduo é “quase o social”; para ele, não há invenções individuais no sentido estrito da palavra. Em todas, existe sempre alguma colaboração anônima. E, quando afirmamos que se excluem, se diferenciam, destacamos a singularidade do sujeito. Entendemos, dessa forma, que indivíduo e sociedade não mantêm uma relação isomórfica entre si, mas uma relação onde um constitui o outro. Concordamos quando Vygotsky (1999) afirma que o Processo de Internalização deveria ser chamado de “Processo de Revolução”, por pressupondo uma radical reestruturação da atividade psíquica nesse movimento chamado de Internalização.

Além de adotar-se a compreensão dialética de constituição do homem, neste trabalho, concorda-se também com a visão de Madanes (1997) segundo a qual, em relação a AVS, diagnósticos rotulativos não deverão ser usados. Para a autora nenhum indivíduo deve ser estigmatizado como crônico ou sem esperança. É preciso, ao contrário, conhecer mais sobre a vida desses sujeitos, com o intuito de não rotulá-los, enquadrando-os em um tipo específico de transtorno mental. Em vez disso, faz-se necessário compreendê-los para além do ato cometido, entendendo sua história de vida e os sentidos e significados da violência por eles cometida.

A pesquisa corrobora também o posicionamento teórico de Sanderson (2005), quando pontua a necessidade de uma urgente desmistificação sobre as pessoas que cometem violência sexual contra crianças e adolescentes. Esses indivíduos não são, em grande parte, estranhos, nem loucos, e nem podem ser reconhecidos por características físicas, como se acredita. Eles provêm de todos os tipos de classes sociais, grupos étnicos e faixas etárias. O conceito de “monstro” cria uma demonização dos abusadores, e passa-se a tratá-los como doentes e maus, enquanto os que não violentam seriam sadios e bons.

Mas, não obstante a visão desta pesquisa, não se pretende aqui justificar os atos de



violência cometidos por esses sujeitos, mas sim compreender os nexos constitutivos que eles empreendem nas relações violentas. Ao contrário da justificção, pesquisam-se os AVS exatamente por se discordar de qualquer forma de violência e de violações de direitos de crianças e adolescentes. A função da ciência é, aliás, auxiliar na redução – ou até mesmo na eliminação – de ocorrências de violência, como pondera Sawaia (2004, p. 23):

O esforço em conhecer as diferentes configurações ideológicas e políticas da violência deve orientar a ciência na direção da supressão de todas as formas de violência, para que ela não se enrede na trama ideológica da busca por critério semântico do que seja violência aceitável e legítima.

A análise que aqui se propõe é a investigação da subjetividade de três AVS, na tentativa de apreender os sentidos que eles atribuem à violência sexual cometida. Eles se encontram em regime fechado na Penitenciária Coronel Odenir Guimarães<sup>5</sup> e aceitaram participar de ações do Projeto Invertendo a Rota<sup>6</sup>. Uma das ações integrantes desse Projeto é Programa Repropondo: atendimento Psicoterapêutico a Autores de Violência Sexual. O Programa desenvolveu cinco atividades distintas e complementares: 1) atendimento psicoterapêutico a adultos AVS (sentenciados); 2) atendimento psicoterapêutico a adolescentes AVS; 3) formação de um grupo terapêutico para pessoas que têm preferência sexual por crianças e adolescentes; 4) formação de um grupo composto por profissionais para reflexão sobre o atendimento de AVS e 5) capacitação de profissionais de diversas áreas para o trabalho com os AVS, especialmente os

---

<sup>5</sup> Situada em Aparecida de Goiânia, é uma das penitenciárias que compõem a Agência Goiana do Sistema Prisional. Em 2007, segundo dados do Sistema de Informações Penitenciárias (InfoPen), abrigava 3.652 reeducandos. Informações retiradas do site: <[http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509\\_CPTBRIEhtm](http://www.mj.gov.br/data/Pages/MJD574E9CEITEMIDC37B2AE94C6840068B1624D28407509_CPTBRIEhtm)>. Acesso em: 25 de novembro de 2007.

<sup>6</sup> Trata-se de um projeto de pesquisa-ação do Centro de Estudo, Pesquisa e Extensão Aldeia Juvenil (CEPAJ), vinculado ao Instituto Dom Fernando (IDF), órgão da Pró-Reitoria de Extensão e Apoio Estudantil (PROEX) da Universidade Católica de Goiás (UCG). Iniciado em abril de 2004, o projeto foi financiado por meio de convênio firmado entre a Prefeitura de Goiânia, o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente (CMDCA) e Fundo Municipal de Apoio à Criança e ao Adolescente (FMACA), com verba doada pelo Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobrás). Foi gerido pelo CEPAJ/UCG com a contribuição de um grupo gestor, composto pelas seguintes instituições: Prefeitura Municipal; Secretaria Municipal de Saúde (SMS), Secretaria Municipal de Educação (SME), Fundação Municipal do Desenvolvimento Comunitário (FUMDEC), Sociedade Cidadão 2000 pelos Direitos da Criança e do Adolescente (Cidadão 2000); Fórum Goiano pelo Fim da Violência e Exploração Sexual Infanto-Juvenil; Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR-GO); Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA); Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDCA/GO) e Organização das Voluntárias de Goiás (OVG).

da rede de atenção a mulheres, adolescentes e crianças em situação de violência.

## O MÉTODO EMPREGADO

Esta pesquisa norteia-se pelo método dialético, em concordância com os pressupostos da teoria sócio-histórica de Lev Seminovitch Vygotsky (1896-1934). As categorias linguagem e pensamento e as noções de significado e sentido, constitutivos do método utilizado, são elementos importantes para essa perspectiva.

Uma das características mais marcantes na obra de Vygotsky é a indissociabilidade entre o social e o individual. Na visão do autor, o interpsicológico e o intrapsicológico estão relacionados de maneira tal que o social constitui o sujeito e é constituído por ele, em uma relação dialética. É o que Vygotsky (1999, p. 82) denomina “socialização de toda consciência”.

A investigação proposta baseia-se na historicidade, que não é cronológica, mas sim de atribuições de sentidos e significados apropriados pelos sujeitos, frutos de interações sociais em que eles realizam transformações e são transformados. Tal análise não é somente descritiva, mas principalmente voltada para a compreensão e apreensão dos nexos constitutivos da subjetividade. As noções de sentido e significado seguem aqui a perspectiva de Vygotsky (2000a, p. 10), para quem o “método de investigação do problema não pode ser outro senão o método da análise semântica, da análise do sentido da linguagem, do significado da palavra”.

Na visão de Vygotsky, a palavra possui duas dimensões principais: a primeira, mais estável, é o significado. Apesar de estável, ele não é estático, mas sim um processo vivo, sócio-historicamente constituído através de uma dimensão ideológica, coletiva. “É um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista do seu aspecto interior. Deste modo, parece que temos todo o fundamento para considerá-la um fenômeno de discurso” (VYGOTSKY, 2000a, p. 398). A segunda característica da palavra, mais dinâmica, fluida, complexa e variável, é o sentido. O sentido de uma palavra é produzido através das mediações que o sujeito realiza com seu meio sócio-histórico, e não por uma tendência biológica ou inatista. Incorporando o caráter mais pessoal e social de cada sujeito, o sentido é a “soma de todos os eventos psicológicos que a natureza desperta em nossa consciência” (p. 181).

Para Vygotsky (2000a), o social não é apenas aquilo que é externo ao sujeito; ao contrário, o sujeito pode-se identificar às dimensões sociais. Indivíduo e sociedade constituem-se um ao outro, em uma relação dialética. A subjetividade, neste estudo, é, portanto, entendida como um processo de constituição no qual o homem, dialeticamente em interação com o contexto social, tem papel ativo, transformando a natureza e por ela sendo transformado. A concepção de homem e de subjetividade aqui apresentada é compartilhada com a de Aguiar (2001, p. 103), que afirma: “Através da mediação das relações sociais, o homem vai se constituindo [e] processos de dimensão social serão convertidos em processos de dimensão individual”.

Diante dessas considerações, a compreensão da subjetividade de AVS deve abarcar os aspectos intimamente imbricados em questões históricas, antropológicas e sociais. Assim, nossas reflexões perpassam também pela questão de gênero em uma sociedade patriarcal e pelas relações adulto-criança dadas em uma sociedade adultocêntrica (AZEVEDO e GUERRA, 1988, 1989).

## OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS

A título de exposição, dividiram-se os procedimentos metodológicos realizados nesta pesquisa da seguinte maneira: a) pesquisa bibliográfica, em que se apresenta as literaturas internacional e nacional pesquisadas sobre AVS; b) pesquisa documental, realizada no cartório da Agência Goiana do Sistema Prisional, por meio da qual se obtiveram informações do processo judicial dos três sujeitos pesquisados; c) pesquisa empírica, viabilizada por meio dos relatos de sessões psicoterapêuticas realizadas com os sujeitos.

A revisão bibliográfica foi realizada por meio do portal CAPES (<http://www.periodicos.capes.gov.br>), compreendendo o período de 2000 a 2006. O ano de 2007 foi excluído pelo fato de, em diversos periódicos, os artigos ainda não estarem disponibilizados para consultas pela internet.

- Bibliografia internacional

Para a busca da literatura internacional no referido portal, utilizou-se uma metodologia de pesquisa intitulada bibliografia reticular. A procura iniciou-se por meio do

*Journal of Interpersonal Violence* e estendeu-se a periódicos relevantes, em sua maior parte especializados na temática da violência sexual. Por intermédio de referências de artigos contidos nesse jornal, foram localizados um total de 25 periódicos que possivelmente abordariam o tema em questão (APÊNDICE A).

Após identificar os 25 periódicos, iniciou-se a busca por artigos sobre AVS, utilizando-se os seguintes unitermos: *sex, offender e molester*<sup>7</sup>. Em função da grande quantidade de artigos encontrados (778), estes foram selecionados por meio de critérios de inclusão/exclusão. Na exclusão inicial dos artigos, eliminaram-se publicações com as seguintes características: artigos sobre mulheres autoras de violências, artigos sobre adolescentes AVS, artigos sobre AVS contra mulheres, artigos cuja metodologia de pesquisa consistia apenas na administração de escalas e inventários aos sujeitos pesquisados, artigos sobre o tratamento a AVS e, por fim, artigos sobre os índices de reincidência criminal dos sujeitos.

Após essa primeira exclusão, permaneceram ainda 209 artigos. Em razão do grande número de artigos remanescentes, elaborou-se adicionalmente um critério de inclusão: selecionar os artigos pertencentes aos periódicos que possuíam um número quantitativamente mais expressivo de artigos sobre o tema. Elegeram-se, então, artigos das quatro seguintes publicações: a) *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*; b) *Journal of Interpersonal Violence*; c) *Journal of Sexual Aggression* e d) *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment* (APÊNDICE B).

Além da busca por periódicos que possivelmente abordariam pesquisas sobre AVS em diversas áreas do conhecimento científico, desejou-se também fazer uma pesquisa bibliográfica sobre autores de violência sexual especificamente na área da Psicologia Social. Para tal, foram utilizados os unitermos *social e psychology*. Os resultados da busca apontaram a existência de treze periódicos (APÊNDICE C). Desses treze, apenas dois apresentaram artigos sobre AVS: o *British Journal of Social Psychology* e o *Journal of Applied Social Psychology* (APÊNDICE D). A busca pelos artigos foi realizada nos treze periódicos com os seguintes unitermos: *sex, offender*

---

<sup>7</sup> *Offender* é o termo pelo qual a língua inglesa denomina os autores de violência em geral. Abarca tanto os autores de violência sexual, quanto os indivíduos que cometeram outros tipos de ofensas, como assassinatos, roubos etc. A tradução para o português seria “ofensor”. Já a palavra *molester* refere-se especificamente aos autores de violência sexual contra crianças. Sua tradução seria “molestador”.

*e molester.*

Em todo o percurso empreendido, foram selecionados 35 artigos da literatura internacional, sendo somente 2 oriundos de periódicos da área de psicologia social (APÊNDICE E).

- Bibliografia nacional

No que diz respeito à literatura nacional sobre AVS (APÊNDICE F), optou-se por produções acadêmicas que incluíssem artigos publicados em livros sobre violência sexual, em sites da internet, em anais de congressos etc., além de trabalhos localizados no banco de teses do portal CAPES (<http://www.capes.gov.br/servicos/bancoteses.html>). A procura no banco de teses se deu no período de 2000 a 2006, baseada nas seguintes palavras-chave: agressor, abusador sexual, ofensor e pedofilia.

As teses e dissertações nacionais selecionadas nesta revisão da literatura têm, obrigatoriamente, o AVS como sujeito de investigação. De um total de 91 teses ou dissertações localizadas no Banco de Teses por meio das palavras-chave, excluíram-se, após a leitura dos resumos, todas aquelas que não tinham esse sujeito de pesquisa, restando quatro teses/dissertações. No total, foram localizados doze trabalhos nacionais sobre o tema, quatro deles no Banco de teses.

A pesquisa documental foi realizada no cartório da Agência Goiana do Sistema Prisional, por meio da leitura dos prontuários dos três sujeitos estudados. As informações referentes aos processos judiciais foram sistematizadas mediante a seleção de aspectos relevantes para a presente pesquisa, tais como: denúncia do Ministério Público, sentenças judiciais e pareceres técnicos emitidos por psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais. Dispensaram-se outras informações, julgadas desnecessárias para a pesquisa, como histórico da vida laborativa, relatórios de visitas etc. É importante ressaltar que não se analisaram as informações contidas nos processos judiciais, uma vez que o objetivo da presente pesquisa é a análise das falas dos sujeitos. As informações dos processos não revelam essas falas, mas sim a maneira pela qual os sujeitos são significados pelos profissionais que sobre eles emitiram algum tipo de juízo.

Quanto à pesquisa empírica, os três sujeitos<sup>8</sup> desta pesquisa, Henrique, Renato e Pedro<sup>9</sup>, receberam atendimentos psicoterapêuticos nos anos de 2005 e 2006, por meio de ações do Programa Repropondo. Henrique, 31 anos, cometeu violência sexual contra três meninos, dois com idade de 13 anos e um com 11 anos. Pedro, 33 anos, contra aproximadamente cem adolescentes, conquanto em seu processo constem apenas dois, ambos com idade de 13 anos. Renato, 44 anos, cometeu-a contra suas duas filhas por um período de aproximadamente nove anos, tendo as crianças 6 e 9 anos de idade quando iniciada a violência.

Os atendimentos psicoterapêuticos perfizeram um total de 51 sessões, com duração de aproximadamente uma hora cada, todos gravados em fita K-7, transcritos e revisados na íntegra. Após a leitura de todo o material transcrito, foi realizada uma seleção das falas dos três sujeitos referentes aos dois núcleos de significação (AGUIAR e OZELLA, 2006) analisados nesta pesquisa: a violência sofrida e a violência praticada. Os núcleos de significação são propostos por Aguiar e Ozella (2006) como uma metodologia de apreensão dos sentidos dos sujeitos pesquisados. As falas foram separadas em tabelas de acordo com seu conteúdo, de forma que fosse possível uma organização do material empírico.

É importante ressaltar que, embora o material empírico seja proveniente de sessões clínicas, a leitura que se faz dele é de cunho psicossocial, de acordo com os preceitos teórico-metodológicos da teoria sócio-histórica de Vygotsky. Pressupondo uma compreensão do homem sócio-historicamente constituído, essa teoria coloca-o como produto e produtor, transformado e transformador de sua realidade. Isso implica que não se pode conhecer nenhuma realidade social sem contextualizá-la sócio-historicamente. Propõe-se, sobretudo, uma análise que ultrapasse o aparente e busque os nexos constitutivos dos sujeitos desta pesquisa, principalmente por meio do que Vygotsky intitulou de subtexto, que seria um significado oculto das palavras:

Exatamente porque um pensamento não coincide não só com a palavra, mas também com

---

<sup>8</sup> Esses três sujeitos foram escolhidos entre os 22 atendidos na Penitenciária Coronel Odenir Guimarães por três razões principais. Primeiramente, dois deles cometeram violência sexual extrafamiliar, situação raramente abordada nos estudos sobre AVS; em sua maior parte, tais estudos têm focado os sujeitos que praticam violência sexual intrafamiliar (SCHMICKLER, 2006; MARQUES, 2005). A segunda razão para esse recorte se deve ao fato de dois desses autores serem praticantes de violência sexual contra meninos, aspecto também geralmente negligenciado pela literatura. A terceira razão, e não menos importante, consiste em que esses três sujeitos admitiram a autoria da violência sexual.

<sup>9</sup> Com o intuito de resguardar a identidade dos participantes, todos eles são apresentados com nomes fictícios.

os significados das palavras é que a transcrição do pensamento para a palavra passa pelo significado. No nosso pensamento, sempre existe uma segunda intenção, um subtexto oculto. (VYGOTSKY, 2000a, p. 478)

Ressalta-se ainda que foram respeitados aqui os procedimentos éticos relacionados a pesquisas com humanos, estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), pela Resolução 196/96. Para tal, foram solicitadas e assinadas autorizações dos sujeitos e das instâncias envolvidas na pesquisa, o Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica de Goiás e a Agência Goiana do Sistema Prisional (Gerência de Psicologia). A autorização dos sujeitos foi concedida por meio da assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido.

Esta dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro, “A literatura sobre violência sexual contra crianças e adolescentes: da ausência à presença dos autores de violência sexual”, tece considerações sobre a violência sexual, situando a perspectiva teórica a ser adotada e focalizando a literatura específica encontrada acerca dos AVS. Traça-se, assim, um panorama da forma como esses sujeitos têm sido concebidos pelas literaturas internacional e nacional, bem como avalia criticamente a literatura mapeada.

O segundo capítulo, “As diferentes vozes sobre a violência sexual contra crianças e adolescentes”, apresenta informações sobre a pesquisa documental realizada nos processos judiciais dos sujeitos pesquisados. Esse levantamento possibilitou a compreensão da forma como os sujeitos foram retratados por juízes, promotores, psiquiatras, psicólogos, além da história de vida relatada pelos próprios sujeitos.

No terceiro capítulo, “Os sentidos de violência para autores de violência sexual”, com base nas informações provenientes das sessões psicoterapêuticas realizadas, desenvolvem-se os dois núcleos de significação que emergiram do material empírico. São eles: a violência sofrida e a violência praticada, nos quais se busca compreender a dimensão dos sentidos atribuídos pelos sujeitos à violência sexual cometida.

## CAPÍTULO 1 – A LITERATURA SOBRE VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: DA AUSÊNCIA À PRESENÇA DOS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL

A perspectiva teórica da Psicologia Social Crítica considera a violência não como uma questão estritamente biológica, nem unicamente individual (psicológica), e tampouco somente social, mas como um fenômeno constituído na relação dialética homem-sociedade.

Sawaia (2004, p. 11) observa que a concepção de violência sob a ótica da compreensão psicossocial, embora tenha suas vantagens, não deixa de apresentar riscos: “A perspectiva da construção sócio-histórica do homem liberta a violência do reino dos instintos, porém [oferece] o risco de mantê-la presa à lógica da naturalização e da cristalização das determinações sociais, que imobilizam o homem”.

Novo (1996) também contrapõe-se à idéia da violência como uma condição inata do ser humano, algo que seria natural da espécie, defendendo uma concepção sócio-histórica do homem e conseqüentemente da violência. Segundo a autora, condições outras que não os instintos também contribuem para a violência, tais como a desigualdade social e a miséria. Estas seriam determinantes para a compreensão da violência:

Essa concepção da violência como inerente ao ser humano, ao mesmo tempo que iguala todos os seres humanos na medida da sua potencialidade para o ato violento, tende a pressupor uma separação básica entre bons e maus face à capacidade de cada um de controlar seus impulsos naturais. (NOVO, 1996, p. 123)

Dessa forma, pode-se falar em relações violentas, e não apenas em indivíduos violentos. Uma das características da violência é a sua conexão com o poder. Barudy (2000) enfatiza essa particularidade ao reconhecer que, tanto para vítimas quanto para autores, a violência tem duas dimensões constituintes essenciais: o sofrimento e o poder. Segundo ele, “as



situações de violência expressam sempre uma circunstância de abuso de poder, mas também um profundo sofrimento, sobretudo das vítimas. Esse sofrimento estende-se, entretanto, também aos perpetradores, bem como aos diferentes membros da rede social, da comunidade onde a violência se produz”<sup>10</sup> (p. 12).

A influência do poder para a conjuntura da violência é assinalada igualmente por Sawaia (2004, p. 34). Na opinião da autora, a violência ocorre quando os homens, sentindo que sua potência está diminuída e atribuindo aos outros a causa disso, buscam, imaginariamente, aumentar sua força por meio da coação. Nessas condições, eles são facilmente dominados pelo ressentimento e pela idéia de vingança.

A conceituação da violência implica, também, a dominação e coisificação do outro nas relações. Esta característica é pontuada por Chauí (1985), quando define a violência como uma relação de dominação em que o sujeito é tratado como coisa. Numa entrevista concedida à *Folha de S. Paulo*, em 1999, a autora põe em relevo a contraposição entre a ética e a violência. Para ela, o agente ético seria um ser racional, consciente, livre e responsável, e a ação ética seria perpassada pelo “bem e mal, justo e injusto, virtude e vício”. Em seu contraponto, a violência significaria:

1- Tudo o que age usando força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2- Todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3- Todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente pela sociedade (é violar); 4- Todo ato de transgressão contra o que alguém ou uma sociedade define como justo e como um direito. (CHAUÍ, 1999)

Continuando sua análise, ela se refere ao obscurecimento da violência real decorrente de vários mecanismos. O primeiro seria o fato de localizar a violência apenas nos crimes contra a propriedade e contra a vida. O segundo, um dispositivo sociológico que considera a violência como anomia social – aqui, grupos atrasados tornar-se-iam violentos. O terceiro seria a condição

---

<sup>10</sup> São minhas todas as traduções de citações em língua estrangeira. Essas citações serão apresentadas na língua original em notas de rodapé. “Las situaciones de violencia expresan siempre una situación de abuso de poder pero también un profundo sufrimiento, sobre todo de las víctimas, pero también de los perpetradores; así como de los diferentes miembros de la red social, de la comunidad donde esta violencia se produce” (BARUDY, 2000, p. 12).

de exclusão, que aparta os bons dos maus, os violentos dos não-violentos. Por último, a impressão generalizada de que a sociedade brasileira não seria violenta, sendo a violência considerada “um surto”, ou “uma epidemia”.

Na perspectiva teórica deste trabalho, já demarcada anteriormente, a violência não é característica da natureza humana ou do biológico. Tem, ao contrário, uma constituição sócio-histórica: o homem, ao agir de forma violenta, o faz em relação dialética com a sociedade em que está inserido. É com base nessa forma de se conceber a violência que o tema da violência sexual contra crianças e adolescentes será tratado neste trabalho.

### 1.1 A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A ocorrência do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes tem sido documentada ao longo da história da humanidade. O uso de crianças e adolescentes em práticas sexuais com pessoas adultas ocorre não apenas no âmbito da cultura ocidental, mas também em diversas outras culturas (RENSHAW, 1984), a exemplo dos gregos. Para estes, o relacionamento sexual entre o professor e o aluno era comum, além de considerado um dos mais sublimes entre dois homens. O tema está presente na mitologia, nas artes, na antropologia, na história, no direito, na religião, na sociologia, na psicologia, na educação e em diversas outras áreas do saber (CHARAM, 1997; LEAL, 1999).<sup>11</sup>

Apesar da longa história de reconhecimento da ocorrência de violência sexual contra crianças e adolescentes, é apenas recentemente no Brasil que a questão se transforma em pauta de preocupação social e política. A temática ganha maior visibilidade nas últimas décadas do século XX, época em que ocorre a “descoberta” da violência sexual (LANDINI, 2005). Na consolidação dessa transformação, destacam-se quatro marcos históricos em âmbito internacional e nacional.

O primeiro foi o respaldo legal fornecido à garantia de direitos de crianças e adolescentes, como, por exemplo, a Declaração de Genebra, de 1924, e a Declaração Universal

---

<sup>11</sup> Entretanto, é importante ressaltar, mesmo que a violência sexual tenha sido amplamente considerada como prática sexual normatizada em outras culturas na Antiguidade, não o é na ocidental contemporânea, sendo tais atos passíveis de punição pelo sistema judicial. O relacionamento sexual entre adultos e crianças na Modernidade é considerado, pois, um problema a ser enfrentado.

dos Direitos da Criança, adotada pela Assembléia Geral da ONU em 1959. No Brasil, a Constituição Federal Brasileira<sup>12</sup> de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente<sup>13</sup> de 1990, vêm expressar esse respaldo, denotando a preocupação pública em relação ao bem-estar físico e emocional de crianças e adolescentes.

O segundo são os movimentos sociais, como o Movimento Feminista, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua e o Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Esses movimentos marcam o enfrentamento de questões relativas à violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres, na medida em que lutam pela igualdade entre os sexos e forçam a produção de políticas públicas de garantia de direitos e de proteção a crianças e adolescentes (BRASIL, 2002a).

Um terceiro fator motivante da construção de políticas públicas para a infância e adolescência é a academia, que tem produzido diversos estudos sobre violência sexual contra crianças e adolescentes (AZEVEDO e GUERRA, 1988, 1989; MADEIRA, 1997; AMAZARRAY e KOLLER, 1998). A Psicologia Social Crítica brasileira, por exemplo, tem-se dedicado ao tema da violência desde o final dos anos 70, em virtude de sua preocupação com a problemática social brasileira (LANE, 2001; SOUSA, 2001b).

A quarta vertente, surgida como resposta governamental e não-governamental aos três fatores supracitados, é composta pelas políticas sociais de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes. Entre essas políticas, citam-se: o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil, criado em 2001 pelo Ministério da Justiça, em parceria com a sociedade civil; a Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências, do Ministério da Saúde, regulamentada pela Portaria MS/GM nº 737, de 16 de maio de 2001 e o Programa Sentinela, criado em dezembro de 2000 pelo Ministério do

---

<sup>12</sup> Art. 227 - “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Parágrafo 4º - “A lei punirá severamente o abuso, a violência e a exploração sexual da criança e do adolescente” (BRASIL, 1988).

<sup>13</sup> Art. 5 - “Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 2001, p. 8).

Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Esses marcos de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes vêm motivando os profissionais das mais diversas áreas do conhecimento a dedicar-se à intervenção e à produção de pesquisas relacionadas ao assunto em debate. No âmbito internacional, esse interesse já podia ser apontado nas décadas de 1950 e 1960, como, por exemplo, nos estudos de Ellis et al. (1954) e de Cowen e Strickler (1963). No Brasil, de acordo com Ferrari e Vecina (2002) e com Azevedo e Guerra (2000), tais estudos apenas começam a ser realizados a partir da década de 1980, com o objetivo de reduzir as taxas de violência sexual.

Mesmo diante dessa variedade de investigações, ainda é preciso ampliar a compreensão acerca do tema em questão, reconhecendo sua complexidade e rejeitando o moralismo, o reducionismo e o determinismo. Campos e Faleiros (2000) mostram a urgência de se compreender a natureza do processo que o caráter sexual confere à violência aqui abordada ao pontuarem os efeitos que ela produz:

1- deturpa as relações socioafetivas e culturais entre adultos e crianças/adolescentes ao transformá-las em relações genitalizadas, erotizadas, comerciais, violentas e criminosas; 2- confunde, nas crianças e adolescentes violentados, a representação social dos papéis dos adultos, descaracterizando as representações sociais de pai, irmão, avô, tio, professor, religioso, profissional, empregador, quando violentadores sexuais, o que implica a perda de legitimidade e da autoridade do adulto e de seus papéis e funções sociais; 3- inverte a natureza das relações adulto/criança e adolescente definidas socialmente, tornando-as desumanas em lugar de humanas, desprotetoras em lugar de protetoras, agressivas em lugar de afetivas, individualistas e narcisistas em lugar de solidárias, dominadoras em lugar de democráticas, dependentes em lugar de libertadoras, perversas em lugar de amorosas, desestruturadoras em lugar de socializadoras; 4- confunde os limites intergeracionais. (CAMPOS e FALEIROS, 2000, p. 9-10)

Em relação aos dados estatísticos<sup>14</sup> da violência sexual contra crianças e adolescentes, Drezett (2000) analisou 1.200 casos envolvendo essa prática documentados no Hospital Pérola Byington de São Paulo. O autor constatou que, em 84,5% dos casos de violência sexual contra a criança, o autor da violência era conhecido da vítima. Em 21,7%, esse autor era o pai, em 16,7%, o padrasto, em 1,6%, o pai adotivo, em 11,6%, o tio, em 10%, o avô, em 16,7%, o vizinho

---

<sup>14</sup> Convém salientar que os dados quantitativos a respeito da violência sexual são pouco confiáveis, podendo ser subnotificados, uma vez que a quantificação depende da denúncia das vítimas, que nem sempre o fazem (SCHMICKLER, 2006).

e, em 21,7%, o autor era outro conhecido da família.

Silva e Silva (2005), em seu livro organizado para o UNICEF, analisam casos de violência sexual durante o período de 1996 e 2004. Observaram que, do total de atendimentos realizados no Laboratório de Estudos da Criança (LACRI), até o ano de 2000, o percentual de casos referentes ao abuso sexual perfaz 7,8%. No SOS Criança da ABRAPIA, entre janeiro de 1998 e junho de 1999, foram atendidos 1.169 casos de violência contra crianças, sendo 13% relacionados à violência sexual. Um ano depois, o UNICEF publicou um relatório intitulado *Situação da infância brasileira 2006: o direito à sobrevivência e ao desenvolvimento*. Neste, há uma estimativa de que, em todo o mundo, cerca da 20% das mulheres e 10% dos homens sofreram violência sexual na infância. No que diz respeito à punição dos autores desse tipo de violência, a estimativa cai para 6% dos casos.

Com relação aos dados relacionados à violência sexual em Goiânia, Sousa (2001a) pesquisou os registros e as fichas de ocorrências dos Conselhos Tutelares (CTs) do município durante os anos de 1995 e 1996. Foram localizadas 644 denúncias de violência contra crianças e adolescentes, assim divididas: 435 casos de violência física, 106 referentes a abandono, 75 por negligência e 28 concernentes à violência sexual. Em 2004, a autora coordenou um levantamento das denúncias de violência contra crianças (de 0 a 12 anos) registradas nos quatro Conselhos Tutelares de Goiânia (Leste, Sul, Norte e Oeste), no período de 1º de junho de 1996 a 31 de dezembro de 2002. Essa pesquisa identificou 22.186 denúncias, sendo 10.552 (47,6%) referentes a violências sofridas por crianças. Quanto aos tipos de violências contra crianças, 4.317 foram casos de violência física; 3.171 referiam-se à negligência; 1.158 foram enquadradas como “conduta irregular”; 986 relacionadas à violência psicológica; 477 delataram abandono de crianças; 361 diziam respeito à violência sexual; 72 eram concernentes à exploração do trabalho infantil e 10 eram casos de exploração sexual de crianças.

Costa (2004), outra autora goiana, realizou um levantamento das ocorrências envolvendo crianças registradas na então Delegacia Especializada em Investigação de Crimes contra Crianças e Adolescentes (DICCA),<sup>15</sup> de Goiânia, no período de junho de 2001 a dezembro

---

<sup>15</sup> Atual Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA).

de 2002. Seu levantamento mostrou um total de 373 ocorrências, sendo 71 relacionadas a situações diversas envolvendo crianças (13 por negligência, 12 por abandono, 12 envolvendo questões de guarda, 14 relacionadas à subtração de incapaz, 13 por negligência de terceiros e 7 por desaparecimento); as outras 302 ocorrências referiam-se à violência física (152), à violência psicológica (34) e à violência sexual (116).

Pelos dados estatísticos apresentados, é possível afirmar que, na maior parte dos casos, a vítima e o autor da violência têm uma relação de parentesco próxima; os números estimados pelo UNICEF (20% da ocorrência de violência sexual para mulheres e 10% para homens brasileiros) são elevados, se se considerar que, nos dois grupos, a violência sexual abarca 30% da população brasileira; o fenômeno da violência sexual, ocorrido em âmbito nacional, também se faz presente no âmbito goianiense.

Estima-se ainda que, apesar dessas estatísticas, uma grande parte dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes não é comunicada ao sistema de garantia de direitos ou ao poder judiciário. Os casos notificados representam somente a ponta do *iceberg* (AZEVEDO e GUERRA, 1988; SCHMICKLER, 2006; FELIPE e PHILIPPI, 1998).

Em relação às vertentes explicativas para o fenômeno da violência sexual, a literatura tem trazido basicamente três: a individualista, a ambientalista e a feminista (AZEVEDO e GUERRA, 1988, p. 33).

Sobre a primeira vertente, a de orientação individualista, as autoras esclarecem que ela tende a responsabilizar os indivíduos implicados na violência (a vítima e o autor). De acordo com essa explicação, ou a vítima teria seduzido o autor da violência, sendo, portanto, a culpada, ou esse último seria o responsável em função de uma patologia psicológica.

Na vertente ambientalista, a responsabilidade pela violência sexual recai sobre a família. Nesse caso, a pobreza e a marginalização culminariam em uma patologização das famílias, provocando a ocorrência da violência sexual.

Por fim, a terceira explicação, a de orientação feminista,<sup>16</sup> advoga que a violência sexual é decorrente das desigualdades sociais e do exercício do poder do homem e do adulto

---

<sup>16</sup> Azevedo e Guerra (1988, 1989) são defensoras dessa explicação para a violência sexual.

sobre mulheres e crianças. Sob essa perspectiva, os fatores predominantes na etiologia da violência sexual são a classe social dos indivíduos enveredados, as relações de gênero e as relações de idade. Presume-se, na visão feminista, que o poder é conferido culturalmente ao homem pela sociedade ocidental, permitindo-lhe cometer violência sexual contra mulheres, adolescentes e crianças. “Nesse universo conceitual, o poder define-se como macho, branco e rico” (SAFIOTTI, 1989a, p. 16).

A perspectiva feminista encontra respaldo em outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros que também apontam o poder como explicação para a violência sexual, entre eles, Faleiros (2001), Campos e Faleiros (2000), Mallak e Vasconcelos (2002) e Bass e Thornton (1985). Faleiros (2001, p. 6), por exemplo, assim se posiciona: “A violência, que, no cotidiano, é apresentada como abuso sexual, psicológico ou físico de crianças e adolescentes, é, pois, uma articulação de relações sociais gerais e específicas, ou seja, de exploração e de forças desiguais nas situações concretas”. Ela não pode, portanto, diz ele, ser vista como o resultado de forças da natureza humana ou de forças extranaturais – por exemplo, obra do demônio. Tampouco pode ser considerada um mecanismo autônomo e independente de determinadas relações sociais. A violência manifesta, concretamente, uma relação de poder que se exerce pelo adulto ou mesmo pelo não-adulto – porém mais forte – sobre a criança e o adolescente.

As contribuições da explicação feminista para o entendimento do fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes são indiscutíveis. Ao localizar o contexto social na etiologia da violência sexual, admite-se que o fenômeno está conectado a atitudes e práticas sócio-historicamente constituídas em relação a crianças, adolescentes e mulheres. Dessa forma, o foco de análise do fenômeno deixa de ser estritamente individual, patologizante, psicologizante (como quer a vertente individualista) ou ligado às disfunções familiares (vertente ambientalista) para abranger as práticas sociais de uma determinada cultura.

As práticas culturais que envolvem mulheres, adolescentes e crianças, aliás, são apontadas por diversos autores. Felipe (2006, p. 216), discutindo as novas formas de experimentação dos desejos erótico-sensuais, fala, por exemplo, da cultura da “pedofilização”. A autora condena as

contradições existentes na sociedade atual, que busca criar leis e sistemas de proteção à

infância e adolescência contra a violência/abuso sexual, mas ao mesmo tempo legitima determinadas práticas sociais contemporâneas, seja através da mídia – publicidade, novelas, programas humorísticos –, seja por intermédio de músicas, filmes etc., onde os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora. São corpos desejáveis que misturam em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados.

Em que pesem os subsídios oferecidos pela abordagem feminista, ela ignora o papel do sujeito e da subjetividade na construção dos valores e normas sociais ao considerar o poder que permeia as relações de classe social, gênero e idade como fator único para a explicação da violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres. Assim como as outras vertentes, ela atribui ao indivíduo um papel de mero receptáculo e reproduzidor das imposições que a cultura lhe faz. Desse modo, elimina do homem a possibilidade de autonomia de suas ações e do direcionamento de sua própria vida. Sob esse ângulo, todos os homens são candidatos potenciais ao cometimento da violência sexual. Mas, ao contrário dessa explicação feminista, postula-se que os AVS nem se localizam fora da sociedade nem estão reduzidos a ela, possuindo um papel de sujeito ativo (FEATHERSTONE e LANCASTER, 1997).

Na perspectiva deste trabalho, nenhuma das três vertentes citadas, por si só, consegue abarcar a complexidade da violência sexual. Diante disso, recorre-se a uma espécie de quarta vertente, a da dimensão intersubjetiva, segundo a qual se privilegia a relação entre sujeito e sociedade. Nessa vertente, a subjetividade, negligenciada pelas outras visões, assume fundamental importância na etiologia da violência sexual. Ela sintetiza a relação entre indivíduo e sociedade e constitui-se em um processo dialético de conversão do interpsicológico em intrapsicológico. O caráter dialético desse processo necessariamente implica que ele não se efetiva através da mera internalização de regras e normas sociais. O sujeito, de acordo com Vygotsky (1987), tem um papel ativo nessa constituição. O homem é constituinte da cultura e constituído por ela; ele não funciona como simples receptáculo das determinações sociais que lhe são impostas. A propósito desse caráter ativo, afirma Vygotsky (1987, p. 38):

A cultura cria formas especiais de conduta, muda o tipo da atividade das funções psíquicas. Ela constrói novos estratos no sistema do desenvolvimento da conduta do homem [...]. No processo do desenvolvimento histórico, o homem social muda os modos e procedimentos de sua conduta, transforma os códigos e funções inatas, elabora e cria



novas formas de comportamento, especificamente culturais.

Conceituando a subjetividade aqui proposta, baseada na premissa do homem como ser ativo, Vygotsky<sup>17</sup> (1993, p. 132) diz que o homem é constituído através das palavras, da linguagem e do pensamento. É por meio do pensamento e da linguagem que se podem apreender os nexos cognitivos, afetivos e volitivos da subjetividade:

O pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.<sup>18</sup>

A reflexão de Adorno (1988, p. 13) é fundamental para essa vertente:

A violência é uma forma de relação social; está inexoravelmente atada ao modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob esta ótica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamento vigentes em uma sociedade em um momento determinado de seu processo histórico. A compreensão de sua fenomenologia *não pode prescindir*, por conseguinte, *da referência às estruturas sociais*; igualmente não pode prescindir da referência *aos sujeitos* que a fomentam enquanto experiência social. Ao mesmo tempo em que ela expressa relações entre classes sociais, expressa também relações interpessoais [...] está presente nas relações intersubjetivas entre homens e mulheres, entre adultos e crianças, entre profissionais de categorias distintas. Seu resultado mais visível é a conversão de sujeitos em objeto, sua coisificação. (Grifos nossos)

Sob a ótica da subjetividade assim compreendida, embora o poder, a classe social, o gênero e a idade sejam constituintes importantes da violência sexual, eles não explicam, por si só, sua ocorrência. O sujeito que comete a violência é mediado pela dimensão social, em uma relação dialética. A análise da violência necessariamente perpassa a relação indivíduo-sociedade. Dessa forma, a dimensão da afetividade, da emocionalidade do sujeito, categoria esquecida, é também

---

<sup>17</sup> Vygotsky não mencionou as palavras subjetividade e sujeito (utilizou o termo sujeito ao referir-se ao sujeito de investigação), mas apresentou um cenário propício para reflexão sobre tais noções fora dos limites do subjetivismo abstrato e do objetivismo reducionista (MOLON, 2003, p. 18)

<sup>18</sup> O princípio da linguagem na construção da subjetividade é compartilhado por Bock (2001, p. 23): a linguagem é a “mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social”.

imprescindível no entendimento da violência sexual.

## 1.2 Os AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA LITERATURA INTERNACIONAL: A AUSÊNCIA DA VOZ DOS SUJEITOS

Há mais de cinco décadas, os AVS comparecem como tema de pesquisas na literatura internacional, principalmente nos Estados Unidos, Reino Unido, Canadá, Nova Zelândia e Austrália. Nos trinta e cinco artigos selecionados (APÊNDICE G) para esta revisão bibliográfica, os temas são diversificados e de difícil categorização, uma vez que dois ou mais assuntos abrangentes comparecem em um único artigo. Cabe aqui uma ressalva: em respeito aos autores dos artigos, optou-se por manter os conceitos utilizados por eles por acreditar que os termos empregados<sup>19</sup> trazem concepções e significados que expressam referenciais teórico-metodológicos dos pesquisadores. Isso, entretanto, não representa uma concordância com o posicionamento deles.

Os seis temas a seguir destacados são: a vitimização de AVS na infância, a questão das distorções cognitivas,<sup>20</sup> o debate da generalização/especialização, a investigação da sexualidade de AVS, as características de AVS e, por fim, o que aqui é denominado “temas diversos”.

### 1.2.1 A vitimização de AVS na infância

Stirpe e Stermac (2003) estudaram sobre a vitimização na infância e as características da família de origem de AVS, no Canadá, tendo como universo de pesquisa 124 sujeitos internados em um hospital psiquiátrico, que foram distribuídos em três grupos: 33 AVS contra

---

<sup>19</sup> “A palavra tem um papel destacado não só no desenvolvimento do pensamento, mas também no da consciência em seu conjunto [...]. A consciência se expressa na palavra, assim como o sol se expressa em uma gota d’água. A palavra é para a consciência o que o microcosmo é para o macrocosmo, o que a célula é para o organismo, o que é o átomo para o universo. É o microcosmo da consciência. A palavra significativa é o microcosmo da consciência humana” (VYGOTSKI, 1992 apud ZANELLA, 2005, p. 102).

<sup>20</sup> O termo “distorções cognitivas” é tipicamente usado para referir a atitudes e crenças mal-adaptadas e estilos de pensamento problemáticos (WARD et al., 1997), cujo objetivo é minimizar ou justificar os danos causados pela prática da violência.

crianças, 66 ofensores violentos e 25 ofensores não-violentos.<sup>21</sup> Para esses autores, os AVS contra crianças mostram maior índice de vitimização sexual na infância (60,6%) e de famílias de origem mais problemáticas do que os ofensores violentos e os ofensores não-violentos pesquisados. Apontam também que a maior parte dos ofensores dos AVS constitui-se de pais, o que sugere que a violência sexual é um fenômeno intergeracional. Além disto, Stirpe e Stermac constataram que os 33 AVS, também em comparação com os dois outros grupos, reportaram maior incidência de violência física na infância, bem como dificuldades no ambiente agressivo e desorganizado das famílias.

Em um estudo sobre o ciclo ofendido-ofensor<sup>22</sup> e a questão da resiliência, Lambie et al. (2002) pesquisaram 88 sujeitos na Nova Zelândia, sendo 47 do grupo vítima-ofensor e 41 resilientes. Os autores não encontraram diferenças quantitativas significativas entre os grupos, no que concerne ao tipo de violência sexual sofrida. Os participantes do grupo vítima-ofensor não reportaram um grande índice de excitação sexual relacionado à violência, mas sim um maior nível de fantasias e masturbação. Uma outra constatação importante é a de que o grupo dos resilientes tinha maior contato social (amigos) e maior suporte emocional por uma variedade de fontes (pais ou outros parentes) durante a infância do que o outro grupo. Com base nesses dados, os autores concluem que os vários fatores mencionados (tipo de violência sexual sofrida, índice de excitação sexual, nível de fantasias e masturbação, contato social durante a infância e suporte emocional) podem ser identificados como colaboradores para que o sujeito cometa a violência sexual, participando do grupo vítima-ofensor.

Smallbone e McCabe (2003), em um estudo com 48 encarcerados na Austrália, sendo 22 AVS contra mulheres e 26 contra crianças (13 AVS intrafamiliar e 13 AVS extrafamiliar), se propuseram a analisar as autobiografias dos acusados com o intuito de pesquisar a questão da vinculação de AVS. Quase um terço dos ofensores (31,3%) experienciaram o que os autores chamam de “vinculação materna insegura”; 40,5% tiveram “vinculação paterna insegura”. Contudo, ao comparar os resultados com a população geral, a porcentagem de vinculações

---

<sup>21</sup> Consideram-se ofensores violentos aqueles cujos crimes atentam contra a vida; os não-violentos cometem crimes de menor poder ofensivo.

<sup>22</sup> O ciclo ofendido-ofensor diz respeito às pessoas que foram violentadas na infância e, quando adultas, passam a cometer violência.

inseguras é parecida. Quanto à questão da violência sexual na infância, 45,8% do grupo estudado reportou algum tipo de contato sexual com adultos. Segundo os autores, os ofensores que foram sexualmente violentados tiveram maior propensão a experienciar vinculação paterna insegura e começaram a se masturbar mais cedo do que os que não tinham passado por tal experiência (11 anos comparado com 13,4 anos, em média, respectivamente).

Marshall et al. (2000) pesquisaram 83 sujeitos, sendo 30 AVS contra crianças, 24 ofensores não-sexuais (todos encarcerados) e 24 não-ofensores (sujeitos da comunidade), no Canadá, com objetivo de examinar a vinculação pais e filhos, os estilos de *coping*<sup>23</sup> e a violência sexual na infância. Os dados obtidos revelaram que a relação dos sujeitos com as genitoras são mais favoráveis do que com os genitores, mas que, para os casos nos quais há vinculação materna insegura, há um *coping* mais empobrecido. Não houve, contudo, relação entre a violência sexual na infância e *coping* empobrecido ou vinculação insegura.

### 1.2.2 A questão das distorções cognitivas

Nos Estados Unidos, Saradjian e Nobus (2003) examinaram distorções cognitivas de 14 AVS religiosos contra crianças. Ao proporem a existência de cognições diferenciadas nos períodos anterior, durante e posterior à violência, os autores conseguiram identificar dez cognições principais dessa população: motivações para ofender, crenças justificadoras de atos sexuais com crianças, crenças de redução da inibição, crenças de concessão de permissão, negação do dano no planejamento e fantasia, crenças de facilitação concernentes à criança-alvo, crenças de minimização da ofensa, crenças de redução da culpa, recuperação e manutenção de um senso positivo do *self* e, por último, atributos com possibilidade de reincidências. Os autores ponderam que os AVS religiosos apresentam distorções cognitivas similares aos outros AVS, tais como sexualização de crianças e minimização de danos causados pela violência, o que facilitaria o processo da ofensa sexual. Essas distorções teriam a função de permitir que os AVS superassem inibições para violentar, reduzissem a culpa associada a essas ofensas e mantivessem

---

<sup>23</sup> *Coping* significa o conjunto de estratégias usadas na adaptação a situações adversas ou estressantes (ANTONIAZZI et al., 1998).

uma auto-imagem positiva. São exemplos de tais distorções: “Como um padre, tudo está bem; Deus me chamou para ser um padre. Quando Ele me chamou, Ele sabia das minhas necessidades [de desejo sexual por crianças]”.

Um outro estudo sobre a questão das cognições de AVS é o de Milner e Webster (2005), realizado na Inglaterra. Segundo eles, os esquemas cognitivos são estruturas cognitivas de um nível mais aprofundado do que as distorções cognitivas.

O esquema pode ser visto como a estrutura organizativa para o processamento da informação. Esquemas disfuncionais ou relacionados às ofensas servem à polarização do processamento da informação que faz com que a ofensa sexual seja mais propensa. (MILNER e WEBSTER, 2005, p. 426)<sup>24</sup>

Com base em autobiografias escritas pelos sujeitos como parte das ações de um programa de atendimento, os autores fazem uma comparação entre os esquemas utilizados por AVS contra crianças, por AVS contra mulheres e por ofensores violentos. Cada um desses grupos contava com doze participantes. Ao analisar os esquemas dos grupos, os autores constataram que entre os AVS contra crianças prevalecia o senso de desvalia; entre os AVS contra mulheres, a desconfiança/hostilidade a pessoas do sexo feminino; entre os ofensores violentos, a queixa/vingança foi o esquema mais recorrente. Milner e Webster deixaram claro que os esquemas não são suficientes para explicar a etiologia do comportamento ofensivo.

Mihailides et al. (2004), em pesquisa realizada na Nova Zelândia, examinaram as teorias implícitas<sup>25</sup> de 75 sujeitos, sendo 25 AVS contra crianças do sexo masculino, 25 ofensores de outros tipos, 25 homens não-ofensores e 25 mulheres não-ofensoras. Os autores defendem que a teoria implícita é uma visão teórica sobre a natureza mental de sistemas de crenças, que não é facilmente medida através da fala do sujeito. Mihailides et al. concluíram que as teorias implícitas (crianças como seres sexuados, sexualidade incontrolável, noção de posse de direito sexual) são mais presentes no grupo AVS contra crianças do que no grupo de ofensores não-

---

<sup>24</sup> “The schema can be seen as the organising framework, a structure, for processing information. Dysfunctional or offence-related schemas serve to bias the information processing in a way that makes a sexual offence more likely”.

<sup>25</sup> As teorias implícitas funcionam como teorias científicas e são usadas para explicar regularidades empíricas e para fazer predições sobre o mundo (WARD, 2000). São exemplos de teorias implícitas: “crianças como seres sexuados, incontrolabilidade da sexualidade, noção de ter direito sexual etc.”

sexuais. O entendimento dessas teorias implícitas, postulam os autores, é importante para compor a etiologia da violência sexual, contudo seu papel ainda não foi estabelecido.

O artigo de Auburn e Lea (2003), do Reino Unido, foi escrito na perspectiva da Psicologia Social, criticando a maneira tradicional como as distorções cognitivas têm sido entendidas. Através da Psicologia Discursiva, os autores analisam a fala de três AVS, advogando que o discurso deles se situa como o domínio da ação social e não como distorções cognitivas de uma “mente criminoso” (p. 282). Em sua argumentação contra a explicação tradicional de que os AVS cometem a violência em função das distorções cognitivas, Auburn e Lea apontam duas características comumente negligenciadas por tais explicações. A primeira é a de que tais abordagens pressupõem que as descrições da violência sexual têm como suporte processos cognitivos distorcidos – um tema escassamente estudado por pesquisadores em relação aos AVS. A segunda é a de que, para esses autores, tais abordagens não fornecem explicações lógicas do que pode se considerar como distorções produzidas por AVS. Assim, as diferentes versões de um mesmo evento podem surgir dependendo de contextos de interação diferentes. As narrativas dos AVS por eles analisadas mostram o uso de uma retórica com o objetivo de construir uma posição moral, em oposição à incompetência cognitiva preconizada pela noção de distorção cognitiva. Segundo eles,

um dos maiores problemas para os apoiadores de uma perspectiva cognitiva é a de que, ao excluir a noção de ação social e basear na idéia subjacente de que as entidades cognitivas animam a fala, ela falha em levar em conta a característica flexível e construtiva da fala.<sup>26</sup>  
(AUBURN e LEA, 2003, p. 395)

Concluem, então, que as distorções cognitivas não são categorias com o *status* de entidades cognitivas, mas sim abstraídas por pesquisadores de seqüências de falas dos sujeitos. Para eles, as formas narrativas culturalmente aceitas são utilizadas com o propósito de lidar com a responsabilidade e com a culpa para o cometimento da violência, estabelecendo assim uma identidade moral e construindo uma narrativa plausível para a ofensa, e não uma falha cognitiva

---

<sup>26</sup> “One of the main problems for supporters of a cognitive perspective is that by excluding a notion of social action and relying upon the idea that underlying cognitive entities animate talk, it fails to account of the flexible and constructive character of talk.”

dos sujeitos.

### 1.2.3 O debate da generalização/especialização

Smallbone e Wortley (2004a) estudaram, na Austrália, a diversidade criminal, os interesses parafílicos e a ocorrência da violência sexual em 326 AVS encarcerados e em 36 cumprindo sentenças na comunidade. Através de consultas a prontuários, os autores constataram que 64,4% dos sujeitos tinham tido condenações anteriores, sendo que 34,5% tinham condenações por violência sexual e 92,1% por ofensas não-sexuais. Das condenações anteriores, a mais comum foi a de roubo (30%). Para os autores, os AVS, assim como os outros ofensores, cometem uma ampla gama de comportamentos criminais. Com isso, eles reforçam a idéia de que a diversidade criminal é presente entre os AVS contra crianças: a “especialização dos ofensores sexuais pode ser uma exceção, ao invés de ser a regra”<sup>27</sup> (p. 184).

Em uma outra investigação, Smallbone e Wortley (2004b) estudaram 207 AVS contra crianças, sendo 98 intrafamiliares, 72 extrafamiliares e 37 ofensores mistos, todos encarcerados. Com base em uma pesquisa quantitativa, realizada por meio de consultas nos arquivos penitenciários e da aplicação de um questionário, os autores constataram que o início tardio da violência sexual é freqüente, sendo que a média da idade da primeira ofensa é de 32 anos. Isto “sugere que modelos situacionais de crime [...] podem ter alguma aplicação de forma mais específica para o entendimento do abuso sexual de crianças”<sup>28</sup> (p. 295). Uma outra constatação da pesquisa é a de que, geralmente, os AVS contra crianças já haviam se envolvido em atividades criminais não-sexuais quando do primeiro contato sexual com uma criança. Isso reafirma que AVS estão mais comumente relacionados com a criminalidade generalizada do que tradicionalmente se tem assumido. Os autores encontraram também variabilidade na persistência de ofensas sexuais e não-sexuais, sendo que 80% dos reincidentes iniciaram sua carreira criminal com uma ofensa não-sexual.

---

<sup>27</sup> “Specialized sexual offenders may be the exception rather than the rule”.

<sup>28</sup> “[...] our findings suggest that situational models of crime [...] may have some application more specifically to understanding the sexual abuse of children”.

Parkinson et al. (2004), ao examinarem os arquivos criminais de trinta AVS contra crianças da Austrália, detectaram que 60% deles possuíam condenações por outras ofensas, sendo que 50% contra a propriedade, 27% por ofensas envolvendo violência e 23% por ofensas relacionadas às drogas. Os dados obtidos revelaram que 27% tinham sido condenados por outras ofensas sexuais, ou antes, ou durante ou depois da condenação-referência. Os autores ponderam ainda que as taxas de ofensas não-sexuais de AVS são mais altas do que em relação à população geral. Concluem que “reunir os ofensores sexuais numa categoria distinta pode obscurecer a extensão pela qual a ofensa sexual contra crianças compartilha de uma base comum com outras formas de comportamento criminal”<sup>29</sup> (p. 36).

O canadense Lussier (2005) propõe uma revisão da literatura sobre o debate da especialização/generalização dos AVS. Para o autor, a noção de que os AVS constituíam um grupo separado de pessoas “especializado” em cometer violência sexual tem sido contestada por criminologistas, para quem os AVS são praticantes de diversas formas de ofensas. Em concordância com as pesquisas mencionadas, Lussier defende que a violência sexual dos AVS é apenas uma pequena proporção da atividade criminal mais ampla.

Utilizando como fonte de dados consultas ao Serviço de Identificação Nacional, no Reino Unido, Corbett et al. (2003), realizaram uma pesquisa quantitativa com 104 sujeitos com mais de uma condenação (54% AVS contra mulheres e 46% AVS contra crianças), encarcerados ou não, com a intenção de abordar as reconvicções violentas dos AVS. Em seus resultados, os autores apontaram que 12% das reconvicções possuíam um motivo sexual, e que apenas 2% haviam ofendido crianças; 75% das reconvicções sexuais ocorreram contra mulheres adultas. Com base nesses resultados, os autores concluíram que os AVS contra crianças possuem uma tendência a cometer outros tipos de ofensas, não sendo, portanto, “especialistas”.

Por último, Seto e Eke (2005), por sua vez, propuseram-se a estudar ofensores de pornografia infantil<sup>30</sup>, mais especificamente sua história criminal anterior e suas ofensas posteriores. Dos 201 ofensores pornográficos pesquisados no Canadá, 56% haviam sido

---

<sup>29</sup> “Concentrating on sex offenders as a discrete category may obscure the extent to which sex offending against children shares common ground with other forms of criminal behavior”.

<sup>30</sup> Os autores classificam como “ofensores pornográficos” os AVS que possuem, distribuem ou produzem material pornográfico com crianças e adolescentes.



condenados por outras ofensas criminais, sendo 45% por ofensas não-violentas, 30% por ofensas violentas e 24% por outras ofensas sexuais; 17% dos sujeitos possuíam ofensas sexuais de não-contato anteriores e 15%, de pornografia infantil. Quanto à reconvicção, 17% dos ofensores cometeram nova violência durante o período de *follow-up*, de dois anos e meio após estarem soltos na comunidade. Dos ofensores de pornografia infantil, os que mais reofenderam foram aqueles que haviam cometido ofensas sexuais com contato físico.

#### 1.2.4 A investigação da sexualidade de AVS

Blanchard et al. (2006) compararam 291 sujeitos falometricamente<sup>31</sup> testados em um centro de saúde mental do Canadá, dividindo-os em seis grupos distintos: 1) não-ofensores; 2) ofensores contra mulheres; 3) pais biológicos; 4) padrastos; 5) ofensores incestuosos não-parentais e 6) ofensores desconhecidos. Os autores constataram que os AVS mostraram diferenças significativas no que concerne às respostas penianas durante a testagem, o que indicou atração sexual por crianças. Na análise, Blanchard et al. destacaram os seguintes resultados: os AVS contra as filhas biológicas apresentam o mesmo índice de atração sexual dos AVS contra enteadas; os AVS contra meninas biologicamente relacionadas, mas não como filhas, mostram o mesmo grau de atração do que os AVS extrafamiliares; os homens que ofendem meninas que não são suas filhas mostram maior atração do que os que ofendem suas filhas e enteadas; os AVS contra filhas e enteadas possuem maior atração por crianças do que os que ofenderam mulheres ou os que não cometeram nenhuma ofensa.

Através de consultas em arquivos policiais e de entrevistas, Lussier et al. (2005) estudaram fatores desenvolvimentais e preferências sexuais desviantes em 146 encarcerados no Canadá, com base em experiências negativas na infância, em problemas comportamentais durante a adolescência e em atividades criminais sexuais durante a fase adulta. Ao concluírem que a ocorrência de violência sexual na infância possui relação com o que chamam de “interesse sexual desviante”, os autores propuseram então dois caminhos desenvolvimentais para o entendimento

---

<sup>31</sup> Trata-se de uma técnica psicofisiológica amplamente utilizada nos Estados Unidos e Canadá com a qual se monitora o volume de sangue no pênis em resposta a determinados estímulos audiovisuais apresentados, tais como crianças do sexo masculino e feminino e também adultos.

da violência sexual. O primeiro aponta para a presença de interesse sexual por interações sexuais não-violentas com uma criança. Os sujeitos que seguem esse caminho tendem a vir de um ambiente mais violento e sexualmente desviante. O segundo indica um interesse sexual pelo uso da violência na ofensa sexual contra crianças. Nesse caminho, os sujeitos têm mais relatos de terem sido violentados fora do ambiente familiar na infância e tendem a ter vindo de um ambiente mais violento. É importante salientar, contudo, que os autores reconhecem que nem todos os sujeitos que vêm de um ambiente violento possuem interesses sexuais desviantes.

Blanchard e Barbaree (2005) compararam as taxas de excitação sexual em 2.028 AVS acessados por um serviço de saúde mental no Canadá. Ao verificarem os efeitos do envelhecimento dos sujeitos na excitação sexual, os autores utilizaram a testagem falométrica em pedófilos, hebéfilos (pessoas sexualmente atraídas por adolescentes) e teleiófilos (pessoas sexualmente atraídas por pessoas fisicamente maduras). Constataram que a amplitude da resposta peniana diminui da adolescência aos 30 anos e que depois dessa idade continua a diminuir, mas em um ritmo menor em todos os grupos pesquisados. Os autores atribuem essa diminuição aos níveis de testosterona rebaixados.

Kamphuis et al. (2005) estudaram a existência de conexões automáticas entre sexo e poder entre AVS contra crianças. O universo da pesquisa foi constituído de 45 sujeitos de um hospital psiquiátrico de Amsterdã, sendo 10 AVS contra crianças, 15 pacientes forenses e 20 estudantes. Os autores constataram que os AVS apresentam pontuação maior no que concerne à atração pela agressão sexual do que os grupos de controle formados pelos pacientes forenses e pelos estudantes universitários. Os AVS contra crianças obtiveram um maior escore na categoria sexo-poder, uma vez que palavras ligadas a essa categoria foram relacionadas preconscientemente por eles. Assim, essa associação “pode apontar para uma relação patológica crucial no esquema cognitivo de homens que são ofensores sexuais, neste caso homens que molestam crianças”<sup>32</sup> (KAMPHUIS et al., 2005, p. 1361).

Com o objetivo de investigar o papel da fantasia sexual durante o processo de violência, Gee et al. (2004), em um estudo qualitativo, entrevistaram 24 AVS australianos

---

<sup>32</sup> “[...] may point to a crucial pathological link in the preconscious cognitive schemata of men who were sex offenders, in this case men who molest children”.

encarcerados, dentre os quais 92% alegaram ter fantasias sexuais. Os autores estudaram os seguintes aspectos: relação com masturbação, temas e conteúdo da fantasia, seu papel na ofensa, sua estrutura, suas fontes de material, função, mudanças e escalção da fantasia. Para esse estudo, construíram o modelo do conteúdo da fantasia sexual, que possui dois níveis de análise. No nível 1, os autores distinguem dois tipos amplos de fantasia sexual: a geral e a focada na ofensa. Esta última possui dois subtipos de fantasias: as não-específicas e as específicas. No nível 2, são propostas cinco subcategorias do conteúdo das fantasias: características demográficas (gênero, idade e relação social), comportamentais, relacionais (referente ao contexto interpessoal da fantasia), situacionais (quando e onde a fantasia ocorre) e, por último, fantasias de autopercepção (como o sujeito se percebe durante uma fantasia em particular). Os autores constataram que há apenas uma pequena diferença entre os temas de fantasias entre os AVS, os não-ofensores (autores de outros crimes) e os grupos da comunidade, até mesmo no que diz respeito às fantasias desviantes. Os dados obtidos também revelaram que as fantasias sexuais ocorrem durante todo o processo da ofensa, com diferentes conteúdos e temas, dependendo do estágio do ciclo da ofensa (pré, durante e pós-violência).

### 1.2.5 Características de AVS

Greenberg et al. (2005), autores australianos e canadenses, estudaram 143 sujeitos atendidos em um hospital universitário do Canadá, sendo 84 pais e 59 padrastos de suas vítimas. Na pesquisa foi feita uma comparação de pais e padrastos incestuosos em relação a características psicológicas, falométricas e criminais. Os autores detectaram que a metade dos participantes havia sido sexual ou fisicamente vitimizada antes dos 16 anos de idade, sendo que um terço reportou ter sido expulso de suas residências antes dos 16. Ambos os grupos possuem relativamente poucas vítimas e raramente utilizaram ameaças ou força. Mais da metade dos dois grupos penetrou suas vítimas oral, vaginal ou analmente. A única diferença encontrada entre os dois grupos dentre todas as variáveis estudadas pelo autor diz respeito à excitação sexual por crianças. Os padrastos, por exemplo, apresentaram maior índice do que os pais. Esse resultado,

segundo os autores, é contraditório com a explicação da pedofilia nas relações de incesto pai-filha, uma vez que um índice maior de excitação sexual teria sido esperado em tais casos. Os resultados obtidos também sugerem que a psicopatia também não explica a violência sexual entre pai e filha, uma vez que os dois grupos pesquisados não mostram diferença nessa questão. Em função desses resultados, os autores concluem que há mais semelhanças entre pais biológicos e padrastos do que diferenças.

Sullivan e Beech (2004) compararam informações demográficas entre os AVS e os AVS profissionais,<sup>33</sup> em um total de 305 participantes de um centro de tratamento residencial no Reino Unido. Os dados revelaram que a idade média do grupo de AVS profissionais é maior do que a média de idade de AVS “comuns” (50,71 e 40,40, respectivamente). O QI dos dois grupos também foi comparado: o dos profissionais é maior do que o outro grupo (115,2 e 105,8). Os autores verificaram também que poucos perpetradores profissionais são casados, quando comparados com o outro grupo (23% em contraste com 46%) Dos profissionais, 17,5% tinham filhos, enquanto os AVS “comuns” apresentaram uma porcentagem de 59%.

Ainda relatando os resultados da pesquisa, os autores constataram que no tempo da ocorrência da violência, 25% dos AVS profissionais mantinham um relacionamento amoroso adulto em comparação com um percentual bem inferior ao dos AVS “comuns” (51,7%). Entre os profissionais, 51% reportaram ter sido sexualmente abusados – um dado que se compara a 60% do grupo de AVS comuns. No que concerne ao sexo da vítima, 73 % dos profissionais foram acusados de violentar apenas meninos, 22% exclusivamente meninas e 5% ambos os sexos. Quanto aos AVS comuns, 58% foram acusados de cometer violência contra meninas, 21% contra meninos e 21% contra ambos os sexos.

Outro dado pesquisado pelos autores foi o interesse sexual admitido: entre os 73% dos profissionais que cometeram violência sexual contra meninos, apenas 56% confirmaram sentir interesse sexual exclusivamente por crianças do sexo masculino. Dos 22% que praticaram violência sexual contra meninas, todos assumiram tal interesse; entre os que cometeram violência contra ambos, 22% relataram que tinham interesse sexual por crianças. Em relação aos

---

<sup>33</sup> Os autores consideram os “perpetradores profissionais” como aqueles que utilizam-se de seu espaço de trabalho para cometer a violência sexual.

profissionais, 90,2% disseram estar conscientes de sua excitação sexual por crianças antes mesmo de assumirem suas carreiras, com idade inferior a 21 anos; 11% dos profissionais relataram que escolheram suas profissões exclusivamente para cometer a violência e 41,5% disseram que a violência foi parte de sua motivação para a referida escolha. Do grupo de profissionais, 12,2% disseram que violentaram crianças em companhia de outros AVS, e 27,5% relataram que violentaram mais de uma vítima. Dos dois grupos, 71% violentaram crianças menores de 11 anos de idade. Outra característica pesquisada foi o uso de técnicas coercitivas: 75% dos profissionais utilizaram técnicas emocionalmente coercitivas, ao invés de força física.

Em uma outra tentativa de traçar características de AVS, no que denominaram cruzamento de ofensas sexuais,<sup>34</sup> Heil et al. (2003) estudaram 489 sujeitos, sendo 223 encarcerados e 266 em livramento condicional nos Estados Unidos. Os sujeitos foram separados em AVS e em AVS múltiplos, sendo comparados em relação às respostas do polígrafo.<sup>35</sup> Os autores constataram que, após o tratamento psicoterapêutico e a testagem do polígrafo, apenas 11% dos encarcerados admitiram apenas um tipo de violência sexual (com ou sem contato) e que 78% dos encarcerados que violentaram crianças também haviam feito o mesmo com adultos. Quanto ao gênero das vítimas, 61% dos encarcerados admitiram apenas vítimas mulheres, enquanto 3% admitiram apenas vítimas do sexo masculino. Após o tratamento e a testagem do polígrafo, 36% dos encarcerados assumiram ter violentado ambos meninos e meninas; 63% dos AVS condenados por violência sexual contra meninos confirmaram ter também violentado meninas. Outra constatação é a de que 64% dos AVS condenados por vitimizar crianças em seu círculo familiar também assumiram ter vitimizado crianças de seu convívio extrafamiliar, e 53% dos condenados por violência sexual extrafamiliar vitimizaram intrafamiliarmente. Os autores concluem a discussão dos resultados afirmando que

os presentes achados sugerem uma natureza oportunista, maleável em ofensas sexuais que contradizem as tipologias tradicionais dos ofensores sexuais.<sup>36</sup> Mais do que classificar ofensores pelos grupos de suas vítimas, parece ser preferível avaliar os ofensores sexuais

---

<sup>34</sup> O cruzamento das ofensas sexuais é definido como aquele no qual “as vítimas são de categorias múltiplas de idades, gênero e relação” (HEIL, 2003, p. 221).

<sup>35</sup> O polígrafo consiste em um equipamento que indica mudanças sensoriais dependendo da veracidade das respostas dos sujeitos.

<sup>36</sup> Aqui os autores se referem à classificação clássica entre AVS contra mulheres e AVS contra crianças.

em termos de grupos de vítimas expandidos e preferidos.<sup>37</sup> (HEIL et al., 2003, p. 233)

Lung e Huang (2004) também dedicaram-se a uma pesquisa, em Taiwan, com o objetivo de traçar características de AVS, extraídas de questionários que eles aplicaram em 240 sujeitos encarcerados (AVS), divididos em AVS incestuosos e não-incestuosos. Os autores constataram que a média de idade dos AVS quando do cometimento do crime é de 42,77 anos para AVS incestuosos e 36,81 anos para AVS “comuns” (não-incestuosos). Ambos os grupos pesquisados mostraram um índice de 30,8% de abuso de drogas ou álcool; 23,1% dos AVS incestuosos compararam-se com 64,9% dos AVS em geral, em termos de registros criminais anteriores; os AVS incestuosos que cometeram crimes seriais foram de 30,8%, em contraposição de 33,8% de AVS do outro grupo; 28,2% dos AVS incestuosos possuíam desordens mentais diagnosticadas, em comparação a 52% do outro grupo; quanto ao estado civil, eram casados 48,7% dos AVS incestuosos e 38,5% dos não-incestuosos. Isto indica que grande parte dos AVS possuía um relacionamento sexual com um parceiro adulto.

Craissati e Beech (2004) compararam as características dos AVS contra crianças e dos AVS contra mulheres, no Reino Unido, num total de 310 sujeitos, sendo 80 AVS contra mulheres e 230 AVS contra crianças de um programa comunitário. Os autores constataram que os AVS contra mulheres são mais novos e com tendência maior a serem solteiros do que os AVS contra crianças. Em termos de vivências na infância, os dois grupos apresentaram altos níveis de dificuldades desenvolvimentais. Contudo, os AVS contra crianças sofreram maiores índices de violência sexual (51%) na infância do que os AVS contra mulheres (27%). Um outro tipo de violência sofrida estudada foi a emocional/negligência: 51% para os AVS contra crianças e 54% para os AVS contra mulheres. A violência física sofrida teve uma taxa de 28% para os AVS contra crianças e 32% para os AVS contra mulheres. Apenas 8% dos sujeitos pesquisados da amostra não relataram experiências de violência sexual, física ou emocional. Os AVS contra crianças eram mais velhos quando iniciaram a vida sexual e mostraram-se mais propensos a ter uma relação de coabitação durante a fase adulta do que os AVS contra mulheres. Os primeiros

---

<sup>37</sup> “The present findings suggest an opportunistic, malleable nature in sex offending that contradict traditional sex offender typologies. Rather than classify offenders by their exclusive victim pool, it appears preferable to evaluate sex offenders in terms of a preferred and an expanded victim pool.”

apresentaram um índice de reincidência criminal de 3% enquanto, para os segundos, esse índice é de 5%. Para Craissati e Beech, as semelhanças entre os AVS contra crianças e os AVS contra mulheres são mais evidentes do que as suas diferenças.

### 1.2.6 Temas diversos

Essa última categorização recebeu esse título por reunir temas tão diversificados que não puderam ser incluídos em nenhum dos itens anteriores.

Kokish et al. (2005) realizaram um estudo nos Estados Unidos que abarcou a análise da percepção dos AVS à testagem do polígrafo. Para isso, entrevistaram 95 AVS de um programa de tratamento comunitário. Dos sujeitos participantes, 19% relataram ter sido julgados incorretamente mentirosos em 6% das avaliações realizadas e 6% disseram ter sido erroneamente considerados como verdadeiros após terem mentido em 3% dos exames. Os autores concluem que foi constatada uma incidência relativamente baixa de conclusões incorretas no teste do polígrafo, sendo que os sujeitos concordaram com a opinião dos profissionais em 90% dos casos. Para 72% dos participantes, o exame foi positivo no seu tratamento, uma vez que os forçou a serem mais verdadeiros consigo mesmos, com seus terapeutas e com os membros dos grupos terapêuticos dos quais participam. Os autores verificaram então que “a testagem ajuda os clientes a tornarem-se mais engajados no tratamento através da promoção de relações honestas dentro ou fora do *setting* terapêutico”<sup>38</sup> (KOKISH et al., 2005, p. 219).

Webster e Marshall (2004), do Reino Unido e Canadá respectivamente, em uma revisão de literatura, propuseram-se a analisar a questão do uso de abordagens qualitativas e quantitativas na pesquisa sobre os AVS. Argumentaram que ambas podiam ser usadas de forma complementar, pois facilitavam a triangulação metodológica que promovia os julgamentos sobre os resultados das pesquisas. Os autores se contrapunham ao argumento recorrente de que os métodos qualitativos envolvem subjetividade, natureza não-representativa do processo de pesquisa. Defendiam ainda que “há uma necessidade de explorar vias alternativas de

---

<sup>38</sup> “Polygraphy helps clients become more engaged in treatment by promoting honest relationships within and outside the therapy setting”.

investigação, como aquelas do paradigma qualitativo”<sup>39</sup> (WEBSTER e MARSHALL, 2004, p. 118). No que concerne à relação entre os paradigmas qualitativo *versus* quantitativo de pesquisa, os autores acreditam que ela pode aumentar o conhecimento sobre “essa população complexa” (p. 121).

Com o objetivo de examinar afiliações religiosas entre AVS não-clérigos, Eshuys e Smallbone (2006) estudaram 111 sujeitos encarcerados na Austrália, dos quais 64% tinham história de ofensas não-sexuais e 38,7% possuíam outras convicções por violência sexual. No que concerne à questão da afiliação religiosa, 28% declararam-se católicos e 24% não se identificaram como participantes de qualquer grupo religioso. Os autores dividiram sua amostra em grupos de acordo com a afiliação religiosa. O primeiro grupo é o que eles denominaram “ficantes” – pessoas que relataram alto índice de religiosidade tanto na infância como na fase adulta; o outro grupo é o chamado de “desistentes”, pois reportaram alto nível de religiosidade na infância e pouca na fase adulta. O terceiro grupo, os “convertidos”, mostrou baixo nível de religiosidade na infância e alto na fase adulta; o último grupo, os “ateístas”, apresentou baixa religiosidade na infância e na fase adulta. “Os ofensores que mostraram uma continuidade de afiliação religiosa através da vida e aqueles que se converteram à religião quando adultos teriam menos convicções sexuais e não-sexuais e menor número de vítimas do que aqueles sem afiliação religiosa”<sup>40</sup> (ESHUYS e SMALLBONE, 2006, p. 284). O grupo dos “convertidos” foi o que, em média, teve duas ou três vezes mais convicções não-sexuais do que os outros grupos, exceto o grupo dos ateístas que era constituído pela maior porcentagem de sujeitos com história de ofensas não-sexuais. Os “desistentes” foram os mais condenados no passado por ofensas sexuais.

Courtney et al. (2006) estudaram AVS com inabilidades intelectuais no Reino Unido, com base numa amostra de nove sujeitos oriundos, de programas residenciais e comunitários. Dentre as categorias que emergiram da análise das falas destacaram-se: “escolhendo a vítima”, “o ponto de decisão”, “o planejamento da ofensa”, “parando a ofensa”, “reações à ofensa” e “conseqüências de ser pego”. Estas agrupam-se em torno da categoria “atitudes e crenças do ofensor”, que, para os autores, são centrais no processo da ofensa. A maneira como um ofensor

<sup>39</sup> “There is a need to explore alternative avenues of investigation such as those within the qualitative paradigm”.

<sup>40</sup> “Offenders with a continuity of religious affiliation throughout life and those who converted to religion as adults would have fewer sexual and non-sexual convictions and fewer victims than those with no religious affiliation”.



planeja, performa, responde e dá prosseguimento a um evento como este é moldada pelo seu entendimento do que constitui uma ofensa, quem é responsável por ela e como as relações e as ofensas ocorrem. Nessa amostra, os participantes tenderam a culpar os outros, a alegar ignorância de habilidades sociais, a negar seu *status* de ofensor e a se assumirem como vítimas. Com base em sua pesquisa, Courtney et al. fazem quatro considerações que julgam importantes: 1) as ofensas não se enquadram facilmente em tipos facilmente distinguíveis, o que sugere uma abordagem mais individualizada da questão; 2) alguns homens foram incapazes de empatizar-se com a visão da sociedade sobre seus crimes; 3) apenas um conceito das informações da pesquisa – o de ignorância de conceitos ou habilidades – distinguiu os ofensores sexuais com inabilidades intelectuais dos outros; 4) houve distinções entre os relatos dos trabalhadores e dos ofensores, em que os primeiros forneceram mais detalhes das ofensas. Na conclusão, os autores afirmam que há mais semelhanças do que diferenças entre os AVS com inabilidades intelectuais e os AVS que não as possuem.

Hartley (2001), em uma pesquisa qualitativa, estudou oito participantes de um programa de atendimento comunitário dos Estados Unidos com o objetivo de analisar os motivos que os AVS alegam para o cometimento da violência. Os mais frequentes são os seguintes: necessidade de gratificação sexual; maneira de expressar a emoção para a falta de satisfação em suas vidas; contato como expressão de raiva e contato como uma forma inapropriada de mostrar afeto ou amor. O autor constatou que todos os entrevistados relataram que a gratificação sexual constituiu-se em parte de sua razão para começar ou continuar a violência sexual. Contudo, esta não se constituiu em razão primeira para o cometimento da violência. Vários pais reportaram não estarem sexualmente envolvidos com uma mulher adulta ou não estarem sexualmente ativos com suas esposas quando iniciaram a violência. Apenas três dos entrevistados atribuíram a violência à necessidade de uma maneira de expressar a emoção para sua falta de satisfação. Todos os participantes, contudo, confessaram ter passado por circunstâncias em que se sentiam infelizes. Três deles justificaram as relações sexuais com suas filhas como uma expressão de raiva contra suas mulheres ou contra seus próprios ofensores. A metade dos pais acreditava que o contato sexual era uma forma de mostrar afeição, necessidade de intimidade e aceitação para com suas filhas. No que diz respeito a questões familiares, os pesquisadores preocuparam-se tanto com a

família de origem quanto com as características familiares anteriores ao cometimento da violência. Os sujeitos identificaram suas famílias de origem como possuidoras de um grau de distanciamento parental e revelaram pouca ou nenhuma relação com seus pais. Dos oito entrevistados, seis mencionaram conflitos na relação de seus pais, quatro foram vítimas de violência física e seis reportaram ter sofrido violência emocional. Apesar de vários sujeitos indicarem problemas em suas infâncias, poucos deles associaram essas vivências aos motivos para a prática de violência. Os entrevistados demonstraram perceber mais uma conexão entre a violência e as situações familiares ocorridas imediatamente antes da prática de violência contra suas filhas. Relataram conflito conjugal,<sup>41</sup> baixa auto-estima, abuso de álcool, falta de sexo,<sup>42</sup> problemas médicos e estresse no trabalho.

Em seu estudo, Gutiérrez-Lobos et al. (2001) estudaram as relações sociais de 62 AVS encarcerados na Áustria, sendo que 32% deles enquadraram-se no diagnóstico de pedofilia, 11% de exibicionismo, 13% de sadismo sexual e 51% de abuso e/ou dependência de álcool. Os autores constataram que, quando cometeram a violência, muitos dos sujeitos (66,7%) eram solteiros, 16,7% casados e 16,7% divorciados. Segundo os resultados da pesquisa, os AVS possuíam a mesma rede de relações sociais encontrada na população geral, exceto no tocante à percepção dos AVS em relação a esta rede. O grupo de AVS “altamente violentos”, por exemplo, mostrou perceber menos suporte social. Os autores também constataram que os pais ou outros “objetos” de identificação masculina estiveram pouco disponíveis ou raramente deram atenção emocional aos sujeitos pesquisados. Uma outra questão diz respeito ao “grau de isolamento emocional como o refletido na inabilidade [dos] ofensores em trocar sentimentos e confidências”. Segundo os autores, isto “parece desempenhar um importante papel no desenvolvimento de comportamento sexual inapropriado”<sup>43</sup> (GUTIÉRREZ-LOBOS et al., 2001, p. 79).

Proeve e Howells (2002), autores australianos, fizeram uma revisão da literatura

---

<sup>41</sup> Os sujeitos caracterizaram seus casamentos como de pouca comunicação, uma vez que os problemas permaneciam não-discutidos e não-resolvidos.

<sup>42</sup> Todos os sujeitos relataram que não teriam cometido violência sexual contra suas filhas se estivessem tendo relações sexuais regulares e satisfatórias com suas esposas. A relação sexual com mulheres adultas foi classificada como mais difícil e trabalhosa, o que a tornaria menos satisfatória.

<sup>43</sup> “[...] the degree of emotional isolation as reflected in the disability of our offenders to exchange feelings and confidences seems to play an important role in developing inappropriate sexual behaviour”.

psicológica sobre os temas “vergonha” e “culpa”. Segundo eles, a vergonha pode não somente inibir a empatia pelo outro através de um foco negativo do *self*, mas também estimular a culpabilização e hostilidade em relação ao outro e hostilidade para si mesmo. Como poucos autores estudaram os conceitos de vergonha e culpa em AVS, os autores afirmam não haver dúvidas de que um grande número de ofensores sexuais não sente vergonha nem culpa, não experienciando sentimentos negativos acerca deles mesmos nem sobre suas ações. Contudo, muitos ofensores sexuais que descrevem “sentir-se mal” são mais suscetíveis a experienciar vergonha ao invés de culpa.

A maior incidência de vergonha do que culpa em AVS é também proposta pelo canadense Hanson (2003), para quem experienciar vergonha mais do que culpa aumenta a probabilidade de aumentar a culpabilização da vítima e as distorções cognitivas de AVS. Numa revisão de literatura sobre déficits de empatia em AVS, Hanson afirma que, quando se pede que descrevam as violências cometidas, eles raramente levam em consideração a perspectiva de suas vítimas. Segundo o autor, há na literatura, de uma forma geral, duas premissas básicas que embasam o treinamento terapêutico de empatia para AVS: 1) os AVS são profundamente errados sobre as experiências de suas vítimas; 2) o aumento da conscientização do sofrimento da vítima deveria diminuir a motivação dos AVS para reofender. Nenhuma dessas duas premissas possui, porém, suporte empírico. Em primeiro lugar, muitos ofensores violentos possuem uma capacidade adequada de colocar-se no lugar do outro; em segundo, em alguns casos é exatamente o sofrimento da vítima que aumenta a excitação sexual de alguns AVS. Desse modo, o treinamento da empatia, nesses casos, não surtiria efeito.

Craissati e Beech (2003), do Reino Unido, fundamentando-se na teoria da cognição social, revisaram o desenvolvimento de variáveis dinâmicas e sua relação com as variáveis mais estáticas (por exemplo, experiências de vitimização) nos AVS. Os autores pontuam que as pesquisas anteriores sobre AVS focalizavam principalmente o papel de interesses sexuais desviantes; apenas recentemente é que se têm estudado as relações existentes entre as variáveis dinâmicas e as taxas de reincidência em AVS. Dentre as variáveis estáveis mais preponderantes que diferenciam os reincidentes dos não-reincidentes destacam-se as seguintes: 1) o AVS não se vê como um risco; 2) suas influências sociais são empobrecidas; 3) acredita ter direito sexual.

Quanto aos domínios dinâmicos de risco, Craissati e Beech propõem os déficits de intimidade/competências sociais, as influências sociais, as atitudes pró-ofensas, a auto-regulação sexual, a auto-regulação geral,<sup>44</sup> o interesse sexual desviante e o sadismo.

Marcus e Cunningham (2003) compararam 68 AVS sentenciados norte-americanos com 30 universitários, no que concerne aos *ratings* de atratividade de mulheres adultas, através de exposição de fotos aos participantes. As pontuações de ambos grupos foram similares, observando-se que as pontuações dos AVS contra meninas foram semelhantes às dos universitários, e as dos AVS contra meninos tiveram menor correspondência. Além disto, os AVS, assim como os universitários, tenderam a preferir rostos mais femininos, heterossexuais, atléticos e expressivos. Desse modo, “a amostra de molestatadores de criança provou ser uma réplica quase que exata da informação dos homens universitários”<sup>45</sup> (MARCUS e CUNNINGHAM, 2003, p. 507). Os autores constataram também que os AVS contra crianças não possuem percepções aberrantes de atratividade facial feminina.

Schwaebe (2005), em uma pesquisa qualitativa desenvolvida nos Estados Unidos, realizou entrevistas com dez AVS encarcerados para verificar as estratégias por eles utilizadas para a sobrevivência no ambiente prisional. O autor parte da premissa de que os AVS são um grupo estigmatizado dentro de tal ambiente, sendo sexual e fisicamente violentados, mesmo apesar da supremacia numérica de AVS (80%) na prisão estudada. Essa é a razão pela qual a estratégia mais comumente utilizada pelos pesquisados é a negação do *status* de AVS. Todos os entrevistados reconheceram que os AVS aprendem rapidamente que devem negar a natureza de seu crime em função de seu bem-estar e sobrevivência.

### 1.3 OS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL NA LITERATURA NACIONAL: O INÍCIO DA PRESENÇA DOS SUJEITOS

Apesar de as pesquisas sobre violência sexual no Brasil terem entrado na pauta acadêmica desde os meados dos anos 90, é apenas recentemente que os AVS tornaram-se sujeitos

---

<sup>44</sup> Consiste na habilidade de auto-monitoramento e inibição de pensamentos.

<sup>45</sup> “[...] the child molester sample proved to be an almost exact replication of the data from the college men”.

de pesquisas (ESBER, 2000, 2005; VECINA, 2002; JESUS, 2005, 2006; SCHMICKLER, 2006). Em razão de seu estágio inicial, as publicações sobre o tema em âmbito nacional abordam uma grande variedade de assuntos, sendo difícil agrupá-los em categorias mais amplas. Neste tópico, três categorias serão enfocadas: a intervenção clínica com AVS, o perfil de AVS, e temas diversos.

### 1.3.1 A intervenção clínica com AVS

Esber (2005) analisou os atendimentos psicoterapêuticos de dois sujeitos sentenciados por violência sexual e atendidos pelo Programa Reprondo. Os atendimentos tiveram como aporte teórico-metodológico os pressupostos da teoria sistêmica e da terapia narrativa de Tom Andersen. No processo, quatro categorias advieram dos atendimentos psicoterapêuticos: o sentimento a respeito da violência cometida, a infância e as vivências familiares de pessoas que cometeram violência sexual, a vivência de pessoas que cometeram violência sexual no presídio e o pedido de perdão simbólico às vítimas.

Na primeira categoria (o sentimento a respeito da violência cometida), Esber (2005) constatou vergonha, confusão, sentimentos “ruins”, estranheza, raiva, sofrimento, culpa, medo da falta de perdão de Deus, dor, choque e arrependimento. Com relação à segunda categoria (a infância e as vivências familiares de pessoas que cometeram violência sexual), a autora registrou trabalho infantil, segredo de família, adoção, tentativa de suicídio na infância, violência doméstica e alcoolismo paterno. Quanto à terceira categoria (a vivência de pessoas que cometeram violência sexual no presídio), há espancamento, violência psicológica, queimaduras, estigmatização e discriminação. Na última categoria analisada pela autora (o pedido de perdão simbólico às vítimas), constam o medo de não ser perdoado por Deus, o desejo de suicídio, o receio da falta de perdão da vítima, o reconhecimento da dor da vítima e da dor de quem cometeu a violência, o desejo de voltar atrás e a angústia.

Esber (2005) propõe, então, um questionamento da lógica da patologização linear de indivíduos AVS e, com base na teoria sistêmica, reflete que indivíduos violentos co-constroem suas condutas e maneiras de se comportarem. Considera a necessidade da passagem da noção de

perversidade individual para explicações mais abrangentes que levem em conta aspectos familiares e sociais. Defende que os AVS devem passar por um processo psicoterapêutico, para que possam ressignificar a maneira como lidam com suas vivências violentas.

Jesus (2005, 2006) fez a análise de um atendimento psicoterapêutico a um AVS contra adolescentes, no qual se buscou compreender o processo de construção da violência empregada por ele. Nesse sentido, trabalhou conceitos referentes a violências sofridas e cometidas, objetivando uma ampliação da consciência do sujeito sobre si mesmo e sobre o outro. Foi utilizada como base a visão de homem da abordagem fenomenológica, buscando-se empreender uma visão contextual e relacional da pessoa em contraponto a um olhar estigmatizante.

Vecina (2002) descreveu a experiência de atendimentos psicoterapêuticos com 26 autores de violência, sendo 15 de violência física e 11 de sexual. A autora, cujo aporte teórico é o psicodrama, apontou três aspectos principais sobre o processo psicoterápico: o atendimento constituiu-se em um momento ameaçador em função da possibilidade de vinculação; a utilização do espaço psicoterapêutico como um álibi e a característica repetitiva de um discurso de afirmação do autor de violência como uma pessoa digna. Chamou a atenção da autora a necessidade que esses indivíduos manifestam em culpabilizar os outros, desculpabilizando a si próprios. Segundo Vecina, as pessoas que vitimizam também foram vitimizadas na infância – física, sexual ou psicologicamente. Essas pessoas geralmente apresentam alguma dificuldade no estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis em suas diferentes relações. Isto pode estar ligado aos sentimentos despertados em função de essas pessoas terem sido transformadas em objetos de uso e, por isso, muitas vezes carregam um sofrimento intenso. O trabalho psicoterápico proposto por Vecina atua no processo de questionamento e elaboração da aprendizagem emocional ocorrida ao longo de todo o desenvolvimento da pessoa perante o grupo social e familiar. A autora propõe a compreensão da dinâmica dessas pessoas, evitando-se também a realização de um processo diagnóstico ou classificatório.

Gomes e Cruz (2003) refletem sobre a castração hormonal<sup>46</sup> em AVS contra crianças. Ponderam que, antes do uso desta, a castração de AVS era realizada por meio de procedimentos

---

<sup>46</sup> A castração hormonal consiste na aplicação de acetato de medroxiprogesterona e também acetato de ciproterona.

cirúrgicos, nos quais os testículos do sujeito eram retirados. Os autores afirmam que a castração hormonal tem trazido resultados melhores do que a castração física, mas ainda possui resultados limitados e vários efeitos adversos. A castração reduz o desejo e a intensidade da urgência sexual, o que possibilita mais autocontrole, sem, contudo, causar alteração qualitativa. Gomes e Cruz consideram a eficácia da castração hormonal, associada à terapia cognitivo-comportamental. Contudo, recomendam cautela na administração dessa nova abordagem terapêutica a AVS, uma vez que são necessários estudos mais consistentes para tal alternativa.

### 1.3.2 O perfil de AVS

Esber (2000) realizou uma análise de dois protocolos do Teste Rorschach aplicados em AVS, produzindo conclusões baseadas nos índices de normalidade e na patologia dos dois sujeitos estudados e levantando indícios sobre a existência de estruturas de personalidade preservadas ou deterioradas. O primeiro sujeito por ela analisado não possuía consciência dos atos por ele cometidos, uma vez que suas estruturas de personalidade remetiam a um quadro de esquizofrenia; já o segundo sujeito apresentou eficiência perceptocognitiva e acesso aos processos perceptivos objetivos da realidade, configurando, pois, em um quadro de psicopatia.

Baltieri (2005), em sua tese de doutorado na área de psiquiatria, entrevistou 218 apenados apenas por crimes sexuais violentos entre julho de 2004 a setembro de 2005 na penitenciária de Sorocaba, SP. Dividiu os sujeitos em três grupos: molestadores de crianças (101), agressores sexuais de adolescentes (56) e agressores sexuais de adultos (41). Como resultado, o autor aponta que

os molestadores de crianças costumam apresentar idade média superior do que os agressores sexuais de adultos; os agressores sexuais de adultos apresentam mais problemas com o consumo de drogas (maconha e cocaína) do que os molestadores de crianças; [...] os agressores de crianças apresentam maior gravidade do consumo de bebidas alcoólicas do que os agressores de adultos; os molestadores de crianças apresentam maior risco de terem sofrido abuso sexual na própria infância; os agressores sexuais seriais apresentam características diferentes dos ofensores sexuais não-seriais, como mais freqüente história de abuso sexual na infância, mais freqüentes julgamentos e condenações prévias, mais freqüente presença de critérios diagnósticos de pedofilia; entre

os agressores sexuais seriais, o nível de impulsividade é maior do que entre os não-seriais. (BALTIERI, 2005, p. 101)

Magalhães (2003) defendeu uma dissertação de mestrado na área de sexologia, na Universidade Gama Filho, com o título *Criminosos sexuais: um perfil de sujeitos condenados por crimes sexuais*, em que constatou índices expressivos de psicopatologias, de práticas criminais, de violência doméstica na infância, de crenças, valores e comportamentos estereotipados e de associação do álcool e/drogas ilícitas aos atos de violência sexual.

### 1.3.3 Temas diversos

Neste item, apresentam-se os trabalhos que possuem especificidades que não puderam ser agrupadas em categorias.

Ferrari (2004) tece considerações gerais sobre a questão das parafilias dos pedófilos. Ao apontar as causas primordiais da pedofilia, a autora destaca: a) a sexualidade reprimida – o pedófilo se aproxima de crianças carentes afetivamente; b) a baixa idade em que as crianças entram na prostituição, em razão da pobreza; c) os desvios de personalidade. Segundo ela, não há cura para a pedofilia, mas há como realizar o controle do indivíduo através de medicação e psicoterapia.

Landini (2003) tenta traçar as características do pedófilo apoiando-se em 384 textos<sup>47</sup> publicados por um jornal de grande circulação (*Folha de S. Paulo*), no período de 1994 a 1999. Sua análise inclui a imagem-retrato do AVS, as razões atribuídas à violência e ao seu comportamento. A autora relata que a pedofilia é confundida com abuso sexual e também com pornografia infantil. Na conclusão, Landini (2003, p. 281) afirma:

A narrativa da violência sexual é permeada por alguns conceitos como classe ou violência/doença. [...], há uma separação bastante clara entre o crime cometido por uma pessoa de classe baixa e outra de classe média ou alta. No caso da pedofilia, atribuída a pessoas das classes mais abastadas, há ainda uma conexão com a doença mental.

---

<sup>47</sup> Dentre esses textos, 114 se referiam à pedofilia.



Schmickler (2006), no seu livro publicado a partir de sua tese de doutorado,<sup>48</sup> analisa as narrativas de três AVS incestuosos. Ao abordar a subjetividade deles, a autora volta sua atenção para as estratégias utilizadas na manutenção e racionalização da violência sexual praticada. E, ao relatar a história de vida desses sujeitos, faz uma análise da construção da violência. Além de questões individuais, Schmickler (2006, p. 172) aponta também a questão societal na formação de tais indivíduos, dizendo que eles “foram vitimados, antes de tudo, por uma violência estrutural, que injustamente os alienou de uma cultura de cidadania, na qual cada um deve ser colaborador e parceiro, com direitos e deveres e, também, desejos”.

Marques (2005) defendeu a dissertação *A voz do abusador: aspectos psicológicos dos protagonistas de incesto*, em que trabalhou com três AVS incestuosos encarcerados. Para investigar seus aspectos psicológicos e psicodinâmicos, a autora fundamenta-se na teoria psicanalítica e utiliza a abordagem qualitativa para realizar estudos de caso. As categorias com as quais ela trabalha são as seguintes: relacionamento com o pai, relacionamento com a mãe, narcisismo, significação da mulher, significação do incesto e auto-imagem. Uma das especificidades do trabalho de Marques é a elaboração do “psicodiagnóstico diferencial”, para o qual utilizou entrevistas semi-estruturadas, aplicou o teste de Rorschach e fez a análise documental dos prontuários dos sujeitos. Para a autora, a psicanálise explica os AVS como portadores de uma estrutura mental perversa, devendo-se, portanto, atentar para as questões psicopatológicas que estes sujeitos necessariamente possuem. Citando Cohen (1993), Marques (2005, p. 19) pondera que “há necessidade de avaliação da questão psicopatológica, pois é possível considerar o autor do abuso sexual intrafamiliar como um indivíduo portador de perturbação da saúde mental, que pode ser psicossocial ou psicosexual.

Segundo Marques, citando Rudge (1999), a perversão é decorrente de um trauma sexual ocorrido no período da infância e é entendida como “uma espécie de infantilismo sexual, que é resultado de uma fixação num ponto da sexualidade pré-genital, que representa a conservação da sexualidade em moldes infantis” (MARQUES, 2005, p. 36). Em suas considerações finais, a autora afirma que

---

<sup>48</sup> A autora defendeu sua tese *A revelação do indivizível: um estudo sobre o protagonista do abuso sexual incestuoso contra crianças e adolescentes*, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2001.

é uma forma errônea querer categorizar o protagonista do abuso sexual incestuoso em uma única tipificação generalista [...] a realização do psicodiagnóstico diferencial e multidisciplinar é essencial para a compreensão da personalidade e da psicodinâmica do abusador sexual incestuoso [...] é possível considerar o protagonista de incesto como portador de alguma psicopatologia ou transtorno de personalidade, mas o contrário também é verdadeiro [...] o narcisismo é um eixo que comparece na dinâmica psíquica de dois dos três abusadores analisados; em determinados casos, a prisão não é a solução mais acertada para cessar a dinâmica incestuosa [...] a relação com as figuras femininas mostrou-se um importante aspecto para o entendimento da questão, pois pode-se perceber que são vistas de forma desqualificada e sem valor; as significações subjetivas a respeito do ato incestuoso são as mais diversas, porém a tônica que se faz mais presente é a da negação e desculpabilização. (MARQUES, 2005, p. 168)

Musleh (2003) defendeu sua dissertação de mestrado na Universidade São Marcos, na área da Psicologia, sob o tema *A transformação da identidade do vitimizador sexual que se transformou em “vítima”*. Nela, o autor afirma que, para manter a “ordem”, o AVS deve morrer. E, ao ser morto, se transforma em vítima sacrificial, trazendo a babárie de volta à sociedade.

#### 1.4 CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE A LITERATURA INTERNACIONAL E NACIONAL PESQUISADA

O levantamento da literatura da área é importante porque, no processo de construção do conhecimento científico, é conveniente apropriar-se do campo teórico-metodológico no qual o objeto de estudo se encontra. A exposição que se segue não tem o intuito de inviabilizar a contribuição da literatura citada, nem de aprofundar uma discussão epistemológica; pretende-se apenas demarcar algumas limitações teórico-metodológicas dos estudos em questão.

No que diz respeito à literatura internacional, podem-se apontar quatro aspectos primordiais. O primeiro deles é relacionado à perspectiva teórica das pesquisas, que, em grande parte, têm-se preocupado – prioritária e excessivamente – em identificar traços cognitivos dos AVS, na tentativa de estabelecer cognições específicas que os diferenciariam dos não-AVS (WARD, 2000, HATCH-MAILLETTE et al., 2001; HORLEY, 2000; SARADJIAN e NOBUS, 2003; MILNER e WEBSTER, 2005; MIHAILIDES et al., 2004). Negar a contribuição do referencial teórico das distorções cognitivas não faz parte das pretensões deste trabalho. Contudo,

a explicação da etiologia da violência sexual por meio do debate dessas distorções é problemática na medida em que, ao dar tanta ênfase aos processos cognitivos, a literatura realiza uma cisão do ser humano e, nesse processo, ignora alguns aspectos fundamentais, tais como a emoção<sup>49</sup> e a afetividade. O cognitivismo, dessa forma, restringe a subjetividade à cognição (GONÇALVES, 2001).

Um outro aspecto merece ser destacado: a explicação das distorções cognitivas implica necessariamente a idéia de sujeitos que possuem um “defeito” de pensamento, de cognição. Isso faria com que os AVS pensassem de forma diferente dos não-AVS, o que os “autorizaria” a cometer a violência sexual e, conseqüentemente, minimizaria sua culpa (GANNON, 2006).

Assim, para essa literatura, o sujeito é entendido como “portador” de uma mente que se constituiu de forma “defeituosa”,<sup>50</sup> sem explicar como esse processo se dá. O aspecto social, como instância constitutiva e mediadora dessa personalidade (VYGOTSKY, 2000b), é ausente nessa perspectiva teórica, uma vez que o sujeito é entendido de forma aistórica e associal. A responsabilidade por esses pensamentos “defeituosos”, portanto, é única e exclusivamente do sujeito, não sendo assinaladas questões sociais e culturais em sua constituição, dentre outras a permissividade excessiva da sexualidade infantil e juvenil, o culto ao novo, a supremacia do homem em relação à mulher, bem como do adulto sobre a criança.

Apesar de alguns teóricos reconhecerem a característica sociocultural e histórica da violência sexual (MARSHALL e BARBAREE, 1990, apud LANCASTER e LUMB, 1999; WARD e BEECH, 2006; MARSHALL e MARSHALL, 2000), o foco dessas pesquisas encontra-se no indivíduo, que, contraditoriamente, parece ser entendido fora de seu contexto social e histórico. Pesquisa-se esse sujeito, mas raramente menciona-se o tipo de sociedade que o constitui como tal. Mais especificamente, tal perspectiva teórica busca apreender o intrapsicológico, mas ignora que este foi previamente instaurado pelo interpsicológico,

---

<sup>49</sup> Esse aspecto é negligenciado não somente pelos estudos internacionais, mas também pela literatura nacional de uma forma geral. De acordo com Lane (2000, p. 66), “a emoção foi, por décadas, esquecida na produção científica, uma vez que era considerada reação primitiva”.

<sup>50</sup> A idéia da deficiência de AVS em relação aos não-AVS, aliás, é bastante comum. Não somente no debate das distorções cognitivas, como também na dos déficits de empatia, amplamente preconizado pela literatura internacional (COVELL e SCALORA, 2002; WEBSTER et al., 2005).

mantendo-se ambos em relação dialética, como ensina Vygotsky (1991).

O reconhecimento de que fatores culturais e sociais são importantes parece ser um discurso vazio, uma falácia, uma vez que a preocupação é excessivamente voltada para o indivíduo e seus processos intrapsíquicos. Nessa perspectiva, indivíduo e sociedade são, portanto, instâncias separadas e desconexas. Nessa literatura há uma preocupação em identificar questões relacionadas ao neuroticismo, às psicopatologias existentes nos AVS (EGAN et al., 2005; LANGSTROM, et al., 2004) ou às psicopatias (SERIN et al., 2001; OLVER e WONG, 2006), com raras reflexões sobre o indivíduo dialeticamente constituído e constituinte da sociedade na qual se insere.

Em contraposição à perspectiva teórica destes estudos, para a Psicologia Social Crítica, a responsabilidade por cometer violência é do sujeito, mas deve-se abarcar a compreensão de que ele é fruto de suas condições sócio-históricas. Como, nessa sociedade, o sujeito foi constituído em relação dialética, não é possível, portanto, uma profilaxia somente com o sujeito individual, mas sim no âmbito da intersubjetividade. A violência, pois, expressa as relações sociais estabelecidas, nos limites de uma sociedade em que a humanidade não é autônoma e os direitos humanos ainda não são realizados de forma concreta e decisiva (HORKHEIMER e ADORNO, 1978).

Outra questão – a perspectiva metodológica – merece ser salientada nessas pesquisas: a perspectiva positivista adotada na literatura internacional tem substituído a complexidade da fala humana por termos estritamente matemáticos. Há, assim, um uso freqüente de escalas, inventários, médias estatísticas, correlações etc. na identificação de diversas questões relacionadas aos AVS. Ao proceder dessa forma – buscando objetividade, neutralidade e replicabilidade de seus procedimentos metodológicos –, ignora-se o caráter histórico e social do sujeito. Não o considera, pois, em sua singularidade, pois a referida abordagem é influenciada pela tendência à padronização e medição de características psicométricas.

A excessiva utilização de instrumentos revela uma compreensão de que os resultados das pesquisas somente são válidos se provenientes de um tipo de metodologia que prioriza a possibilidade da replicabilidade, e preza pela pouca atuação e interferência do pesquisador, com o objetivo de assegurar a neutralidade das informações científicas. Essa perspectiva faz com que

quaisquer procedimentos utilizados nas pesquisas – que muitas vezes poderiam fornecer subsídios para uma análise qualitativa – acabem por ser analisados pelo viés quantitativo.<sup>51</sup> E, com certa frequência, entrevistas psicológicas acabam por transformar-se em números alocados em gráficos e tabelas. Dessa maneira, essa perspectiva ignora a existência de dimensões e de fatos da realidade que não podem ser expressos em números, mascarando, então, o aspecto contraditório e ambivalente do ser humano.

Apesar do amplo uso desses procedimentos metodológicos pela literatura internacional, alguns pesquisadores (BURN e BROWN, 2006) admitem que o uso exclusivo desse tipo de procedimentos dá margem a uma má interpretação dos dados, uma vez que os sujeitos das pesquisas podem facilmente identificar, por exemplo, as respostas “corretas” nos inventários aplicados.

Ao fazer uma crítica à abordagem quantitativa, Minayo (1999), referindo-se ao positivismo, enumera quatro aspectos: (1) tais abordagens sacrificam os significados no altar do rigor matemático; (2) existiria uma crença ingênua de que quaisquer tipos de distorções poderiam ser facilmente sanadas por meio da codificação; (3) a convicção de que os métodos simplificam os fenômenos, em razão de poderem ser enumerados; (4) a crença de que, ao se fazerem inferências para além dos dados, os pesquisadores estariam trabalhando de forma preconceituosa.

É necessário ressaltar, pois, que a pesquisa quantitativa tem uma importância imensurável na produção do conhecimento científico. Contudo, assim como a aproximação qualitativa, apresenta suas limitações. Minayo (1999) e Webster e Marshall (2004) advogam que, por si só, a abordagem quantitativa não consegue abarcar a complexidade do fenômeno humano, devendo ser acompanhada da abordagem qualitativa. A metodologia quantitativa, pois, não deve ser abandonada, mas sim entendida como um dos componentes da realidade quando se estuda o ser humano.

A terceira ressalva à literatura internacional: o lugar de não-sujeito dos sujeitos. Os

---

<sup>51</sup> O debate que se trava não diz respeito ao questionamento da aplicabilidade e importância da pesquisa quantitativa para a Psicologia Social. Ao contrário, deve-se romper com a falsa idéia de que tal pesquisa é necessariamente descritiva e que a pesquisa qualitativa seria fundamentalmente profunda (SOUSA, 1994). Contudo, os procedimentos metodológicos adotados por grande parte da literatura internacional expressam uma perspectiva positivista da ciência, veementemente contestada pelo método do materialismo histórico e dialético.

estudos, em sua maior parte, “falam” sobre os AVS, sem que suas falas estejam presentes. Assim, em um universo de números e correlações, os sujeitos desaparecem. Em alguns artigos (KINGSTON et al., 2007; BEYER e BEASLEY, 2003; STIRPE e STERMAC, 2003; GEER et al., 2000), os autores chegam a afirmar que não se pode confiar nos relatos dos AVS. Geer et al. (2000, p. 106), por exemplo, afirmam que “confiar no auto-relato dessa população parece ser particularmente problemático, dada a multiplicidade de variáveis que influenciam o conjunto de respostas dos AVS”.<sup>52</sup> A crítica que se faz a esse entendimento feito por essa literatura é, pois, a de que na verdade ela revela um sujeito “assujeitado”.

Ademais, cabe ressaltar que, em função do lugar de não-sujeitos, algumas pesquisas podem ser questionadas até mesmo no que diz respeito aos aspectos éticos. O uso da “testagem falométrica” (BLANCHARD e BARBAREE, 2005; BLANCHARD et al., 2006) é um exemplo disto. Ao deixarem claro a necessidade de objetivar as informações, os autores chegam a usar aparelhos de medição da pressão peniana para identificar questões relacionadas ao desejo sexual dos AVS.

Implicitamente a essas afirmações e procedimentos de pesquisa está o entendimento de que os sujeitos, por terem cometido um crime, deixam de ser sujeitos “confiáveis” e são postos em lugar de não-sujeitos, de não-falantes. Assim, os estudos que analisam as falas dos sujeitos, na literatura internacional, são raros. Na contramão das perspectivas nas quais o sujeito é ausente, Phelan (1995) e Hartley (2001) realizaram pesquisas em que a fala dos AVS comparece como parte integrante da produção do conhecimento. E, indubitavelmente, a voz dos AVS, mesmo incômoda, precisa ser escutada, estudada e analisada em toda a complexidade e contradição que possa apresentar. Para Minayo (1999, p. 22), “qualquer investigação social deveria [...] considerar que o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação”.

Mais uma crítica – também realizada por Horley (2000) – à literatura internacional: a maioria dos estudos com AVS é feita com sujeitos encarcerados, que são os comumente acessíveis à pesquisa científica. O problema é que, ao se trabalhar somente com eles, os

---

<sup>52</sup> “Reliance on self-report measures in this population appears to be particularly problematic, given the multitude of variables that may influence the sex offender’s response set” (GEER et al., 2000, p. 106).

pesquisadores estão lidando apenas com uma determinada parcela da população de AVS – os que são julgados e sentenciados à prisão. Diversos autores (SCHMICKLER, 2006; CARVALHO e SOUSA, 2007; WACQUANT, 2001) têm mostrado que, em estudos que se prestam a examinar questões relativas à população condenada e encarcerada por violência sexual, existe um viés da classe social desses indivíduos, “tendendo-se a captar os dados sob o viés da classe que chega ao encarceramento, cuja parcela da população foi definida e condenada por crimes hediondos” (CARVALHO e SOUSA, 2007, p. 101). Segundo Wacquant (2001), a maioria dos encarcerados no sistema penal norte-americano e europeu possui cor e classe social “definidas”: são geralmente negros e pertencem a classes sociais menos favorecidas. Nos Estados Unidos, por exemplo, a taxa de brancos detidos é cinco vezes menor do que o de negros. Em relação à classe social, o autor ressalta que, na Inglaterra, 83% dos encarcerados são oriundos da classe operária, 43% abandonaram a escola antes dos dezesseis anos e mais de um terço dos detidos estava sem emprego à época da prisão. A classe economicamente mais favorecida, portanto, comumente ausenta-se das pesquisas científicas, tanto em âmbito internacional como nacional.

Dentre os estudos realizados no Brasil sobre o perfil de encarcerados por cometimento de violência sexual, Carvalho e Sousa (2007), por exemplo, fornecem pistas sobre a classe social dos sujeitos sentenciados por crimes de violência sexual no Estado de Goiás. Do total de noventa e quatro pessoas pesquisadas, sete (7,4%) não possuem escolaridade, cinquenta (53,2%) encontram-se na faixa da primeira fase do ensino fundamental incompleto, vinte e sete delas (28,7%) cursaram somente até a segunda fase do ensino fundamental incompleto, sete (7,4%) sujeitos não completaram o ensino médio e apenas um (1,1%) tem nível superior incompleto. Ao ter como sujeitos das pesquisas os AVS encarcerados, não se pode perder de foco quem são eles e de que classe social provêm. Não implica aí a criminalização da miséria, mas o fato de que, historicamente, as pessoas julgadas e sentenciadas, em sua maior parte, pertencem a classes econômicas menos favorecidas, não dispendo de condições financeiras para contratar serviços jurídicos que possivelmente as livrariam de suas sentenças.

Em meio a essas críticas à produção científica internacional, cabe reconhecer seus pontos positivos. Dentre eles se destaca a grande quantidade de artigos, livros e textos existentes sobre o tema, provavelmente em função de maior quantidade de financiamentos para essas

pesquisas. Por ser vasta e numerosa, proporciona uma grande visibilidade ao tema. Contudo, uma ressalva deve ser feita a essa visibilidade: ao mesmo tempo em que o tema ganha importância, avançando rumo à proteção da infância, corre-se o risco de que essa perspectiva teórico-metodológica gere preconceitos e estigmas em relação à população estudada.

A literatura nacional, por sua vez, é recente. Uma de suas características mais recorrentes é a de ser voltada, em grande parte, para a intervenção clínica (ESBER, 2005; JESUS, 2005 e 2006; VECINA, 2002; GOMES e CRUZ, 2003) e diagnóstica<sup>53</sup> dos AVS (ESBER, 2000; BALTIERI, 2005; MARQUES, 2005; MAGALHÃES, 2003). Infelizmente, esse uso da literatura, em alguns casos, acaba por constituir-se em uma tentativa de enquadrar os sujeitos em categorias diagnósticas preestabelecidas e, conseqüentemente, estigmatiza-os em seus diagnósticos psicológicos ou categorizações. Nesse sentido, “assemelha-se” à abordagem internacional no tocante ao debate das distorções cognitivas. Enquanto, na literatura internacional, a subjetividade reduz-se às cognições, na literatura nacional, ela se limita ao diagnóstico.

Uma consideração a ser ressaltada é o fato de as pesquisas nacionais,<sup>42</sup> quantitativamente menores<sup>54</sup>, darem mais visibilidade aos sujeitos do que a literatura internacional. Assim, das doze produções mencionadas, cinco trabalham com as falas dos sujeitos pesquisados (ESBER, 2005; JESUS, 2005 e 2006; SCHMICKLER, 2006; MARQUES, 2005), e, ao dar-lhes voz, expõem quem são esses AVS, iniciando uma tentativa da presença desses sujeitos como tais.

As pesquisas nacionais têm também, em sua maior parte, tido como sujeitos os AVS encarcerados, valendo-se pois das mesmas ressalvas já feitas a esse tipo de população.

A literatura nacional – e não somente a Psicologia Social – tem, pois, um desafio importante: o de constituir-se como campo científico, partindo da realidade sócio-histórica que a ela se apresenta, uma vez que as teorias possuem vínculo com o contexto sociocultural onde estão

---

<sup>53</sup> Não há registros de nenhuma produção psicossocial sobre o tema durante o período pesquisado (2000- 2006). Vale ressaltar que há um trabalho de Esber (2007) na perspectiva da Psicologia Social que não se encontra elencado nesta revisão da literatura em função dos critérios de exclusão estabelecidos.

<sup>54</sup> D’Ávila (2000, p. 95), ao comparar a produção da Psicologia Social nos âmbitos nacional e internacional, constatou que “a produção nacional mostra cifras bastante reduzidas em comparação à produção internacional”.



sendo produzidas. Postas essas considerações, deve-se lembrar de que essas teorias não podem ser “inspiradas em modelos culturais alheios. É preciso levar em conta a constituição peculiar das culturas latino-americanas” (MASSIMI, 2000, p. 54).

## CAPÍTULO 2 – AS DIFERENTES VOZES SOBRE A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Neste capítulo, diferentes vozes narram crimes de violência sexual, com o objetivo de permitir que os mais variados enfoques componham um cenário cada vez mais comum nos sistemas penitenciários. Destacam-se as vozes dos sujeitos deste trabalho,<sup>55</sup> as que emergem dos processos, as que procuram explicar as características da personalidade do acusado e as que narram as violências praticadas. Tais quais são apresentados nos processos judiciais,<sup>56</sup> os tópicos a seguir procuram delinear o cenário da violência sexual, apropriando-se de múltiplas vozes.

### 2.1 HENRIQUE: A VIOLÊNCIA COMO EXPRESSÃO DA VINGANÇA

#### 2.1.1 A história de vida pelo próprio sujeito

Henrique foi fruto de um caso. Sua mãe era prostituta e nunca chegou a morar com seu pai. Na infância, Henrique morava com seus avós paternos. Via sua mãe esporadicamente quando ela o buscava para passar dois ou três dias em sua companhia. Apesar da pouca convivência, considera que aquelas ocasiões foram as mais felizes de toda sua vida. Como prova de seu carinho por ela, até hoje, adulto, conserva os presentes que ela lhe deu.

Quando tinha aproximadamente cinco anos, sua mãe foi assassinada. Lembra-se de tê-la visto morta na rua. Advém desse período o sentimento de culpa por não ter dito à sua mãe que pressentia que ela iria morrer. Ignora as causas do crime, mas o credita à divisão de posses de terra.

---

<sup>55</sup> As vozes dos sujeitos são as únicas que não foram inteiramente retiradas dos processos judiciais, mas sim dos atendimentos realizados.

<sup>56</sup> Todas essas informações foram retiradas dos processos judiciais armazenados no cartório da Agência Goiana do Sistema Prisional. Com a finalidade de manter a fidedignidade das informações, os termos utilizados nestes documentos foram mantidos, apesar de não serem considerados adequados por esta pesquisadora.

Após o assassinato da mãe, Henrique não quis morar com seu pai, por dois motivos principais: primeiro por achar que não daria certo morar com sua madrasta e com os outros cinco irmãos paternos, com quem não tem contato até hoje; segundo, porque se sentia emocionalmente distante de seu pai.

Depois que sua avó morreu, ficou com seu avô por aproximadamente dois anos. Sua avó planejava registrá-lo quando ele tinha oito anos. Contudo, sua madrasta alegou que era ela quem iria fazer aquilo, pois ela desejava que Henrique fosse para ela como seus outros filhos, o que nunca aconteceu. Aos oito anos, começou a trabalhar para se sustentar.

Quando foi para a escola, era discriminado porque sua mãe era uma prostituta, e porque seu avô era uma pessoa influente na cidade. A situação piorou quando sua mãe morreu. Henrique chega a falar que sua mãe foi morta pelas “pragas” jogadas pelos colegas de escola. Surgiu na época o sentimento que ele próprio intitula de “revolta”.

Quando questionado sobre a sua atitude em relação aos comentários dos colegas, Henrique diz que não mostrava nenhuma reação, mas sentia vontade de “pegar eles e esgoelar”. Incapaz de suportar a situação, pediu à sua avó permissão para parar de estudar. Diante da negativa, ele decidiu então morar na casa de um irmão, onde ficou por pouco tempo, pois a sua cunhada o deixava passar fome. Para poder alimentar-se, tinha de pedir; quando não achava nenhum lugar pra pedir, Henrique roubava. Nessa ocasião, sua cunhada começou a “doar” as crianças que moravam com ela, tendo ela inclusive doado uma das irmãs de Henrique.<sup>57</sup>

Aos dez anos, decidiu estudar – sozinho – em outra cidade. Relata que nessa época, “já andava pra todo lado”. Contudo, a informação sobre a profissão de sua mãe chegou a essa outra cidade e as humilhações reiniciaram.

Para fugir dessas situações, Henrique decidiu ir oferecer seus serviços a fazendeiros, e passou a trabalhar na residência de diversas famílias, por curtos períodos, pois sofria toda sorte de violências: física, psicológica e sexual. Em uma dessas fazendas, além de fazer o mesmo trabalho de um homem adulto, foi sexualmente violentado, com requintes de crueldade. O autor da violência (João) colocou sua cabeça em um travesseiro molhado para impedi-lo de respirar,

---

<sup>57</sup> Aos 15 anos, Henrique sai em busca de sua irmã e a encontra em uma outra cidade. Moraram juntos por quase um ano.

obrigou-o a ingerir bebidas, deu-lhe murros na cabeça e pontapés. Henrique fugiu da fazenda e buscou ajuda de uma vizinha, contudo não contou que havia sido violentado sexualmente.

Como forma de compensar uma infância ruim, as violências sofridas e os sentimentos de raiva e revolta que possuía, Henrique desejou então vingar-se. Quando tinha aproximadamente quatorze anos, resolveu roubar uma pessoa, numa fazenda onde havia trabalhado, juntamente com um de seus irmãos. A escolha da vítima se deu porque, certa vez, o ouviu falar ao seu patrão que ele não dava conta de realizar o trabalho que deveria ser feito. Quando Henrique e o irmão chegaram à fazenda, dispararam mais de cem tiros contra o homem e saíram do local, sem, contudo, roubar-lhe nada.<sup>58</sup> Diz que quis matá-lo para aplacar a revolta que sentia pelas violências sofridas na infância, principalmente a violência sexual. O crime, entretanto, não abrandou seus sentimentos negativos.

Logo depois do crime, Henrique – apesar de na época não ter maioria penal – foi preso na delegacia da cidade. Sua avó e seu pai, contudo, tiraram-no da cadeia. Apesar de o pai ter empreendido esforços para libertá-lo, o relacionamento entre os dois não possuía nenhum grau de proximidade afetiva.

Tomado pela revolta, Henrique desejou cometer violência contra um adolescente da mesma forma como tinha sido violentado – sexualmente. Foi então que, com aproximadamente vinte anos, cometeu violência sexual contra três adolescentes, tendo seqüestrado um deles. Na versão de Henrique, o garoto pediu para ir com ele para outra cidade, e ele acreditou que não teria problema em levá-lo. A mãe do adolescente, na época, registrou ocorrência por seqüestro. Todas as suas vítimas eram engraxates e moravam na mesma cidade onde ele morava, uma pequena cidade do interior.

Ao falar de suas vítimas, Henrique conta que inicialmente “envolveu-se” com um adolescente e um mês depois com os outros dois. Quanto ao primeiro, o relato é contraditório, pois ora diz que se envolveu com ele, ora que a violência ocorreu somente uma vez. Henrique pouco fala sobre o terceiro adolescente.

Quando tinha vinte anos, aproximadamente três meses após ter cometido a violência

---

<sup>58</sup> Este crime não consta no processo judicial de Henrique, pois ele não havia atingido a maioria penal na época em que o cometeu.

sexual contra os três adolescentes,<sup>59</sup> Henrique foi preso. Diz que, quando esteve preso na cadeia daquela cidade, um dos adolescentes que violentou ia com frequência vê-lo na prisão. Contudo, o adolescente não falava com Henrique e este fingia não vê-lo. Posteriormente, Henrique foi transferido para a Agência Prisional, de onde fugiu três vezes, mas sempre foi recapturado.

Henrique estudou até a 6ª série e fez diversos cursos profissionalizantes. Atualmente trabalha dentro do presídio. Ali conheceu sua esposa, com a qual teve uma filha que, à época dos atendimentos psicoterapêuticos, tinha dois anos e meio. Deve-se ressaltar que a gravidez foi planejada. Relata que nunca traiu a esposa. Há dois meses terminaram o relacionamento, porque ela mora em outra cidade e estava tendo dificuldades em vir visitá-lo, levando a criança. Segundo Henrique, o nascimento da filha fez com que ele se aproximasse de sua família, de quem estava emocionalmente distante.

### 2.1.2 A história de vida retratada pelo processo

Natural do Estado do Tocantins, de cor morena-clara, filho de pai lavrador e de mãe doméstica, solteiro, borracheiro, Henrique, à época das sessões psicoterapêuticas, tinha 31 anos de idade. Informou ser seguidor da religião evangélica e não possuir vícios. Declarou também ter uma filha que nasceu depois que ele foi preso.

No ano de 1994, com vinte anos de idade, cometeu o crime de atentado violento ao pudor contra dois adolescentes do sexo masculino, ambos engraxates, com os quais não possuía parentesco. Sua pena foi afixada em um total de 25 anos e nove meses, em regime fechado, pelo artigos 214, c/c 224, letra “a”, c/c 69, do Código Penal e 9º, da Lei nº 8.072/90.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Henrique relata que a violência cometida contra os três adolescentes ocorreu na mesma época, o que não condiz com as informações do processo, segundo o qual Henrique teria violentado esse terceiro adolescente durante uma de suas fugas. Henrique nega que tenha sido dessa maneira e afirma que o delegado, que não havia aberto inquérito para essa terceira vítima na época adequada, resolveu abri-lo posteriormente, uma vez que a vítima registrou ocorrência quando Henrique já estava preso.

<sup>60</sup> Art. 214 - “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal.” Art. 224 - “Presume-se a violência, se a vítima: a) não é maior de 14 (catorze) anos”. Art. 69 - “Quando o agente, mediante mais de uma ação ou omissão, pratica dois ou mais crimes, idênticos ou não, aplicam-se cumulativamente as penas privativas de liberdade em que haja incorrido.” Art. 9º da Lei nº 8.072/90 - “As penas fixadas no art. 6º para os crimes capitulados nos arts. 157, § 3º, 158, § 2º, 159, caput e seus §§ 1º, 2º e 3º, 213, caput e sua combinação com o art. 223, caput e parágrafo único, 214 e sua combinação com o art. 223, caput e parágrafo único, todos do Código Penal, são acrescidas de metade, respeitado o limite superior de trinta anos de reclusão, estando a vítima em qualquer das hipóteses referidas no art. 224 também do Código Penal”.

Em 1997, fugiu do presídio, cometeu violência sexual contra outro adolescente, tendo sido novamente preso em 1998. Na fase policial do processo, Henrique negou a violência. Contudo, Bruno (vítima) e seus amigos Márcio e Sérgio reconheceram Henrique. No mesmo ano, foi reincluído no regime fechado da Agência Goiana do Sistema Prisional. Em seu prontuário, consta que possui “alto índice de periculosidade e personalidade voltada para a criminalidade”.

Posteriormente, no ano de 2001, Henrique e Pedro (também sujeito desta pesquisa) foram flagrados ao telefone público, no interior do presídio, realizando ligações para crianças, dizendo ser possuidores de uma academia e prometendo levá-los para treinar em um time de futebol. Em 5 de abril de 2001, a advogada da agência prisional assim relata: “tem boa conduta carcerária, relaciona-se bem com os colegas de cárcere e trata com respeito os servidores. Seu comportamento carcerário é classificado como ótimo”.

### 2.1.3 A voz do Ministério Público

A primeira denúncia do Ministério Público contra Henrique foi realizada no ano de 1994, quando Henrique praticou atentado violento ao pudor contra dois adolescentes, Roberto, de treze anos de idade, e Antônio, também de treze anos, ambos engraxates. As violências ocorreram em uma chácara e em um matagal, respectivamente. Consta na denúncia que, em ambos casos, houve constrangimento dos “menores”,<sup>61</sup> “mediante violência e grave ameaça, a praticar com ele atos libidinosos e saciar suas sevícias”.

Henrique, mesmo não conhecendo Roberto, propôs-lhe que engraxasse pares de sapatos e botas de canos longos. Aceitando o serviço, Roberto subiu na garupa da bicicleta de Henrique, que o levou até um matagal. Segundo o promotor,

ali mesmo agarrou o menor pelo braço e disse-lhe: “Você sabe o que eu vou fazer com você? Eu vou te comer!” E disse mais, agarrando-o pela camisa: “Agora você fica quietinho e não fala nada, antes que eu perca a paciência, senão eu posso lhe bater, vai

---

<sup>61</sup> O termo “menor” foi amplamente utilizado para referir-se a uma imagem de uma criança pobre, desassistida pela família, pelos tutores, pelo Estado e pela sociedade (LONDOÑO, 1991). A partir da compreensão de crianças como sujeitos de direitos, o referido termo tem sido progressivamente abandonado, uma vez que traz consigo conteúdos pejorativos. Neste texto, contudo, o termo é utilizado para que se possa reproduzir as terminologias constantes no processo judicial dos sujeitos desta pesquisa.

tirando a roupa.” A vítima-menor, amedrontado pelas ameaças, foi se despindo e o réu fez deitar-se de bruços e violentando-o e causando-lhe toda espécie de humilhação, conforme as lesões descritas no laudo de Exame de Corpo de Delito.

O promotor continua sua denúncia, utilizando os adjetivos “maníaco” e “monstro maníaco” para descrever Henrique:

Durante a prática do crime, o maníaco ameaçou o menor de morte, dizendo que, se gritasse, poderia morrer ali mesmo. O menor ainda tentou sair em disparada, ainda despido, mas, de balde, foi alcançado pelo monstro maníaco, que derrubou-o no chão e lhe disse que não era “louco de sair correndo e fugir de mim, não adianta contar pra ninguém, primeiro se você contar, só terá três dias de vida. E comigo não tem bronca, porque sou irmão de um cabo da PM”. Em seguida, a vítima, de apenas treze anos de idade, foi colocada na garupa da bicicleta, chorando muito, todo machucado, indefeso e ferido em sua integridade, arrasado e humilhado, e deixado nas proximidades da cidade, quando o réu então saiu em disparada. Em prantos chegou em casa, pressionado pela mãe, mesmo amedrontado, contou toda essa repugnante história.

Ainda na mesma denúncia, o promotor passa a relatar a violência cometida contra o outro adolescente, Antônio, utilizando-se dos mesmos adjetivos do caso anterior:

Mas o monstro maníaco, não satisfeito, resolveu repetir toda trama macabra três meses depois e continuar saciando seu instinto doentio, agora contra outra vítima, também criança, menor, com treze anos de idade, Antônio, também engraxate, aplicando a mesma conversa dos pares de sapatos que estavam em uma chácara. A mesma história se repete novamente, o monstro leva o menor indefeso e fraco até a periferia da cidade, [...] em meio a um matagal, vira repentinamente, dá meia volta e de forma estúpida pergunta à vítima: “Você já deu antes?”. E, ao receber resposta negativa da vítima, avançou sobre o seu pescoço, obrigando-a a atravessar a cerca em direção ao córrego. A vítima-criança ainda tentou correr, mas, sem sucesso, foi alcançado pelo monstro-delinquente, que se atirou sobre seu corpo, apertando-a pelo pescoço e dizendo: “Eu vou te estuprar!”. E assim, o menor foi levado para debaixo de um pé de pequi e diante das ameaças de morte foi imobilizado e obrigado a despir-se e ceder à tara do maníaco, o que lhe causou as lesões descritas no laudo de Exame de Corpo de Delito, sofrendo lesão na mucosa anal, com rompimento. Após ser violentado e humilhado de todas as maneiras, o menor ouviu do réu as mesmas ameaças ditas à outra vítima anterior; disse-lhe que, se contasse a alguém, “poderia considerar-se morto”. Mesmo assim, após o ocorrido, estupefato e traumatizado com o que tinha lhe acontecido, essa criança franzina se dirigiu à delegacia de polícia local, e eis que encontra o criminoso na porta da delegacia, sentado à sombra, tranquilamente, conversando com os policiais que ali se encontravam, como se nada

tivesse acontecido. Chocado, sem entender o que se passava, foi embora e contou à sua mãe, que tomou as providências legais. É de se admirar a frieza com que este delinqüente-maníaco ataca as vítimas indefesas, sua astúcia ao planejar as investidas criminosas, e confessando, sem o menor sinal de constrangimento todos os fatos a ele atribuídos e acrescentando outros que não eram do conhecimento da autoridade policial. O fato narrado nesta denúncia é repugnante e merece todo o empenho da justiça na sua apuração, culminando para que esse animal receba o que merece com sobras: APODRECER NA CADEIA!

A segunda denúncia do Ministério Público ocorreu no ano de 1998, quando Henrique fugiu da Agência Prisional e novamente cometeu violência sexual contra outro adolescente, que será nomeado Bruno, de onze anos de idade. O promotor assim narra o ocorrido:

O denunciado, a fim de satisfazer sua lascívia, constrangeu à prática de coito anal, ato libidinoso diverso da conjunção carnal, mediante violência real e presumida, e expôs, por meio da relação sexual, o contágio de blenorragia, a vítima Bruno [...]. A vítima estava em companhia de seus amigos Márcio e Sérgio, quando o autuado iniciou uma conversa com aqueles adolescentes. Logo o meliante propôs que eles o ajudassem a transportar uma bolsa e um toca-fitas que, supostamente se encontravam no hospital, oferecendo cinco reais de prêmio a quem o auxiliasse. A vítima aceitou a proposta e saiu em companhia daquele estranho, foi surpreendido pelo facínora, que o dominou com uso de força, pegando-o pelo pescoço e arrastando-o para um matagal. Ao tentar escapar, o ofendido foi jogado violentamente ao chão, tendo sido despido pelo algoz, que fez penetrar o pênis, com gonorréia, no ânus da vítima. Segundo relatou a vítima, o ato demorou mais de trinta minutos e, após consumado, o acusado ameaçou-o de morte caso contasse a alguém. Henrique foi preso em flagrante.

Nessa segunda denúncia, ao contrário da primeira – na qual o promotor utiliza-se de diversos adjetivos para caracterizar Henrique –, a única colocação do promotor sobre características de Henrique foi a de que “o réu apresenta personalidade voltada para o ilícito, como se pode verificar de seus antecedentes”.

#### 2.1.4 A voz dos juízes

Em janeiro de 1995, perante o juiz, Henrique negou a participação nos crimes. Afirmou que só havia confessado à polícia porque fora coagido. Foi realizada, então, uma



acareação entre Henrique e os policiais, que negaram qualquer tipo de coação. Os policiais relataram que, na presença do próprio pai, Henrique chegou a dizer o seguinte: “Será que estou sendo preso porque comi um veado?”.

O juiz relata que Henrique “violentou os menores de forma cruel e humilhante e que, no meio do caminho, o menor foi agarrado e obrigado a aceitar que o maníaco praticasse com ele coito anal, ferindo-o física, moral e espiritualmente”. Há diversas falas do juiz expressivas da forma como percebe Henrique: “a vítima foi obrigada a ceder aos instintos bestiais do acusado que também o violentou” ou “a alma humana traz em si mistérios insondáveis e, às vezes, somos testemunhas de seu aprisionamento por forças instintivas e bestiais que nos aproximam mais de nossa origem animal”.

Em suas ponderações técnicas, o juiz também inclui uma tentativa de análise psicológica da personalidade de Henrique, na qual ressalta seu caráter animalesco:

Emergem dos autos, de forma cristalina, um quadro deprimente da miséria humana. O jovem acusado, se conduzindo nas sombras do instinto animal, através de sua lascívia e incontrolável concupiscência, atrai vítimas inocentes para, com frieza psicopática, violentá-lo, como já fora narrado; ainda: com a mesma frieza doentia, o interrogado narrou a maneira como violentou o outro menor.

Ainda ao realizar suas considerações técnicas, o juiz afirma que Henrique possui “culpabilidade intensa” pela prática da violência, “demonstrando dolo intenso ao praticar pela segunda vez e nas mesmas circunstâncias outro crime com a mesma brutalidade”. Para o juiz, Henrique

tinha plena consciência da ilicitude dos atos que cometia e, por isso, ameaçava a vítima para que não contasse o caso à polícia. Era exigível que se comportasse de forma diferente e de acordo com a lei. O acusado planejou minuciosamente a abordagem da vítima e através de artil a levou a lugar ermo, onde a violentou.

Na próxima fala, o juiz mostra que a explicação que fornece para a violência é de cunho sexual:

O acusado, visando prazer sexual e desafogo de sua concupiscência, em atos transloucados e de desmedida animalidade, obrigou os menores, em tempos diversos e mediante violência e grave ameaça, a permitirem que ele introduzisse seu pênis em suas

cavidades anais num quadro deprimente que feriu não só a auto-estima das vítimas, como também compungiu toda a alma humana.

Ao traçar algumas características da personalidade de Henrique, o juiz considera que

o denunciado [é] um homem frio, calculista e covarde, que ataca crianças franzinas, um monstro maníaco indigno de permanecer em liberdade, correndo até o risco de sofrer um atentado por vingança, em razão da barbárie que cometeu. [...] sua conduta social revela ser uma pessoa desajustada com propensão habitual para o mal; e a análise de sua personalidade revela má índole, se mostrando uma pessoa fria e dissimuladora. Os motivos do crime foram imorais e anti-sociais e revelam uma determinação psíquica do acusado que, movido por paixões ignominiosas, se entregou ao controle da libido.

Sobre a violência sexual, o juiz declara que “os crimes praticados pelo imputado são hediondos e causam repugnância e clamor na ordem social vigente, pois afrontam diretamente o sustentáculo básico da sociedade, que é a família”.

#### 2.1.5 A voz da Comissão Técnica de Classificação (CTC)<sup>62</sup>

A CTC redigiu diversos laudos sobre Henrique; do primeiro, datado de 2001, consta:

Teve uma boa infância. Começou a trabalhar com 16 anos. Em relação ao seu delito, menciona que o motivo do ato cometido foi por falta de informação, falta de apoio familiar. [...] Lida precariamente com os conflitos na esfera sexual. Busca reprimir a manifestação impulsiva na expectativa de controlar tendências inconscientes; caso essa defesa se mostre ineficaz, surgem a ansiedade e a agressividade.

Em uma nova avaliação da CTC, no ano de 2002, afirma-se que Henrique

não deu prosseguimento aos estudos porque teve uma infância e adolescência sofrida e desestruturada, sem o apoio dos pais. [...] Em entrevista com a família, a esposa, [Fulana], relatou-nos que o recuperando tem demonstrado, ao longo da convivência, ser uma pessoa afetuosa, compreensiva e de fácil relacionamento – ela não tem muita clareza sobre os delitos praticados por ele.

---

<sup>62</sup> A CTC é responsável pela realização do chamado exame criminológico, que tem o objetivo de subsidiar as decisões judiciais no que diz respeito à progressão de regime dos reeducandos. Normalmente a CTC é composta dos seguintes profissionais: psiquiatra, psicólogo e assistente social.

No prontuário de Henrique, há um parecer psiquiátrico, emitido no ano de 2001, segundo o qual ele possui

estrutura psíquica frágil, auto-imagem prejudicada, sexualidade mal-elaborada e conflituosa, dificuldade para lidar com sentimentos profundos e para conter seus impulsos, além de enorme ansiedade, acrescida de agressividade, principalmente na esfera da sexualidade. Além disto, Henrique apresenta-se calmo, lúcido, orientado, sem alucinações, delírios ou alterações do humor. Diz que, à época dos crimes, vinha bebendo direto pinga, cerveja.

A seguir, apresentam-se alguns quesitos formulados pelo juiz e a subsequente resposta do psiquiatra responsável pela realização do parecer:

*É o reeducando portador de algum transtorno de personalidade? Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de [bebidas] alcoólicas e transtornos psicológicos e comportamentais associados com o desenvolvimento sexual. Em caso afirmativo, é reversível o problema? Ele pode ser controlado com um sistema que combine vigilância prática e simbólica e um rigoroso tratamento psicoterápico, associado com grupos de auto-ajuda e de apoio familiar. Como se comporta o sentenciado, no que diz respeito aos seus impulsos sexuais? Sob a vigilância atual, não temos indícios de descontrole dos impulsos sexuais.*

Já o parecer psicológico, emitido com base no teste de personalidade Rorschach, também no ano de 2001, relata que Henrique

apresentou-se de modo acessível, porém buscando dissimular, ou mesmo omitir aspectos de sua personalidade. Apresentou uma estrutura psíquica frágil, tendo uma auto-imagem prejudicada. Percebe o outro de uma forma mal-estruturada, desvitalizada, perdendo um pouco da dimensão afetiva, sentindo dificuldade de lidar com seus sentimentos mais profundos. [...] Verificou-se uma baixa energia vital, canalizando impulsos inadequadamente, ou seja, esses encontram-se dispersos, apesar da tentativa de reprimi-los do reeducando; a incapacidade de lidar com seus impulsos resulta em enorme ansiedade, acrescida de agressividade, principalmente na esfera da sexualidade.

No ano de 2002, um novo parecer psicológico relata que Henrique, em todas as sessões de acompanhamento psicoterapêutico,

mostrou-se diplomático e discreto e capaz de fazer uma crítica adequada de sua vida progressa. Apresenta imaturidade intelectual, emocional, afetiva e psicosssexual. Além

disto, consta que apresenta traumas na infância, bem como dependência materna e vínculo simbiótico com essa figura, desencadeando ansiedade ligada à fantasia e conflitos relativos à sexualidade, com possível conduta sexual inadequada.

Posteriormente, Henrique recebeu duas cartas de elogio, sendo uma da comissão do Conselho Disciplinar da POG, datada de 2003, e outra da chefia do local onde trabalhou no presídio. A primeira, “resolve elogiar o recuperando Henrique por sua conduta e respeito durante o período que se encontra nessa unidade prisional”; a segunda relata que “o apenado tem demonstrado respeito e acatamento às ordens lhe outorgadas e ainda a dedicação e zelo na função de costureiro”.

Em síntese, as diferentes vozes apresentadas acerca de Henrique evidenciam, em sua maior parte, que diversos tipos de julgamentos morais foram realizados. Termos como “maníaco”, “monstro” e “animal” foram amplamente utilizados para descrever Henrique.

## 2.2 PEDRO: O DESEJO SEXUAL POR ADOLESCENTES

### 2.2.1 A história de vida pelo próprio sujeito

Pedro, o caçula de cinco irmãos, nasceu em uma fazenda. Ficou órfão de pai quando tinha um ano e meio, e a partir daí foi criado por sua mãe. Relata que teve uma infância materialmente satisfatória e que tinha muitos amigos. Na escola, convivia bem com a professora e com os colegas. Estudou até a quarta série da 1ª fase do ensino fundamental. Conta que sempre teve o sonho de arrumar uma namorada, que achava bom e “bonitinho”, mas não conseguia.

Apesar dessa infância dita satisfatória, começou a roubar dinheiro de sua mãe. Em razão disso, dos sete aos quatorze anos, ela lhe batia com uma vara de amora. Relata ter apanhado porque fazia “coisas erradas”, tais como roubar e cheirar cola. Aos nove anos de idade, bebeu uma garrafa de cachaça e quase morreu.

Como seu padrasto era alcoolista, Pedro viu sua mãe bater nele, por diversas vezes, quando estava embriagado. Conta que certo dia, quando tinha quatorze anos, ao presenciar uma briga conjugal, o padrasto jogou uma tampa de panela em sua mãe. Para revidar, Pedro deu-lhe

um soco na cabeça.

Aos quinze anos, sua mãe ameaçou bater nele com um cabo de rodo, ocasião na qual ele reagiu, tomando-o de sua mão e dizendo a ela que nunca mais bateria nele. Apesar de relatar essas situações, Pedro considera que teve um bom relacionamento com sua mãe, sendo ambos muito apegados um ao outro, nada tendo a reclamar dela. Diz ter muito amor pela mãe, pois ela sempre o ajuda quando está com problemas. Conta que, aos quinze anos, começou a reparar o sofrimento da mãe pelas coisas que fazia – roubar e cheirar cola – e mudou seu comportamento dentro de casa.

Quando tinha aproximadamente oito anos, sua tia o colocou em cima dela. Lembra-se de ter-se sentido envergonhado. Aos onze anos, foi vítima de violência sexual perpetrada por sua cunhada, que o obrigou a fazer sexo oral com ela por quarenta minutos. Acha que desde então existe um espírito dentro dele que o faz ter desejo sexual por adolescentes. Relata que somente contou esses fatos para sua mãe e para sua terapeuta.

Pedro considera que cometeu sua primeira violência sexual aos treze anos contra uma criança de sete, com quem diz ter tido um “relacionamento” por quatro anos.

Dos treze aos quinze anos trabalhou em dois empregos diferentes; o dinheiro que ganhava era utilizado para comprar roupas e brinquedos.

Aos dezesseis, relata ter tido uma experiência homossexual com um conhecido, da mesma idade, que fez sexo oral nele. Pedro só se lembrou dessa situação no decorrer do processo psicoterapêutico. Ainda aos dezesseis anos, sua cunhada novamente praticou violência contra Pedro. Desta vez, os dois chegaram a ter relação sexual com penetração, sendo o fato entendido por ele como uma violência. Relata ter tido relação “para agradar” a cunhada, porém não houve desejo por parte dele.

Também aos dezesseis, manteve relações sexuais com um outro adolescente da mesma idade que ele. Diz que, na época, a experiência lhe foi desagradável e sentiu-se enojado de si mesmo.

Pedro relata que, nessa mesma época, também sofreu violência sexual por parte de uma tia,<sup>63</sup> de 33 anos. Em alguns momentos, não considera esse fato como violência, mas sim

---

<sup>63</sup> Trata-se da mesma tia que o colocou por cima dela quando ele tinha oito anos de idade.

como relação sexual; em outros, entretanto, julga ter sido vítima de violência. Depois desse episódio, passou a manter um relacionamento com a tia que durou quatro anos. Tudo iniciou quando o marido dela morreu, e Pedro foi morar na casa dela. Enquanto estava vivo, o tio lhe pediu que, quando ele morresse, Pedro deveria cuidar de sua família.

Quando tinha dezoito anos de idade, foi preso por ter levado uma criança de nove anos e um adolescente de treze para uma “roça” e ficado com eles das nove da manhã às dez da noite. Nesse período, Pedro se masturbou várias vezes na frente dos garotos. Foi condenado a nove anos de prisão. Contudo, recorreu da decisão judicial e ganhou a causa, tendo então sido libertado. Nessa época, negou à mãe ter praticado violência contra a criança e o adolescente. Em liberdade, não parou de ter relações sexuais com garotos, sendo que os procurava em parques, festas e academias. A partir dessa época, passou a cometer violência sexual somente contra garotos de oito a dezesseis anos. Segundo suas estimativas, o número deve chegar a cem.<sup>64</sup>

Ao ser colocado em liberdade, voltou a viver com a tia. Ao mesmo tempo em que se relacionava com ela, começou a praticar violência contra o filho dela, de onze anos – uma situação que acabou perdurando por quatro anos. Nesse meio envolveu-se com seu primo, de nove anos, e mais tarde com um amigo deste, de doze anos. Pedro apaixonou-se por esse último adolescente e chegou a pedir à mãe dele que o deixasse morar com ele. Ela concordou com a proposta e apenas lhe recomendou que não o machucasse, nem o magoasse, pois o garoto também gostava muito dele.

Um dia, a tia de Pedro (a que o violentou) chegou mais cedo em casa, quando ele estava se preparando para ter relação com o amigo de seu primo. Ela então foi até a delegacia denunciou-o e, em seguida, foi conversar com a mãe do garoto. Como não foi preso no momento da denúncia, Pedro decidiu então ir embora, seqüestrando o adolescente por quatro dias. Nesse meio tempo foram a um restaurante, onde todos o olharam diferentemente, como se desconfiassem da situação. Denunciado à polícia, logo foi preso. Tinha vinte e três anos de idade quando isso ocorreu.

Após seis anos de cumprimento de pena em regime fechado, Pedro conseguiu

---

<sup>64</sup> Cabe ressaltar que Pedro respondeu judicialmente por violência sexual e seqüestro cometidos contra apenas dois adolescentes.

progressão e foi autorizado a cumprir sua pena no regime semi-aberto. Pouco depois, seqüestrou e cometeu violência sexual contra outro adolescente. Considerado foragido do regime semi-aberto, Pedro foi preso pela terceira vez por prática de violência sexual. Está preso há doze anos. Conheceu a mãe de sua filha quando estava no semi-aberto. A criança tem quatro anos e já faz um ano e dois meses que não a vê; o único contato é por meio do telefone. Pedro relata que somente se relacionou sexualmente com cinco mulheres em toda sua vida.

### 2.2.2 A história de vida retratada pelo processo

Nascido no Estado de Goiás, de cor branca, solteiro, católico, Pedro tinha, na época em que realizou as sessões psicoterapêuticas, 32 anos de idade. Informou não possuir vícios, ter estudado até a 4ª série do ensino fundamental, ter exercido as profissões de corretor e professor. Não possuía filhos quando da prisão.

Foi preso, pela primeira vez, em novembro de 1995, aos 23 anos de idade, pelos crimes de atentado violento ao pudor e de seqüestro, por quatro dias, contra um adolescente de 13 anos. A vítima era aluno de Pedro e havia deixado de freqüentar as aulas cerca de três meses antes do fato.

Pedro relatou que um mês antes do acontecimento, havia se separado de sua mulher e que, antes da separação, a mãe do adolescente havia autorizado que ele fosse morar com o casal. Depois da separação do casal, a mãe da criança retrocedeu na sua decisão.

No processo, Pedro primeiramente nega ter cometido violência sexual contra o adolescente. Entretanto, em momento posterior, ele confirma a prática de coito anal, ressaltando ter havido consentimento por parte do adolescente.

Em setembro de 1998, Pedro recebeu uma carta de elogio, do chefe de Cerâmica, local onde desenvolvia atividades laborais. Na carta, Pedro é descrito como uma pessoa de “ótimo comportamento, educado, atencioso, prestativo e muito zeloso pelas ferramentas de seu trabalho, pontual naquilo que lhe peço no dia-a-dia, motivo que me leva a elogiar pela sua boa atribuição”.

No ano de 2000, Pedro fugiu da penitenciária, mas foi reincluído dois meses depois. Pleiteou a progressão de regime e obteve o benefício, após ter sido submetido à avaliação da

CTC. Quando estava em semiliberdade, no mês de abril de 2000, Pedro cometeu a segunda<sup>65</sup> violência sexual. Em tal ocasião, ele seqüestrou um adolescente, com o qual não tinha qualquer relação de parentesco, pelo período de quatorze dias. Sua pena total – pelos dois processos – foi afixada em 26 anos e um mês, em regime inicial integralmente fechado, em função de ter violado o artigo 148,<sup>66</sup> parágrafo 2º, artigo 214 “caput”, combinado com o artigo 224, letra “a”, artigo 225,<sup>67</sup> parágrafo 1º, inciso II e parágrafo 2º,14 todos do Código Penal, bem como o artigo 9º da Lei nº 8.072/90.

### 2.2.3 A voz do Ministério Público

A primeira denúncia do Ministério Público, oferecida no ano de 1995, apresentava o seguinte teor:

O denunciado privou o menor Paulo de sua liberdade, mediante seqüestro, levando-o para uma cabana situada na zona rural deste município, e lá o mantendo sob cárcere até a data em que foi preso em flagrante delito. O denunciado fez com que o garoto subisse em sua bicicleta dirigindo-se para fora da cidade rumo à cabana. Neste momento, percebendo o menor que o denunciado rumava para fora da cidade, pediu-lhe que o levasse de volta à cidade. O denunciado se negou a atendê-lo e o ameaçou de morte, levando-o para a cabana contra sua vontade e obrigando-o a ali permanecer, mediante ameaça. Do seqüestro resultou à vítima grave sofrimento físico e moral, sendo esta mantida durante 4 dias, vestida com um mesmo short, sem calçados e sem camiseta, e sendo obrigada a satisfazer a lascívia do denunciado. Consta ainda, do inquérito e da representação que o denunciado aproveitou-se destes momentos a sós com o menor, de 13 anos de idade, para constrangê-lo a permitir que com ele se praticasse ato libidinoso, qual seja, cópula anal.

Após o encarceramento, Pedro obteve o benefício de progressão de regime. Passou então ao semi-aberto, quando então seqüestrou – desta vez por quatorze dias – e cometeu violência sexual com um adolescente de treze anos. A partir desse fato, o Ministério Público

---

<sup>65</sup> Conforme o processo, trata-se da segunda violência, contudo o próprio Pedro relata ter cometido várias outras.

<sup>66</sup> Art. 148 - “Privar alguém de sua liberdade, mediante seqüestro ou cárcere privado. § 2º - Se resulta à vítima, em razão de maus-tratos ou da natureza da detenção, grave sofrimento físico ou moral”.

<sup>67</sup> Art. 225 - “Nos crimes definidos nos capítulos anteriores, somente se procede mediante queixa. § 1º - Procede-se, entretanto, mediante ação pública: II - se o crime é cometido com abuso do pátrio poder, ou da qualidade de padrasto, tutor ou curador. § 2º - No caso do nº I do parágrafo anterior, a ação do Ministério Público depende de representação”.



ofereceu nova denúncia contra Pedro, no ano 2000, com o seguinte conteúdo:

O imputado manteve a vítima José, de 13 anos de idade em cárcere privado [...] e durante aqueles dias o denunciado compeliu a vítima a praticar e permitir que ele praticasse com ela atos libidinosos diversos da conjunção carnal, consistentes em sexo oral e anal. Certo dia, ao início do mês de abril/2000, no período vespertino, quando a vítima jogava bola na quadra do colégio supra referido, o imputado a procurou, identificou-se pelo nome Luciano e disse que tinha interesse de levá-la para sua escola de futebol. Então marcaram novo encontro. Cerca de uma semana depois, novamente se encontraram [...] então saíram os dois numa bicicleta do imputado. Após andarem bastante, [...] o imputado pegou uma faca que estava guardada na mochila na garupa da bicicleta e anunciou que se tratava de um seqüestro, determinando que a vítima não reagisse nem gritasse, porque, caso contrário, seria assassinada. Dali seguiram para o cativoiro, numa barraca de lona próxima a uma represa, onde permaneceram por 14 dias. Durante o tempo em que a vítima permaneceu no cativoiro, foi obrigada a permitir que o imputado fizesse sexo anal com ela e ao mesmo tempo foi compelida também a fazer o mesmo com ele. Além disso, o imputado obrigava a vítima a permitir que ele a beijasse na boca e nas suas nádegas e por toda parte do corpo. No cativoiro, o imputado mantinha sempre uma faca debaixo do travesseiro, e advertia a vítima de que, se tentasse fugir, seria apanhada e morta. O imputado era, ao tempo do fato, reeducando e fugitivo do regime semi-aberto do CEPAIGO. [...] Também nessas ocasiões a vítima era ameaçada para não tentar fugir nem contar o que estava acontecendo, sob a pena de ser morta. Durante os dias de cativoiro, o denunciado permitiu que a vítima ligasse para a casa de sua tia [Fulana], por duas vezes, sem contudo dizer ao certo onde e com quem estava. Entretanto, através de um aparelho de identificador de chamadas, instalado na casa de [Fulana], descobriram que as ligações eram feitas de um telefone público. Então a família da vítima foi para as imediações [local X] e ficou à espreita, até que [...] conseguiram surpreender o imputado e a vítima, resgatando esta do poder daquele. Cerca de quatro dias depois, o denunciado foi preso.

#### 2.2.4 A voz dos juízes

No que diz respeito à primeira denúncia, ao sentenciar Pedro, o juiz realizou as seguintes ponderações:

A materialidade do delito previsto no artigo 148, § 2º, está efetivamente caracterizada nos autos. A materialidade do crime “atentado violento ao pudor” está sobejamente comprovada pelo laudo de exame de corpo de delito – conjunção carnal onde os senhores peritos afirmaram o seguinte: houve atentado violento ao pudor (coito anal).

Em suas considerações sobre a denúncia, o juiz analisa-a, apontando a palavra da vítima e das testemunhas para comprovar a veracidade da violência sexual:

A palavra da vítima se harmoniza com o conjunto probante, senão vejamos: [a vítima] estava na casa deste [Pedro] quando este chamou-lhe para ir até o quarto, sendo que, quando chegara no quarto, o acusado fechou a porta e baixou as calças da vítima e começou a introduzir seu pênis no ânus da vítima, momento em que [a mãe da vítima] chegou no quarto e o acusado então parou.

E ainda:

Quando estavam na cabana por duas vezes, o acusado praticou coito anal com a vítima. Em crimes sexuais, a palavra da vítima é relevante e tem privilégio. Conquanto tratando-se de ato sexual que sempre é praticado às escondidas evidentemente que o relato da vítima denota presunção de veracidade, face ao entendimento da melhor doutrina. Não obstante a negativa do réu à prova testemunhal colhida nos presentes autos, não deixa margem a dúvidas no que se refere à autoria dos delitos. Afirma [testemunha] Fulana: “A vítima ainda disse que o acusado ameaçou-lhe de morte se ela não fosse com ele para a cabana. Durante o tempo que esteve na cabana a vítima sob ameaça de morte praticou coito anal com o acusado, sendo que a declarante não sabe dizer por quantas vezes”. Declarou a testemunha Sicrana: “No quarto estava Pedro e a vítima, sendo que esta tinha o short enrolado na cintura. A depoente mandou que a vítima arrumasse seu short e pediu para que fosse embora, sendo que essa insistia para ficar na casa da depoente”. Declarou a testemunha Fulano que ouviu dizer que na cabana o acusado praticou coito anal com a vítima. A defesa, apesar do esforço realizado por ocasião da apresentação de sua tese nas alegações finais, não logrou êxito porquanto não se comprovou o alegado.

No processo de Pedro, assim como no de Henrique, o juiz arriscou-se em realizar uma análise psicológica do acusado. Afirma que a

vida anteaça do acusado se encontra maculada por outra conduta ilícita passada. No entanto, não existe no processo prova de que o mesmo seja reincidente. Sua conduta social em muito o desabona. Sua personalidade está a nos mostrar um indivíduo extremamente incoseqüente e despreocupado com o resultado de suas atitudes impensadas.

O juiz ainda tentou ponderar a respeito dos possíveis motivos que teriam levado Pedro a cometer a violência, evidenciando aspectos do sofrimento da vítima:

Os motivos e circunstâncias do crime lhe são desfavoráveis porque não houve motivação que justificasse a prática do crime de que narra a denúncia. As conseqüências são desfavoráveis ao acusado, eis que com certeza afetará a vítima pelo resto da vida no que tange ao aspecto psicológico e moral. De resto, não houve por parte da vítima qualquer ato que incentivasse ou contribuisse para a conduta criminosa.

Em relação ao segundo processo de Pedro – de seqüestro e atentado violento ao pudor de um adolescente de treze anos –, o juiz tece suas considerações, embasando-se no depoimento da vítima para a comprovação da violência:

O acusado, em seus interrogatórios policial e judicial, confessou ter mantido a vítima em cativo [...]. No entanto, alegou que esta teve várias oportunidades para livrar-se e não o fez. Tal assertiva é totalmente contra as provas produzidas. As alegações da vítima de que o acusado estava sempre armado, ameaçando-a para que não fugisse podem ser comprovadas pelo documento [...], onde consta, entre os objetos encontrados no cativo, uma faca de serra, um facão e um estilete. Acrescente-se que, sendo a vítima menor de 14 anos, irrelevante seu consentimento para o seqüestro. Do exposto, verifica-se que a ocorrência do seqüestro e a autoria foram devidamente comprovadas. Narra ainda, a denúncia, o crime de atentado violento ao pudor praticado em continuidade. [...] As condutas ameaçadoras do acusado, para conseguir seu intento, foram devidamente comprovadas pelos seguintes depoimentos: pessoalmente manteve conjunção anal com ele duas vezes; todas as vezes que aconteceram as conjunções foi obrigado e ele sempre tinha, perto de si, uma faca e um canivete; [...] também foi obrigado a deixar que o acusado o beijasse na boca e esse também beijou o seu corpo todo, inclusive as suas nádegas. O declarante [vítima] ficou 15 dias em poder do acusado e este o obrigava a fazer sexo anal com ele, além de ser obrigado a beijá-lo em todas as partes do corpo e na boca, todos os dias; o acusado mantinha relações sexuais com o declarante três vezes ao dia; o acusado obrigava o declarante a beijar seu pênis, tendo isso ocorrido umas três ou quatro vezes; durante o período em que esteve com o acusado, esse encostava a faca no pescoço e na coxa do declarante. Assim sendo, quanto ao atentado violento ao pudor, também foram evidenciadas a materialidade e a autoria. Conforme as provas produzidas, todos os dias do cativo, o acusado praticava atos libidinosos com a vítima.

No trecho seguinte, o juiz, ao realizar a dosimetria da pena, aproxima-se de uma tentativa de análise psicológica de Pedro, ao declarar:

[...] culpabilidade evidenciada, sendo bastante reprovável a conduta do agente; [...] não há elementos quanto à conduta social do réu; sua personalidade revela tendência criminógena, uma vez que os delitos não foram um fato isolado em sua vida; os motivos

dos crimes não apresentam características especiais além das que integram as tipificações; circunstâncias desfavoráveis, uma vez que praticou crimes em local ermo, de forma a dificultar a defesa da vítima; conseqüências extrapenais desfavoráveis, em razão dos traumas produzidos na vítima que, atualmente, submete-se a tratamento psicológico; o comportamento da vítima facilitou a ação do acusado.

### 2.2.5 A voz da Comissão Técnica de Classificação

No ano de 1998, a CTC emitiu um relatório sobre Pedro, com um breve histórico de sua vida:

O detento é natural da cidade [...], onde foi criado com a mãe e o padrasto. Não havia um relacionamento amistoso entre padrasto e enteado, pois, segundo afirmou, seu padrasto era agressivo, violento e constantemente impingia maus-tratos na esposa e nas crianças. Começou a estudar com 9 anos, fez até a 3ª série do primário. Disse que na época estava com 12 anos de idade, foi viajar com o irmão, deixando o estudo de lado. Começou a trabalhar com 13 anos, exercendo a profissão de badeço (leiteiro). Aos 17 anos [...] passou a exercer a profissão de professor, até a sua prisão. Aos 22 anos amasiou-se, disse que este relacionamento durou 4 anos, porque sua esposa era muito ciumenta, brigavam com frequência. Quanto ao delito, afirma que foi uma atração mútua entre eles. No CEPAIGO, trabalha na cerâmica, e nos cultos da Igreja [...], dá aula dominical para crianças.

Posteriormente, a CTC tece considerações técnicas a respeito da personalidade de Pedro:

Através de observações sistemáticas, debates, vivências, dramatizações, técnicas projetivas e testes gráficos, o reeducando foi submetido à avaliação psicológica em grupo no período de 14/4/98 a 5/5/98, onde percebeu-se que o mesmo se mostrou pontual, assíduo, responsável e envolvido nas atividades propostas. Os dados projetivos revelaram características de uma pessoa com capacidade de decisão, percepção adequada de si mesmo e flexibilidade na execução de tarefas. Na área cognitiva, apresentou nível médio de inteligência, com razoável capacidade de verbalização, compreensão e síntese associativa. Demonstrou insegurança e tensão emocional, sentimento de perda afetiva, imaturidade psicosexual, necessidade de expansão, retraimento e relutância à integração, assumindo atitudes passivas de submissão às forças desintegradoras que o ameaçam, podendo gerar sentimentos depressivos decorrentes do nível de repressão à agressividade. Lida satisfatoriamente com seus conteúdos mais profundos, sendo pessoa que nega sua ambição por receio de distanciar-se dos demais. No grupo, trata-se de pessoa mais

reservada, tímida e independente, porém com condições adequadas de se posicionar e compartilhar normas e valores. Atualmente demonstra consciência e responsabilidade sobre o delito praticado e maior entendimento a respeito da forma imatura e infantil de enfrentar a vida e com questões concernentes aos valores morais. Ao exame psiquiátrico, não apresentou alterações de natureza psicótica. Negou uso de bebidas alcoólicas e drogas ilegais. Negou outras patologias de interesse para este laudo. Esses dados indicam a necessidade de o reeducando passar por um processo psicoterápico por um período de quatro meses e ser submetido ao Teste de Rorschach, sendo posteriormente reavaliado pela CTC.

Consta ainda em seu processo um exame técnico pericial, também realizado pela CTC, no qual constam assinaturas de um psicólogo, de um assistente social, de um psiquiatra e de um técnico da área de saúde. Nesse exame, Pedro é descrito da seguinte forma:

O reeducando é oriundo do meio rural e pobre. Seu pai era lavrador e pintor e sua mãe do lar. Relata que aos dois anos seu pai veio a óbito e que sempre viveu com a mãe e os três irmãos. cursou até a 3ª série do ensino fundamental. Iniciou sua vida laborativa exercendo a função de entregador de leite, e posteriormente trabalhou como instrutor até o momento da sua prisão. É solteiro e tem uma filha. Sua mãe participa de sua vida carcerária, propondo-lhe todos subsídios afetivos e econômicos. Síntese do exame médico-psicossocial: o exame médico-psicossocial do reeducando Pedro indica inabilidade para manter comportamentos saudáveis diante das situações de conflito; denota regressões desde a forma como lida com o novo e se apresenta ao mundo até a maneira como estabelece suas relações. A transgressão ocorre como uma expressão da repetição do que aprendeu como carinho; tal característica aparece cristalizada como um valor internalizado e projetado no outro. Conclusão: dificuldade no controle dos impulsos, inabilidade para manter comportamentos saudáveis. Resposta aos quesitos: *Qual o grau de agressividade do reeducando?* Alto. *Qual o grau de periculosidade do reeducando?* No contexto atual, não há indícios de periculosidade. *Sua personalidade é violenta?* Traços de personalidade agressiva. *Como está sua afetividade?* Lábil. *Qual a probabilidade de voltar a delinquir?* Poderá se tornar mediana, se receber apoio psicológico, rigoroso e sistemático, além de assistência sociofamiliar. *Está apto ao convívio social?* Sim, desde que as orientações acima sejam seguidas rigorosamente.

No mês de junho de 1999, a equipe de psicólogos da Agência Prisional foi solicitada a emitir novo parecer psicológico de Pedro, por determinação do juiz:

Iniciou-se um acompanhamento psicoterápico em 5 de janeiro de 1999, ficando definido que o recuperando fosse atendido duas vezes por semana, com duração de cinquenta

minutos cada sessão. Esteve receptivo ao acompanhamento psicoterápico, bem como apresentou força de vontade para vencer as dificuldades. Ele tem encontrado muito apoio na Igreja da qual faz parte, tocando teclado durante os cultos e no grupo onde trabalha, seu coordenador fez elogios à sua conduta. Caracteriza-se como uma pessoa menos crítica ou questionadora, preferindo não se comprometer muito em decorrência do seu complexo de inferioridade. Apresentou recursos para controlar sua agressividade, seus sentimentos mais profundos e [para] contornar suas dificuldades de maneira favorável. A condição de cerceamento que ora se encontra lhe traz insegurança, introversão e virilidade reprimida, isto pouco contribuirá para o seu crescimento interior. Dentro do enfoque psicológico, ressaltamos que é uma pessoa com bons propósitos de mudanças, com necessidades de vencer todos seus obstáculos e dificuldades. Para isto, ele conta com o apoio da igreja que frequenta e de seus familiares.

Com base no parecer psicológico emitido pela Gerência de Psicologia, a CTC emitiu um novo parecer sobre Pedro, ainda no mês de junho de 1999, para subsidiar o juiz na decisão de conceder ao acusado a progressão para o regime semi-aberto:

Para esta reavaliação, solicitamos a aplicação do Teste de Rorschach e um acompanhamento psicoterápico [...]. O primeiro refere bloqueios e conflitos quanto à genitalidade, mas conseguiu superar (bloqueio e inibição) e expressar-se de forma não-nociva, tem boa estrutura para enfrentar os traumas e perdas e apresentou sentimento de mudança ou transformações para participar do senso comum, [...] e boa estrutura psíquica. Apesar da imaturidade afetivo-emocional e baixa capacidade de crítica, refere apoio da igreja e familiares, além da boa receptividade ao acompanhamento psicoterápico e recursos para controlar sua agressividade e seus sentimentos profundos. Em entrevista conosco, sua mãe demonstrou interesse em apoiá-lo moralmente, já que não tem condições para ajudá-lo financeiramente. Disse-nos também que os outros familiares querem apoiá-lo afetivamente e é desejo de todos levá-lo para a cidade [...], onde teria melhores condições de readaptação. O recuperando negou, em seus antecedentes, o uso de drogas ilegais e bebidas alcoólicas, comicialidade, delinqüência juvenil, traumatismo craniano, meningite e outras patologias de interesse para esse parecer. Nos exames, demonstrou-se calmo, lúcido, orientado, sincero nos relatos, sem alterações da sensopercepção ou idéias delirantes. Estabeleceu bom contato afetivo e verbal, foi sincero em seus relatos. No CEPALGO, tem trabalhado regularmente e mantido bom relacionamento com todos, sem história de distúrbios de conduta. Estes dados favorecem a obtenção do benefício pleiteado, com o devido acompanhamento psicológico oferecido pelo CEPALGO aqui no regime semi-aberto, seguido, quando puder ausentar-se, por períodos maiores, de um outro oferecido por profissionais da rede pública de saúde, em nível ambulatorial (ele nos falou do seu interesse por esse tratamento, contudo sugerimos ainda compromisso formal do recuperando com esse juízo).

No mês de agosto de 1999 – dois meses após o parecer anterior da CTC –, um novo parecer psicológico foi emitido, com o seguinte teor:

Quando submetido ao Teste de Rorschach, apresentou poucas respostas, mas com enfoque e conteúdo variado, utilizou de curto período de tempo para a percepção e elaboração das mesmas, revelando bom nível de inteligência e tendências a observar a situação na totalidade sem, contudo, deixar de perceber e valorizar os detalhes e tirar conclusões rápidas, as quais nem sempre são certas e adequadas, uma vez que revelou possuir baixa capacidade de concentração e crítica. Revelou tendência à estereotipia, fuga ou desinteresse pelo ser humano, provavelmente seja em decorrência da imaturidade para as relações interpessoais, que se manifesta através de críticas, oposicionismo, tendência narcísica, auto-referência, quando se refere às relações interpessoais e a percepção de si em relação com o outro e com o mundo. Inicialmente houve bloqueio e inibição dos processos mentais frente à genitalidade, mas conseguiu superar e expressar-se de forma não-nociva, mas de modo geral sinaliza conflitos, provavelmente seja por censura com relação ao delito ou por imaturidade afetivo emocional. A masculinidade e a figura de autoridade parecem ser vistas com naturalidade. Revelou boa estrutura para enfrentar os traumas e perdas. Diante de situações de ansiedade e pouco controle ou conhecimento dos fatos, consegue manter o controle cognitivo, racional e tenta omitir ou negar algo próprio de sua personalidade que lhe parece indesejável ou comprometedor. O índice de realidade e a capacidade de crítica aparecem baixos, provavelmente seja mais por problemas culturais, ou por imaturidade afetivo-emocional, do que por falhas na estrutura mental, visto que apresentou sentimento de mudança ou transformações para participar do senso comum, capacidade de sintonia afetiva com o mundo externo, inteligência emocional e boa estrutura psíquica.

Em síntese, as diferentes vozes retratadas acerca de Pedro parecem negligenciar ou desconhecer aspectos importantes de sua vida. Sua história de vida é ignorada por essas vozes, que se focam somente nos atos de violência por ele praticados.

## 2.3 RENATO: AS CRIANÇAS NINFETAS

### 2.3.1 A história de vida pelo próprio sujeito

Renato nunca conviveu com sua mãe. Ignora até mesmo se ela foi casada com seu pai, porque não a conheceu. Diz não ter muitas lembranças de seu pai e, mesmo hoje, não sabe se está

vivo. Dentre os fatos que lhe advêm à memória, três se destacam: o primeiro é de o seu pai, ao passar por uma cidade, ter dado seu único irmão para uma família que ali morava; o segundo fato é o de o pai, quando Renato tinha aproximadamente seis anos, querer fazê-lo “de mulherzinha”; o terceiro é o do alcoolismo do pai, que bebia a ponto de dormir na rua, espalhado no chão, com “cachorrinhos lambendo”. Nessa época, Renato pegava restos de comida no chão para poder se alimentar, pois o alcoolismo do pai o impedia de cuidar dele.

Certo dia, quando o pai estava sob o efeito de álcool, Renato estava sentado ao lado dele em um meio-fio, quando passou um policial e perguntou-lhe se ele tinha pai. Renato respondeu que não, e o policial o convidou para ir morar com ele. Aceito o convite, Renato nunca mais viu o pai; já ouviu falar que ele havia morrido, mas não tem certeza.

Não ficou muito tempo na casa desse policial, pois logo em seguida um outro homem lhe perguntou se ele queria ir morar em uma fazenda com seu filho. Renato morou dos nove aos quinze anos nessa fazenda, onde fazia todo o trabalho que um adulto faria. Alega que tem diversos problemas de saúde, que atribui ao fato de carregar pesos que não eram adequados a uma criança.

Relata também que apanhou muito desse “padrasto”, se não fizesse todo o trabalho no tempo em que o “padrasto” mandava ou ainda se deixasse algum animal solto. Não recebia dinheiro em troca de seu trabalho, somente lugar para morar e comida. Esse “padrasto” também cometeu violência sexual contra Renato, por aproximadamente cinco anos. Renato diz que a sua revolta com seu “padrasto” é maior por ele tê-lo obrigado a trabalhar quando criança, “escravizando-o no trabalho” do que pela violência sexual a que foi submetido. Mudou-se para uma outra fazenda, mas depois acabou voltando para a casa desse “padrasto”. Renato diz que, por ter sido criado com outras pessoas, comeu “o pão que o bichinho amassou”. Sua primeira relação sexual com uma mulher aconteceu quando tinha treze anos e foi levado pelos amigos a um prostíbulo. Relata ter “tremido” de medo da parceira e que, por ter sido submetido à violência sexual por parte de um homem, não sabia como se comportar diante de uma mulher.

Depois de um tempo, decidiu sair da fazenda definitivamente e ir trabalhar por conta própria. Teve vários relacionamentos amorosos com mulheres e conheceu sua esposa. Aos 24 anos de idade, casou-se e teve duas filhas. Seu relacionamento com a esposa era tumultuado, com



brigas constantes motivadas por ciúme de ambas as partes. Relata que em função de a esposa ser muito ciumenta, por duas vezes decidiu traí-la. Na primeira traição, uma criança que a esposa havia colocado para vigiar Renato contou-lhe o que havia acontecido. A esposa, à época, não tomou nenhuma providência. Para Renato, seu relacionamento sexual com a esposa não era satisfatório, pois ela constantemente o rejeitava.

Antes de ser preso pela violência sexual, conta que passou um dia na cadeia por ter furtado alguns medicamentos na loja onde trabalhava. Quem o tirou da cadeia foi seu próprio patrão. Depois disto, mesmo tendo oportunidades, nunca mais furtou.

Cometeu violência sexual contra suas duas filhas, Maria e Mariana, muitas das vezes, quando sua esposa ia a uma outra cidade para fazer tratamento de saúde de uma delas e ele ficava sozinho com a outra. Renato confunde-se com relação à idade das filhas por ocasião do início da violência. Em certos momentos, narra que as duas já estavam com quatorze anos de idade, em outras diz que tinham nove anos. Segundo suas informações, a violência parou de acontecer quando Maria tinha quinze anos.

O namorado da filha mais velha, ao tomar conhecimento da violência praticada pelo sogro, contou para a sogra, que formalizou a denúncia.

Está preso há quatro anos e sua pena é de 26 anos e 10 meses. Diz que a filha mais velha foi visitá-lo na cadeia somente uma vez, após cinco meses de encarceramento. Ao ver o pai algemado, ela chorou e pediu que o agente prisional retirasse as algemas. Desde que se casou, ela não mais vai vê-lo, pois o seu esposo não permite. Atualmente não tem muito contato com a filha mais velha, pois seu esposo não gosta que ele telefone para a casa dela. Por isso, conversa mais com a mais nova. Atualmente, faz cinco meses que não vê a esposa e três anos que não vê as duas filhas.

### 2.3.2 A história de vida retratada pelo processo

Natural do Estado de Goiás, de cor branca, operador industrial, casado, pai de duas filhas, Renato, à época das sessões psicoterapêuticas, tinha 44 anos de idade. Informou ter cursado até a 4ª série do ensino fundamental, ser seguidor da religião evangélica e não possuir

vícios.

No ano de 2002, foi preso pelos crimes de estupro e atentado violento ao pudor contra as duas filhas, por aproximadamente nove anos. Sua pena foi afixada em um total de 26 anos e dez meses, em regime inicial integralmente fechado, pelos art. 213<sup>68</sup> c/c 224 “a”, 226,<sup>69</sup> II, e 71<sup>70</sup> do CPB por duas vezes. Renato nega a acusação em juízo, tendo, contudo, confessado as violências cometidas extra-oficialmente.

Consta em seu prontuário que Renato “dispensa tratamento urbano e respeitoso tanto aos servidores da unidade prisional como ao restante da população carcerária; possui bom convívio na ala onde se encontra recolhido e com os demais ambientes de cárcere”.

### 2.3.3 A voz do Ministério Público

O Ministério Público ofereceu a seguinte denúncia contra Renato em janeiro de 2002:

Apurou-se que o denunciado é pai de Maria [...] e Mariana, hoje com 15 e 13 anos de idade, respectivamente. [...] Portanto, os atos sexuais ocorreram mediante violência presumida. Os fatos só foram descobertos no final do mês de dezembro do ano de 2001, porque a vítima Maria revelou ao seu noivo os abusos sexuais que sofrera. Então, este revelou o fato à mãe dela que imediatamente procurou a Delegacia de Polícia e registrou a ocorrência. [...] Sabe-se que extra-oficialmente o denunciado confessou a prática dos crimes perante a autoridade policial.

### 2.3.4 A voz do juiz

O juiz, a partir da denúncia do Ministério Público, assim se posiciona sobre a violência cometida por Renato:

---

<sup>68</sup> Art. 213 - “Constranger mulher à conjunção carnal, mediante violência ou grave ameaça”.

<sup>69</sup> Art. 226 - “A pena é aumentada de quarta parte: II - se o agente é ascendente, pai adotivo, padrasto, irmão, tutor ou curador, preceptor ou empregador da vítima ou por qualquer outro título tem autoridade sobre ela”.

<sup>70</sup> Art. 71 - “Quando o agente, mediante mais de uma ação ou omissão, pratica dois ou mais crimes da mesma espécie e, pelas condições de tempo, lugar, maneira de execução e outras semelhantes, devem os subsequentes ser havidos como continuação do primeiro, aplica-se-lhe a pena de um só dos crimes, se idênticas, ou a mais grave, se diversas, aumentada, em qualquer caso, de um sexto a dois terços”.

A autoria e materialidade ficaram devidamente comprovadas frente à fartura das provas testemunhais e dos laudos anexados nos autos. O ilustre defensor, por sua vez, alegou que os fatos não ocorreram da forma narrada, sendo que tudo não passou de mentiras caluniosas feitas pelo namorado de Maria, o qual não era benquisto pelo acusado.

Ao realizar a dosimetria e individualização das penas, em que relembra a desestruturação familiar que Renato causou, o juiz analisa as características psicológicas de Renato:

Quanto ao delito contra Maria: culpabilidade com enorme juízo de censurabilidade, pois, sendo o pai das vítimas, o mesmo deveria protegê-las, e não utilizar de seu pátrio poder para abusar sexualmente de sua filha. A conduta social abrange o comportamento do réu no trabalho, relacionamento familiar e outras formas de comportamento dentro da sociedade, sendo que no caso presente, a mesma é merecedora de reprovabilidade, pois sua família fora desestruturada com a prática do incesto, repudiado por toda sociedade. Tem personalidade voltada para os crimes contra a liberdade sexual, pois, com a prática reiterada da conduta, não demonstra ter sido somente um acidente. Pelo que consta nos autos, os motivos foram os de saciar seus desejos sexuais. Em relação ao delito cometido contra a vítima Mariana: culpabilidade censurável, isso em virtude de ser o acusado imputável e de conseqüência, sabedor da conduta ilícita praticada contra sua filha. [...] Frente à reiterada conduta do acusado, vejo que sua personalidade é voltada para os crimes contra os costumes. As circunstâncias são desfavoráveis, isso em virtude do acusado utilizar do pátrio poder e de sua própria residência para a efetivação do crime.

### 2.3.5 A voz da Comissão Técnica de Classificação

No Exame Técnico Pericial, Renato é descrito da seguinte forma:

O reeducando cursou até a 6ª série do ensino fundamental em virtude de ter começado a trabalhar ainda quando criança. Dentro da penitenciária, não conta com o apoio da família. Síntese do exame médico-psico-social: o examinando não apresenta alterações de natureza psicótica. Revela consciência, discurso coerente e orientação espaço-temporal. Lúcido, tem bom nível intelectual, capacidade de abstração e síntese preservada. Entretanto, sua percepção da realidade torna-se prejudicada quando os impulsos sexuais vêm à tona, manifestando inabilidade para canalizar os mesmos de forma socialmente aceitável. Revela racionalização diante de traumas sofridos e relacionados à área afetiva. Em seu desenvolvimento, não recebeu o suporte necessário das figuras parentais, portanto atualmente interage a partir de uma internalização de valores morais e sociais de maneira

inapropriada. Interage, enquanto figura parental, tentando suprir as necessidades básicas das filhas de forma a buscar a satisfação não obtida na infância. Quanto ao relacionamento interpessoal, desvela inabilidade para perceber a figura humana como um ser em interação. Além disso, evidencia comportamentos de dissimulação e simulação com o intuito de manipular a construção sadia das relações. Em referência à sexualidade, indica inabilidade para controlar os desejos corporais, com percepção distorcida de afeto e cuidado. Não faz crítica moral eficiente em sua vida pgressa.

Nesse relatório, assinado por um psicólogo, um assistente social, um psiquiatra e Um técnico da área de saúde, a equipe técnica respondeu aos seguintes quesitos:

*Qual o grau de agressividade do reeducando?* Agressividade dentro dos parâmetros de normalidade. *Qual o grau de periculosidade do reeducando?* No contexto atual, não apresenta periculosidade. *Sua personalidade é violenta?* Não. *Como está sua afetividade?* Afetividade restrita, em decorrência da inabilidade para perceber a figura humana como um ser em relação construtiva. *Qual a probabilidade de voltar a delinquir?* Poderá ser mediana, com especial cuidado psicológico e socioeducativo para auxiliá-lo na reestruturação de sua vida emocional e ética, bem como no desenvolvimento de mecanismos eficazes de controle dos desejos sexuais. *Está apto ao convívio social?* Sim, desde que as orientações acima sejam seguidas rigorosamente, com diminuição progressiva do sistema de apoio e vigilância, prática e simbólica.

As diferentes vozes sobre Renato evidenciam um entendimento de que ele cometera violência sexual contra as filhas com base em necessidades estritamente sexuais. Além disto, a voz do juiz tenta traçar um perfil da personalidade de Renato, quando diz que o mesmo possui “personalidade voltada para os crimes contra a liberdade sexual”. Implícito a este tipo de fala está a noção de que essas pessoas jamais deixarão de cometer violência sexual.

Em síntese, este capítulo nos permite historiar esses sujeitos por meio do que outras vozes dizem sobre eles. Apesar de não ser objeto desta pesquisa a análise dessas outras vozes, ouvi-las e reconhecê-las implica em compor o quadro das significações atribuídas a esses sujeitos. Os significados dessas vozes, pois, são constitutivos dos sentidos que esses sujeitos produzem acerca de si próprios e das violências por eles cometidas.

## CAPÍTULO 3 – OS SENTIDOS DE VIOLÊNCIA PARA OS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL

Este capítulo tem por propósito a análise dos dois núcleos de significação que emergiram do material empírico: a violência sofrida e a praticada.<sup>71</sup> Assim, o foco se centra na forma como Henrique, Pedro e Renato conceituam, explicam e interpretam as circunstâncias, as motivações e as interações relacionadas à violência sexual cometida, sem qualquer pretensão de definir tipos de diagnósticos psicológicos. Essa opção se dá em função de que, ao serem categorizados como doentes mentais, ou outros diagnósticos, os AVS, de certa forma, deixam de ser responsabilizados pelas violências cometidas. Ademais, a finalidade do diagnóstico é a tentativa de categorização de pessoas diferentes em grupos homogêneos, o que parece complexo, uma vez que esses três sujeitos apresentam uma diversidade de difícil inclusão em categorias diagnósticas predeterminadas.

Os três sujeitos desta pesquisa sofreram, na infância, violências das mais diversas ordens: sexual, física, psicológica, além de terem sido negligenciados. Essa informação, apesar de importante na análise a ser desenvolvida, de maneira alguma desresponsabiliza os AVS pelas violências praticadas, nem explica a etiologia da violência sexual. É o caso da existência de AVS que não foram vítimas de violência na infância e também de pessoas que foram vítimas de violência na infância e que não a reproduziram na fase adulta. Isto prova que a violência sexual praticada não pode ser explicada pelo viés da violência sexual sofrida na infância (SIMONS et al., 2002; LAMBIE et al., 2002; PINTO JÚNIOR, 2005).

Assim, evidenciar a violência sofrida pelos sujeitos desta pesquisa não significa fazer reduções ou simplificações que possam sugerir que uma criança vítima futuramente cometerá

---

<sup>71</sup> Deve-se ressaltar que o material empírico utilizado neste trabalho, apesar de ser proveniente de sessões de psicoterapia, não será analisado pelo viés da psicologia clínica, mas sim à luz da teoria sócio-histórica de Vygotsky, de estudos psicossociais e de trabalhos referentes ao tema em pauta.

violências. Entretanto, reconhecer suas histórias de vida nos possibilita entender o processo de construção de suas subjetividades como AVS.

A concepção do “ciclo da violência” como uma das explicações para a violência sexual não é, em momento algum, fornecida exclusivamente por AVS, mas uma reprodução dos discursos da sociedade na qual estão inseridos. Seus sentidos, portanto, estão intimamente imbricados com relações sociais e históricas, sendo impossível de entendê-los fora desse contexto.

### 3.1 HENRIQUE

#### 3.1.1 A violência sofrida

Neste núcleo de significação, há quatro subtemas: as conseqüências da violência sofrida: “Eu ando com uma ferida que nunca vai sarar”; os sonhos/pesadelos como continuidade da violência sofrida; o processo de construção da subjetividade de AVS: “O ser humano é espelho do outro. Do jeito que um age, o outro reage” e, por fim, os sentimentos oriundos da violência sexual sofrida: culpa, raiva, ódio, medo, mágoa e vingança.

##### 3.1.1.1 As conseqüências da violência sofrida: “Eu ando com uma ferida que nunca vai sarar”

A violência sexual na infância tem sido comumente associada à etiologia da violência sexual praticada. Trata-se das teorias “vítima-vitimizador” ou “ciclo de violência” (MARSHALL e MARSHALL, 2000; LOH e GIDY CZ, 2006; SIMONS et al., 2002; LUSSIER et al., 2005), fundamentadas na idéia de que crianças que sofreram algum tipo de violência na infância são mais suscetíveis a cometer violências quando adultos. Essa hipótese é confirmada por vários autores, para os quais a ocorrência de diversos tipos de violência na vida pregressa de AVS é fato incontestado (SUÁREZ e BANDEIRA, 1999; LOWENKAMP et al., 2001).

Os índices evidenciados pelas pesquisas sobre a violência sexual ocorrida na infância

de AVS, contudo, são imprecisos, pois variam de 12 (SALTER et al., 2003) a 80% (RYAN, 1989, apud FALSHAW et al., 1996). De qualquer forma, os estudos confirmam que os AVS apresentam uma maior incidência de violência sexual na infância do que a população masculina em geral. Estima-se que, nesta última, a porcentagem da ocorrência da violência sexual seja de 4 a 16% (FINKELHOR et al., 1990).

Apesar de argumentarem que o ciclo vítima-vitimizador é aplicado somente a uma minoria dos casos, Glasser et al. (2001) ressaltam que as taxas de ocorrência de violência sexual na infância foram de 35% para os AVS e de 11% para os não-AVS. Infelizmente, a literatura sobre o ciclo ofendido-ofensor ainda é bastante contraditória, com dados não-conclusivos. Apesar das estatísticas, a associação causa-efeito entre a violência sofrida e a praticada seria um indício de um grande reducionismo teórico.

No núcleo de significação “violência sofrida” Henrique relata muitas histórias que comprovam a sua condição de vítima desde criança. Quando ele tinha dez anos, foi trabalhar na fazenda de um casal onde ficou por aproximadamente um ano e meio. Assim que chegou à fazenda, a esposa do proprietário (João) foi embora. Henrique então assumiu os afazeres domésticos, como fazer comida e limpar a casa. Segundo seus relatos, João batia nele, deixava-o passar fome, fornecia-lhe bebida alcoólica e o “sacaneou” (submeteu-o a violência sexual), além de impingir-lhe violência psicológica. Assim, sua relação com a figura adulta foi marcada por desproteção, abandono, negligência e violências. João, especialmente, provocou-lhe marcas profundas, que resultaram numa devastação emocional de grande proporção, a ponto de Henrique verbalizar que tem “uma ferida que nunca vai sarar”. No seu relato, a revolta diante das violências sofridas emerge:

Tudo de ruim que uma pessoa pode fazer pra outra, ele fazia pra mim. [...] Ele fez um monte de sacanagem comigo, esse cara. Daí eu... eu fiquei revoltado pra caramba quando eu saí desse lugar... (suspira), daí depois eu... nossa tava com vontade de morrer. Nossa, tinha vontade de matar ele, tinha vontade de fazer um monte de coisa ruim com ele.

Nesse primeiro momento, Henrique não chega a verbalizar a ocorrência de violência sexual, mas, ao ser questionado em momento posterior, ele confirma acenando a cabeça e chora. Diz apenas ter sido “um pesadelo”, que, descrito em detalhes, revela o emprego de violência

física<sup>72</sup> por parte de João:

A primeira vez que aconteceu, eu pensei tipo assim que o camarada que tava vindo, ele fosse [...] ver se eu estava dormindo, se eu tava, se tipo assim, se tava tudo bem comigo, porque a princípio ele chegou, pegou minha coberta, eu tava com a coberta na cintura. [...] Daí ele apertou minha cabeça no travesseiro... e começou a me afogar, daí ele entortou meu pescoço pro canto, minha cabeça pro canto e falou assim bem baixinho no meu ouvido, falou assim: “Você tá com medo? Não fica com medo não que eu não vou fazer nada de mau pra você não, tá bom?” E começou a pegar no meu pescoço, tipo assim me enforcando, primeiro ele tinha me afogado no travesseiro. [...] Aí ele segurou meu pescoço e me apertou [...] no peito dele. Eu fiquei com medo, tava com vontade de escapular, de sair, (suspira); daí ele pegou e tirou minha calça e deitou em cima de mim, e aí ele começou a esfregar em mim (silêncio) [...]. Eu respirava muito pouco. Ele me mantinha o tempo inteiro enforcado (silêncio). [...] Durante o tempo que ele tava em cima de mim, ele não deixava eu ver o rosto dele não. E ficava passando o queixo em cima da minha orelha, sempre com a mão no meu pescoço. (longo silêncio) (respira). [...] E a outra mão ele ficava passando na minha barriga. [...] eu não tive força pra poder reagir e ele falava pra mim: “Abre as pernas, fica com as pernas abertas”, enfiava o joelho no meio das minhas pernas assim e ficava forçando até... um tempão (silêncio)

A fala subsequente deixa transparecer que a experiência de violência sexual foi vivenciada repetidamente, sendo-lhe atribuído um caráter invasivo, pois a constante vigilância de João lhe parecia uma ameaça velada: “Depois ele me levava pro meio do mato, pra beira de córrego, no córrego, ficava a vida inteira sempre comigo, não deixava eu sair pra lugar nenhum, [...], foi muito tempo isso. Isso não aconteceu uma vez só”.

Numa conversa com João, Henrique revelou-lhe como o assassinato de sua mãe lhe causava pesar. Essa confidência é utilizada por João ao violentá-lo:

E ele ficava insistindo, insistindo [...]: “Não, hoje eu quero saber por que que você não falou pra sua mãe que ela ia morrer. Você sabia que ela ia morrer, [...], por que que você num falava pra ela? Você não tem coragem não, rapaz, você nunca vai ter coragem, você nunca vai ser ninguém, você sempre vai ser esse medroso que você é. Por que você não falou pra ela que ela ia morrer?”. E ele começou a me apertar assim na cama: “Por que você não falou pra ela?” E eu comecei a chorar e ele: “Não chora não”, me enforcou e... começou a tirar minha roupa e falou: “Hoje você vai acabar esse medo seu rapaz...”

---

<sup>72</sup> A literatura menciona constantemente que a violência sexual pode ocorrer em concomitância com a violência física (BRIERE e ELLIOTT, 2003).



Nossa! foi três dias de tensão, três noites que... (suspira), nossa, foi muito difícil. Queria que eu falasse... queria que tivesse falado pra ela, sabe?

Note-se, na fala anterior, que a violência sexual esteve também intimamente ligada à violência psicológica.<sup>73</sup> Para Forouzan e Gijseghem (2005), o uso da força física e de ameaças verbais durante a violência sexual tem um efeito na forma como as vítimas a experienciam, levando-as a sentirem-se manipuladas, traídas e humilhadas. Assim, a violência psicológica associada à violência sexual, por vezes, pode ser mais danosa e devastadora do que a própria violência sexual, uma vez que a intimidação profunda provocada pela violência psicológica causa marcas fortes na vida da vítima. A violência sexual, em si, é maléfica e provoca uma devastação emocional em suas vítimas, podendo abrir “feridas que nunca vão sarar”.

Henrique descreve que, quando foi à fazenda pela primeira vez, teve a mesma sensação que havia tido antes da morte de sua mãe: a de que algo de ruim iria lhe acontecer. O fato de não ter saído da fazenda, mesmo tendo tal pressentimento, trouxe-lhe sentimentos de culpa. Em face das violências sofridas, Henrique sentia-se devastado emocionalmente:

Foi a mesma coisa, o mesmo pesadelo que eu tinha quando minha mãe morreu, eu tinha quando ele tava perto de mim. Desde o princípio, quando eu cheguei lá eu senti, percebi que tinha alguma coisa errada, que ia acontecer alguma coisa de errada, não sabia o quê. Três noites, três dias, eu não esqueço mais não. No outro dia, eu tava mal, [...]. Ele fez eu beber... de noite, depois que eu bebi bastante mesmo, eu vomitei, fiquei ruim, eu tava machucado, tinha me dado um monte de tapa, e tinha me enforcado, minha garganta tava inchada, eu fiquei trancado dentro do banheiro. [...] Me bateu na cama, no chão, me levou lá pro quarto dele e ele falava pra mim: “Por que que você não grita? Você é muito ruim. Por que que você não grita?” Eu tinha vontade de gritar, mas minha garganta tava inchada, [...]. E de noite ele fez de novo; a noite inteira ele me sacaneou. (suspira). Foi muito..., foi muito estranho.

Na sociedade ocidental, a normalidade das relações entre uma criança e um adulto perpassa por limites referentes à questão da sexualidade, ou seja, entende-se a criança como um ser em desenvolvimento, sem plena consciência do sexo, da sexualidade e de toda sua

---

<sup>73</sup> A literatura tem destacado que a violência sexual está comumente conectada a outras formas de violência, tais como a física, psicológica e negligência. Ney, Fung e Wickett (1994), ao estudarem a violência física, negligência física, abuso verbal, negligência emocional e abuso sexual constataram que menos de 5% dessas violências ocorreram isoladamente.

complexidade (SANDERSON, 2005). Henrique percebia que aquelas ocorrências não eram corretas, mesmo que João lhe dissesse que tudo aquilo era normal. Contudo, ele não sabia como evitar. Segundo Forward e Buck (1989), discurso de que a violência sexual é “comum e normal” – por parte das pessoas que cometem a violência – é muito usado. Porém, Finkelhor (1979) reforça que as crianças, ao serem sexualmente violentadas, sabem que o que acontece a elas não está certo.

Na seguinte fala quando Henrique confessa que “sabia que estava errado”, fica claro ter havido internalizações das restrições<sup>74</sup> e interdições que a sociedade coloca em relação à interação sexual de crianças com adultos.<sup>75</sup>

Eu sabia que estava errado o que tava acontecendo comigo, mas eu não sabia definir, o cara ficou tentando um tempão, [...] ficava querendo me forçar, querendo que entendesse que aquilo que estava acontecendo comigo era normal. Ainda dizia que “isto é normal, que toda criança passa por isto, aconteceu comigo também, e tal”, mas eu sabia que não tava certo, ele queria forçar a barra [...].

Henrique afirma que até hoje não se esqueceu do que ocorreu, o que é comum em pessoas que sofreram violência sexual. A forma como se lembra e o sentido que se dá à experiência divergem, contudo, de sujeito para sujeito. Henrique denomina a violência sofrida como “noite de sombra”.

### 3.1.1.2 Os sonhos/pesadelos como continuidade da violência sofrida

Henrique descreve constantes sonhos com João, desde que a violência sexual ocorreu. Nos sonhos, Henrique já é adulto e mesmo assim não consegue se defender das investidas de João, que freqüentemente ameaça matá-lo. As cenas mais freqüentes são as de perseguição e o sentimento de impotência de Henrique – mesmo sonhando que já é adulto – diante das ameaças. Nos sonhos, ele se vê algemado, vulnerável e desprotegido.

---

<sup>74</sup> Estas restrições são importantes, pois de alguma forma fornecem à infância alguma forma de proteção.

<sup>75</sup> Essa questão será mais bem discutida no item “A segunda tentativa de “libertar-se” da violência sexual sofrida – os motivos para cometer a violência sexual”.

Só que eu sonho com ele fazendo isso, mas eu algemado, amarrado com uma corda. Assim, sonho eu em algum lugar andando num corredor e de repente eu me vejo sozinho, e ele aparece assim de uma hora pra outra, e ele começava a me enforcar de novo e falava assim: “Agora eu vim pra te matar”, entendeu? E eu ficava me debatendo assim: “Você não vai me matar não, agora eu não sou mais criança não [...]”. E eu começo a chutar ele assim (suspira). E, quando ele vinha me pegar assim e começava a me enforcar assim, eu dava chute nele, “Agora eu não sou mais criança não, você não vai fazer isso comigo de novo não”. “Eu vou te matar, eu vou te matar” e acordava, acordava assim (suspira).

Uma das cenas da violência sexual sofrida é revivida no sonho, com todos os requintes de crueldade com que foi praticada:

Já sonhei com o cara me enforcando, muitas vezes com o travesseiro, espuma molhada, pegava o travesseiro assim, molhava ele dentro da água assim, é um afogamento dobrado, porque a pessoa além de não respirar, quando puxa um pouquinho de ar, vem com água no nariz, e ele fez isso muitas vezes, muitas vezes.

Como o sonho traz consigo a memória da violência sofrida, Henrique não consegue romper com seu caráter invasivo. Prova disto é que, nesses sonhos, João sempre afirma que Henrique não iria esquecê-lo. E, assim, mesmo querendo esquecer, ele revive as ocorrências nos sonhos:

Todo dia que passa parece que aconteceu ontem, que aconteceu essa noite, que aconteceu hoje, vai acontecer de novo. É um trem que não sai da cabeça isso, parece que passa... [...], mas não esquece, não passa e tá sempre repercutindo. Ai quando estou perto de esquecer, eu sonho com aqueles pesadelos assim mais estranhos do mundo, (silêncio).

Na literatura, há relatos de vítimas sobre os pesadelos recorrentes com a violência sofrida (GABEL, 1997). Esses sonhos, contudo, ocorrem normalmente quando as vítimas ainda estão sendo submetidas à violência sexual – sendo o sonho, portanto uma manifestação imediata da angústia vivenciada – ou logo após a revelação. São, pois, conseqüências imediatas ou a curto prazo. No caso de Henrique, seus sonhos – que perduram até a fase adulta – são expressivos da perpetuação do terror da violência sexual sofrida, uma vez que os temas constantes neles reavivam a coerção e a violência psicológica praticada por João.

### 3.1.1.3 A construção da subjetividade de AVS: “O ser humano é espelho do outro. Do jeito que um age, o outro reage”

Este item tem o objetivo de discutir a constituição de Henrique como um AVS. Ao refletir sobre a constituição da personalidade, Vygotsky (2000b, p.24), salienta:

A personalidade torna-se para si aquilo que ela é em si, através daquilo que ela antes manifesta como seu em si para os outros. Este é o processo de constituição da personalidade. Daí está claro, porque necessariamente tudo o que é interno nas funções superiores ter sido externo: isto é, ter sido para os outros, aquilo que agora é para si. Isto é o centro de todo o problema do interno e do externo. [...] Qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas. Meios de influência sobre si – inicialmente meio de influência sobre os outros e dos outros sobre a personalidade.

Por sua vez, Resende (1987), ao citar Marx e Engels, demarca que o homem se constitui na relação com os outros homens identificando-se, reconhecendo-se e transformando-se. Esse é um processo que não ocorre à margem das condições sócio-históricas desse homem. Ao refletir sobre o psiquismo humano, a autora assinala ainda que “na análise e constituição do ser humano, aparecerá sempre o ‘outro’, aquilo que, originalmente externo, foi internalizado e agora é parte essencial da dinâmica íntima” (p. 27).

Ainda de acordo com os preceitos teóricos da Psicologia Social Crítica (GONÇALVES, 2001; BOCK, 2001; RESENDE, 1987), a separação entre indivíduo e sociedade é inviável, pois se constituem mutuamente e não há, segundo essa abordagem, uma natureza humana *a priori*. Tendo em vista essa concepção da constituição do ser humano, afirma-se que Henrique se constituiu em relação com o mundo no qual estava inserido, modificando-o também de forma dialética. Para Resende (1987, p. 20):

a vida individual é um modo (mais particular ou geral) da vida coletiva, enquanto que a vida coletiva é um modo (particular ou geral) da vida individual. O indivíduo é entendido assim como um particular onde a totalidade social se expressa ao mesmo tempo em que a sociedade ganha o significado de um universal onde os particulares se expressam. [...] Indivíduo, enquanto particularização do universal, e sociedade, enquanto universalização da expressão desses muitos particulares, se constituem em uma única dinâmica que os mantém, entretanto, como entidades qualitativamente diferentes.

Henrique, por diversas vezes, ao refletir sobre si próprio, considera-se igual e diferente de João. Foi igual, segundo ele, na maldade, na covardia e na ignorância que demonstrou a suas vítimas. Considera-se pior que João, pois suas vítimas são várias, enquanto João parece ter cometido violência somente contra ele. Julga-se ainda diferente, pois acredita que João teve prazer sexual com a violência, o que Henrique descreve não ter tido. Esse processo de identificação da vítima com o autor da violência é descrito por Watkins e Bentovim (1992), citados por Pinto Júnior (2005). Para esses autores, a identificação com o AVS “pode funcionar como uma tentativa de lidar com a ansiedade e com o trauma subjacente” (p. 55).

Henrique considera João como uma pessoa má, ignorante. Em alguns momentos de sua fala, sem se dar conta, emprega em relação a si os mesmos adjetivos utilizados para conceituar a personalidade de João: “[Com João], pode ter sido só essa vez comigo e pronto, certo? E eu fiz uma vez, fiz duas e fiz três, você entendeu? Então é... isso confirma mais ainda, reforça mais ainda a maldade, a ignorância, você entendeu?”.

Nesta outra fala, Henrique reflete sobre as similaridades existentes entre ele e João:

Ele era um cara também desinformado, igual eu era, desinformado, uma pessoa muito ignorante, muito... usa, usa a força, não sei, a sensação, não sei, de poder, alguma coisa assim, pra poder tirar proveito de alguma coisa, certo? Com alguém indefeso, uma pessoa que não tem... não tem... não tem como aquela pessoa reagir, pegar as pessoas num lugar que tipo eu peguei as minhas vítimas.

Essas similaridades – compreendidas como verdadeiras em relação a João – incentivaram Henrique a praticar ações violentas como forma de comprovação de que João estava certo. Vygotsky (1991) assinala a relação do interpsicológico com o intrapsicológico, afirmando que tudo que é intrapsicológico foi primeiramente interpsicológico. Destaca, por exemplo, que o desenvolvimento infantil é um processo que inicialmente ocorre no âmbito interpessoal, para transformar-se em seguida em intrapessoal. Assim, as funções psicológicas aparecem primeiro no nível social (interpsicológico), para posteriormente manifestar-se no âmbito individual (intrapsicológico).

Na seqüência da fala, Henrique rotula um assassinato<sup>76</sup> de “crimezinho” e diz que

---

<sup>76</sup> Henrique se refere ao latrocínio que cometeu, quando desferiu, segundo ele, quase cem tiros na vítima.

teria de cometer algo de muito ruim para confirmar a previsão feita por João:

É, matar uma pessoa, por fogo, e tal. A vontade era essa, você entendeu? Parece que tinha alguma coisa que incentivava fazer alguma coisa assim que aquele crimezinho de matar um, de fazer qualquer coisa assim, um tiro, dois tiros só não tava bom não. Tinha que ser pra, tipo assim, confirmar o que o cara tinha me falado. A vontade que tinha era essa... E... só que aí vem o medo [de matar].

A repetição da violência sexual traz a Henrique – por meio das falas de suas vítimas – questionamentos semelhantes aos que ele fez quando criança, como, por exemplo, por que a violência sexual teria acontecido com ele. Suas vítimas também se fizeram essas mesmas perguntas. Segundo Dorais (2002, apud VALENTE, 2005), uma das perguntas que as crianças vítimas de violência sexual mais freqüentemente se fazem é o motivo de a violência ter acontecido com elas. Isso fica bem claro na fala de Henrique:

“Por que [é] que aconteceu isso comigo? Você entendeu? Por que aconteceu isso comigo?”, e eu já peguei vítima que falava: “Oh, mas tem tanto menino na rua e você tinha que pegar logo eu? Por que eu?”. Então essa pergunta eu me faço ainda, entendeu? [...] E isso passou pela minha cabeça de matar, [mas] eles me pediram, você entendeu? E aí eu falei assim: “Puxa vida, eu pedi pro cara também, eu falei: “Não mata eu não. Não mata não” (silêncio). E eu ouvi isso também: “Faz o que você quiser comigo, mas não me mata não”. Mesma coisa, nossa!

Em relação às diferenças entre Henrique e João, este ressalta que julga-se pior, pois cometeu um latrocínio e violência sexual contra três adolescentes – pessoas que, de acordo com ele, não tinham nada a ver com sua raiva. Segundo sua lógica, ele agiu de forma mais errônea, pois cometeu quatro violências e João somente uma:

Então, pra mim, eu fui mais pilantra ainda, entendeu? Eu agi mais errado ainda. Eu ponho as coisas no lugar, você entendeu? Eu ponho ele num degrau e ponho eu dois, três piores ainda [...] Porque aconteceu uma vez comigo e eu fui fazer com as pessoas que não tinham nada a ver. Eu podia ter feito era com ele, esperar crescer, ir lá e matar ele [...]. Aí sim eu taria justificando o que aconteceu comigo. E eu não. Eu fui descontar em outras pessoas. Então a sensação de covardia é maior ainda.

Quando Henrique passou pela experiência de ser sexualmente violentado, as falas de João “determinaram” o que ele deveria ser no futuro. João lhe disse que ele era inútil, fraco,

incapaz de gritar e que, quando adulto, seria um monstro, um psicopata. Henrique chega a verbalizar que “tentou ser igual a ele” na época em que cometeu a violência. Atualmente, porém, consegue visualizar as diferenças existentes entre ele e João verbalizando que tudo que ele lhe dissera foi uma mentira:

Ele falou pra mim que eu ia ser criminoso igual ele, que eu ia ser mau igual ele, você entendeu? [...] Por um bom tempo assim eu acreditava que isso era verdade. Parecia que eu ia ficando mais revoltado, mais revoltado e cada vez mais [...]. Ele falou que eu ia ser um monstro, que eu ia ser psicopata. [...] e isso não está acontecendo. De um tempo pra cá vem mudando, né? Daí é mais uma mentira dele, né?

Na época em que cometeu a violência sexual, Henrique parece ter revivido a violência sofrida no papel inverso, o de autor da violência. Isto lhe permitiu sentir o reverso da sensação de humilhação vivenciada quando criança. Na posição da pessoa que comete a violência, ele sentiu o poder de ser o adulto, de ter força. Ao refletir sobre a violência cometida, consegue estabelecer algumas diferenças entre ele e João:

Hoje eu tenho vítima e isso dói na consciência, de sentir aquilo que ele sentia, certo? Que era [...] aquela sensação assim de ter mais poder, de ter mais força, de ter mais, tipo assim, de tirar proveito da situação por ser grande, de estar aproveitando de uma criança. Aí, eu penso tudo aquilo que ele sentia, se ele sentia prazer. Eu não senti prazer com isso [...] Eu [me] arrependi muito.

Quando Henrique cometia uma violência, sentia que o que João havia dito a seu respeito era verdadeiro. Contudo, vivenciava uma contradição entre o desejo de cometer maldades e o medo de cometê-las:

Não, quando dava vontade de fazer alguma coisa desse tipo, parece que confirmava o que ele tinha falado, você entendeu? Mas eu não tinha certeza, porque eu tenho medo, muito medo, e o medo sempre me deixava indeciso, você entendeu? De fazer alguma coisa e será que tá certo? Será que é isto mesmo?

Essa fala evidencia a forma como Henrique foi constituindo sua subjetividade como um AVS. Apesar de reconhecer diferenças entre sua personalidade e a de João, Henrique, por diversos momentos, parece ter aceitado as predições dele, ao agir da mesma maneira violenta.

### 3.1.1.4 Os sentimentos oriundos da violência sexual sofrida: culpa, raiva, ódio, medo, mágoa e vingança<sup>77</sup>

Henrique descreve um amplo espectro de sentimentos negativos em relação à violência sofrida, tais como: culpa, ódio, medo, raiva, revolta, medo (de alguém ficar sabendo da violência sofrida e de morrer na fazenda onde ocorreu a violência), mágoa e vingança – sentimentos estes freqüentemente salientados pela literatura como algumas das conseqüências da violência sexual (FURNISS, 1993; FORWARD e BUCK, 1989; FINKELHOR, 1979).

O estudo dos sentimentos tem sido comumente negligenciado pela investigação psicológica, mesmo que presente nas reflexões de grandes filósofos, como Jean-Paul Sartre e Agnes Heller (REY, 1999). Assim como a linguagem e o pensamento, eles constituem, para a psicologia sócio-histórica, “mediações fundamentais na constituição do psiquismo humano” (LANE, 1999, p. 23).

Henrique, ao falar sobre os sentimentos experienciados em relação à violência sofrida, faz uma diferenciação entre três momentos distintos: (1) seus sentimentos sobre a violência na época em que era criança; (2) seus sentimentos logo após ocorrida a violência; (3) seus sentimentos atuais, como adulto.

A violência sofrida, na época em que ocorreu, traduzia-se em sentimentos de ódio, raiva, medo e vingança. O relato abaixo é característico desse primeiro momento:

Eu tentei morder na mão dele muitas vezes, porque ele ficava tentando tampar minha boca. Mas, quando eu mordida ele, ele achava bom, ele colocava eu pra morder na mão dele e eu mordida assim pra arrancar pedaço e ele achava bom. [...] Ele ficava falando “Morde na minha mão que diminui a sua dor”. [...] Eu mordida de ódio, de raiva (silêncio prolongado)<sup>78</sup> [...] eu tinha muita vontade de, naquela hora, [...] matar ele. [...] se possível com fogo.

Na fala que se segue, o suspiro de Henrique, após manifestar sua vontade de ir para a casa de alguém, ressalta o desamparo e a desproteção que sentia quando estava sozinho com João

<sup>77</sup> A questão da vingança será vista adiante de forma mais ampla no núcleo de significação “A violência praticada”.

<sup>78</sup> As falas deste tópico são constantemente entrecortadas por suspiros e silêncios, o que denota o caráter de emocionalidade dos conteúdos.



na fazenda: “Pra que aquilo não acontecesse mais, tinha vontade de ir pra um lugar seguro, [...] de ir pra casa de alguém, pedir ajuda, mas não tinha ninguém, isso não acontecia... (suspira) eu tinha muito ódio, eu tinha muita raiva, eu tinha vontade de descontar”.

Em relação ao segundo momento – quando passa a narrar a forma como se sentia logo após ter sofrido a violência –, Henrique revela sentimentos de culpa, ódio, raiva e vingança. Na verdade, a culpa é o sentimento mais constantemente verbalizado por Henrique nesse segundo momento. Esta é proveniente de uma falsa compreensão de que, de alguma forma, poderia ter evitado a violência ou sua continuidade (PHELAN, 1995). Segundo vários autores, esse sentimento é freqüente em vítimas de violência sexual (FURNISS, 1993; FORWARD e BUCK, 1989; FINKELHOR, 1979; ARAÚJO, 2002; HABIGZANG et al., 2005; ESBER, 2005). Henrique tenta explicar a culpa sentida nessa fala:

A culpa por ter sido vítima, é tipo assim, eu acho que eu fui infeliz de estar na hora errada, no lugar errado, por isso eu acho que também tenho culpa. [...] de ter acontecido comigo o que aconteceu, tipo ir morar na casa dos outros [...] por ter sido vítima também. [...] Eu fui sem sorte assim de não ter uma família pra mim, poder ter sido criado junto com ela. [...] Mas culpa assim, sei lá, culpa do destino, sei lá, de ter acontecido tanta coisa ruim comigo quando eu era pequeno e poderia ter sido evitado, mas não por mim, não por mim, por outras pessoas, certo?

Henrique justifica que a culpa que sentia era associada a uma sensação de ter consentido de alguma forma, de ter merecido a violência e de não ter feito nada para que tivesse sido evitada: “Por que eu não gritei? Aí [...] vai acumulando, e a pessoa vai se sentindo culpado e fica revoltado”.

Logo após a violência, Henrique conta que desejava sair da fazenda e não conseguia, o que talvez tenha contribuído para aumentar o sentimento de culpa vivenciado:

Uns trem passa na cabeça da gente é que podia ter evitado, podia não ter acontecido. É muito ruim esse trem. [...] E o pior é que depois que aconteceu fiquei grilado, eu fiquei um tempão com raiva e não dei conta de sair de lá; parecia que eu tava amarrado, parece que tinha uma lata de concreto nos meus pés, tava tudo concretado. E eu sabia que não tava bom, tinha alguma coisa que tava ruim, não tava satisfeito lá, não me agradava.

Os sentimentos negativos de ódio e raiva experienciados logo após a violência

resultaram em um outro: a vingança.

Daí eu dei uma melhorada. Mas, só que aí quando eu terminei assim, passou aquela, aquela fase e eu dei uma respirada, eu passei a sentir ódio, muita raiva. Comecei a sentir ódio, dava vontade de matar, de fazer alguma coisa de ruim. [...] Eu tinha vontade de pôr fogo em alguém vivo e ver queimar... é tanto que com quatorze anos nós fomos matar um cara. [...] (suspira) Eu tinha muita vontade era de fazer alguma coisa com ele, tipo assim pra querer descontar.

No terceiro momento – quando Henrique passa a descrever os sentimentos sobre a violência sofrida já enquanto adulto –, uma contradição se torna evidente: em uma primeira fala sobre o assunto, diz ter perdoado João.

Eu já perdoei, de coração mesmo. Já perdoei, [...], porque meu pesadelo era maior quando eu tinha raiva dele, quando eu tinha ódio. Eu já pensei em sair daqui da cadeia e falei: “Eu vou procurar aquele cara”. Eu não gosto nem de falar o nome dele. Infelizmente eu tenho uma vítima<sup>79</sup> com o nome dele. Eu não gosto nem do nome dele.

Em um outro momento, parece haver uma tentativa de diminuir a mágoa experienciada em sua infância e adolescência, como se pode constatar nesta fala:

Aí depois, quando eu vim pra cadeia, aí eu comecei assim a pedir a Deus pra, tipo assim, me perdoar, me tirar aquela mágoa que eu tinha, entendeu? [...] Mas parece que ainda tem uma coisa que [...] ainda tem uma magoazinha, tipo assim de querer desejar alguma coisa de mau, mas aí [...] peço a Deus pra que Ele dê tudo de bom pra ele, mas alguma coisa que ele merecer.

Contudo, em momento posterior, Henrique se permite expressar sentimentos negativos em relação a João:

Aquele dia eu não falei a verdade não, você entendeu? Porque tem umas coisas assim que eu peço direto, quando eu estou orando, você entendeu? Mas eu peço, mas a gente tem sim uma mágoa. [...] passa um tempo assim e a gente lembra, dá vontade sim de matar, mas eu peço a Deus pra tirar isso de mim, você entendeu? Porque, tipo assim, fico carregando (suspira) uma culpa e parece que se a gente não perdoar alguém, alguém também não vai perdoar a gente, entendeu? Já tentei de todo jeito, o tempo passa e é um

---

<sup>79</sup> Quando menciona suas vítimas, Henrique está se referindo aos três adolescentes a quem ele submeteu a violências sexuais. Não se refere aqui à vítima do latrocínio.

trem difícil de engolir, você entendeu? É ruim.

Outro aspecto evidenciado na fala de Henrique é o medo de que a violência sexual sofrida seja descoberta por alguém. Mesmo após atingirem a vida adulta, vítimas de violência sexual geralmente sentem que o fato deve permanecer em segredo (BASS e THORNTON, 1983; FURNISS, 1993; FORWARD e BUCK, 1989), em razão principalmente da vergonha, da culpa e do medo do estigma. No caso de meninos, soma-se o medo da homossexualidade (PINTO JÚNIOR, 2005). Henrique manteve a situação em segredo de todos, só revelando a violência sofrida durante o processo psicoterapêutico: “O medo maior mesmo [...] era de alguém ficar sabendo desse trem, você entendeu? Ficar sabendo que aconteceu alguma coisa comigo lá atrás, certo? Esse era meu medo. Era não, é o meu medo”.

O sentido que Henrique dá à violência sexual sofrida nesse terceiro momento parece ter relação com a máxima cristã de “perdoar para ser perdoado”. Tentar perdoar João é, de certa forma, conseguir que suas vítimas também o perdoem.

Em síntese, o núcleo de significação “a violência sofrida” relata a história de Henrique, de modo a permitir reflexões acerca da construção da subjetividade de um AVS. Os quatro subtemas apresentados sinalizam que Henrique foi submetido a uma devastação emocional de grandes proporções, em razão da desvalorização que João lhe impôs, ao cometer violência sexual, física e psicológica. O fato de João intimidá-lo psicologicamente – quando, por exemplo, falava: “hoje você vai acabar com esse medo seu, rapaz” – provocou-lhe diferentes tipos de sentimentos negativos, tais como culpa, raiva, ódio, medo, mágoa e vingança. Esses sentimentos parecem ter guiado Henrique a uma escalada de violências e vinganças. Ele chega a verbalizar que, por muito tempo, dirigia suas ações e grande parte de sua vida em função da violência sofrida:

Tudo meu resumia naquilo ali [violência sexual]. Entendeu? Tudo que... Tipo assim, todo problema que eu tive, certo? Eu ligava naquilo lá. Então não tinha como eu falar. [...] É, tava na frente de tudo. Então de tudo que eu ia falar, chegava naquilo ali, naquele problema lá. Só que eu nunca tinha falado com ninguém.

A história de vida de Henrique revela que ele não teve condições materiais e nem mesmo emocionais suficientes para se desenvolver de forma saudável e resiliente. Sawaia (2001,

p. 8), ao refletir sobre a dialética exclusão-inclusão, afirma:

A sociedade exclui para incluir [...] todos estamos inseridos de algum modo, nem sempre decente e digno, no circuito reprodutivo das atividades econômicas, sendo a grande maioria da humanidade inserida através da insuficiência e das privações, que se desdobram para fora do econômico.

Na reflexão a partir da afetividade, essa autora passa a considerar a questão do sofrimento ético-político: “O sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais. É o sofrimento de estar submetido à fome e à opressão” (p. 102) “E esse sofrimento, não tem a gênese nele, e sim em intersubjetividades delineadas socialmente” (p. 99).

O sofrimento vivenciado por Henrique, pois, não é uma dor pura e somente do intrapsicológico, mas sim oriundo das suas condições históricas, da sua classe social, do lugar que ele ocupou no mundo.

### 3.1.2 A violência praticada

Neste núcleo de significação, a fala de Henrique é dividida em seis subtemas: latrocínio: a primeira tentativa de “libertar-se” da violência sexual sofrida; a segunda tentativa de “libertar-se” da violência sexual sofrida – os motivos para cometer a violência sexual; os sentimentos sobre a violência sexual praticada: vingança, culpa, arrependimento, vergonha, ódio/pena, nojo e medo; a responsabilização pela violência sexual cometida; o sentido atribuído às vítimas; e, por fim, o desejo de não mais cometer violência.

#### 3.1.2.1 Latrocínio: a primeira tentativa de “libertar-se” da violência sexual sofrida

Quando Henrique tinha aproximadamente quatorze anos, ele e seu irmão foram roubar um homem a quem já conheciam e acabaram matando-o. Segundo ele, era uma forma de libertar-se dos sentimentos ruins provindos da violência sexual sofrida, ou seja, “tentando tirar o grilo”:

Eu dei muito tiro nele, descarreguei duas armas [...]. E eu vou te falar uma coisa pra você, eu pensei assim: “Agora eu tiro o meu grilo”. Nossa, na hora que eu tava dando tiro no

cara, eu pensei: “Agora eu resolvi o problema, agora acabou meu pesadelo” [...] foi a mesma coisa de ter atizado uma caixa de oropa, você entendeu? Eu não tive mais sossego.

Em um momento da fala, Henrique descreve sentir mais arrependimento pelo latrocínio do que pela violência sexual praticada contra os três adolescentes:

É muito ruim porque... (pausa) o cara era trabalhador, tinha filho. Nossa, esse crime pesa [...] (Silêncio) É, foi muita covardia. Ter matado esse cara foi muita covardia, muita, muita covardia. (Silêncio) [...]. Esse é o que mais pesa, eu nunca consegui esquecer, e eu já sonhei com esse cara demais. Já sonhei muito assim mesmo. [...] Meu maior BO foi ter participado da morte desse cara. Nossa! Foi o fim. Pedi a morte depois. Nossa! Eu vi esse cara morrendo já um monte de vez. Morrendo não, já sonhei com ele um monte de vez, entendeu? Um monte de vez. Ele baleado, esfaqueado, correndo de mim e eu correndo atrás dele. [...] (Retruca) Nossa Senhora! O que é isso? Esse trem pesa pra caramba.

Esse pesar, que na verdade evidencia o arrependimento de Henrique em relação ao homicídio praticado, decorre da noção de que aquele foi um ato de covardia:

É... resumindo tudo: covardia, você pegar uma pessoa que tá lá trabalhando, chegar e enquadrar, levar pro mato, já tava no mato e levar pra um lugar mais difícil de acesso, onde o cara não tinha chance de correr, de nada. Nós éramos dois contra o cara e começar a dar tiro numa pessoa assim que não tem nada a ver, você entendeu?

Mas o arrependimento também é experienciado ao reconhecer que o que fizera era sinal de “muita maldade”:

Na seqüência do crime, a vontade que eu tinha era de sair falando pros outros: “Matei e tal, eu fiz isso, eu fiz isso e tal. E se for eu faço de novo, se for eu faço de novo”. [...] Muita, tinha muita maldade, não tinha noção do que pudesse acontecer depois, das conseqüências não. Até então tava tudo certo: ser preso, apanhar...

Em algumas passagens da narrativa, Henrique conta que o arrependimento veio imediatamente após o crime e em outras que ele demorou a arrepender-se:

Eu passei a noite lá, eu não dormi. Parece que o cara tava entrando lá, parece que ele tava tentando sair de dentro da casa baleado e foi uma noite de... A primeira noite foi só pesadelo [...]. Eu já tinha um monte de pesadelo e eu ficava vendo aquele... ouvindo aqueles barulhos de novo, ouvindo os tiros. E a sensação de culpa, de arrependimento, sei lá. Arrependimento. No começo assim eu não tava arrependido não, tava sentindo muito

covarde, mas não sabia se era... Não sabia o que estava sentindo [...] remorso, covardia. Tava sentindo assim que eu agi como um covarde.

Após o assassinato, Henrique deu-se conta de que aquilo não havia surtido efeito, ou seja, não se sentia melhor em relação à violência sexual sofrida. Henrique então passa a cometer violência sexual contra crianças:

Nós fomos roubar um cara. Roubar nada, nós fomos lá pra matar o cara mesmo [...] querendo jogar fora o que tava dentro de mim assim. [...] E aí depois que nós terminamos de fazer isso lá, parece que não tinha acontecido nada, né? Que eu tinha que fazer do jeito que fizeram comigo mesmo. E aí passou muito tempo e a raiva foi crescendo cada vez mais. Quando é fé, só deu eu fazendo um monte de vítima [da violência sexual].

Essas falas de Henrique demonstram que ele não conseguiu ser resiliente<sup>80</sup> à violência sexual sofrida, optando por resolvê-la de uma forma particularmente violenta, ao invés de negociá-la. Sobre a “negociação das emoções”, afirma Lane (1999, p. 31): “A questão não é simplesmente reprimir as emoções, pois algumas delas poderão ter efeitos negativos, tais como a agressão e a violência. Importante, a nosso ver, é a consciência clara da emoção sentida e a procura de canalizá-la positivamente”.

Em síntese, o latrocínio constituiu-se em uma primeira – e inacertada – tentativa de resolver a violência sexual sofrida na infância.

### 3.1.2.2 A segunda tentativa de “libertar-se” da violência sexual sofrida – os motivos para cometer a violência sexual

Após o latrocínio, Henrique, ao se dar conta de que não havia sentido alívio pela violência sexual sofrida na infância, passa a cometer violência sexual contra adolescentes que tinham aproximadamente a mesma idade dele, na época em que sofreu a violência. Mesmo sabendo que a violência sexual é danosa às vítimas, isso não foi suficiente para contê-lo. Parece que naquele momento, Henrique se “esqueceu” da sua condição de vítima da violência e a

---

<sup>80</sup> O conceito de resiliência aplicado a AVS consiste no inverso do ciclo ofendido-ofensor, característica segundo a qual os AVS que foram vítimas de violência não a reproduzem em sua fase adulta (LAMBIE et al., 2002).

perpetra contra três adolescentes.

Henrique nomeia diversos fatores relacionados à violência sexual praticada. Um deles é a morte prematura da mãe.

Quando eu perdi minha mãe, eu era muito pequeno. Não tinha noção das coisas direito não. Mas isso foi uma passagem muito ruim que aconteceu pra mim, uma das... das piores, digamos, tipo assim, de umas cinco tragédias que aconteceu na minha vida; essa é uma delas. Foi a primeira. E eu sinto muita falta da minha mãe, gostava muito dela, tenho muita saudade dela e às vezes, não sei. Não sei se tem alguma coisa a ver, [...] com o jeito que ela morreu, matada e tal. Depois que minha mãe morreu, aconteceu um bocado de coisa ruim na minha vida. Depois foi eu ter ido morar com os outros, né? Então foi um monte de coisa ruim que aconteceu. E se juntar tudinho, eu acho que tem seqüela.

Após a morte da mãe, Henrique ficou sem referências de adultos, uma vez que não tinha relação com seu pai, e seus avós não assumiram a sua educação. Seu irmão também não foi um adulto acolhedor. Henrique explica a violência também como decorrente desses fatores: “Quando eu fui morar com meu irmão, minha cunhada deixava eu passar fome. Você precisa de ver. E aí eu fui jogo duro de não voltar pra casa [dos avós]. [...] E foi só tapa na cara (gestos), foi só tapa na cara (gestos) cada vez mais, cada vez pior, até chegar onde chegou.”

Um outro motivo destacado por Henrique para a violência cometida é a vontade de “judiar” de uma criança. O sadismo sexual tem sido discutido por vários autores (MARSHALL e KENNEDY, 2003; BERNER et al., 2003; MARSHALL e YATES, 2004), como um dos componentes decisivos para uma “tendência”<sup>81</sup> à perpetuação da violência sexual. No relato de Henrique, isso pode ser observado: “E quando eu conheci eles [os adolescentes] eu queria... eu não sabia o que eu queria. Porque eu tinha muita vontade de pegar uma pessoa assim e judiar, entendeu? Mas eu não sabia como, que jeito; por que eu queria fazer aquilo, eu não sabia”.

Na fala seguinte, ele conta sobre sua necessidade de ver-se em uma situação em que fosse o detentor do poder sobre alguma pessoa. O poder como elemento constitutivo da violência sexual contra crianças também tem sido relacionado pela literatura como um dos fatores

---

<sup>81</sup> Quando se utiliza do termo “tendência”, a literatura internacional implicitamente reconhece uma natureza humana que favoreceria a prática da violência. A idéia dessa “natureza” é combatida neste trabalho, uma vez que se concebe o ser humano como sócio-historicamente constituído.

predisponentes à ocorrência da violência sexual (FALEIROS, 2007; SAFIOTTI, 1989a; AZEVEDO e GUERRA, 1988, 1989). O relato é esclarecedor:

Eu tinha vontade de fazer alguma coisa assim com criança, você entendeu? Mas não sabia o que especificamente o que eu ia fazer, não de matar, pegar e matar. Não, matar não. Isso não passou pela minha cabeça não, de pegar e fazer qualquer coisa e matar na seqüência, você entendeu? Mas eu tinha uma curiosidade de fazer alguma coisa nesse sentido, você entendeu? [...] fazer a pessoa ficar oprimida, você entendeu? E... se sentir assim o dono da situação. Ver a pessoa pedir: “Pelo amor de Deus” e tal, e oprimir alguém assim que tivesse mais ou menos aquela idade que eu tinha, você entendeu? Um tempo atrás. E, pra poder..., fazer assim a pessoa se sentir assim bem humilhada, humilhar bastante mesmo [...]. Acabei, no final, fazendo isso aí, mas é uma coisa que não resolveu meu problema não; pelo contrário, agravou e muito, porque é uma treta que eu podia ter tentado assim deixar do jeito que tava, entendeu?

Segundo Marshall e Marshall (2000), a justificativa de necessidade de humilhação do outro é uma questão comumente associada ao poder. Mais adiante, Henrique tenta explicar-se, pela maldade, o ódio e a raiva que possuía. Nessa fala, ele procura analisar seus sentimentos:

Parecia que era maldade, parecia que era ódio ou raiva, entendeu? Eu tinha muita ruindade mesmo, mas muita mesmo. Mas eu não sabia o que eu queria fazer pra pôr aquilo pra fora, você entendeu? [...] Aí foi, eu fui juntando as coisas assim que aconteceu, [...] e aí: “Eu vou pegar um moleque e vou fazer alguma coisa com ele, menos matar, menos matar. Eu não morri”, entendeu? Então, mas eu queria fazer a pessoa se sentir bem humilhada, você entendeu? Bem, tipo assim, bem rebaixada mesmo, até não ter mais jeito, entendeu?

A repetição da violência sexual como tentativa de reelaborar seu sofrimento fica evidente quando ele analisa que fizera “uma coisa para justificar a outra”. Reconhece, contudo, a falha cometida – a de ter descontado a violência sofrida – quando diz que “o erro foi dobrado”: “Não melhorou nada, eu ter feito como que tinha acontecido comigo, quer dizer, eu não descontei, eu só agravei a situação cada vez mais, eu só agravei, eu só piorei (suspira)”. E complementa:

Eu queria fazer do mesmo jeito que fez comigo, você entendeu? [...] Eu não sabia se a vontade era de fazer aquilo ali e matar, igual ele falava pra mim que qualquer coisinha ia me matar e ele falava: “Eu vou te perseguir o resto da vida, aonde você tiver, você vai



lembrar de mim. Isso nunca vai acabar. Você tá pensando que isso aqui é só hoje? Isso aqui vai durar pra sempre”.

Um outro motivo para cometer a violência alegado por Henrique é a questão da falta de informação, de ser ignorante, de ser uma “pessoa que pensa que sabe das coisas e não procura ninguém”. Num certo momento da fala, ele faz uma síntese das razões que o levaram a praticar a violência sexual: “perdi minha mãe muito cedo, muito moleque, muito pequeno e fui morar com os outros, passei fome, eu apanhei, sofri e o que eu fiz já tinha acontecido comigo”. E logo em seguida reconhece que não há justificativas para tais tipos de atos: “Tem hora que uma coisa quer justificar a outra, tem hora que não tem justificativa, entendeu? O que eu deveria ter feito é de primeira mão jamais ter cometido alguma coisa parecida, você entendeu?”.

Na literatura, os motivos mais comumente citados para a prática da violência sexual contra crianças e adolescentes são: a necessidade de poder e controle, um tema preconizado principalmente em estudos realizados pela literatura feminista (LANCASTER e LUMB, 1999; BAVELAS e COATES, 2001, apud MACMARTIN e WOOD, 2005); as gratificações sexuais (PHELAN, 1995; MARSHALL et al., 1991); e a repetição de violências sofridas na infância (MARSHALL e MARSHALL, 2000; LOH e GIDYCH, 2006; SIMONS et al., 2002; LUSSIER et al., 2005).

No caso de Henrique, ele atribui a prática de violência sexual a vários fatores, tais como: a morte prematura da mãe; a vontade de humilhar uma criança e, conseqüentemente, de sentir-se no poder e no controle da situação; o fato de possuir muito ódio e maldade dentro de si; a necessidade de repetir a violência sofrida – o que ele chama de fazer uma coisa para justificar outra – e, por último, a falta de informação. A gratificação sexual provinda da violência sexual, comumente citada pela literatura (PHELAN, 1995; MARSHALL et al., 1991), não se aplica ao caso de Henrique, que revela uma contradição entre o prazer sexual e o ódio, negando, contudo, a existência desse prazer.

### 3.1.2.3 Os sentimentos sobre a violência sexual praticada: vingança, culpa, arrependimento, vergonha, ódio/pena, nojo e medo

A psicologia sócio-histórica tem realizado uma tentativa de aproximação do tema das emoções. Rey (1999, p. 47) postula que

em cada um dos diferentes momentos de expressão social do homem, é produzido um número infinito de emoções que representam uma síntese complexa de necessidades já constituídas da personalidade e das condições específicas atuais em que o sujeito atua.

Na literatura específica sobre o tema deste trabalho, os sentimentos dos AVS em relação à violência cometida, como categoria de análise, têm sido pouco explorados. Alguns autores (HUDSON et al., 1993, apud GEER et al., 2000) defendem que os AVS possuem uma deficiência geral no reconhecimento das emoções.<sup>82</sup> Para Ward (2003) e Ward e Beech (2006), eles possuem um sistema de regulação emocional disfuncional, com problemas no trato com as emoções, ou seja, os “déficits de competência emocional”, na acepção de Ward e Beech (2006, p. 55).

Segundo Marshall et al. (2005), os AVS podem sentir vergonha pela violência praticada. Já Proeve e Howells (2002), que estudaram a questão da vergonha e culpa em AVS, destacam que muitos deles não experienciam tais sentimentos, não demonstrando sentimentos negativos sobre si mesmos e suas ações. Admitem, contudo, que alguns AVS afirmam sentir-se mal perante a violência cometida, o que consideram como expressão de vergonha, mas não de culpa. Esta pesquisa, no entanto, contradiz os resultados de Proeve e Howells, uma vez que nos relatos de Henrique, por exemplo, a vergonha e a culpa são sentimentos recorrentes em sua fala.<sup>83</sup> Dentre os sentimentos enumerados por Henrique destacam-se a vingança, a culpa, o arrependimento, a vergonha, o ódio/pena, o nojo e o medo. O mais verbalizado é a vingança. Segundo Dorais (apud VALENTE, 2005), algumas crianças sexualmente vitimizadas sentem vontade de vingar-se da violência sofrida porque acreditam que alguém precisa pagar pelo que

---

<sup>82</sup> Esta deficiência, ligada, segundo os autores, à inabilidade de empatizar-se com as vítimas, será discutida mais adiante.

<sup>83</sup> Há poucos estudos sobre os sentimentos experienciados por AVS, sendo muitos deles negligenciados por pesquisadores da área.

lhes aconteceu. Desse modo, quando assumem o papel de AVS, elas estão reforçando seu senso de controle, masculinidade, dominância e poder, e reexperenciam o trauma.

Na época em que praticou a violência sexual, Henrique desejava ter realizado mais violências do que cometeu. A fala a seguir evidencia a dimensão de sua raiva e a necessidade de vingança:

E eu tinha vontade de fazer mais coisa, só que eu nunca cheguei ao ponto de definir o que eu queria, se era matar, você entendeu? Se era enterrar vivo, certo? E graças a Deus eu não ter matado nenhuma das minhas vítimas, você entendeu? Algo, eu queria pegar, certo? E queria descontar o que fizeram comigo, mas só que eu queria eu não sabia o quê, se era do jeito que aconteceu, se era amarrar e deixar ele lá no meio do mato, não tinha definido o que eu queria fazer não (suspiro).

A vingança é também explicitada quando Henrique se refere ao tema “apanhou/bateu”:

Eu já me cobrei demais [...] Por que eu fiz isso? Precisava? Dos crimes que eu cometi, eu queria fazer uma coisa igual. Eu falei, né, pensando tipo assim: levar um tapa e dar outro e falar: “Não, eu descontei”. Um pouco tipo assim: eu apanhei, agora vou bater, você entendeu?

Já na fase adulta, há um repensar da vingança. Henrique começa a se dar conta que não é sua função vingar um passado ruim: “A vingança não cabe a mim ou a outra pessoa fazer esse tipo de correção... Eu tenho comigo... é... [...] Chega. Já aconteceu muita patifaria. Não cabe a nós vingar nada não”.

O sentimento de vingança e o conseqüente cometimento dos crimes agravaram mais ainda a situação de Henrique, advindo daí a culpa, que, a partir daquele momento, passa a existir em dobro, “a culpa por ter sido vítima e por ter feito vítimas”. Ele tem noção de que os adolescentes não sabiam o que estavam fazendo, bem como de que a situação não pode ser revertida para as vítimas.

É ruim, é ruim de falar. A culpa que a gente carrega, igual eu falei, acho que não vai acabar nunca, [...] porque é muita maldade pegar, tirar proveito assim de uma situação de criança [...] E isso pesa demais, pesa pra caramba. Mas fazer o quê? Já tá feito, não tem jeito de voltar atrás.

A irreversibilidade do prejuízo que a violência trouxe às vítimas é frisada por Henrique em um outro momento: “Não tem volta, não tem como a gente fazer uma coisa pra... pra cobrir. Cobrir não, pra repor alguma coisa assim. Parece que tudo que a gente faz tá pouco”. Revela, então, seus sentimentos após cometer a violência sexual, expondo a contradição que vivenciava entre o arrependimento e a vontade de reincidir na violência: “E depois deu um arrependimento, mais arrependimento... [...] arrepende assim, ficar assim: ‘Pô por que que eu fiz isso?’, mas querendo fazer de novo, entendeu? Sabendo que tava errado, que mais cedo ou mais tarde ia dar problema, [...] mas querendo fazer de novo”.

A consciência da dimensão do erro e o conseqüente arrependimento somente vêm após Henrique ter sido preso, o que evidencia a importância da responsabilização legal a que os AVS devem ser submetidos, para pôr fim aos atos violentos. Segundo Furniss (1993), a culpa em AVS implica dois componentes: um legal e outro psicológico, sendo que apenas o AVS possui a culpa legal, embora autor e vítima possam se sentir culpados pela violência. Isso evidencia, portanto, a necessidade de interdição judicial. Ao falar do arrependimento, Henrique deixa claro ter consciência de que as crueldades praticadas foram tamanhas que ele jamais conseguirá pagar por elas:

Se eu ficasse preso o resto da vida, pra mim [...] eu acho que não pagaria nunca, porque é muita maldade, é muita maldade. Eu acho que pra mim pagar, só por Deus mesmo, porque aqui na terra não, acho que não teria nada que eu fizesse que eu iria me sentir assim realizado [...]. Eu acho que essa dívida eu sempre vou carregar ela sempre, sempre, independente do que acontecer comigo ou não.

Em face do arrependimento, Henrique considera que o fato de ter sido interrompido foi uma contenção necessária: “A minha sorte é que eu fui preso, fui interrompido antes de fazer mais um monte de palhaçada, você entendeu? Porque eu poderia ter feito mais um monte de outras coisas parecidas ou muito pior, né? Já pensou se eu pego esses meninos e mato eles?”.

Ao mencionar a questão do arrependimento, Henrique explica a maneira como esse sentimento foi sendo construído com o passar do tempo e só se agigantou em face da responsabilidade pela filha:

Eu me arrependi sim, mas não na seqüência do que aconteceu não. Depois [...] a gente vê

que tava errado, e que [...] se eu pudesse voltar atrás, eu faria tudo diferente, não faria umas palhaçadas dessas jamais, você entendeu? [...]. Vingança não pertence a nós não, vingança pertence a Deus, entendeu? [...] Hoje eu tenho filha, então depois de um tempão, você entendeu? Na seqüência parecia que tinha hora que eu pensava comigo assim: “Não, tá tudo certo, demorou ter acontecido. Foi isso mesmo, devia ter feito era mais vítima”. [...] Só que aí a gente vai amolecendo, vai passando o tempo.

A vergonha é outro sentimento expresso por Henrique, manifestado quando uma de suas vítimas ia à cadeia onde ele estava preso, ficava andando nos corredores, mas não conversava com ele: “Eu ficava com vergonha pensando nele, ele nunca me falou nada e ficava naquela expectativa de repente se xingava, alguma coisa assim, não sei”. Em outro momento, ele relata ter-se envergonhado porque, ao tentar “consertar” o que havia lhe ocorrido, fora malsucedido: “Eu tenho vergonha de falar disso, eu tenho vergonha de mim também, porque eu tentei consertar isso fazendo do mesmo jeito e piorou mais ainda”.

Ainda com relação aos sentimentos experienciados, Henrique revela uma contradição entre o prazer sexual e o ódio/pena. Menciona o prazer, apesar de ser, em vários momentos, taxativo ao afirmar que não cometeu a violência por prazer:

Quando aconteceu, eu fiquei muito perturbado, eu não tinha certeza se eu tinha sentido prazer ou se eu tinha sentido ódio. Se eu tinha ficado com dó ou se eu tinha, tipo assim, achado bom, o que tinha acontecido. É tanto que eu fiz de novo; [...] fiz várias vezes. Só que eu não tinha definido se aquilo ali tinha sido... se eu tinha achado bom ou se eu tinha achado ruim.

Em face desse conflito, um outro sentimento emerge: “Eu vou te falar, eu tenho nojo desse trem, tenho grilo disso aí, você entendeu? Isso é irritante, é,...é muito feio, você entendeu?”. Na seqüência, Henrique destaca também como sentimento relacionado à violência praticada o medo de cometer um crime, especialmente no que se refere ao aprisionamento:<sup>84</sup>

Quando eu cometia um crime, dava medo e tal, ficava assombrado. Aí depois falava Assim: “Não, não aconteceu nada. Não aconteceu nada e nem vai acontecer, a polícia não vai me pegar” [...] Quando eu cometi o primeiro crime, eu fiquei apavorado. Depois eu falei assim, pensei comigo: “Não, não fui preso, não aconteceu nada (estala com a boca),

---

<sup>84</sup> Na revisão de literatura realizada para este trabalho, apenas Gabel (1997) cita o medo de AVS, também relacionado ao aprisionamento.

tá de boa, tá de boa. Agora eu vou aproveitar, vou descontar”.

Aqui é necessária uma ressalva: o medo, como sentimento constitutivo de AVS, é pouco explorado pela literatura, que comumente os diagnostica como psicopatas (SERIN et al., 2001; LOOMAN et al., 2005), ou como “sadistas sexuais” (BERNER, et al., 2003; MARSHALL e KENNEDY, 2003; MARSHALL e YATES, 2004). Com base nesse diagnóstico, os AVS são geralmente tidos como frios e calculistas, não sendo capazes de experienciar nenhum tipo de sentimento, nem mesmo o medo. Segundo Serin et al. (2001, p. 235),

interpessoalmente, os psicopatas tendem a ser egocêntricos, manipuladores e dominadores. Afetivamente, eles usualmente mostram emoções rasas e de curta duração e apresentam uma falta de empatia e culpa. Do ponto de vista comportamental, são descritos como caçadores de sensações, impulsivos e irresponsáveis.<sup>85</sup>

Quanto a Henrique, em várias de suas falas ele demonstra a noção de que fazia algo de errado:

Eu sinto como se tivesse matado uma pessoa e não pudesse mais voltar atrás, não tem jeito da gente fazer aquela pessoa ressuscitar. A gente sente assim... tipo... não sei se é arrependido, não sei como é que é. Sei que é uma coisa que a gente fez que tava errado, que foi de muita maldade, entendeu? Não tem jeito de consertar, igual te falei como se tivesse matado uma pessoa, não tem como trazer aquela pessoa de volta. É uma coisa que fica martelando na cabeça da gente o tempo inteiro. Aquela parece, tipo assim, um sintoma de maldade, não sei, alguma coisa que a gente fez muito ruim, entendeu? E que a gente acabou fazendo, tava vendo que tava errado, insistiu em fazer.

Henrique evidencia, assim, uma complexidade de sentimentos que é raramente entendida e analisada, tanto pela psicologia quanto pela literatura específica sobre AVS. Dois pontos cruciais, portanto, ficam claros: o primeiro é a necessidade posta à Psicologia, como ciência, de aprofundar-se na forma como as pessoas experienciam seus sentimentos, um tema comumente negligenciado (REY, 1999); o segundo é a negligência da literatura específica sobre os AVS, ignorando o papel dos sentimentos destes em sua constituição subjetiva, limitando-se a

---

<sup>85</sup> “Interpersonally, psychopaths tend to be egocentric, manipulative, and dominating. Affectively, psychopaths often display shallow and short-lived emotions and show a lack of empathy and guilt. Behaviorally, psychopaths are described as sensation seeking, impulsive and irresponsible.”

enumerar os “déficits” que eles possuiriam.

### 3.1.2.4 A responsabilização pela violência sexual cometida

A questão da responsabilização psicológica de AVS em relação à violência sexual cometida é bastante discutida pela literatura (BURN e BROWN, 2006; GANNON, et al., 2007; MIHAILIDES et al., 2004), que dá ênfase às distorções cognitivas.<sup>86</sup> De acordo com essa literatura, os AVS apresentam cognições problemáticas, que os “ausentam” da responsabilidade de ter cometido a violência, uma vez que utilizam-se de minimizações ou justificações de seus atos. No caso de Henrique, a minimização da responsabilidade não se mostra presente em sua fala, uma vez que ele parece assumir total responsabilidade pelas violências praticadas, chegando até mesmo a expressar seu sentimento de culpa. Uma das maneiras pelas quais Henrique assume a responsabilidade pela violência cometida é a forma como se diz responsável pela violência em função da idade<sup>87</sup> dos adolescentes. Ele parece reconhecer, *a posteriori*, que crianças e adolescentes não possuem o mesmo nível de maturidade sexual-genital de um adulto, não estando preparados para vivenciar tais experiências:

O menino só tinha 13 anos, o outro só tinha 14 anos, eles não sabem o que que eles querem, o que que tão fazendo, se tá certo, se tá errado, não sabe. Então a pessoa de maior que era meu caso fazer um tipo de coisa dessa, igual eu fiz... a responsabilidade era toda minha.

O fator “idade” como interdição para as relações sexuais entre adultos e crianças é apenas recentemente entendido como um dos componentes fundamentais da violência sexual contra crianças e adolescentes. Como afirma Landini (2006, p. 251),

Houve uma mudança profunda na forma de entender a violência sexual cometida contra menores de idade – a ênfase, antes colocada na questão de gênero, passou a ser posta na idade, ou seja, se antes a violência era entendida como um problema relacionado à

<sup>86</sup> Mais adiante, quando as falas de Pedro forem analisadas, discutir-se-ão os diferentes níveis de negação/minimização utilizados pelos AVS.

<sup>87</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera como criança as pessoas com idade entre 0 e 11 anos completos e como adolescente as pessoas com idade entre 12 anos completos e 17 anos e onze meses.

desigualdade entre homens e mulheres, no final do século XX ela passou a ser vista muito mais como uma questão relacionada à desigualdade entre crianças e adultos. Em outras palavras, houve uma mudança de enfoque de gênero para geração.

Entretanto, em Henrique, o sentimento de responsabilidade não advém somente pela idade das vítimas, mas também pela intencionalidade da vingança: “É a minha culpa de ter cometido um monte de crime, de ter feito vítima, pra mim descontar alguma coisa, você entendeu?”. Num outro momento, Henrique reconhece sua total responsabilidade:

[o pai] pensava que tudo que aconteceu de ruim comigo que fosse culpa dele, e na verdade ele não é culpado, minha vó não é culpada, ninguém é culpado, entendeu? Infelizmente aconteceu, se tem alguém que tem culpa no cartório, esse culpado é eu, entendeu? Por que esse culpado é eu? Por que tava acontecendo treta errada comigo e eu fui tentar descontar nos outros, entendeu? Então eu devia ter evitado.

Contrapondo-se às usuais explicações religiosas, Henrique assume a violência sexual praticada. Segundo ele, muitas pessoas apóiam-se nesse tipo de explicação para isentar-se das responsabilidades:

Eu não vou falar que isso é coisa do demônio, capeta, igual muita gente fala, você entendeu? Porque esse tal de anjo do mal, esse capeta [...] Aí o cara pega e apronta um monte de coisa e fala: “Ah, foi o diabo que atentou”. Põe o nome do trem, você entendeu? Que aí já dá pra justificar alguma coisa. Ao invés de chamar a responsabilidade pra si, porque ele não tem culpa disso não.

Henrique, em uma de suas falas, coloca-se na terceira pessoa, como forma de isentar-se da culpa, mas logo em seguida corrige-se e traz a responsabilidade para si: “Nossa! É esquisito viu (suspira). Isso dói na consciência, viu? Dói. Dói na consciência porque é uma, é uma coisa assim que a gente podia ter evitado, EU podia ter evitado. A gente não, EU podia ter evitado, você entendeu?”.

Assim, ao contrário do que preconiza o debate sobre as distorções cognitivas – que possibilitariam a justificação e a minimização das conseqüências da violência sexual –, Henrique parece assumir a responsabilidade pela violência sexual cometida, reconhecendo conjuntamente o erro em tê-la praticado.



### 3.1.2.5 O sentido atribuído às vítimas

Na literatura da área, a falta de empatia dos AVS em relação às suas vítimas tem sido amplamente associada à etiologia da violência sexual. A questão, apesar de comumente aceita, é bastante controversa entre os teóricos. O estudo de Hayashino et al. (1995), por exemplo, conclui que os AVS não se diferenciam nas taxas de empatia, quando comparados aos outros grupos. Trabalhos mais recentes sobre o tema postulam que os AVS efetivamente possuem déficits no reconhecimento das necessidades de suas vítimas, os chamados “déficits de empatia”, responsáveis pelo que é denominado “distorções nas percepções das vítimas” (HANSON, 2003; COVELL e SCALORA, 2002; WEBSTER et al., 2005). Esses déficits resultariam na falta de compaixão e simpatia por suas vítimas. Contudo, Geer et al. (2000) apresentam resultados de uma pesquisa que contesta o suporte empírico para essa explicação. Concluem que, embora seja geralmente aceito que os AVS possuem déficits de empatia, há evidências que indicam que alguns deles são capazes de ser empáticos. Ward et al. (2000, p. 42) frisam que julgar os AVS como portadores de déficits de empatia é “uma visão intuitivamente apelativa”.

No caso deste trabalho, Henrique, quando fala de suas vítimas, salienta como conseguia reconhecer o “não” delas. Reconhece que o primeiro adolescente que violentou ficou desesperado e lutou contra a situação. Eis o relato:

Por ter sido a minha primeira vez, você entendeu? Que eu fiz uma vitima, eu apavorei muito ele, você entendeu? Eu não sei, tipo assim, ele ficou muito aterrorizado (falou com ênfase) [...] ele não sabia nem o que ia acontecer, você entendeu? Num sabia o que tava acontecendo e eu (silêncio), tipo assim, eu aterrorizei muito ele, passei muito medo, vixe Maria! Ficou apavorado, e eu também, eu também tava mais ou menos numa situação parecida porque até então eu não tinha definido direito o que eu ia fazer...

Já no caso do segundo adolescente, a quem seqüestrou, Henrique se mostra confuso: por vezes acredita que ele não queria a violência sexual, devido ao seu desespero; em outras, pensa que a vítima desejou manter um “relacionamento” com ele. Mesmo apesar da confusão, Henrique reconhece que o adolescente não desejava a violência perpetrada:

Eu achava que ele tava oprimido, você entendeu? Tava tipo assim na marra, porque eu falava assim: “Oh, se eu ver você andando com outro, pode ser um moleque, eu mato

vocês dois”, entendeu? Aí, tipo assim, eu achava que ele tava oprimido só que não tava nesse ponto, você entendeu? Não tinha chegado a esse ponto, pra ele, não sei se tava bom, eu acho que ele tava achando era bom, entendeu? Ao contrário do primeiro, [...] foi uma vez só que eu peguei ele, mas foi bem diferente. Esse dessa vez, eu peguei ele, eu marquei encontro com ele [...] Nossa! Quando ele me viu, ele parecia que tinha visto um tio, um irmão que tinha muito tempo que ele não tinha visto. E veio: “Nossa, vamos fazer um lanche e tal”. [...] Quando eu ia fazer alguma coisa com ele, tipo assim, eu ia pegar nele, você entendeu? Eu falava “Pode?” e ele falava “Pode”. E eu falava: “Porque que você... tudo que eu vou fazer com você pode? “Ah, porque eu gosto de você”, ele falava pra mim. “Porque eu gosto de você.” “Você gosta de mim?” “Gosto.” “Você não ta fazendo nada comigo na marra, não?” “Não.” “Tem certeza?”, “Tenho”. Então, sei lá. [...] parecia que tava tudo de boa, você entendeu?

Contradizendo a teoria dos déficits de empatia, segundo a qual a pena pelas vítimas é um sentimento impossível de ser experienciado por AVS, Henrique afirma que, quando o adolescente verbalizou que gostava dele e queria ser seu amigo, ele sentiu pena:

Os meninos ficavam muito desesperados, você entendeu? No começo, depois assim até uma meia hora. Aí depois que eu fazia aquilo ali que eu tinha feito, você entendeu? Aí eles ficava acalmando, ficava de boa. Teve um, teve o último moleque que eu peguei, [...] ficava falando o tempo inteiro: “Você não vai me matar não? Você não vai me matar não?” E eu: “Não, não vou te matar não.” Aí depois de um tempo, ele pegou e falou assim pra mim, falou assim: “Eu já vi que você não vai me matar. Você vai ser meu amigo?” E começou a conversar comigo assim, sabe? E eu comecei a ficar com dó, certo?

Apesar disso, em um momento posterior, ele descreve uma situação em que reconhece o caráter coercitivo de suas ações, quando afirma que o adolescente, mesmo consentindo, não queria ter relação sexual com ele: “ ‘Quer?’ ‘Quero’, ‘Então vamos fazer [sexo] então’, você entendeu? Mas, tipo assim, pra ele decidir aquilo ali, ele não queria, você entendeu?”.

Esses sentimentos são relacionados à época em que as violências ocorreram. Contudo, já depois de preso, Henrique mostra uma faceta diferente, ao reconhecer seu erro e o sofrimento da vítima. O posterior reconhecimento dos danos causados aos adolescentes faz com que Henrique queira conversar com eles, contar-lhes sua vida, com o intuito de desfazer um pouco do mal causado. Chega até a expressar o desejo de pedir perdão às suas vítimas: “Querida trocar uma idéia de homem pra homem e queria assim, eu queria [...] pedir desculpa, pedir perdão, você entendeu? Pela bobagem que eu fiz”.

Uma outra maneira pela qual Henrique mostra reconhecer o sofrimento causado às vítimas – contradizendo a literatura sobre os déficits de empatia – é quando passa a elencar as conseqüências da violência sexual cometida, utilizando-se da mesma expressão anteriormente empregada para definir os sentidos da violência sexual por ele sofrida: “uma ferida que nunca vai sarar”. Isso, entre outros fatores, demonstra o caráter repetitivo das vivências em relação às violências sexuais – tanto a sofrida quanto a cometida.

Sem perceber, Henrique questiona se os adolescentes têm os mesmos sentimentos que ele teve em relação à violência sofrida e a João. Essa dúvida traz à tona a possibilidade de repetição do ciclo de violência pelos adolescentes: “Porque não sei se [...] têm pesadelos iguais eu tenho, se têm mágoa, se têm vontade de me matar, se têm vontade assim de nem me ver”.

Henrique reconhece, dentre as possíveis conseqüências, o sofrimento das vítimas, uma vez que passa pelo mesmo sofrimento:

Então eu peço a Deus o seguinte: que tomara que eles tenham oportunidade de falar isso com alguém, pôr pra fora, pelo menos pra poder, tipo assim, sei lá, não sei se ameniza o sofrimento porque é sofrimento demais. É muito sofrimento você saber de uma coisa que aconteceu e não falar pras pessoas. Porque eu tive isso muitos anos, muito anos mesmo, e agora que tá dando assim uma clareada [...] Tá repercutindo devagarzinho, parece que eu estou tendo uma resposta do que eu estou fazendo, [...] De ter falado, de ter colocado pra fora (raspa a garganta). Eu pensava que jamais eu teria coragem de falar nisso, nem dos meus crimes.

Consciente do sofrimento dos adolescentes, Henrique chega até mesmo a sonhar com eles:

Eu já sonhei já um par de vez já com eles (tosse), eu querendo falar com eles, querendo tipo assim pedir desculpas, perdão, [...] querendo me justificar, entendeu? E eles falavam assim: “Não, não quero falar com você não” e saiam de perto. E eu: “Não, quero te falar, quero te dar uma idéia”. “Não, não quero te ouvir não” [...] você é covarde, você é pilantra” e falavam um monte de coisa assim pra mim e eu querendo falar, querendo falar e não tinha jeito deles me ouvir.

Admite a possibilidade de conseqüências para as vítimas de violência sexual: “[eles] podem se revoltar com a vida e se suicidar, outros podem ser alcoólatras, entendeu? É pro resto da vida, né?”.

A análise das falas de Henrique permite contestar o suporte empírico da teoria dos déficits de empatia. Por diversos momentos, ele demonstra ter conseguido reconhecer tanto as necessidades de suas vítimas, quanto o sofrimento por elas experienciado e as conseqüências negativas da violência sexual perpetrada. Em face disso, o debate que deve ser realizado não gira em torno dos déficits de empatia, mas sim das razões pelas quais, apesar de reconhecer os danos provocados pela violência sexual, Henrique não conseguiu conter-se.

### 3.1.2.6 O desejo de não mais cometer violência

Quando sair da prisão, Henrique tem muitos planos para sua vida, dentre os quais o mais imperioso é cuidar de sua filha:

Então, nossa! Tem a minha filha também. Peço a Deus todo dia: “Senhor, eu tenho uma filha, [...], o Senhor me deu a responsabilidade, eu quero criar ela, entendeu?” Eu quero dar, trabalhar, pra quando ela crescer, [ela] falar pra todo mundo: “Nossa, quando eu era pequena, meu pai me ajudou demais, meu pai me deu as coisas, [...], você entendeu? Tava preso quando eu nasci, depois saiu, consertou, tipo assim, era uma coisa e mudou”.

Henrique também pretende futuramente ser útil na prevenção da violência sexual:

Eu tenho isso comigo: [...] eu vou mostrar pra um monte [de gente] que eu estou perdido e, por causa de eu estar perdido, eu não quero que ninguém se perca também não. [...] Se um cara chegar em mim e falar pra mim que vai, que tem o interesse, e tal, eu quero orientar ele, falar assim: “Rapaz, você não sabe o que tá criando na sua cabeça, o que tá imaginando, tal”. Eu quero ser útil nesse sentido, você entendeu? [...] De orientar a pessoa, as crianças no caso, para que isso não aconteça. [...] Tinha que ter, não sei, você entendeu? Tipo um estudo, não sei. No sentido de alertar todo mundo, entendeu?

Ao enumerar justificativas para não praticar mais nenhum tipo de crime, Henrique cita o alto preço que pagou pela violência cometida e o fato de reconhecer o sofrimento das vítimas de seus atos:

Paguei muito caro por isso aí, você entendeu? Por ter feito umas palhaçadas com umas pessoa que não tinha nada a ver [...] É infelizmente aconteceu, e não vai acontecer mais não. Comigo não, você entendeu? [...] Eu tenho então que estar ciente disso aí, que isso aqui me prejudicou, prejudicou outras pessoas, e tem que estar atento pra que isso não

aconteça mais nunca, entendeu?

Henrique, em um momento, admite que o seu sofrimento por ter sido vítima de violência nada tem a ver com as outras pessoas, razão pela qual se propõe a não mais reincidir na prática de violência: “O que eles tinham a ver com isso? É um trem muito contramão [...]. E jamais eu vou descontar alguma coisa que aconteceu comigo em outra pessoa, nossa! Isso é uma palhaçada que a gente faz, que só Deus pra ter dó e – sei lá – entender (suspira baixo).”

Na seqüência da fala, reconhece que é de sua inteira responsabilidade o cumprimento do propósito de não mais cometer violência:

E eu não quero esquecer isso de forma alguma [...], porque, se eu esquecer, pode acontecer de novo, você entendeu? E eu não quero que aconteça não. [...] Quero estar em alerta. [...] Nossa, se eu puder evitar um tipo de coisa dessa aqui, pra mim vai ser bom demais. Vou ser muito grato a Deus, pra poder conseguir evitar um tipo de coisa dessa. É estar atento a esse tipo de coisa.

Apesar de reconhecer sua responsabilidade e de também se apoiar em Deus para não mais reincidir, Henrique parece ter descoberto uma virtude desconhecida em sua personalidade – a de ter forças para combater a violência sexual:

É porque eu fui me conhecendo, vendo que eu tenho força [...] pra poder lutar, pra poder reverter, você entendeu? Não vou consertar o que tá errado, mas eu vou construir alguma coisa daqui pra frente. [...] Estou correndo atrás disso aí, pedindo a Deus o seguinte: me perdoa [...] e mostra o caminho certo daqui pra frente, porque até agora eu só fiz errado!

Para cumprir o seu propósito, lança mão da estratégia de lembrar o passado, para reflexões sobre a condução da sua vida futura: “a gente tem que usar o passado sim, tem que saber o que aconteceu direitinho; é, tipo assim, [lembrar] pra poder ver o tanto de coisa boa e [...] esquecer as coisas ruins, que tiver oportunidade de fazer”.

Em síntese, esse núcleo de significação – a violência praticada – possibilita apreender as dimensões subjetivas de Henrique em relação às violências cometidas, tanto o latrocínio quanto a violência sexual. Alguns aspectos merecem ser ressaltados:

a) A forte conexão que Henrique faz da violência praticada com a violência sofrida, quando passa a retratar os motivos para cometer a violência sexual.

b) Os sentimentos elencados por Henrique em relação à violência sexual praticada põem por terra um dos maiores mitos do senso comum – e de grande parte da literatura vigente – em relação a AVS: o de que eles não guardam nenhum tipo de sentimento em relação a seus atos e a suas vítimas. Arrependimento, vergonha, culpa, nojo, dó, medo e vingança foram os sentimentos mais verbalizados por ele. Forward e Buck (1989) e Madanes (1997) ponderam que a crueldade dos atos de violência cometidos normalmente escamoteia para outras pessoas o sofrimento de alguns AVS.

c) A total assumência da violência sexual praticada, trazendo a responsabilidade de seus atos somente para si e reconhecendo o dano infligido às vítimas, contradiz a literatura sobre AVS.

d) O reconhecimento de que suas vítimas não desejavam a violência sexual por ele praticada leva-o a admitir que as conseqüências serão danosas para os adolescentes. Com isso, ele faz uma aproximação entre o sofrimento dele e o de suas vítimas, repetindo assim a história da violência sexual.

e) O desejo de não mais cometer violência sexual fica claro na fala de Henrique, principalmente em função da responsabilidade adquirida com o nascimento de sua filha.<sup>88</sup>

f) A questão da sexualidade – tanto a sua quanto a dos adolescentes – é quase ausente em suas falas. Uma das poucas vezes em que Henrique se refere ao tema é quando questiona a si mesmo se João sentira prazer sexual quando cometera a violência contra ele e também quando reflete que não sentiu prazer sexual com suas vítimas.

g) O sentido de violência mais presente na fala de Henrique é o de vingança. Para transformar esse sentido, ele deve reconhecer a violência sexual sofrida como algo por ele vivenciado, não podendo, portanto, “descontar” em outras pessoas. Ele terá de resolver seu ódio com o próprio João, de forma real ou simbólica. E o perdão deve vir como forma de romper o ciclo da violência.

---

<sup>88</sup> Convém esclarecer que não se questiona aqui se esse desejo é verdadeiro ou efetivo na interdição de novas violências, quando Henrique sair da prisão.

## 3.2 PEDRO

### 3.2.1 A violência sofrida

Neste núcleo de significação, a exposição da violência sofrida por Pedro é dividida em dois subtemas, assim intitulados: A minimização do efeitos da violência sofrida: “Apesar de tudo, não foi tão ruim assim. Eu gosto dela”; “Os sentimentos em relação à violência sofrida: medo, nojo, culpa e vergonha.”

#### 3.2.1.1 A minimização do efeitos da violência sofrida: “Apesar de tudo, não foi tão ruim assim. Eu gosto dela”.

Na infância e na adolescência, duas mulheres o submeteram a violências sexuais: uma tia, aos oito e aos dezesseis anos de idade, e uma cunhada, aos onze e aos dezesseis anos. Segundo Glasser et al. (2001), dentre os AVS que sofreram violência sexual na infância, uma alta porcentagem foi vítima de mulheres com algum grau de parentesco. Apesar de quase não notificados, há relatos de casos de violência sexual cometidos por mulheres contra crianças e adolescentes de ambos os sexos (VANDIVER e WALKER, 2002; BECKER et al., 2001). Sarrel e Masters (1982), por exemplo, apresentaram onze casos de violência sexual praticados contra homens por mulheres. Brown et al. (1984) reportaram vinte casos de mulheres presas por terem cometido violência contra ambos os sexos. Ainda, Finkelhor e Russell (1984) estimam que as mulheres, agindo individualmente ou com um parceiro, podem ser responsáveis por até 13% do total das violências sexuais ocorridas contra pessoas do sexo feminino e por 24% contra o sexo masculino.

Uma das particularidades da violência sexual cometida por mulheres é a maneira como a sociedade reage diante de tal situação. Em geral, é mais aceita e mais parcamente reportada e denunciada, uma vez que é tida como uma experiência positiva, que não causa danos (ROMANO e DE LUCA, 2001). Além disso, há uma série de razões para que se mantenha dissimulada. As mulheres, em geral, e, mais especificamente as mães, têm mais liberdade do que

os homens para tocar em suas crianças. E, muitas vezes, as vítimas podem confundir esse cuidado corporal, fazendo com que a violência passe despercebida. Os estereótipos de papéis de gênero, fazem com que pessoas não consigam identificar a mulher como violentadora, uma vez que tradicionalmente ela é vista como cuidadora. Mesmo dissimulada, a violência sexual praticada por mulheres pode ser tão danosa quanto a cometida por homens. É o que se percebe na história de Pedro.

Certa vez, aos onze anos de idade, ele estava na casa de sua cunhada, quando ela lhe pediu um copo de água. Ao entregar-lhe o copo, viu que ela estava nua; em seguida, pediu-lhe que “mexesse” em sua vagina. Pedro diz que ficou aproximadamente quarenta minutos fazendo sexo oral nela. Depois que tudo acabou, ele relata ter-se dirigido para o seu quarto e chorado, pois não desejava que aquela situação se repetisse. Uma outra vez, sua cunhada o levou para o mato, onde novamente o obrigou a fazer sexo oral nela. Na ocasião, ela fez uma fogueira e disse-lhe que aquilo era pecado e que eles não deveriam fazer novamente.

Em certo momento, Pedro descreve o fato como um “rolo” e diz que não gostou da experiência. Questionado se a cunhada alguma vez o teria ameaçado, Pedro respondeu que certa vez ela bateu nele com uma vara de amoreira. Contrariamente às informações de Pedro, Robertiello e Terry (2007) afirmam que mulheres autoras de violência sexual tendem a não utilizar força física contra crianças. Apesar de reconhecer o caráter coercitivo da violência sexual – quando diz que ela estava “forçando” –, Pedro demonstra sentimentos positivos em relação à cunhada. Diz que os dois mantêm uma “boa amizade”. Esse sentimento pode ser mais bem entendido por meio das conclusões do estudo de Finkelhor (1979): algumas crianças vítimas de violência – mesmo sofrendo conseqüências negativas – relataram não só sensações físicas prazerosas, mas também satisfação das necessidades de afeto e proximidade emocional. Na sua argumentação, o autor afirma que o possível prazer sexual da criança está intimamente associado à culpa, uma vez que nenhuma das crianças de sua pesquisa descreveu sentir-se beneficiada pela violência. De fato, como afirma Sanderson (2005), as crianças não são capazes de entender as conseqüências dos seus comportamentos, uma vez que não possuem consciência plena da sexualidade e de suas implicações. É o que expressa ao contar: “Ela me colocou de joelho, [...] aí punha água, assim, no tambor, abria o chuveiro e caía água né? [...] Eu fiquei bastante tempo



fazendo sexo oral nela, fazia careta, queria sair. Mas eu gosto dela”.

É necessário atentar para a minimização dos efeitos negativos da violência sofrida pelo fato de a autora da violência ser uma mulher. Segundo West (2000), os meninos tendem a considerar a experiência como um aprendizado útil, ao contrário de meninos violados por homens, que comumente reagem com evitação. “Eu fui abusado também na minha adolescência, *apesar* de ter sido abusado pela minha cunhada, né, mulher, mas eu fui abusado”.

Um outro aspecto a ser ressaltado é o fato de Pedro atribuir o mesmo significado à violência sofrida e a violência cometida.<sup>89</sup> Desse modo, ele acredita que, caso haja uma relação afetiva entre o autor de violência e a vítima, a violência é destituída de seu caráter maléfico. Por essa razão, ele não admite culpar a cunhada: “Então eu não vou culpar ela assim perante a justiça porque ela gostava demais de mim, me ajuda bastante, é apegada comigo”.

Ainda segundo West (2000), os meninos sexualmente violentados por mulheres raramente as acusam por temerem ser incompreendidos; eles temem ser ridicularizados por não terem aproveitado a experiência sexual.

Aos dezesseis anos, Pedro foi novamente vítima de violência por parte da cunhada. Desta vez, tiveram relações sexuais com penetração. Algumas vezes, declara que foi forçado ao ato para agradá-la; em outras vezes, afirma que não houve violência sexual:

É, aos dezesseis anos, eu tive relação com ela. [...] ela deu uma cantada em mim, eu não resisti [...] ela começou a pegar no meu pênis, tá entendendo? E aí aconteceu. [...] Eu senti o que é relação com mulher [...] Eu senti muita vontade, foi gostoso demais, muita vontade mesmo, tá entendendo? Muito bacana pra mim.

Os processos de constituição da sexualidade de AVS – seja pelo viés do que os sujeitos consideram violência sexual sofrida, seja pelo que eles denominam relações sexuais consensuais – são necessários para que se possa dar maior atenção a um dos componentes mais importantes da violência sexual. Analisar retrospectivamente a configuração dessa sexualidade fornece elementos para a compreensão das formas pelas quais ela se constituiu (ESBER, 2007, p. 146).

---

<sup>89</sup> Este tema será mais bem trabalhado quando se discutir a violência cometida.

Esber (2007) relata um caso de um AVS que hipersexualizou tanto a violência sexual sofrida na infância que, mesmo depois de adulto, ainda ficava sexualmente excitado quando se recordava da situação. Para vários autores, essa hipersexualização não é consequência rara da violência sexual (DHAWAN e MARSHALL, 1996, citados por SIMONS et al., 2002; FURNISS, 1993). No caso de Pedro, as violências sexuais sofridas também causaram-lhe uma estimulação sexual intensa: “Até meus vinte e um anos de idade, eu masturbava pensando nela e pensando na relação que eu tive com ela aos dezesseis anos”.

Em relação à tia, irmã de sua mãe, Pedro conta que ela o colocou por cima dela. A presença dos sentimentos positivos e do amor imbricados na violência sexual novamente aparece: “Quando tinha oito, nove anos minha tia me colocou em cima dela. [...] eu era pequenininho, tinha um amor por ela assim, sabe?”. Posteriormente, aproximadamente aos dezesseis anos, essa mesma tia o forçou a manter relações sexuais com ela:

Gostava como minha tia mesmo, mas, em relação a sexo com ela, eu não tinha desejo por ela, tinha nojo dela. Ela tinha um jeito sebo de homão assim, sabe? Grandona (risos) quando tava perto dela, então eu não sentia desejo, [nem] vontade de encostar no corpo dela, [nem] de beijar na boca dela, [nem] de transar, não gostava muito não, sabe? Então, era forçado.

Apesar de afirmar que sexualmente não gostava de sua tia, aos dezenove anos Pedro passou a manter um relacionamento com ela, durante quatro anos. Ele conta que sentia-se bem em sua casa, mesmo não gostando de fazer sexo com ela. Nesse período, Pedro cometeu violência sexual contra seu primo, filho dessa tia, que também durou quatro anos.

É necessário assinalar aqui dois aspectos. O primeiro é que, apesar de Pedro ser maior de idade à época, sua autonomia em relação à tia é duvidosa, uma vez que ele diz que “era obrigado” a fazer sexo com a tia. De alguma forma, o caráter de coerção da violência – que a tia já havia praticado quando Pedro era criança – ainda se fazia presente. Um outro ponto é o fato de Pedro cometer a violência contra seu primo, denotando a reprodução da violência em uma família sexualmente violenta. Assim, a tia o violentava e ele violentava o primo, perpetuando a violência sexual dentro da família:

Então nesse período que eu morei lá na casa dela, [...] era muito bom lá, tá entendendo? A

única coisa que me atrapalhava era fazer sexo com ela, por isso que eu não gostava, [...] Alguma coisa ali eu era obrigado a fazer aquilo com ela, aquele ambiente, os primos lá... Era uma aventura da família.

Apesar da tentativa de redução e minimização dos danos sofridos, Pedro elenca sentimentos negativos relacionados à violência sofrida, o que evidencia o caráter adverso da violência sexual sofrida.

### 3.2.1.2 Os sentimentos em relação à violência sofrida: medo, nojo, culpa e vergonha

Pedro evidencia dificuldades em identificar os sentimentos experienciados em relação à violência sexual sofrida. Quando o faz, os sentimentos que enumera em relação à violência sofrida pela cunhada não são muito diferentes dos descritos em relação à tia. Quando questionado sobre como se sentiu em relação à violência, por diversas vezes diz: “Não senti nada, só uma coisa muito ruim”. A reação de Pedro à violência não é comum, mas Finkelhor (1979) refere que algumas crianças, assim como Pedro, relatam ter uma reação “neutra” à violência sexual. Contudo, por outras vezes Pedro diz que era muito criança para manter uma relação sexual: “Eu [me] senti um objeto de uso, tá entendendo? Não senti nada, porque eu era pequeno, quer dizer, o meu pênis reagia, tá entendendo?”.

Por diversas vezes, descreve que teve medo, principalmente de o irmão descobrir a situação. Sua cunhada e ele, com certeza, apanhariam. Esse sentimento é reafirmado pela literatura, segundo a qual o medo que crianças vítimas de violência sentem de serem descobertas é freqüente, muitas vezes em consequência das ameaças feitas pelo autor da violência. Isto pode acarretar na manutenção do segredo sobre a violência (FURNISS, 1993; SUÁREZ e BANDEIRA, 1999; GABEL, 1997). Contudo, o medo de Pedro não era somente do seu irmão, mas também da própria cunhada: “E quando a minha cunhada abusou de mim, tá entendendo? Eu fiz aquilo lá com medo de apanhar”. O medo que sentia comprova o caráter coercitivo da violência perpetrada. No relato, Pedro justifica seus sentimentos: “Ela falou assim que, se eu contasse pro meu irmão, ele ia me bater muito em mim. [...] Então eu tinha medo disso aí, espancar ela, bater nela, de repente bater nela, machucar ela, e eu gostava muito dela, gosto até

hoje dela...”

Questionado se sentira raiva, sentimento comumente elencado pela literatura (ARAÚJO, 2002; HABIGZANG et al., 2005) como normalmente vivenciado por crianças vítimas de violência sexual, Pedro responde: “Ela abusou de mim na minha adolescência, quando eu era criança, mas eu nunca senti raiva dela, ou ódio dela. [...] Só senti estranho, sabe? Eu senti nojo sim, medo, mas não senti raiva”.

Em relação à culpa – outro sentimento comumente mencionado por crianças vítimas de violência sexual (ARAÚJO, 2002; HABIGZANG et.al., 2005) –, Pedro oscila entre assumi-la sozinho, compartilhá-la com sua cunhada e atribuí-la inteiramente a ela. Assume inteiramente a culpa quando diz: “Senti (silêncio) culpado [...] Eu também poderia impedir ela de fazer aquilo lá, poderia chorar”. Divide com a cunhada quando diz que “a culpa foi dela *também*”. Por fim, em um momento, atribui a culpa somente à cunhada: “A culpa é só dela”.

Quanto aos sentimentos experienciados pela violência cometida pela tia, Pedro raramente fala deles, mas dois podem ser identificados: a vergonha e o nojo. A vergonha também é retratada pela literatura (ARAÚJO, 2002; HABIGZANG et al., 2005) e foi sentida na ocasião em que sua tia o colocou por cima dela: “É o seguinte: eu fiquei com vergonha dela, fiquei assim morrendo de vergonha, sabe?”.

Já em relação ao nojo, esse sentimento vem acompanhado de uma sensação de não querer ter relações sexuais com a tia: “Eu não gostava de ter relações com minha tia lá, beijar ela, fazer sexo com ela, eu senti assim um nojo.”

Em síntese, o núcleo “a violência sofrida” evidencia a ambivalência por ele experienciada entre a necessidade de afeto pela tia e pela cunhada e a rejeição sentida diante da violência sexual por elas perpetrada. Essa necessidade de afeto faz com que Pedro desculpabilize as autoras da violência sexual e minimize as conseqüências negativas dela advindas.<sup>90</sup> A maior delas parece ter sido a hipersexualização das relações interpessoais, o que acarreta uma confusão entre a necessidade de afeto e a de sexo (DHAWAN e MARSHALL, 1996, citados por SIMONS et al., 2002).

---

<sup>90</sup> Apesar da minimização dos efeitos negativos da violência sofrida, Pedro relaciona a violência cometida à sofrida. Este item será mais bem analisado no núcleo de significação “A violência praticada.”

Assim, apesar da dificuldade de Pedro em expressar seus sentimentos relativos à violência sofrida – tais como medo, nojo, culpa e vergonha –, quando o faz, evidencia sentimentos comumente descritos pela literatura.

### 3.2.2 A violência praticada: “Nenhum pedófilo<sup>91</sup> é santinho”

Este núcleo de significação subdivide-se nos seguintes dez itens: A construção da “ética” própria: “Os outros não podem, só eu que posso”; “A não-violência da violência”; “A relação de amor com os adolescentes – “É gostoso porque é um amor puro”; “A desresponsabilização pela violência sexual cometida – a presença do maligno”; “Os motivos para cometer a violência: “O brilho da pele do garoto tem mais brilho pra mim, é um brilho mais macio.”; “Os sentimentos relacionados à violência sexual praticada: o arrependimento, a vergonha e a culpa”; “O sentido de crianças/adolescentes para Pedro”; “A infantilização “Eu fui crescendo. Ficando mais velho, né? Crescer eu não cresci não”; “As conseqüências da violência: para os adolescentes, para as famílias e para si próprio”; e, por fim, “A ambivalência entre o desejo de parar de cometer a violência e o desejo sexual por adolescentes”.

#### 3.2.2.1 A construção da “ética” própria: “Os outros não podem, só eu que posso”.

À medida que Pedro constata que médicos, padres, policiais cometem violência sexual contra adolescentes, ele elabora a idéia de que eles jamais poderiam fazer aquilo, mas ele sim. Para ele, as outras pessoas são cruéis e violentas com os adolescentes; ele, porém, os trata com amor. Há, portanto, uma ambivalência na permissividade à violência sexual, pois, mesmo reconhecendo o caráter maléfico de suas ações e condenando seus próprios atos, ele se julga diferente dos outros AVS. É o que expressa nesta fala: “Eu não gosto desses caras, esses

---

<sup>91</sup> Nesta análise manter-se-á o termo “pedófilo”, uma vez que Pedro comumente utiliza-se do mesmo para denominar a si próprio e aos outros. Contudo, uma ressalva deve ser feita: “O uso indiscriminado do termo ‘pedófilo’ obscurece a complexidade do fenômeno. Etimologicamente, a palavra significa amante, não um abusador, de crianças. No uso psiquiátrico, ela se refere a indivíduos cuja fonte principal de excitação sexual é uma atração anômala a crianças sexualmente imaturas” (WEST, 2000, p. 411).

pedófilos aí, eu não gosto deles, eu sou contra eles [...] Eu não sou malandro, eu não sou bandido [...] eu não gosto de coisa suja”.

Apesar de ter cometido violência sexual contra mais de cem adolescentes, ele é veemente na fala: “Eu sempre fui contra exploração sexual de adolescente, criança, de tudo, ta entendendo? Eu fui abusado quando eu era criança, eu passei por muitas coisas quando era criança”.

Segundo Pedro, as pessoas que cometem violência sexual possuem os mais sérios defeitos de personalidade. Cabe salientar, porém, que ele exclui-se desse rol: “São cento e quarenta e oito mil padres pedófilos [...] acusados pela Pastoral, pelo Vaticano lá assim, praticando isso com adolescente. Eu sou contra esse bando de vagabundo, safado”.

Quando “os outros” cometem violência sexual contra adolescentes, Pedro ressent-se com o fato, revelando uma profunda empatia para com adolescentes. Essa característica, porém, raramente comparece nas falas relacionadas às suas próprias vítimas, uma vez que acredita não cometer violência contra os adolescentes. Hanson (2003) e Parkinson et al. (2004) estudaram a empatia em AVS, sem, contudo, explicar as razões pelas quais alguns AVS evidenciam empatia por umas crianças e por outras não. Na fala a seguir, Pedro explicita tal ambivalência:

Se você [...] chegar e falar: “Olha, hoje eu tive contato com um garotinho lá de fora”, eu vou colocar o garotinho dentro da minha consciência, vou ver ele dentro do meu pensamento aqui, vou imaginar como que ele reagiu, o que que o cara fez com ele. Talvez ele chorou, talvez ele sentiu mal, quer dizer, eu me senti mal dentro de mim também. [...] Aí eu me sinto ruim de saber o que aquele garotinho passou na mão daquele rapaz, né, e aconteceu isso, com violência. Aí vem uma pena dentro de mim, uma pena do garotinho.

Se se tentar enquadrar a fala de Pedro na explicação dos déficits de empatia em AVS, que implicitamente adota um posicionamento do total desconhecimento das necessidades das vítimas, percebe-se que não é possível. Burn e Brown (2006, p. 231), ao contestarem a teoria dos déficits de empatia, assim se posicionam:

Se os abusadores sexuais de crianças são considerados como deficientes em empatia, então o abuso seria instigado pela necessidade de poder e controle; o impulso sexual do ofensor deve ser satisfeito, independentemente dos sentimentos de suas vítimas. Contudo, não se trata disto, pois muitos abusadores de crianças sentem-se atraídos emocionalmente

por uma criança e são capazes de manipular e atrair suas vítimas. Isto possivelmente mostra uma consciência sensitiva dos sentimentos e crenças das crianças.<sup>92</sup>

A concepção de que ele, Pedro, pode cometer violência e os outros não é, por diversas vezes, repassada aos próprios adolescentes. Nessa fala, ele narra seus conselhos:

Quando tenho relações com ele, eu sempre explico pra ele, tá entendendo? Do outro lado feminino dele, eu explico pra ele não deixar outra pessoa fazer aquilo com ele: “Olha eu vou embora, a gente não vai se ver mais, mas não deixa ninguém fazer isso com você não, tá entendendo? Alguém passar uma doença pra você, pode fazer maldade, levar você pro matoto, incentivar você a fazer outros tipos de coisa, drogar, roubar”.

Pedro relata que aconselha tanto os adolescentes que são sexualmente violentados por ele quanto os que não são. A tônica dos conselhos é a de que eles não podem deixar que outras pessoas cometam violência contra eles. Essa postura causa estranheza a ele mesmo, uma vez que sua fala é diferente de seu comportamento:

Se eu falo pra ele que outra pessoa não pode, dá um remorso dentro de mim, dá uma pena dentro de mim, tá entendendo? Porque eu faço isso com ele, aquele carinho com ele, outra pessoa não pode fazer isso com ele, machucar ele, maltratar ele. Isso que eu sinto dentro de mim, tá entendendo? Todos e até aqueles [com os quais] eu não tive relações sexuais com eles, eu explico também.

Dentre os motivos alegados por Pedro para poder cometer violência destaca-se o fato de que as outras pessoas machucam os adolescentes que elas vitimizam, mas ele não. É o que se observa na seguinte fala: “É, agora aquela pessoa que estuprou, matou, machucou, espancou, tá entendendo? Uma coisa brutal, tá entendendo?”.

Assim, Pedro acredita que a violência que comete não é tão nociva assim, pois, além de não machucar os adolescentes, ele os trata com carinho e amor.<sup>93</sup> Ao defender que a violência sexual, se não tiver componentes de violência física, não é tão maléfica para o adolescente, Pedro autoriza-se a cometer a violência. Em suas palavras, chega a verbalizar que se trata de “assédio

---

<sup>92</sup> “If child sexual abusers are considered as deficient in empathy then conceivably the abuse of a child would be instigated by the need for power and control where the offender’s sexual impulse must be fulfilled despite the feelings of their victim. However, this is not so, as many child abusers feel emotionally attracted to a child and are able to manipulate and groom their victim. This possibly shows a sensitive awareness of the child’s feelings and beliefs.”

<sup>93</sup> Este assunto será mais bem desenvolvido no subitem “A não-violência da violência”.

sexual sem violência”. Considera ainda que as violências cometidas por outras pessoas são piores do que as dele: “Eu sou apaixonado por adolescente, pratico com adolescente sabe? Então tem crime que baixa aqui, barra pesada, pepino, que baixa aqui, eu nem chego na unha dos pés deles”.

Na fala a seguir, Pedro ressalta que, se ele não pratica a violência sexual associada à violência física, não há problemas: “Aí não quero que ninguém ponha a mão nele, que ninguém machuque ele. Se machucar, eu mato [...] Aí quando eu pego amor nele, começo a pensar nos adolescentes, nos meninos que estão passando por isso também. Não quero que nenhum deles passe por isso”.

Um outro motivo bastante citado por Pedro, para justificar a sua compreensão de que ele pode cometer a violência e os outros não, é o ciúme que sente dos adolescentes: “Por eu praticar isso aí com adolescente com carinho, com amor, gostar demais, apaixonado por eles, [...], eu comecei a ter ciúme, sentir ciúme por outras pessoas, os pedófilos tão fazendo isso com ele, aí eu penso que eles tão fazendo por maldade”.

Em sua argumentação em desfavor dos outros pedófilos, Pedro ressalta o viés da classe social. Sua indignação com os outros AVS também abarca a impunidade dos ricos, pois, segundo ele, somente os pobres é que são presos: “Esse negócio de pedofilia, de gostar de garoto, gostar de menino, gostar de criança, isto aí é uma coisa que é só pra rico [...] só pra quem tem dinheiro, porque quem tem dinheiro mexe com menino lá fora e não vai preso, tá entendendo?”.

A partir do reconhecimento que as pessoas mais abastadas possuem poder pessoal e financeiro, Pedro, ao comparar-se com eles, pondera que não está sozinho no seu erro:

O policial pega ele, põe dentro do carro, vai e manda pagar boquete lá, sexo oral, ta entendendo? Eles também tá errado também. Então, porque só eu sou errado? [...] Médico abusando do seu cargo do seu poder, e abusando de adolescente dentro do consultório, [...] então é o seguinte: não sou só eu o errado não.

O entendimento de ser o único autorizado a cometer violência faz com que Pedro tenha diversos sentimentos a respeito dos outros AVS, tais como remorso, raiva e ódio. Diz até que seria capaz de matar outros AVS: “Eu estou tomando raiva até de pedófilo, tá entendendo? [...] Tem uns aí que pega o garotinho, estupra, mata. Eu vou falar uma coisa: se eu tiver na frente de um cara desse aí, não sei não, [...] talvez Deus muda tudo, mas eu acho que mato o cara, tá



entendendo?”.

Em síntese, Pedro construiu uma “ética” própria em relação à violência sexual. Esse mecanismo pode ser uma estratégia eficaz usada para diminuir a culpa e/ou vergonha<sup>94</sup> sentidas pela prática da violência. Emergem daí algumas questões: a “ética própria”, segundo a qual ele estaria “autorizado” a cometer violência, seria decorrente da compreensão de que ele não comete violência? Ou seria consequência do fato de que, quando foi sexualmente violentado na infância, não o considerou como violência e, por isso, repete essa lógica?

Na verdade, apesar de sua ética própria, quando pratica a violência sexual – assim como todos os AVS –, Pedro viola um pacto social implícito que se manifesta contra esse tipo de ato. Chauí (1999, p. 3), ao argumentar sobre a violência e a ética – que não tem nenhuma relação com ética própria de Pedro –, destaca que a ética “é entendida como defesa humanitária dos direitos humanos contra a violência”. A não-violência não constitui, pois, um acordo individual, mas sim uma ética e um contrato social. Assim, não é só a vítima que está sendo violada, mas sim toda a sociedade.

### 3.2.2.2 A não-violência da violência

Ao ser questionado sobre o que seria violência, Pedro assim se manifesta: “É quando agride a criança, bate, tira sangue”. Em diversas falas, demonstra a concepção de que – por não agredir fisicamente os adolescentes – a violência sexual que cometia não era maléfica a eles:

O que vem em mim é o amor, [...] o que eu não gosto é de violência, não posso machucar ele, tá entendendo? Não gosto de machucar ele, nem de pegar ele a força. Eu quero que ele faça isso comigo, deixar eu fazer com ele, tá entendendo? [...] Jamais vou forçar ele, vou brigar com ele, vou usar força, né?

E explicita uma situação violenta:

Uai, se eu tiver na rua assim e tiver um adolescente de onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, peguei o adolescente, a criança, levei pro meio do mato, forcei, comi

---

<sup>94</sup> Os sentimentos relacionados à violência sexual praticada serão analisados mais adiante.

ele à força, ele chorando, gritando e eu batendo nele, espancando ele, dei um tapa nele, isto é uma violência.

Marshall e Marshall (2000) citam que muitos AVS que foram sexualmente violentados na infância acreditam que a violência não lhes causou mal e, portanto, não conseguem identificar o dano causado às suas vítimas. No caso de Pedro, essa assertiva é válida, uma vez que ele assimilou a idéia de que, quando foi sexualmente violado, não houve grandes danos, pois também não houve violência. Evidencia ainda que, pela ausência da força física, nem é tão mau assim, Chegando a afirmar que “os pedófilos não são maus. O pedófilo mesmo, tá entendendo? Aquele que pratica com várias crianças, que pratica assédio sexual com várias crianças”.

A ausência do uso da força física faz com que ele esteja “autorizado” a ter um relacionamento com os adolescentes na base do carinho e amor; “Eu faço amizade com ele e pronto e continuo tendo essas relações com eles”.

Mas, em outro momento, Pedro se contradiz e reconhece o caráter negativo da violência sexual: “Não, não. Eu falo assim de violência física, assim de maldade, mas agora é o seguinte: se eu praticar assédio sexual assim com menino de boa é violência também”.

Há vezes em que Pedro minimiza os efeitos adversos da violência sexual, ao dizer que, quando não há possibilidade de penetração, ele pode realizar outras práticas sexuais que “preservem” a integridade do adolescente:

Se eu ver que o garoto não vai permitir eu penetrar nele, aí eu trabalho com ele de outra forma para satisfazer a minha carne de outra maneira, né? Tá entendendo? E assim eu não vou estuprar ele, sangrar ele... [...] provavelmente eu vou exigir que ele [faça] sexo oral em mim, certo?

Questionado se isto também não seria uma forma de violência sexual, Pedro primeiramente nega e, logo em seguida, confirma: “Não, não. Depende né. Tanto faz eu estar praticando com ele a penetração ou não, é abuso sexual, abuso sexual”.

Um outro componente usado para justificar a “não-violência da violência” é a idéia de que ele mantinha um “relacionamento” com os adolescentes, como se ambos, AVS e vítima, estivessem no mesmo nível de desenvolvimento físico e emocional. Essa idéia pode ser

evidenciada na fala seguinte em que Pedro assume a condição de adolescente:<sup>95</sup> “Dava carinho pra ele, dava alimento pra ele poder comer, nós brincávamos muito né? [...] Uai, que estupro é esse?”. Isso contribuía para que ele acreditasse não ser ofensivo o que cometia com os adolescentes.

A concepção de alguns AVS de que, quando se tem amor, a relação não é configurada como violência não é rara (SARADJIAN e NOBUS, 2003). Isto é claramente expresso na fala a seguir: “Eu sentia amor por eles e eles tinham amor por mim. Eu sentia o toque no corpo dele, ta entendendo? Era um amor mais puro, gostoso”.

Segundo a literatura (AZEVEDO e GUERRA, 1989; GUERRA, 1995a; FERRARI, 2004; SCHMICKLER, 2006), nas relações de violência sexual contra crianças e adolescentes, há negação das vítimas como sujeitos de direitos, uma vez que estas são reduzidas à condição de objeto dos adultos. Azevedo e Guerra (1989, p. 35) são taxativas: “O abuso-vitimização de crianças consiste, pois, num processo de completa objetualização destas, isto é, de sua condição de objeto de maus-tratos”. Na compreensão de Pedro, porém, o amor que sentia pelos adolescentes descartava a hipótese da objetualização da criança vítima da violência sexual: “Todos os garotos e adolescentes que eu já pratiquei isso aí [...] eu nunca desprezei eles, eu não usava eles como objeto, tá entendendo? Porque dos que eu abusava, a maioria deles eu gostava, fazia amizade”.

Esse “gostar” a que Pedro se refere justifica até mesmo o seqüestro de um garoto de treze anos: “Eu seqüestrei porque amava ele, gostava muito dele”. De acordo com seu raciocínio, se existia amor por parte dele e do adolescente, então não havia nenhum problema em seqüestrá-lo e cometer violência sexual: “Realmente existia amor entre eu e o menino, então o menino aceitou também eu ter relações com ele, tá entendendo? Porque o menino gosta de aventura, pode ser só uma aventura”.

A ausência de violência física nas práticas sexuais com adolescentes pode levar a um outro tipo de violência que ele denomina “violência sentimental”. Esta consiste em enganar o adolescente com o objetivo de conseguir manter com ele relações sexuais:

É eu iludir a cabecinha dele, fingir que eu gosto dele, fingir não, eu gosto dele. Só que é o

---

<sup>95</sup> Este componente será mais bem trabalhado no item “A infantilização: “Eu fui crescendo. Ficando mais velho né? Crescer eu não cresci não.”

seguinte: eu estou fingindo que eu não quero nada de relação sexual com ele, até chegar no ponto que eu vou fazer gesto, tanto gesto que ele vai observar o que realmente eu quero com ele. Pratico o assédio com ele, ou então levo o adolescente pra algum lugar, sento com ele, converso com ele, explico pra ele do jeito que eu sou e convido ele pra ter relações comigo e pago ele, quer dizer também não é violência física. É só uma violência sentimental, tá entendendo? Espiritual, tá entendendo?

Em função de utilizar-se da não-violência da violência, Pedro não se descreve com os termos pejorativos usualmente utilizados para nomear pessoas que cometem violência sexual contra adolescentes: “Vai me olhar com os olhos de maníaco, de tarado, de estuprador? Eu já provei pra você que realmente eu não sou tarado na rua, eu não faço maldade com ninguém”.

Este tópico, em síntese, corrobora a maneira pela qual Pedro, ao referir-se à lógica da “não-violência da violência”, se permite cometer violência sexual e seqüestro. Isto se dá mesmo que Pedro demonstre reconhecer as conseqüências negativas para os adolescentes. Ademais, o fato de acreditar que mantinha uma relação de amor com os adolescentes o autorizava a cometer a violência sexual.

### 3.2.2.3 A relação de amor com os adolescentes: “É gostoso porque é um amor puro”

Uma das características mais freqüentemente citadas por Pedro em relação aos adolescentes é o amor que sente por eles. Por diversas vezes narra que se apaixona verdadeiramente. De acordo com sua concepção, é esse amor que lhe permite estabelecer um relacionamento afetivo com eles, como se fosse entre pares. O desejo sexual por garotos seria, portanto, uma conseqüência do amor que sente:

Sou muito amoroso, tá entendendo? Sou uma pessoa muito apaixonada, [...] sou muito apegado; quando eu apego, apego pegando, tá entendendo? Então eu fico pensando porque eu faço isso, porque tenho desejo sexual por garoto, né? O que é que [me] leva isso, [a] fazer assim?

Na próxima fala, ele descreve como gosta de relacionar-se com os adolescentes, que, para ele, representa uma forma de gostar, de amar:

Eu sinto mais bem de andar com menino [...] do que abusar deles. Eu sinto mais gostoso,

mais bem dentro de mim, de abraçar ele, de levar ele no shopping, levar ele na sorveteria, no parque, dar as coisas pra ele, comprar, ver o rostinho dele alegrinho, ver o sorriso dele, ver os olhos dele brilhar, sabendo que eu gosto dele, que ele gosta de mim. Eu sinto mais à vontade assim do que eu abusar dele. Eu queria força pra poder gostar dele e me conter. É isso que eu venho tentando, pelejando pra gostar dele, sem abusar dele.

Segundo Pedro, os verdadeiros pedófilos apresentam características diferenciadas em relação aos outros AVS, uma vez que estes se apaixonam pelos adolescentes. Ao falar da “conquista” da família do adolescente, mesmo consciente do caráter ilícito da relação adulto-adolescente, novamente coloca-a no mesmo patamar de um relacionamento entre pares:

[O pedófilo] é gentil, é simpático, quer dizer, faz amizade com o pai, com a mãe, com a família, não deixa nenhuma família observar. [...] Eu sou assim: eu convenço a mãe, o pai, pra poder confiar e deixar o adolescente sair comigo [...]. Não são estupradores, eles são pedófilos mesmo, eles têm um amor pelo menino, tem uma paixõzinha por aquele garoto.

Em nome desse amor, Pedro justifica os atos mais cruéis contra os adolescentes. Questionado por que seqüestrou um adolescente, ele explica-se utilizando o amor como parâmetro para sua conduta: “Porque eu gostava muito dele, uma maneira de ter ele só pra mim, tinha uma paixão por ele, queria ter ele pra mim, inteiro pra mim”. Porém as conseqüências desse amor, reconhece ele, podem ser desastrosas: “Porque é o seguinte: eu tenho uma paixão doentia dentro de mim; quando eu amo alguém, fico apaixonado, vira doença, fico muito perigoso”.

Em suma, este item evidencia que, para Pedro, seria possível manter um relacionamento afetivo com os adolescentes, uma vez que sentia amor por eles. Desse modo, há aqui uma associação com os itens anteriores – A construção da “ética” própria: “Os outros não podem, só eu que posso” e “A não-violência da violência” –, pois o fato de se apaixonar pelos adolescentes e o de não praticar violência física contra eles servia de “autorização” para cometer violência sexual.

#### 3.2.2.4 A desresponsabilização pela violência sexual cometida: a presença do maligno

Apesar de reconhecer por diversas vezes que a violência cometida é ilícita, Pedro

comumente utiliza-se de falas que denotam desresponsabilização por seus atos. Marshall et al. (2001) advogam que a negação – em seus diferentes níveis – em AVS não se trata de mera dicotomia entre negar a violência e assumi-la. Para Schneider e Wright (2001), a negação pode ser de três naturezas: negação da responsabilidade (Ex.: “Não foi minha culpa”); negação dos efeitos na vítima (Ex.: “Nada do que eu fiz foi danoso”) e minimização ou negação da extensão da violência (Ex.: “Eu a toquei, mas não fiz sexo com ela”). Todos esses tipos conduziriam a minimizações que reduziriam as chances de os AVS assumirem a responsabilidade por suas ações, o que diminuiria a vergonha sentida pela violência praticada. (MARSHALL et al., 2005)

Pedro apresenta uma maneira bastante singular de desresponsabilizar-se pela violência cometida. Por diversas vezes, ele afirma que há um espírito que se incorporou nele – “Pomba Gira, espírito de Exum, Orixá e Ogum”. De acordo com Pedro, ele teria uma dívida com essas entidades espirituais, que estariam, assim, fazendo cobrança. Ele explica que seu desejo sexual por adolescentes seria, pois, proveniente de uma vida espiritual. Outras vezes, narra que possui um personagem dentro de si, que seria Jack Chan:<sup>96</sup>

Mas eu nasci assim [...] eu acredito em reencarnação, tá entendendo? [...] Eu acho que o espírito que reencarnou em mim, é o espírito da pedofilia. Porque eu sinto, eu sinto o personagem dentro de mim, tá entendendo? Se eu quiser, [eu falo] com você com o personagem do Jack Chan. Primeiramente, quando eu sento aqui com você e converso com você, eu não sou o Pedro mais, tá entendendo? Eu sou o personagem que é pedófilo, mexe com pedofilia e vem aqui pra conversar com você. Então eu estou falando que realmente esse personagem, que sou eu, tá te relatando quem realmente eu sou, o que eu já fiz.

Segundo Suárez e Bandeira (1988), essa forma de explicação para a violência sexual cometida, por meio do “maligno”, não é incomum entre AVS. Em certas situações, Pedro diferencia o espírito do personagem, ressaltando a existência de características diferentes:

Que espírito é esse que fez eu passar minha adolescência todinha e ter esse contato com adolescente e ter esse desejo sexual por ele? Estou tentando desvendar isso aí, se é um personagem mesmo ou se é um espírito que anda ao lado de mim, mas eu não vejo ele, e

---

<sup>96</sup> Jack Chan é ator, produtor, roteirista, coreógrafo e diretor de cinema chinês, especialista em artes marciais. Informações retiradas do site: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/jackie\\_chan](http://pt.wikipedia.org/wiki/jackie_chan)>.

que me persegue, possuiu minha carne ou é um pecado que eu estou pagando através da minha vida antepassada.

Em outras falas, Pedro parece fundir personagem e espírito,<sup>97</sup> dando a entender que constituem um único ser: “Eu falo personagem, esse espírito, personagem, que incorpora né? Que tem esse desejo sexual por adolescente, tá entendendo? [...] Será que vem do espírito que encarna em mim?”.

Esse personagem provoca diversas conseqüências: a primeira delas é a de aticar um forte desejo sexual por mulheres e também por adolescentes:

Esse desejo sexual é muito forte, tá entendendo? Então é o seguinte: quando eu estou nesse corpo que vem, que sai de si o Pedro mesmo, eu tenho fantasia bonita com mulher, tá entendendo? Mas eu desagrado. Eu, Jack Chan, desagrado, tá entendendo? [...]. Não é qualquer mulher que vai me satisfazer [...]. Mulher pra mim tem que ser magra, tem que ser bonita pra mim, tá entendendo? As pernas dela, os braços dela, eu reparo nas nádegas dela, tá entendendo? E garoto também eu reparo muito.

Na fala a seguir, Pedro – falando como se fosse o personagem – novamente ressalta a atração sexual por mulheres, assim como o desejo por adolescentes:

O Pedro não repara nada [...], mas quando eu estou com esse, tá entendendo? Esse desejo sexual por menino, que é o personagem que eu estou aqui agora com você, ta entendendo? Então é o seguinte: eu reparo muito o corpo do garoto e o corpo da mulher.

Segundo Pedro, quando esse espírito/personagem não está por perto, ele tem desejo sexual por mulheres, porém, quando ele se aproxima, sente-se atraído por garotos:

Tem umas revistas lá na cela de várias mulheres bonitas e eu masturbo olhando elas, assim sabe? Masturbo bastante pra ver se muda alguma coisa dentro de mim, ta entendendo? Mas, quando vem o personagem dentro de mim, vem a vontade com os meninos, eu masturbo mesmo pensando em adolescente, aí eu pego as revistas, as fotos deles.

Uma segunda conseqüência causada pela presença do personagem em Pedro seria a desculpabilização pela violência cometida. O personagem seria, pois, o responsável pela atração

---

<sup>97</sup> Os termos “espírito” e “personagem” serão usados, neste trabalho, dentro da acepção própria de Pedro.

sexual – e pela conseqüente violência – por adolescentes. Possuído pelo espírito, Pedro seria apenas um mediador entre ele e o adolescente. O espírito é quem pratica a violência, sem que ele deseje. Ele teria, então, desejo de parar de cometer violência, mas o personagem não. É o que se observa na fala a seguir:

Às vezes um negócio aqui, um barulho ali, assim que entra na cabeça. Se eu não tiver preparado de repente, eu sinto dentro de mim aquele desejo: “zip”, bate aquele desejo forte do menino assim, aí eu sinto que já não sou eu mais. [...] Outra pessoa... um espírito que aproxima do meu corpo, aproxima da minha carne, tá entendendo? Porque o espírito aproxima da carne pra fazer a vontade dele.

Na fala que se segue, a tentativa de desculpabilização de Pedro fica evidenciada: “Eu sinto que eu não sou culpado, porque eu sei que é uma coisa que não vem de mim, porque eu tenho vontade de parar com isso aí”. Em um certo momento, Pedro dialoga com a terapeuta como se fosse o próprio personagem, descrevendo que as violências cometidas ocorreram quando aquele ente o possuía: “Se ele realmente vier conversar com você de boa, ele vai falar coisas que já fez, tá entendendo? Mas assim possuído por mim. [...] Eu também como personagem tenho vontade de parar com isso aí. [...] Porque é um vício”.

Uma terceira conseqüência do personagem é a de, ao aproximar-se do corpo de Pedro, fazer com ele se sinta uma criança,<sup>98</sup> deixando de lado as responsabilidades do mundo adulto. Em face disso, ele novamente se desculpabiliza, uma vez que, sentindo-se criança, é possível manter um relacionamento sexual com outra criança ou adolescente.

Aí eu sinto que [...] realmente eu me transformei em uma criança, um adolescente que nem ele, tá entendendo? E eu sinto também o seguinte: tem vez que, quando eu me transformo em adulto, também eu sou uma pessoa totalmente diferente. [...] É a responsabilidade de um homem, tá entendendo?

Ou ainda:

Eu sinto quando sou eu, o Pedro, e sinto quando é o personagem dentro de mim. Quando eu quero conseguir alguma coisa com o garoto, eu me transformo na idade dele também.

---

<sup>98</sup> Esse componente será mais bem trabalhado no item: “A infantilização: ‘Eu fui crescendo. Ficando mais velho, né? Crescer eu não cresci não’”.



Se eu conhecer um garoto de onze, doze, treze, quatorze e quinze, eu me transformo como se eu tivesse quinze, quatorze, treze, doze. [...] se eu realmente quero conquistar ele, se eu quero ter relação com ele, eu vou me transformar pra fazer as vontades dele, o que ele gosta de fazer, pescar, jogar futebol. Eu vou fazer o que realmente ele gosta, dar dinheiro pra ele, brincar com ele, dar atenção pra ele, certo?

Apesar dos argumentos de que seria o personagem que comandaria as ações sexualmente violentas que Pedro realiza, há uma tentativa consciente de manipulação da realidade, pois, em alguns momentos, ele confunde-se em sua fala sobre o espírito. Na fala seguinte, ao falar como se fosse o espírito, ele se descuida:

*Eu não preocupo com televisão, com menino na televisão, tá entendendo? Quer dizer, ele, ele não preocupa com televisão, revista, tá entendendo? Ele gosta só de ganhar um dinheirinho, comer bem, praticar esporte, tá entendendo? E [eu gosto de] pensar muito na minha família, porque eu sou apaixonado pela minha família.*

Pedro diz primeiramente: “eu”, mas imediatamente corrige-se: “quer dizer, ele”.<sup>99</sup> Se realmente essas alucinações fossem verdadeiras, ele não se confundiria em sua fala, uma vez que essas pessoas que incorporam outra realidade, sem embarçar-se nela. Na fala que se segue, a incoerência do personagem é novamente realçada, pois fala como se fosse Pedro e, logo em seguida, como se fosse o personagem: “Eu, Pedro, não dou conta de controlar ele. Já eu, personagem, controlo o Pedro; eu consigo controlar ele”.

Em um único momento, Pedro, contradizendo todas suas falas anteriores, afirma que a responsabilidade pela violência sexual não é do espírito. Contudo, ele não assume claramente a responsabilidade; pelo contrário, por duas vezes, ele diz que não é culpado pela violência cometida, como pode-se constatar na fala seguinte: “Eu não sou culpado, mas eu sei que é errado praticar isso com adolescente. Eu sei que ele [espírito] quer... Ele quer que eu pratique isso com adolescente sim, eu senti isso dele”.

Além da responsabilização atribuída ao espírito/personagem, Pedro ainda utiliza-se de outra maneira para livrar-se da responsabilidade pela violência sexual: a de culpar o adolescente

---

<sup>99</sup> Apesar de não ser objeto de estudo deste trabalho, vale sublinhar que a psicopatologia enfatiza que as pessoas que apresentam algum tipo de transtorno psicótico não controlam conscientemente suas alucinações e/ou delírios. “Os doentes não descobrem a falta de nitidez do fenômeno alucinatório, porque, em geral, eles sabem o que significam as suas alucinações” (PAIM, 1993, p. 43).

pela violência cometida, o que, segundo vários autores (PERONE e NANNINI, 2002; SUÁREZ e BANDEIRA, 1999), não é incomum. A fala de Pedro é bastante explícita:

Eu pergunto pra ele “Porque você deixou eu fazer isso com você?”. Aí ele fala assim: “Uai, você queria, você gosta de mim, eu gosto de você, então eu deixei”. Quer dizer [...], eu pergunto pra ele: “Eu machuquei você?”, aí ele disse: “Não”. Muitas vezes, eles falavam pra mim: “Se eu soubesse que você queria isso aí, por que você não falou antes pra mim?”.

Por último, Pedro desresponsabiliza-se quando atribui à violência um caráter não tão prejudicial, o que Schneider e Wright (2001) nomeiam de “negação dos efeitos na vítima.” Por não ter sido tão ruim assim, Pedro acredita que o juiz somente o condenou pelo seqüestro e pela violência sexual contra um adolescente porque já havia sido preso anteriormente: “É porque eu já era fichado e a família do menino tava em cima. O juiz pra não dar muito ibope, ta entendendo? Me deu dois anos, mais nove anos por seqüestro”.

Em síntese, Pedro utiliza-se de três maneiras diferentes para se desresponsabilizar pela violência cometida: atribuindo-a ao espírito/personagem; culpando o adolescente pela ocorrência da violência; minimizando seus efeitos negativos. Isto confirma a afirmação de Furniss (1993) de que a responsabilização legal (o processo judicial e a prisão) não significa a assumência da responsabilidade psicológica pela violência cometida.

3.2.2.5 Os motivos para cometer a violência: “O brilho da pele do garoto tem mais brilho pra mim, é um brilho mais macio”

Um outro subtema presente na fala de Pedro são os motivos para a violência praticada. Dentre eles, o desejo sexual por adolescentes é o motivo mais crucial. Looman et al. (2001), fazem uma distinção entre os “AVS preferenciais” e os “não-preferenciais” – referindo-se à preferência sexual por crianças. Segundo eles, os primeiros relatam mais fantasias sexuais desviantes, fazem maior número de vítimas e causam danos físicos a elas. Egan et al. (2005) também diferenciam os AVS em dois grupos: os pedófilos e os oportunistas. Para Finkelhor (1979) e West (2000), contudo, a preferência sexual por adolescentes não pode ser a explicação

mais convincente para a prática da violência sexual, visto que apenas uma minoria de AVS encarcerados (de 25 a 33%) possui interesse sexual primário e permanente por crianças.

Marshall e Marshall (2000) têm um posicionamento similar: ao contrário do que a literatura sobre a pedofilia preconiza (DSM IV, 1995; BAHROO, 2003), eles postulam que a evidência da preferência sexual por crianças como fator predisponente à violência sexual não é convincente. Da mesma forma, Kingston et al. (2007) preconizam que nem todos AVS contra crianças são pedófilos e quem nem todos pedófilos cometem violência sexual contra crianças. Para Iltzin (2001), apenas poucos AVS consideram-se realmente pedófilos, pois a maioria mantém relações sexuais com adultos, cometendo a violência concomitantemente. Em sua argumentação, essa autora afirma que considerá-los pedófilos mascara o fato de serem homens comuns, pais de família que cometem violência.

Contraditoriamente, Ward et al. (1993), citados por Horley (2000), constataram que, dentre os motivos alegados por AVS para cometer violência contra crianças, as necessidades sexuais foram as mais elencadas, seguidas das necessidades de intimidade e dos sentimentos negativos a respeito de si próprios. A literatura é, portanto, inconsistente em relação ao tema em pauta.

Quanto a Pedro, seu desejo sexual por adolescentes se manifestou desde os treze anos de idade. Até os dezoito, sentia-se atraído unicamente por crianças de nove a onze anos. Depois, começou a interessar-se por adolescentes de doze anos ou mais, porque estes últimos “são mais entendidos”. Apesar de reconhecer não poder sentir desejo por adolescentes – “Tem um erro em mim por eu gostar de garoto” –, frisa que “é uma coisa muito forte” da qual não será fácil livrar-se, mesmo “lutando, lutando”.

Há uma diferenciação entre o desejo experienciado em relação a diferentes adolescentes: “Quando eu começo a me apegar muito com ele, fico querendo me envolver com ele já. E tem uns garotos que na mesma hora que eu já vejo, já quero fazer sexo com eles”. O desejo sexual está associado às características tanto físicas (o formato das coxas, dos braços) como emocionais (fragilidade e infantilidade) do adolescente. Essas fazem com que Pedro deseje manter relações sexuais e também um envolvimento afetivo. Na pesquisa de Wilson e Cox (1983), citados por Horley (2000), os AVS freqüentemente confessaram sentir-se atraídos por

crianças em função de sua aparência inocente. É o que se detecta nesta fala de Pedro:

E não é qualquer garoto lá fora que eu quero ter relações com ele, eu sempre procuro o garoto mais bonitinho,<sup>100</sup> pra mim, o mais bonito. [...] Eu desejo ele pra mim. E aí eu começo a ver o corpo dele assim, as pernas dele assim, tá entendendo? As coxas, os bracinhos dele assim, aí eu sinto aquela energia dentro de mim. Aí parece que eu quero ele para mim, eu quero [...] dar as coisas pra ele, fazer carinho nele, dar presente. Não quero fazer nenhuma maldade com ele. [...] Pra mim ter relação com adolescente, ele tem que ser bonitinho, ele tem que ser muito infantil pra mim, [...] corporalmente e mentalmente, tá entendendo?

Para Pedro, sem beleza exterior, o desejo sexual não acontece. A próxima fala derruba um dos grandes mitos do senso comum a respeito de AVS, segundo o qual eles se sentem atraídos indiscriminadamente por qualquer adolescente: “Quando o menino não é bonito do jeito que eu quero, né, eu não sinto nada, tá entendendo? [...] Agora quando ele é bonito, o cabelo dele também, cabelo grande, jogado no olho, esse é mais forte pra mim”. Ou ainda: “Assim, eu não sinto desejo por menino negro, menino feio, menino pobre, que anda assim sujo [...]. Eu acho massa ter amizade com eles, gostar deles e saber que eu gosto deles. Eu gosto deles, eu amo eles, pratico isso com eles e não quero que outros façam isso”.

Além dos atributos físicos do adolescente, há uma característica de cunho afetivo que desempenha um papel importante para o aumento do desejo, que é o carinho, a atenção e também a maneira de os adolescentes comportarem-se. É o que fica claro nesta fala: “É porque eles são mais carinhosos, mais atenciosos, tá entendendo? Eu agrado do jeitinho que eles andam, do jeitinho que eles falam, dos gestinhos deles, engraçadinhos”. Quando os adolescentes são efeminados, Pedro declara sentir mais desejo em função de que eles se parecem com meninas: “O efeminado eu sinto mais atração, porque parece [...] uma mocinha, tá entendendo? [...] Dá aquela potência mais forte, aquele desejo mais forte”.

Há também uma preferência por parte de Pedro em relação à faixa etária dos adolescentes: de treze a dezesseis anos. Isto se dá em função de que normalmente, segundo ele,

---

<sup>100</sup> Note-se o uso do adjetivo no diminutivo, o que denota uma infantilização nas falas de Pedro. Essa característica é bastante recorrente. Resta perguntar se isto é um indicativo da infantilização dos adolescentes ou uma infantilização do próprio Pedro, com o objetivo de alcançar a idade emocional das suas vítimas. A infantilização será analisada mais adiante.

os adolescentes mais velhos querem manter uma posição ativa na atividade sexual, o que não lhe agrada.

Quando eu deparo com [um adolescente de] dezessete, dezoito, dezenove [anos], e eu olho nele e ele parece infantil aí [...] eu sinto desejo por ele, tá entendendo? Mas sinto desejo por ele, mas não tenho vontade de ter relação com ele, tá entendendo? Porque, com dezoito, dezenove, vinte anos, eu sei que ele é ativo, ele não é passivo. Eu sou ativo, então não vai dar certo.

Além do desejo sexual como motivo principal para cometer violência, Pedro algumas vezes sinaliza que suas ações teriam alguma conexão com a violência sofrida, em especial aquela praticada por sua cunhada, que pode tê-lo hiperestimulado ao sexo:

Eu acho que, se eu tivesse no mínimo uns treze anos, uns quatorze anos, [...] não teria [...] acontecido o que aconteceu agora, né? Eu fiz sexo quando eu tinha uns sete, oito anos, né? E aconteceu que eu fiquei muitos e muitos anos praticando sexo, né? [...] Então isso é um peso muito grande mesmo.

Nesta outra fala, Pedro novamente relaciona a violência praticada à violência sofrida por parte de sua cunhada: “Mas será que foi ela que fez eu ter tanta vontade por moleque [...] que não deixou eu ter tanta vontade por mulher assim, eu não ter gosto por mulher? Agora eu tenho”. Em outros momentos, Pedro se contradiz e desculpabiliza a cunhada: “Com treze anos de idade, fui abusado pela minha cunhada, eu não culpo ela não, [mas] teve uma época que achei que era culpada por eu estar com esse problema, mas hoje não, ela não é culpada por eu estar com esse problema”.

Um outro motivo bastante mencionado por Pedro é a “sina” de cada um: “Quando eu nasci e várias pessoas que nem eu nasceram, tinha que nascer e tinha que ter esse problema”. Essa sina parece ser entendida por ele como uma herança genética, pois ele diz ter a mesma habilidade com crianças que sua mãe: “Eu acho que nesse ponto eu puxei a minha mãe sabe? A criança apega muito comigo”.

Numa fala anterior, Pedro considera a prática da violência sexual um vício, uma visão que é defendida por Furniss (1993) e Sanderson (2005), para quem muitos AVS possuem um processo compulsivo aditivo – ou “síndrome de adição”, na acepção do primeiro autor. Para

Pedro, trata-se de um vício que pode ser comparado ao abuso de drogas ou de bebidas. Segundo ele, o vício instalou-se nele aos treze anos, quando cometeu violência contra uma criança de oito anos, de quem gostava muito: “Essa energia de gostar de garoto [...] é mais forte que droga, mais forte que qualquer coisa que eu acho, tá entendendo? Tem pessoa que é viciada em droga, em cachaça, né, e em sexo”.

Outros motivos também são ressaltados por Pedro como favorecedores da violência, mas com uma frequência menor. Um deles é a suposição de que os AVS seriam portadores de um tipo de desvio mental: “O comportamento humano é difícil de entender. Tem uns que têm um desvio mental, um desvio de conduta”.

Ao tentar explicar o motivo para a reincidência cometida tão logo obteve o benefício da progressão de regime para o semi-aberto – ocasião em que seqüestrou e cometeu violência contra um adolescente –, Pedro usa os seguintes argumentos: “Eu fui embora daqui despreparado [...] Eu [...] não tinha mulher, não tinha filho, né? [...] Aí saí com muita revolta, né? Eu fiquei aqui cinco anos e três meses sem ter relação com nenhuma mulher. Aí você imagina de que forma que eu saí”.

Pedro relaciona ainda a violência cometida à falta de convivência com seu pai: “Eu não sou bandido, tá entendendo? [...] Eu não gosto de maltratar adolescente, eu não gosto disso aí. Então eu acho, eu não queria ter nascido assim. [...] Acho que foi falta do meu pai, de convivência com meu pai”.

Um outro motivo, não diretamente verbalizado por Pedro como tal – mas possivelmente conectado à violência sexual praticada –, seria o receio de desenvolver um relacionamento adulto maduro com um outro homem. Pedro explica que esse tipo de relação de certa forma o intimida. Para Finkelhor (1979), um dos motivos que podem estar conectados à perpetração da violência sexual pode ser o medo de adultos ou da sexualidade adulta. Em um estudo de Hines e Finkenhor (2007), um dos motivos citados por AVS para a prática de violência sexual é o fato de os adolescentes serem menos exigentes, menos críticos e mais facilmente dominados que os adultos. Nesse mesmo sentido, Marshall e Marshall (2000) concluem que os AVS contra crianças sentem-se emocionalmente confortáveis com elas. Robertiello e Terry (2007) têm posicionamento semelhante: advogam que os AVS se mostram mais seguros em

relações com crianças, pois elas são menos ameaçadoras e mais fáceis de manipular do que os adultos. Isso é claro na fala de Pedro: “Pessoa de seus vinte anos, de seus dezenove anos, fica mais sem jeito de eu falar com ele, conversar com ele, fica paia, tá entendendo? Eu fico mais tímido, fico com vergonha”.

Em suma, os motivos apontados por Pedro para a violência sexual praticada são diversos. Apesar de o desejo sexual ser predominante, outras razões também são enumeradas, tais como a ligação com a violência sexual sofrida na infância, o destino, o vício, o desvio mental, a revolta, a falta de convivência com o pai e, por último, mesmo que não diretamente verbalizado, o receio em manter um relacionamento adulto.

### 3.2.2.6 Os sentimentos relacionados à violência sexual praticada: o arrependimento, a vergonha e a culpa

O arrependimento é o sentimento mais freqüentemente citado por Pedro, em especial no momento pós-ofensa, como revela a fala que se segue: “Na hora que eu acabo de praticar sexo com eles [...] me dá arrependimento, tá entendendo? Eu pergunto pra mim: ‘Por que fazer isso aí?’, ‘Por que esse trem?’.” Contudo, ele se contradiz: ao mesmo tempo que em algumas falas descreve ter arrependimento, em outras, referindo-se aos pedófilos de uma forma geral – e cabe ressaltar aqui que Pedro considera-se um deles –, afirma que eles não sentem remorso algum pela violência: “Vou falar coisa que você não sabe, tá entendendo? Todo pedófilo que já foi adolescente [...] não tem arrependimento pelo que fez”.

Mesmo dizendo entender o dano emocional causado pela violência e mostrando arrependimento, Pedro não mostra qualquer remorso com relação ao desejo sexual: “Eu tenho arrependimento [...] ter mexido no sentimento dele [...] Agora o arrependimento do desejo sexual, disso aí, eu não tenho arrependimento”.

De forma contraditória, Pedro afirma não concordar com a violência sexual cometida, mesmo sendo acompanhada do amor: “Se realmente eu tenho amor pelos meninos [...], arrependo, tenho remorso, tenho dó”. Esse sentimento de pena é extensivo à violência sexual cometida por outras pessoas:

Vem também dó desse garoto porque eu imagino o que ele passou nas mãos desse rapaz, daquele homem que fez isso com ele, né? Às vezes nem passou por uma parte assim de muita violência, né? Mas eu imagino que ele passou, né? Como é que ele se sentiu, quando é assim pegado a força, né? Como o rapaz pegou na rua lá e levou pro meio do mato lá, né?

Nessa outra fala, Pedro reflete sobre o arrependimento associado às conseqüências acarretadas para si:<sup>101</sup> “Só tem arrependimento quando a gente tá preso [...], mas, quando a gente tá de boa, não tem arrependimento de nada”.

Um outro motivo listado por Pedro como fonte de arrependimento é a conscientização de que, se ele iniciar o adolescente em sua vida sexual, ele vai continuar mantendo contatos sexuais com outras pessoas que podem ser cruéis com ele. Essa idéia de que ele pode cometer a violência, mas os outros não, faz com que Pedro mostre um outro tipo de sentimento: a vergonha. Na literatura específica, a vergonha, apesar de pouco estudada, é um tema polêmico: Marshall et al. (2005) afirmam que se trata de um sentimento experienciado pelos AVS, contudo Proeve e Howells (2002) e Perone e Nannini (2002) não acreditam na existência desse sentimento em violadores. Pedro, ao explicar sobre seus sentimentos quando vê algum tipo de notícia relacionado à violência sexual, assim se manifesta: “Vergonha, vergonha... vem aquela vergonha dentro de mim, aquele remorso dentro de mim. Parece que eu não pratico não”. A vergonha também surge quando reconhece que a violência sexual é um ato socialmente condenável: “Porque eu também sinto vergonha também, porque eu sou discriminando pela sociedade [...] Então é uma coisa muito triste, muito ruim, tá entendendo?”.

A culpa – sentimento sobre o qual há escassez de estudos na literatura temática – manifesta-se, em Pedro, assim que toma consciência de que deveria ter interrompido a violência, mas não o fez: “Eu [me] sinto culpado pelo seguinte: quando eu tava adolescente, tudo bem. Mas eu com dezessete, dezoito anos, eu já sabia que tinha parar, que não podia acontecer mais”. Ou pode assomar-se após a ofensa, quando Pedro questiona os motivos que o levaram a cometer a violência. Recrimina-se por não ter tido controle sobre seus atos: “O pedófilo ele não tem

---

<sup>101</sup> Na prática de atendimento psicológico a AVS sentenciados, esta pesquisadora pôde perceber que o “arrependimento de ter sido preso” é muito comum.



controle. Deus dá o controle pra ele, eu posso rejeitar. [...] E aí a gente se sente culpado e tal. Por que fiz isso?”. Essa culpa pós-ofensa faz com que Pedro às vezes chore: “Acabei de fazer sexo com o moleque [...] e chorar. E ele perguntou: ‘Por que você tá chorando?’, e eu sabia que tava chorando porque eu pratiquei aquilo com ele”.

Todos esses sentimentos fazem com que Pedro reconheça que a violência sexual é um ato de covardia: “Mas você não acha que é feio, né, eu ter um garoto com doze anos e estar abusando dele e estou tendo um assédio sexual com ele, estou beijando ele, estou dando as coisas pra ele, porque eu gosto dele, eu amo ele? Isso é uma covardia minha, eu acho”.

Neste item fica evidente que Pedro experiencia três tipos de sentimentos distintos em relação à violência cometida: o arrependimento, a vergonha e a culpa. Quanto à literatura, há carência de estudos que abordem sentimentos de AVS. Nota-se uma preocupação em demasia com os processos cognitivos desses sujeitos e um “esquecimento” do universo emocional.

### 3.2.2.7 O sentido de crianças/adolescentes para Pedro

Uma das características mais marcantes da compreensão de Pedro sobre os adolescentes é o caráter sexual atribuído a eles. A literatura enfatiza bastante o fato de os AVS perceberem as crianças como seres sexuais (WARD e KEENAN, 1999; WARD et al. 1997). Stermac e Segal (1989, apud GEER et al., 2000), por exemplo, relatam que os AVS julgam que o contato sexual com adultos é mais benéfico para as crianças. Na verdade, isto é uma forma de o adulto desresponsabilizar-se pela violência cometida. Em uma fala de Pedro, ele afirma que adolescentes de onze anos para cima “realmente sabem o que estão fazendo”, o que demonstra que ele imprime maturidade física e sexual aos adolescentes.

Mesmo optando por cometer violência contra adolescentes acima de treze anos, ele descreve uma situação envolvendo um garoto de nove anos. Como o menino fechava os olhos ao ser penetrado – talvez expressando a dor física sentida –, Pedro achava que ele estava gostando da relação. Essa fala evidencia que seu entendimento de que os adolescentes o desejavam sexualmente por vezes o impedia de enxergar o sofrimento – inclusive físico – destes. Chega mesmo a acreditar que os adolescentes tinham até orgasmos com a relação.

O prazer sexual em crianças vítimas de violência não é negado pela literatura (Finkelhor, 1979). Contudo, duas questões se sobressaem: (1) o efeito negativo desse possível prazer sexual, uma vez que, segundo o autor, é intimamente associado à culpa sentida; (2) a incapacidade de consentimento das crianças quando mantêm relações sexuais com adultos, já que não possuem entendimento pleno de sua sexualidade (SANDERSON, 2005).

Na tentativa de reforçar a idéia de que os adolescentes respondiam-lhe sexualmente, Pedro afirma ter despertado nos adolescentes o interesse por sexo: “Eu começo a ter um carinho por ele, tá entendendo? Aí eu começo a observar que ele gosta muito de mim, que ele sente o desejo, mas ele tá inseguro comigo, [...] aí eu vou lá e abuso ele”. Ou ainda, referindo-se a um adolescente com mais de treze anos: “Ele já sabe muito bem o que ele tá fazendo ali, o que ele quer fazer, tá entendendo? Ele solta o orgasmo dele, sente desejo, então ele sabe se vai ou não. E quando ele pensa em falar ‘não’, o desejo dele é mais forte”.

Em contraposição à visão de que os adolescentes gostam de manter relações sexuais com adultos, Pedro percebe que às vezes a relação sexual pode não ser tão satisfatória para eles. Nesses momentos, ele associa o sentimento dos adolescentes ao seu sentimento enquanto vítima de violência:

Eu já vi muitos garotos levando aquilo lá na esportiva, eles gostavam e uns falavam pra mim que já praticaram aquilo lá com o tio, com o primo, tá entendendo? Então, eu tive pensando assim que [...] eu tive isso com a minha cunhada, né? Então um garotinho que tem seus doze anos abaixo, eu acho que ele sente nojo também. Eu fico pensando, [...] a gente chora, por medo.

Em determinado momento, Pedro parece reconhecer que usava os adolescentes de uma maneira ruim, “covarde”:

Primeiro eu não pensava nada, estou pensando agora, então é o seguinte: eu aproveitava do carinho que ele sentia por mim e abusava dele. [...] Agora eu vejo por um lado que é o seguinte: que eu fazendo isso com ele, eu estou abusando dele, aproveitando da fraqueza dele, do carinho dele, eu estou sendo muito covarde com ele, tá entendendo?

Apesar de, em outra fala, Pedro mencionar que por diversas vezes percebia a rejeição por parte dos adolescentes, ele logo se justifica ao afirmar que mesmo assim eles o amavam:

Tem muito menino que rejeitou que eu fizesse, tá entendendo? [...] Dá pra perceber que hoje eu fiz isso aí porque o menino sentia amor por mim. Ele sabia que era errado ali, né, [mas] ele deixou porque sentia amor por mim. Me tinha como um herói; [o] adulto pras crianças é um herói, um lutador.

Uma outra faceta do sentido de Pedro sobre adolescentes é a de que ele os vê como destituídos de poder pessoal, o que facilita a relação sexual: “O adolescente fica mais fácil, porque [...] eu me sinto poderoso. Tipo assim, eu me sinto como se fosse um coronel”. O poder de adultos sobre adolescentes é comumente mencionado pela literatura (FALEIROS, 1998; SCHMIKLER, 2006) como causa fundante para a ocorrência da violência sexual. O poder, para Pedro, pode ser experienciado também no adolescente, que se sente melhor ao se relacionar com um adulto: “E o garoto vai sentir tanto poder de estar comigo. Qualquer coisa que eu faço com ele, pra ele tanto faz, tanto fez. Eu estou abusando dele, tanto faz, tanto fez”.

Pedro parece estabelecer uma linha etária que diferencia os adolescentes: os de até treze anos e os de treze ou mais. Em relação aos primeiros, Pedro os considera fracos e frágeis, acuados e bobos, mesmo já tendo praticado violência contra adolescentes dessa idade. Atualmente ele diz ter repensado seus atos e não mais submete-os à violência por duas razões: (1) ele pode machucá-los; (2) esses adolescentes podem contar aos outros o ocorrido. No que diz respeito aos adolescentes de treze acima, ele os percebe como mais desenvolvidos, totalmente conscientes das ações que desempenham, inclusive as de cunho sexual:

Dez, onze, doze, eles não têm raciocínio, eles raciocinam pouco, e os de treze, quatorze, quinze pra riba eles pensam mais, eles sabem o que tão fazendo, eles conversam mais, são mais ativos, né. Os moleques de nove, dez, onze são bons de idéia também [...], mas tadinho, eles são muito fraquinhos.

A fragilidade dos adolescentes provoca em Pedro sentimentos de pena e dó: “Eu tenho dó deles, tá entendendo? Tanto faz que seja feio, seja gordinho, seja negro – é criança”. Apesar da pena relatada, as vítimas frágeis são as preferidas de Pedro, pois são mais suscetíveis a guardar o segredo da violência sexual do que os outros:

Primeiramente eu ia fazer ele gostar de mim, muito acuadinho, muito quietinho, [...], tá entendendo? E pra mim esses meninos acuadinhos geralmente guardam segredo, eles não são de revelar as coisas fácil assim. Agora aqueles moleques mais sapecas revelam mais

fácil, eles contam.

A fala acima revela que as crianças mais submissas à autoridade do adulto são alvos mais fáceis dos AVS, uma vez que há menos possibilidade de reação à violência e mais probabilidade de manutenção do segredo. Essa questão assinalada por Pedro suscita um debate em relação à educação familiar. Socialmente, valorizam-se as crianças educadas para ser obedientes aos pais; desse modo, a obediência é ponto crucial para se nomear uma criança como “bom filho”. Ao procederem dessa forma, as famílias ensinam às crianças que devem aceitar quaisquer atitudes provindas dos adultos, o que as torna mais vulneráveis à violência sexual. As crianças assim educadas podem não conseguir identificar quando os adultos as desrespeitam, e, caso consigam, não reagem, pois devem a estes últimos a submissão.

Uma segunda característica que emerge da fala de Pedro é a idéia de reciprocidade da relação de afeto estabelecida entre ele e os adolescentes. Da mesma forma, como ele gostava dos adolescentes, apaixonando-se por eles, acredita que eles também passavam a gostar dele. Segundo Robertiello e Terry (2007), os AVS contra crianças tendem a procurar relações afetivas com crianças, com a expectativa de que sejam mútuas e de que, com isso, as crianças e adolescentes se submetam às suas investidas sexuais. Essa característica é expressa na fala a seguir:

A maioria deles eu tinha amizade com eles. [...] E eles só sentiam medo de me perder, de ficar longe de mim, tá entendendo? E muitas vezes, um, dois, três, quatro, eu sempre tinha relações com eles diariamente e eles não falavam nada, tá entendendo? Por medo de perder eu; eu dava muitas coisas pra eles.

O entendimento de que os adolescentes também eram apaixonados por ele impediu Pedro de reconhecer o medo expresso por eles. Isso fica evidente na fala a seguir: “Esse moleque que eu seqüestrei, ele chorava lá a noite inteira, ele falou assim que, se eu quisesse ter relação sexual com ele, eu não precisava seqüestrar ele. [Isso é] pra você ver o tanto que ele é apaixonado por mim, o tanto que ele gosta de mim”.

Em uma outra situação, Pedro, após submeter um adolescente à violência sexual, ficou sabendo que ele tinha adoecido. Na sua compreensão, isto teria acontecido porque os pais do garoto teriam-no impedido de ver Pedro:

Então o que acontece é que muitas das vezes o adolescente fica tristonho, porque ele sentiu muito [...] perder aquela pessoa. Ele vai sentir o impacto e vai pensar: “Agora eu não vou ter outra pessoa pra ganhar dinheiro dele, ganhar presente, aquelas coisinhas, né”.

Percebe-se, nas falas, que Pedro utilizava-se do dinheiro como estratégia para a prática da violência sexual. Gallagher (1998, 1999), citado por Sullivan e Beech (2002), relata que os AVS utilizam uma variedade de estratégias – tanto emocionais quanto financeiras – para submeter as crianças à violência. Para Gabel (1997), as estratégias mais comumente usadas são: tornar-se amigo de uma criança carente de afeto e de cuidados; dessensibilizar progressivamente a criança em relação aos comportamentos sexuais; assustá-la e intimidá-la. Já Robertiello e Terry (2007), por sua vez, incluem a coerção verbal e/ou física, a manipulação emocional, a sedução e os jogos. No caso de Pedro, ele acreditava que, após utilizar-se da estratégia financeira, os adolescentes eram despertados de alguma forma para a sexualidade:

Despertei isso nele realmente. [...] Eu falei assim: “Oh, é o seguinte, se você deixar eu pegar na sua bundinha, eu dou um dinheiro pra você”. E ele: “Você dá mesmo?”. E eu: “Dou”. “Então, pode pegar. Mas é pra dar o dinheiro mesmo”. “Não, de boa”. Na mesma hora assim, peguei e comecei a me masturbar e falei o seguinte: “Bate uma pra mim então”. E ele começou a bater, quer dizer despertou nele.

A literatura que busca apreender a forma pela qual os AVS dão sentidos às crianças tem comumente se limitado a apontar a caracterização delas como seres sexuais (WARD e KEENAN, 1999; WARD et al., 1997). De fato, para alguns AVS, tais como Pedro, essa característica é incontestável. O problema é que esses dados têm sido de tal forma generalizados que os pesquisadores não conseguem caracterizar que, mesmo com essa nítida compreensão por parte dos AVS, há contradições. Pedro, por exemplo, apesar de entender crianças e adolescentes como seres sexuais, em determinados momentos, reconhecia que a relação sexual podia não ser satisfatória para os adolescentes e que os usava de uma maneira covarde. Ademais, os pesquisadores parecem esquecer-se de que há outras formas por meio das quais os AVS conceitualizam as crianças, tais como Pedro revela: como seres humanos destituídos de poder pessoal, frágeis e capazes de uma reciprocidade afetiva.

### 3.2.2.8 A infantilização – “Eu fui crescendo. Ficando mais velho, né? Crescer eu não cresci não”

Em diversos momentos Pedro declara sentir-se como uma criança quando está perto de um adolescente. A fala a seguir é esclarecedora: “Acontece que [...] eu me sinto como uma criança, um adolescente também; eu sinto assim dentro de mim, tá entendendo? O meu coração dispara”. Nunez (2003), apud Hines e Finkenhor (2007), acredita que os homens sexualmente atraídos por adolescentes do sexo masculino podem: (a) ver-se como adolescentes e, por meio das relações que estabelecem, revivem suas adolescências psicológica e emocionalmente; (b) ver-se como mentores dos adolescentes, sendo mais fortes, mais poderosos na relação e capazes de assumir o controle.

Wilson (1999), ao pesquisar a forma de os pedófilos comportarem-se em relação às crianças, constatou que os pedófilos homossexuais mostraram uma maior preferência por relacionarem-se com as crianças no mesmo nível emocional delas. Para o autor, isso é indicativo de imaturidade. Além disso, os pedófilos gostam de ser os mentores do relacionamento com as crianças. É o que se detecta nas falas de Pedro: “Tem hora que eu sinto que tem uma criança dentro de mim [...] Eu penso assim: ‘Eu não quero ficar velho, tá entendendo?’ [...] É uma coisa incrível eu conseguir conquistar a amizade, acho que o moleque olha pra mim e vê um adolescente também”.

De fato, até a fase da adolescência, Pedro ainda mantinha comportamentos infantilizados: “Até os meus dezesseis anos de idade, eu comprava uns bonequinho fortinho, uns heróis e eu brincava na cama até dormir”. Essa infantilização já foi evidenciada, em diversas de suas falas, pelo uso constante de diminutivos (Ex.: bonitinho, rostinho, alegrinho). Esse mecanismo traz conseqüências quanto à perpetração da violência contra crianças. Ao considerar-se uma criança/adolescente, Pedro coloca-se no mesmo nível desenvolvimental deles.

Hipoteticamente, seria uma relação entre pares, entendida por ele como exploração sexual mútua – que em nossa sociedade é considerada normal. A infantilização parece tratar-se de outra forma discursiva utilizada para a minimização da culpa e/ou dos danos decorrentes da violência sexual cometida.

### 3.2.2.9 As conseqüências da violência: para os adolescentes e famílias e para si próprio

Há duas categorias amplas de conseqüências da violência sexual evidenciadas por Pedro: a produzida nos adolescentes e seus familiares, e a causada nele mesmo. Em relação à primeira, Pedro inicialmente demonstra desconhecer as conseqüências para as vítimas, ao afirmar que “no pensamento deles eu não sei o que passa”. Em um outro momento, ao ser questionado sobre como se sentiria uma criança vítima de violência, Pedro diz não saber, pois nunca havia indagado sobre suas impressões. Posteriormente, mencionou três prováveis implicações da violência para os adolescentes. A primeira é a de que eles podem transformar-se em AVS, ou seja, “crescer com o mesmo ato de abusador”.<sup>102</sup> Isto está explicitado na fala a seguir:

Se realmente eu abuso de um adolescente, uma criança, provavelmente ele pode crescer, ele pode ter o mesmo problema que eu tenho, né, por ter abusado dele, e pode ser que não, tá entendendo? Porque é o seguinte: tem adolescente que já tá rapaz, já tá homem [...] e tá de boa. [...] Essa coisa de pensar sobre o adolescente crescer e se tornar isso aí, eu comecei pensar agora.

Outro efeito da violência seria o de que os adolescentes, no futuro, poderiam tornar-se homossexuais: “A maioria dessas pessoas homossexuais [...] acho que na infância eles passaram por isso aí também [...]; uns 40% passaram”.

Uma terceira conseqüência seria a vergonha em relação à violência sofrida: “Se realmente ele deixar um amigo<sup>103</sup> abusar dele [...], ele vai ter vergonha de alguém saber, de colega saber, da mãe saber que realmente ele deixou abusar dele né?”

A outra “categoria” de vítimas elencada por Pedro é constituída pelos pais dos adolescentes. Para eles, a conseqüência da violência sexual seria o sofrimento: “Eu sei que vai chatear o pai, a mãe, o parente de fazer isso: ‘Será que ele morreu? Será que alguém matou ele? Alguém seqüestrou ele? Usou ele? Abusou dele né?’”.

<sup>102</sup> Essa implicação da violência somente foi percebida por Pedro recentemente.

<sup>103</sup> Nesta fala, Pedro considera-se “amigo” dos adolescentes, o que demonstra uma tentativa de igualar-se à condição emocional de suas vítimas.

Em relação às conseqüências acarretadas para si, Pedro cita a quebra da amizade anteriormente estabelecida, tanto com o adolescente quanto com os pais dele. Isto é expresso no desabafo: “Esse jeito que eu sou atrapalha. Você tem um priminho, você tem um sobrinho, eu tenho amizade com você e aí ficam sabendo que eu sou pedófilo. [...] Quer dizer, a minha conduta por ser isso aí atrapalhou a minha convivência com aquelas pessoas”.

Outra implicação da violência para si seria a punição judicial: “Que na minha própria vida mesmo, eu estou sabendo que não precisa pegar um adolescente, pra fazer isso. Pra que pegar um adolescente? [...] De repente ele me entrega na justiça”.

No momento inicial da fala de Pedro, ele revela desconhecer as conseqüências da violência sexual para as suas vítimas. Contudo, em momento posterior, contradizendo a literatura sobre os déficits que os AVS possuem em relação ao conhecimento das necessidades de suas vítimas, ele consegue enumerar algumas das conseqüências da violência, tais como: a possível repetição da violência sexual, a homossexualidade e a vergonha, além do sofrimento acarretado para a vítima, para os pais e também para si próprio.

### 3.2.2.10 A ambivalência entre o desejo de parar de cometer violência e o desejo sexual por adolescentes

Por diversas vezes, nas suas falas, Pedro expressa a intenção de parar de cometer violência, consciente que se trata de algo incorreto. Esbarra, porém, em um problema: “Eu tenho maior vontade assim de ter uma amizade com adolescente [...] e não ter relações com ele. O que eu faço para debater esse trem, essa força maligna que persegue a minha vida, tá entendendo?”.

Relata estar recentemente experienciando uma mudança de atitude e comportamento em relação aos adolescentes. Mas, para que isso ocorra, a condição que estabelece é um relacionamento com uma mulher que satisfaça seus desejos sexuais: “Eu acho que, se eu tiver relação com uma mulher bem bonitinha, do jeito que eu quero, [...] minha vida vai mudar”.

Quando é questionado sobre os motivos que o fazem desejar parar de cometer violência, Pedro refere-se ao relacionamento com sua filha e também com sua mãe:

Eu preciso parar porque eu preciso cuidar da minha filha, preciso levar no shopping, levar



para passear. E, estando com esse problema lá fora, como eu vou fazer com minha filha? [...] Eu tenho que mostrar para minha filha a dignidade minha, o respeito... [Quero ser] um pai social, não um pai covarde, tá entendendo? Então, ela tá crescendo, crescendo, crescendo e eu não estou convivendo com ela.

Em relação à mãe, Pedro expressa o desejo de realizar atividades corriqueiras com ela, impossível devido ao cerceamento de sua liberdade: “[Eu quero] ficar mais perto da minha mãe [...] trabalhar e, quando chegar a tarde, ir ao supermercado, fazer compra, ir numa loja”. Contudo, Pedro duvida se vai conseguir seu intento, pois lhe é difícil controlar-se; o desejo sexual é muito forte. Segundo McKay et al., apud Geer et al. (2000), os AVS costumam atribuir seu comportamento a causas incontroláveis. Isso fica claro nesta fala de Pedro:

Eu vou ter que lutar, lutar, lutar, lutar, lutar, lutar, lutar bastante mesmo para parar. [...] Mas o duro é quando eu sair, se eu vou ter esse controle. [...] Não vai ser tão fácil, tá entendendo? Já pensei que basta querer, não vou fazer e pronto, mas é uma coisa muito forte, sabe? Eu acho que não existe uma coisa mais forte no mundo que o desejo sexual não.

Algumas vezes afirma que seu problema – a pedofilia – não tem cura; em outras, diz que a solução virá “se entregar a vida e alma a Deus”. Na literatura pesquisada, nenhum título abordou o desejo de parar de cometer violência. Contudo, o tema é bastante importante, pois fornece informações sobre os planos – que podem ou não ser concretizados – feitos pelos AVS para o período de pós-encarceramento. Neste estudo, Pedro demonstra vontade de parar, porque entende ser algo incorreto, apesar de saber que se trata de uma tarefa difícil, já que seu desejo sexual por adolescentes lhe parece incontrolável.

Em síntese, o núcleo de significação “A violência praticada” revela que Pedro construiu para si uma “ética”, segundo a qual somente ele pode cometer violência sexual em razão do não-emprego da violência física para com os adolescentes. Constitui também sua “ética” o fato de considerar que, em função do amor que nutre pelos adolescentes, ele poderia manter um relacionamento afetivo e sexual entre pares.

Ao evidenciar mecanismos pelos quais se desresponsabiliza pela violência cometida, Pedro atribui a prática da violência a um espírito/personagem, culpabiliza o adolescente pela violência e, por fim, minimiza os efeitos negativos da violência. Quanto às razões elencadas por

Pedro para cometer a violência, o desejo sexual é a mais freqüentemente citada por ele. Contudo, não é o único motivo, uma vez que ele também justifica a violência através da violência sexual sofrida na infância, do destino, do vício, do desvio mental, da revolta, da falta de convivência com o pai e do receio em desenvolver um relacionamento sexual e afetivo com um adulto. No que concerne aos sentimentos relativos à violência cometida, ele menciona o arrependimento, a vergonha e a culpa.

Já em relação aos sentidos atribuídos às crianças, Pedro as vê como seres sexuais, como destituídas de poder pessoal, como seres frágeis, com as quais seria possível uma reciprocidade afetiva. Este núcleo de significação questiona se a infantilização de Pedro – denotada tanto de forma direta quanto indireta – traz conseqüências para a perpetração da violência contra crianças, uma vez que, ao infantilizar-se, Pedro iguala-se emocionalmente aos adolescentes aos quais ele submete a violências.

Quanto às conseqüências dos atos para as suas vítimas, inicialmente, Pedro indica desconhecê-las, mas posteriormente, menciona algumas: a futura repetição da violência sexual (ciclo ofendido-ofensor), o desenvolvimento da homossexualidade e o sentimento de vergonha.

Por fim, Pedro revela uma contradição entre o desejo de parar de praticar a violência sexual e o desejo sexual pelos adolescentes. Para ele, contudo, este último parece ser mais forte do que o desejo de parar.

### 3.3 RENATO

#### 3.3.1 A violência sofrida

Para a análise deste núcleo de significação, dois tópicos – “O medo da homossexualidade” e “Sentimentos a respeito da violência sofrida” – constituirão a história das violências sofridas por Renato.

### 3.3.1.1 O medo da homossexualidade

Renato narra ter sofrido violência sexual por parte de duas pessoas diferentes: seu pai – que ele não consegue recordar quando ocorreu – e seu padrasto,<sup>104</sup> que durou dos nove aos quatorze anos de idade. A violência sexual perpetrada pelo pai parece ser minimizada em seus efeitos negativos por Renato, uma vez que não houve penetração. Fala que o pai “tentou”, mas “não conseguiu”, pois ele era muito pequeno e, “com certeza, não tinha condição”. De certo modo, ele parece descartar a idéia de que teria sido vítima de violência, em função de não haver ocorrido a penetração:

Eu só lembro que ele queria ficar comigo, ele até pegou e tirou minha roupa, né? Mas assim, eu não lembro se ele mesmo não deu conta, porque já estava bêbado e deixou pra lá. [Ou] que ele viu que eu não ia agüentar, né? Então pelo menos ele colocou na perna dele, pelo menos pra satisfazer a ele, né?

Renato manifesta uma profunda inocência e desconhecimento sobre sexualidade quando foi vítima de violência.<sup>105</sup> Segundo Finkelhor (1979), a inocência da criança, quando da ocorrência da violência sexual, pode protegê-la contra o trauma provocado pela experiência. Essa constatação fica claramente expressa na fala que se segue:

Na época fica uma situação que..., né? [...] Assim na época eu ficava imaginando [...] o que tá acontecendo aqui? Mas nunca tinha essa sabedoria que hoje em dia tem. [...] No caso pegou uma pessoa que não tinha experiência, não sabia de nada. [...] Então aquilo era normal, né? É normal estar acontecendo, não, tudo é normal! Tudo é normal! E não é! Quer dizer, uma pessoa que não tem defesa, uma pessoa que não sabe nem se defender. Não sabe nem explicar o que tá acontecendo, né? Principalmente naquela época, né?

Em relação ao padrasto, Renato narra que ele o submeteu à violência por aproximadamente cinco anos, por diversas vezes. Assim como com o pai, seu padrasto também não o penetrou. Ao retratar a violência sexual perpetrada pelo padrasto, Renato manifesta-se de maneira bastante similar à forma como havia feito ao narrar a violência praticada pelo pai:

---

<sup>104</sup> Renato refere-se a esta pessoa como padrasto, uma vez que este o criou na adolescência. Contudo, esse homem nunca teve um relacionamento afetivo com a sua mãe.

<sup>105</sup> Este item será mais bem trabalhado no item “O sentido atribuído às crianças – as crianças sexualizadas”.

Eu acho que ele sentia a vontade dele, né? E coisa e tal, né? Só que aí, eu acho que ele via que não tinha condição de agüentar, né? Tentava de um lado, de um outro até acontecer o que ele queria, né? [...] Ele tentava [penetrar], mas aí ele não conseguia, sabe? E aí tal, muitas vezes punha nas coxas, fazia pegar com a mão, né? [...] Ué, naquela época, a gente fica assim pensando, né? [...] E através disso, né? Por que às vezes ele mandava a gente pegar com a mão, né? Aí ele falava: “Você pega o seu negocinho e faz assim também”.

Isso acontecia quando a esposa de seu padrasto estava ausente.<sup>106</sup> Na época, Renato, por não ter informações sobre sexualidade, acreditava que a violência a que era submetido fazia parte da relação interpessoal com seu padrasto:

Aí tinha vez que a mulher dele viajava e aí de noite ele me levava pra cama dele, né? Depois que terminava lá voltava pra cama, né? E ficava assim, e tal. Naquela época, a gente ficava sem ter noção e sem saber o que acontecia, por que pra mim aquilo era normal, né? [...] Aquilo pra mim acontecia porque acontecia com todo mundo, né?

Segundo Forward e Buck (1989), as vítimas de incesto geralmente oferecem pouca resistência à violência, uma vez que normalmente lhe é repassada a idéia de que tais atos são normais. No caso de Renato, ele narra que, mesmo acreditando que os atos do padrasto eram normais, não deixava de reconhecer seu caráter coercitivo: “Se não fazer, você vai apanhar!”. Então era obrigado, né? [...] Tinha coisa que você fazia mesmo, ou fazia ou apanhava. Então o que dizer? É aquela situação, [...] é igual àquela história, ou faz ou morre, né?”.

Quando começou a estudar, Renato aprendeu que a violência não era correta e passou a questionar o caráter homossexual da relação. Esta fala de Renato ressalta a importância da escola na prevenção da violência sexual:

[...] comecei a ir pra escola, aí sabe e tal, tinha um professor que [...] já foi explicando e tal. [...] Aí eu fui começando a entender, né? Que essa coisa não é certa, porque se tem a mulher, né? Eu ficava olhando, né? Mexia muito com gado, né? Se tem o boi e a vaca, então é um casal, né?! Então esse trem está errado, né? Aí eu comecei a pôr dentro de mim que aquilo era errado, né? [...] “Eu transei com fulano então ele é viado”. Aí, foi desenvolvendo aquilo na minha mente, e foi encaixando e aí já via que é pessoa que tem relação com outro homem, né?

---

<sup>106</sup> Quando Renato relata sobre a violência cometida contra suas filhas, ele também diz que tudo iniciou nos momentos de ausência de sua esposa.

Talvez o fato de ser a homossexualidade julgada como o único motivo para Renato acreditar que a violência sexual estava errada é porque ele não havia se machucado fisicamente nos atos a que fora submetido. Portanto, apesar de reconhecer a coerção sofrida, por momentos achava que era uma “farra”. Ao entender que um ato sexual cometido entre dois homens constituía uma relação homossexual, Renato quis lutar contra a violência sofrida. Isto fez com que um dia ele pegasse uma faca para intimidar seu padrasto. É o que ele narra nesta fala: “Aí ele não me procurou mais. Quando foi um dia, [...] eu falei: ‘Você me respeita que eu sou é homem’. Eu nunca tinha passado a mão na faca pra enfrentar ninguém, aí eu passei a mão na faca, né?”. Renato nunca revelou a ninguém as violências sofridas, o que, segundo a literatura (VALENTE, 2005; FALSHAW et al., 1996), é bastante comum.<sup>107</sup> A violência sexual perpetrada contra meninos é menos provável de ser revelada em função, principalmente, do estigma da homossexualidade. É o que explicita esta fala: “Coisa que eu estou falando pra você eu não falei pra ninguém, nem principalmente pra ela [esposa], porque eu pensava assim: ‘Se eu falar pra ela, ela vai pensar assim [que casou] com um viado’”.

A questão da homossexualidade ainda é motivo para que as lembranças da violência venham novamente à tona, como em situações em que alguém diz: “Fulano é viado”. Renato reconhece que tudo aquilo lhe deixou muitas marcas e que “é uma coisa que só Deus pra poder apagar”. Relata sua preocupação em esquecer a violência sofrida: “Quando eu estou deitado, e de madrugada acordo e fico debatendo comigo mesmo né? Por quê? Fico assim andando, assim pra lá e pra cá, querendo arrumar um final pra aquilo. Só que não tem jeito, só no dia que Deus voltar”.

Em síntese, este item revela cinco aspectos relacionados às violências sexuais sofridas por Renato: (1) o fato de ambas terem sido incestuosas; (2) a minimização dos efeitos negativos por não ter ocorrido penetração; (3) a confusão no tocante à sua orientação sexual, por terem sido relações homossexuais; (4) a compreensão inicial de que as violências eram normais; (5) o segredo em que foram mantidas.

Para Pinto Júnior (2005), a relação incestuosa entre este pais/padrastos e

---

<sup>107</sup> Finkelhor (1979) constatou que 73% dos meninos por ele pesquisados não contaram a ninguém da violência sexual sofrida.

filhos/enteados é um “duplo tabu”, que provocaria nas vítimas problemas quanto à identidade sexual. Comumente presente na adolescência dos meninos, a confusão se amplia pela ocorrência da violência sexual com uma pessoa do mesmo sexo. A sociedade – apesar de empregar um discurso em direção contrária – vê qualquer tipo de relação homossexual como desviante, o que provavelmente aumentou a vergonha sentida por Renato, culminando na manutenção do segredo.

### 3.3.1.2 Sentimentos a respeito da violência sofrida

Dois pontos são cruciais na fala de Renato no que diz respeito aos sentimentos relacionados à violência sofrida. O primeiro é o de que, em nenhuma das falas, a figura do pai é alvo de comentários, como se ele fosse destituído de importância. O segundo diz respeito às dificuldades em verbalizar os sentimentos experienciados quanto à violência sofrida por parte do padrasto. Na fala a seguir, Renato apenas consegue mencionar o constrangimento de ter de passar por aquela situação de violência: “Sentia assim oprimido [...] Naquele momento sabia que não agüentava, né? E aí ele tentando introduzir e tal, né? E não agüentava né?”.

Apesar de não verbalizar explicitamente, fica claro que Renato sentia-se negligenciado pelas figuras adultas, sem poder contar com ninguém para ampará-lo e protegê-lo:

Pensava assim que eu era um João ninguém, não tinha ninguém comigo e aí então [o padrasto] podia fazer o que quisesse comigo e tal e eu tinha que ficar calado. A história é essa: tinha que ficar calado, né? Se contasse, apanhava e era aquela história: quando pegava pra bater faltava era matar. [...] Eu me senti abandonado, desprezado e humilhado.

Demonstra ainda a sensação de impotência experienciada quando criança, quando não via saída para a situação de violência:

É uma coisa que dói o coração da gente, porque é uma coisa que estava acontecendo com uma pessoa que não pode reagir, que não tem força pra lutar, não tem força pra defender. Muito menos até tem uma sabedoria, né? Também que na hora que tiver oportunidade de correr, né? Porque ou eu corro ou ele vai me pegar, né? Então é aquele ditado: “Se ficar o bicho come, se correr o bicho pega”.

Em relação à culpa – sentimento comumente vivenciado por crianças vítimas de violência sexual –, nega tê-la sentido. Quando consegue nomear os sentimentos experienciados

enumera somente dois deles: a raiva e a vergonha. No que diz respeito à raiva, outro sentimento comumente descrito por crianças vítimas de violência sexual (ARAÚJO, 2002; HABIGZANG et al., 2005), Renato se contradiz. Em alguns momentos, diz não ter sentido raiva de seu padrasto: “Raiva não tem, né? Só ficava com vergonha, com vergonha né? Por ter acontecido aquilo que estava acontecendo”. Em outros, contudo, alega ter sentido raiva a ponto de querer matar o padrasto: “Chorava, ficava para um lado e pensava assim: ‘Eu vou matar ele’”. A raiva vem acompanhada da vergonha, do conhecimento de que a situação não lhe era adequada: “É raiva eu sentia assim, porque sabe depois, nem tanto por isso, sabe? Eu vim sentir raiva, mas ficava contrariado e depois [...] fui tomando vergonha”.

Ao sintetizar este item, vê-se que Renato possui dificuldades em elencar e verbalizar os sentimentos relacionados à violência sexual sofrida. Ademais, o desamparo que sentia por não poder contar com ninguém para proteger-se das investidas sexuais do pai e do padrasto é evidente. Essa negligência por parte dos adultos com quem conviveu foi um dos fatores que contribuíram para a perpetuação da violência por cinco anos.

Este núcleo de significação – a violência sofrida – revela que a infância de Renato foi constituída pela naturalização da violência sexual, levando-o a pensar que aquelas ocorrências faziam parte de sua relação tanto com o pai como com o padrasto. Quando reconheceu que elas não eram “naturais”, aproximadamente aos quatorze anos, Renato reagiu à violência praticada por seu padrasto; esse reconhecimento, contudo, não foi suficiente para impedi-lo de submeter suas duas filhas à violência sexual.

### 3.3.2 A violência praticada

Para historiar a violência praticada, sete itens foram selecionados para compor este núcleo de significação. São eles: “Responsabilização *versus* culpabilização das vítimas: “99% da culpa é minha, mas pelo menos 1% é delas também”; “As conseqüências da violência: ‘Não é fácil, pra mim como pai, pra ela como filha, pra esposa também, pra todos não é fácil’; ‘Os motivos para cometer a violência’; ‘O sentido atribuído às crianças – as crianças sexualizadas’; ‘Os sentimentos em relação à violência cometida: medo, vergonha e culpa’; ‘As dimensões da

violência: a violência processual e a violência como expressão do uso força física'; e, por fim, 'O desejo de não mais cometer violência'".

### 3.3.2.1 Responsabilização *versus* culpabilização das vítimas: "99% da culpa é minha, mas pelo menos 1% é delas também"

Ao ser questionado sobre o início da violência sexual contra suas filhas,<sup>108</sup> Renato conta que sempre foi muito brincalhão com a esposa e que costumava agarrá-la por trás, brincando. Diz que, quando estava na cama com a esposa, às vezes a filha mais velha chegava e se deitava também e "já ia mexendo nas partes que não podia". Ao ser questionado sobre a idade de sua filha nessa época, ele responde: "por volta de três anos". Relata que, por diversas vezes, ao manter relações sexuais com sua esposa, a filha mais velha presenciou tais cenas, pois não havia porta em seu quarto; até mesmo sua esposa também já havia percebido que a filha os observava: "Ela via eu beijando a mulher, carinhando a mulher e pensava que o mesmo carinho que eu tinha com minha mulher, tinha que ter com ela também. Ai, foi acontecendo as coisas e chegou no ponto que chegou. Então, sabe? Em toda parte eu culpo eu em tudo".

A violência sexual contra a filha mais velha iniciou quando ela tinha seis anos. Ao narrar, Renato expõe uma situação na qual ela o procurava sexualmente: "Ela vinha procurando e tal [...] Eu creio assim que começou por falta de respeito de mim e da mulher, né? Hoje nós vemos que a criança tudo o que vê o pai e a mãe fazendo, ela quer fazer também".

Ao analisar, na fala de Renato, a assunção da responsabilidade sobre a violência, podem-se perceber claramente três momentos díspares: (1) quando se desresponsabiliza pela violência praticada e atribui a culpa às filhas ou à esposa; (2) quando, depois de ser preso, admite a responsabilidade pela violência perante as filhas; (3) quando assume a responsabilidade pela violência cometida, se bem que em raras ocasiões.

- Primeiro momento

---

<sup>108</sup> Segundo o depoimento de Maria, filha de Renato, a violência sexual teve início quando ela tinha seis anos. Sua irmã Mariana tinha nove anos à época. De acordo com Maria, as violências sexuais perpetradas por Renato duraram nove anos.



No primeiro momento, ao se referir à forma como a violência se deu, Renato constrói a lógica de sua fala imprimindo às filhas a responsabilidade pela violência cometida, como se fossem elas as que desejavam aquelas situações:<sup>109</sup> “Quando eu chegava, elas queriam e talvez e eu não tava nem sabendo. Aí chegavam [e diziam]: ‘Vamos, vamos, vamos [ter relações]’. E eu: ‘Não, não’. ‘Vamos, vamos, vamos’ e tal. Aí quer dizer, eu já ia ali e já ficava com medo”.

A atribuição da culpa às vítimas é explicada por Ward et al. (1997), que concluíram que os AVS interpretam de maneira errônea a comunicação com suas vítimas, entendendo-a como um convite ao contato sexual. Sobre a culpabilização das vítimas, Pinto Júnior (2005, p. 57) também menciona que “o agressor pode culpar ou insinuar que a vítima é a responsável pelo ato sexual, inferindo ter sido seduzido pela criança”. Em um estudo com 42 famílias incestuosas – mais especificamente em entrevistas com 40 AVS –, Phelan (1995) analisou os significados do incesto para os pais/padrastos e para as filhas/enteadas. Doze dos quarenta pais/padrastos disseram que as crianças iniciaram a atividade sexual.

Quanto a Renato, a transferência da responsabilidade para as filhas era constante. O jogo de culpabilização das crianças era tão sutil que, por vezes, nem ele mesmo parece se dar conta de que era ele quem levava as filhas a se sentirem dessa forma: “Sabe, a gente sabe que ela não é culpada, quer dizer, talvez alguém plantou isso na cabeça dela ou *talvez ninguém explicou isso pra ela, né?*”.

Talvez um dos fatores que contribua para a culpabilização das vítimas de violência sexual por parte dos AVS seja o estereótipo da “criança ninfeta”<sup>110</sup> (FURNISS, 1993; GLASER e FROSH, 1998; SCHMICKLER, 2006), segundo o qual são as crianças que seduzem os adultos, por estarem preparadas para o ato sexual: “Assim, de vítima, torna-se acusadora, depois torna-se mentirosa e, finalmente, torna-se dupla vítima – tanto do incesto como do seu próprio segredo. De vítima torna-se culpada, julgada sedutora, amante e até perversa” (SUÁREZ e BANDEIRA, 1999, p. 166).

Na fala que se segue, há uma mensagem implícita de que as filhas o seduziam. Renato

---

<sup>109</sup> Cabe ressaltar que, no processo judicial, Maria e Mariana contradizem totalmente essa informação de Renato. No documento, as filhas relatam que era o pai quem iniciava as atividades sexuais.

<sup>110</sup> A exemplo do romance/filme *Lolita*, a estória de um professor que se apaixona pela enteada de doze anos de idade

parece não ter sido hábil em fazer a diferença entre o carinho expresso pelas filhas e a hipotética sedução com cunho sexual:

Ali eu falava: “Se elas não me procurarem, eu não vou procurar” e eu não procurava, mas chegava aquela hora que elas queriam algo, aí elas chegavam [e diziam]: “Pai, me dá isso [...] Me dá cinco reais” [...] Aí quando é fé, chegava adulando e com carinho e tal e aí é aquela história né? [...] Aí eu falava pra elas: “Vamos parar, vamos parar, vou parar, não vou mais fazer isso”. Na hora elas falavam: “Não, tudo bem. Eu vou evitar o senhor, não vou mais mexer com isso, né?”.

Em algumas de suas falas, Renato isenta-se totalmente da responsabilidade: “Elas sempre foram muito apegadas comigo, tentavam fazer as coisas, e eu sempre recusando, né? Evitando e tal, e tinha aquele amor, aquele carinho, então depois que começou a acontecer as coisas, né?”.

Posteriormente, atribui a “inconseqüência” dos atos de violência a elas: “Mas não olham as conseqüências, talvez não medem as conseqüências, né? [...] Quando é fé, vem e aconteceu as coisas, né?”. Ele chega até mesmo a pedir às filhas que elas não deixassem que ele cometesse violência contra elas, em um jogo sutil de transferência da responsabilidade. Verbaliza a idéia de que as filhas deveriam realizar a interdição da relação incestuosa, dando-lhe “forças”:

Acontecia as coisa e eu falava pra elas “Oh, vocês podem me ajudar, não aceitando, não deixando”. Eu mesmo tentava incentivar elas pra ver se elas tomavam uma atitude, porque se elas tomavam uma atitude, me ajudava. [...] Eu cheguei nelas não foi nem uma nem duas vezes, sabe? Foram milhões, até milhões de vezes: “Minhas filhas, me dá forças”.

Renato passa a narrar a violência como se fosse vítima das “investidas sexuais das filhas”, invertendo a lógica da responsabilização: “Vou te falar a verdade, sabe? De dez vezes, oito a nove vezes eram elas que procuravam, principalmente a Maria, né?”.

Apesar de reconhecer que elas eram crianças, Renato fornece-lhes um sentido de que elas gostavam de imitar adultos. Renato não conseguiu compreender que existe uma limitação dos comportamentos na esfera da sexualidade que o adulto deve impor às crianças. O adulto, por já ter passado pelo processo de socialização e internalização dos valores sociais morais e também por encontrar-se em um nível de desenvolvimento mais avançado do que as crianças, deve ser o responsável por estabelecer esses limites, exercendo, assim, o papel de normatizador das relações

adulto-criança. Na fala que se segue, Renato faz uma comparação:

Uma caixa de marimbondo tá lá quietinha, se você não mexe com ele, também não vai mexer com você. Se for mexer, com certeza ele vai reagir. É a mesma coisa que dizer [que] a criança quer cada dia aprender, né? Se ela ver alguém fazer uma coisa,<sup>111</sup> ela quer fazer também. Se ela vê o outro fazendo, ela vai e tal.

Em uma outra tentativa de desculpabilização, Renato divide a responsabilidade com a esposa e com a filha mais velha, uma vez que esta última já havia presenciado relações sexuais entre ele e a esposa e, a partir disto, teria ficado curiosa em relação ao sexo: “E ela já mergulhava de baixo da coberta né? Pra poder ver, sabe? O que tava acontecendo, né? No caso ali, pra ver se eu ou a mãe tava pelado, pra ver o que que tava acontecendo, né? Então, quer dizer, aí cria aquela curiosidade né?”.

- Segundo momento

No segundo momento, Renato verbaliza para as filhas a sua responsabilidade e culpa por ter cometido a violência. Isso ocorreu após a revelação da violência e quando as filhas foram visitá-lo na prisão. Cabe ressaltar que, apesar de Renato ter assumido a responsabilidade, o jogo sutil de culpabilização das vítimas anteriormente realizado por ele teve uma eficácia tamanha que fez com que as filhas realmente acreditassem que elas eram as culpadas. Em uma tentativa de reverter a situação, ele assume sua culpa diante delas. Na próxima fala, mesmo assumindo a culpa pela violência, Renato não deixa de lembrar à Maria que ela falhou em ajudá-lo na interdição do incesto. No relato, ele reproduz o diálogo com a filha:

“Pai, o senhor tá aqui. Eu sei que nós fomos culpadas”. E eu falei: “Não, vocês nunca pensam nisso; vocês não são culpadas. Porque eu sei que o culpado disso fui eu. Porque eu pedi uma ajuda pra vocês, não foi possível e vocês podem tirar isso da cabeça. Vocês não são culpadas.”

Essa “assumência” da culpa diante das filhas culmina em um pedido de perdão:

Com cinquenta e poucos dias, ela [esposa] veio me visitar, né? [...] a Maria também, né? Vieram as duas e tal, e a única coisa que eu fiz foi pedir perdão: “Eu quero que você me

---

<sup>111</sup> Renato refere-se ao fato de que as filhas já tinham o visto na cama com sua esposa.

perdoa, né?”, e ela chorando disse que me perdoava. [...] Todo mundo chorando, eu também não agüentei. Eu falei pra ela: “Você me perdoa, em nome de Jesus, eu sei que eu errei”, e ela: “Não, tá perdoado”.

Renato chega a verbalizar à filha que a culpa não seria delas, mas sim dele próprio: “Comecei conversar com a Maria e a Maria chorou e tal, eu falei: ‘Olha você não chora, porque, né? Talvez você fica pensando que você é culpada ou que a Mariana é culpada. Não. O culpado sou eu, sou eu que fui errado e tal’”.

- Terceiro momento

No terceiro momento, Renato reconhece seu papel ativo na perpetração da violência e assume a responsabilidade pelo ocorrido – o que raramente foi expresso em suas falas. As filhas, contudo, não deixam de ter uma parcela de responsabilidade: “Eu falo 1%, talvez pode até ser mais [...]. Porque 99% eu sei que eu errei, eu errei como pai, eu errei como homem, né? Eu errei em tudo, né?.” E chega a verbalizar que era ele quem dava início à violência, apesar de não deixar de assinalar que pedia ajuda às filhas:

Eu pedia a elas: “Me ajuda, sabe? Me ajuda”. “Não, mas o senhor quer que ajuda como?”. “É não me procurando, sabe? Na hora que eu procurar vocês pra acontecer” [...] *Aí procurava e tal*, aí tava à disposição, né? Aí quando eu procurasse, se [elas] falassem: “Não e não e não”. Então eu pensava assim: se elas chegarem um dia, né? E falasse “Oh, não aceito mais. Se o senhor tentar, vou falar pra minha mãe, vou dar parte na polícia”. Quer dizer, aí punha um basta, né?

Nesta outra fala, Renato parece reconhecer totalmente a responsabilidade pela violência que cometeu, mostrando-se consciente de que as crianças não tinham condições e nem discernimento necessários para sair daquela situação:

Eu usei pessoas indefesas, pessoas que não sabiam nem o que estavam fazendo. Igual outra vez nós comentamos que talvez elas faziam até por um ato de brincadeira, ou talvez até mesmo por um ato de querer me agradecer [...] ou até mesmo por um ato de adquirir as coisas, né?

Em outro momento, quando questionado diretamente se ele considerava uma violência o que ele fez com as filhas, Renato responde: “De qualquer maneira eu creio que foi uma

violência, porque eu fui atacar uma pessoa indefesa, quer dizer, não tem defesa”. Reconhece ainda que era ele quem deveria ter tomado algum tipo de atitude para que a violência cessasse:

Que eu tenho um pensamento totalmente diferente, se eu tivesse tomado na época, uma atitude né? Talvez tivesse pegado elas e falado: “Ó, o negócio é o seguinte: não pode acontecer isso entre nós, que tá acontecendo. Eu sou seu pai e você é minha filha, e se sua mãe descobrir não vai dar certo né?”.

Em síntese, a análise deste item revela que a questão da responsabilização psicológica em relação à violência sexual cometida não é apenas uma mera dicotomia entre assumir ou não a responsabilidade. As falas de Renato evidenciam que uma linha tênue uniu contradições e tensões de momentos em que julga serem as filhas as responsáveis, de outros em que há, ao mesmo tempo, uma assunção e culpabilização das vítimas, de outros em que ele se considera o responsável e, por fim, de momentos em que há a culpabilização da esposa.

De qualquer forma, a culpabilização das vítimas pode ter implicitamente a função de manter um discurso moral da “explicação” dos atos cometidos, ao invés de ser uma inaptidão psicológica em identificar ou sentir o desconforto das vítimas em relação ao incesto, como preconiza a literatura sobre os déficits de empatia (HANSON, 2003) ou sobre distorções cognitivas (HORLEY, 2000; MIHAILIDES et al., 2004; WARD et al., 1995). Ao contrário, a consciência do erro é comum em AVS, como mostra o estudo de Phelan (1995), segundo o qual 29 dos 40 pais entrevistados falaram explicitamente sobre a noção de estarem errados, do ponto de vista moral, conjugal ou jurídico.

Renato, apesar de ter violado o tabu do incesto, revela ter plena consciência da interdição que a sociedade impõe a tais práticas, ao construir um discurso moral a respeito da violência cometida. Uma prova disto é que, em sua fala, 99% da culpa é dele e 1% é das filhas, porém fica subentendido nas falas analisadas neste item que ele considera que 99% da responsabilidade seria das filhas e 1% dele.

Nesse sentido, ao se colocar no papel de “vítima” dos desejos sexuais e da curiosidade das filhas, ele está tentando justificar, para si mesmo e para a sociedade, a violência por ele perpetrada. Como preconizam Auburn e Lea (2003), a idéia da constituição do discurso moral contrapõe-se à noção de uma mente defeituosa, amplamente defendida no debate sobre as

distorções cognitivas. Desse modo, as falas apresentadas neste item não constituem uma construção do “puramente individual”, mas sim um processo interpsicológico, uma relação por meio da qual indivíduo e sociedade se constroem.

### 3.3.2.2 As conseqüências da violência: “Não é fácil, pra mim como pai, pra ela como filha, pra esposa também, pra todos não é fácil”

Ao refletir sobre as conseqüências geradas pela violência, Renato menciona quatro tipos diferentes: para si, para suas filhas, para a relação entre ele e as filhas e, por último, para a relação dele com a esposa. Essas duas últimas apenas ocorrerão quando ele sair da prisão.

Ao ser questionado sobre como ele entende a violência sexual que cometeu, Renato diz que é “muito difícil” para ele:

Porque se tivesse acontecido quando eu estivesse na minha mocidade, quando era solteiro e tudo, né? Tudo bem, até que eu ia ficar assim, mas de qualquer maneira, né? Se viesse parar em um lugar desse é bravo, sabe? [Em razão da] desconsideração que as pessoas tem pela gente.

Um outro tipo de conseqüência para si deve ser a reação das pessoas nas ruas, quando atingir sua liberdade. Ele acredita que as pessoas vão julgá-lo pelo que fez: “Eu vou estar andando na rua, [...] eu já vou pensar: ‘Não, tá olhando pra mim, tá pensando que eu fiz isso, que eu sou isso, que eu sou aquilo’”.

Quanto às conseqüências para as filhas, reconhece o sofrimento delas por terem passado pela situação de violência,<sup>112</sup> que, indubitavelmente, gerou uma dor pela vergonha, pela culpa e pela angústia. É o que se evidencia na fala que se segue: “Em tudo eu fiz certo, mas errei no ponto que mais doeu, no ponto que mais machucou, que mais contrariou, porque, de uma forma ou de outra, eu sei que elas estavam sendo machucadas, sendo contrariadas, sendo envergonhadas”.

Nesta outra fala, Renato demonstra compreender que as filhas sentem-se culpadas

---

<sup>112</sup> Cabe mencionar contudo, que ele diz que seu sofrimento é maior do que o delas, pois já sofreu muito dentro do presídio, onde é muito humilhado.

pela violência ocorrida, reconhecendo assim o sofrimento delas: “É uma coisa assim que... com certeza a gente vê, né? Tal, a gente conversando dá pra ver um sentimento de culpa nelas”. Esse reconhecimento também se contrapõe à literatura sobre os déficits de empatia (PARKINSON et al., 2004).

A segunda consequência da violência elencada por Renato para as filhas é a de que elas sofrem porque o pai encontra-se preso – seria um sofrimento delas pela condição do pai: “Mas eu sei que tão sofrendo. Não vou dizer que seja todo dia, mas às vezes, tem dia que eu sei que ao deitar lembram de mim, vai fazer uma comida que vai comer e lembra de mim. Então, quer dizer, cada vez vai sofrendo mais”. Em outros momentos, ele reconhece que suas filhas enfrentam três tipos de sofrimentos – o delas próprias em relação à culpa, o delas em relação à condição de encarceramento do pai e o delas em relação ao que a mãe passou:

Eu penso assim, que além de sofrer né? Tá lá sofrendo e ainda tem assim essa angústia né? Dentro do coração... fala assim, talvez pode até pensar.... “Não, podia ter evitado” né? Ou até mesmo: “Por que é que aconteceu isso”, né? Além delas sofrerem por esse lado, né? E sofrem por [...] estar sabendo notícias né? Saber que o pai está num lugar desse, [saber] o que aconteceu com a mãe também, né?

Ainda em relação à Maria e Mariana, uma outra consequência que Renato enumera é o “despertar sexual” delas: “Eu acho que elas foram se despertando pra aquilo, né? E tal né? Ai foi, foi, foi...”. Um outro “despertar” que ele menciona é o conhecimento, ao passar do tempo, de que a situação de violência estava errada, de que não poderia acontecer: “A mente daquela pessoa vai despertando aquilo ali, quer dizer, ela vai chegando a um certo ponto, que ela vai ver que aquilo ali não é certo. Quer dizer, de qualquer maneira, dá prejuízo né? Dá prejuízo de qualquer forma”.

Renato afirma reconhecer as marcas negativas da violência sexual para suas vítimas, em especial em relação à violência sexual intrafamiliar. Ao refletir sobre como seria a vida de uma criança sexualmente violentada, ele pondera:

Eu creio que não é fácil né? Principalmente pra uma pessoa que seja meio pequena, né? [...] Sempre vai ficar aquilo marcado dentro dela [...], é o sentimento dela. Assim no meu caso talvez seja até pior, né? Porque talvez igual eu creio que está todo mundo lá fora sofrendo, né?.

Quando questionado se existiria diferença entre a violência perpetrada por estranhos ou pelo pai, Renato responde que a violência intrafamiliar é mais danosa à criança:

Eu talvez, assim, não vou saber bem, explicar pra você bem certinho. Eu creio que tem. Porque talvez por outra pessoa, a pessoa pode ficar revoltado, né? Talvez ele sabe que você talvez tá em um lugar, ou até mesmo no seu lar e a pessoa chega e te pega, ali é abusa [...] Porque uma criança não tem defesa então abusa, e tal, né? [...] Mas o que que acontece? Ele vai ter o apoio do pai, né? O pai vai ficar revoltado, a mãe vai ficar revoltada, mas não com a criança e sim com o autor, né? Agora dentro da família já fica mais difícil porque a própria família já fica difícil, né? Pra própria criança, pra jovem ou adolescente né? Que seja de uma maneira ou de outra é mais prejudicado, um caso desse dentro da família é mais difícil. Às vezes até mais difícil abrir [revelar] isso.

O terceiro tipo de consequência apontada por Renato é o fato de que a relação entre ele e as filhas ficará prejudicada: “Talvez tem coisa na vida delas que elas querem expor pra mim, né? [...] Mas elas falam: ‘Como que eu vou me abrir com meu pai, se aconteceu isso?’ Aí já vai ficar né?... já tem aquela barreira, aquele impedimento né?”. Ou ainda: “Eu creio que isso aí é uma coisa que eu nunca vou reparar na minha vida. Mesmo depois quando elas tiverem junto comigo e tal, pode talvez até ter aquela alegria, de estar ali comigo, de saber que estou na liberdade, mas nunca mais vai ser como era”.

A violência sexual trouxe às filhas, segundo sua visão, um desapontamento, uma vez que a “única” falha dele como pai foi a de ter cometido a violência: “[Elas] viam em mim um espelho, sabe? E tudo que eu era, um homem trabalhador, que eu era um homem que lutava, não deixava faltar as coisas, né? Que era um homem que não tinha falha, né?”.<sup>113</sup>

Por último, a quarta consequência está relacionada à esposa, uma vez que Renato imagina que ela não o perdoará. É o que fica explícito nesta fala: “Eu sinto assim que a Mariana perdoa e a Maria também. A gente vê, que coisa. Mas a ‘esposa’, eu sinto assim, que a ‘esposa’ é enfezada”.

Em suma, este item descreve que Renato consegue identificar as consequências negativas que a violência sexual causa para si, para as vítimas, e também para a esposa. Isto deixa

---

<sup>113</sup> Apesar de não ser objeto de análise deste item, vale ressaltar que é comum os AVS se declararem homens trabalhadores como forma de tentar minimizar o caráter negativo por terem cometido violência sexual (SCHMIKLER, 2006).



claro que ele reconhece os danos provocados pela violência.

### 3.3.2.3 Os motivos para cometer a violência

O debate que a literatura trava em relação aos motivos alegados pelos AVS para cometer a violência sexual é tenso e contraditório. Horley (2000), por exemplo, defende que os AVS têm dificuldades para expor seus motivos. Phelan (1995) constatou que 27 dos 40 pais por ela pesquisados explicitamente referiram-se à gratificação sexual como um fator motivacional primário e que nove padrastos falaram do desejo de ter controle e poder sobre suas enteadas – termos que os pais biológicos não utilizaram. De forma contraditória, Forward e Buck (1989, p. 43) advogam que “os agressores raramente cometem incesto para satisfazer necessidades puramente sexuais. Na verdade, usam o sexo com suas filhas como uma tentativa baldada de satisfazer uma série de necessidades emocionais”.

Ao refletir sobre os motivos pelos quais praticou a violência, Renato cita vários. Dentre eles, o mais mencionado é a relação que faz com a violência sexual sofrida na infância. Dessa forma, por vezes parece entender os atos praticados sob a ótica da repetição do ciclo da violência. Nesta fala, ele afirma: “Dentro do coração da gente, vai acontecendo as coisas e aí [...] parece que é a mesma coisa de uma ligação: [...] você volta e acontece essas coisas com a mãe, acontece com o pai e quando é fé acontece com as filhas”. Ou ainda: “É difícil, sabe? Sei que é doído, é uma coisa é... sem lógica mesmo... Eu volto lá atrás e não acho o porquê disso, não acho o porquê de tanta coisa, sabe? Apesar que eu tinha passado por uma situação dessa”.

Na próxima fala, Renato, além de trazer a violência sexual sofrida na infância, explicando-se pelo viés da repetição da experiência da vitimização, também refere-se a outros tipos de violência, tais como a miséria e a desigualdade social. Diz ainda que havia uma diferença no tratamento dado a ele e a seus outros irmãos, filhos biológicos de seu “padrasto”:

Eu, fora de brincadeira, só Deus mesmo, sabe? É pra dar entendimento pra gente, porque eu não dou conta não! Você vê durante a infância, eu criança acontecendo isso comigo, quer dizer, aí já vem aquele trauma de estar passando fome pela rua, né? De você estar sendo criado, né? E você vê os outros com um patamar de vida melhor, na melhor escola e no melhor emprego e [...] você que é filho de criação sendo jogado no lixo.

Renato reflete que a “falta de sabedoria” por parte da pessoa que pratica a violência soma-se à “curiosidade sexual” das crianças, reforçando sobretudo a questão do prazer sexual das vítimas. Segundo Finkelhor (1979), embora seja possível, o prazer sexual de crianças quando submetidas à violência é raro. Na sua pesquisa, apenas 8% das crianças do sexo feminino relataram ter sentido prazer durante o ato sexual, mas nenhum dos entrevistados disse ter ficado contente com a experiência da violência sexual. Na fala que se segue, Renato desenvolve sua reflexão sobre o tema:

Vai acontecendo, acontecendo, e o pai, sem sabedoria, e ela com aquela curiosidade, né? Porque viu acontecer entre o pai e a mãe, né? Às vezes por pensar assim [que] ia me satisfazer, que uma criança, hoje, está muito envolvida com o hormônio e as coisas que a gente está vendo. Hoje, uma menina de dez anos está engravidando. E aí, quer dizer, não vou dizer que ela não vai sentir também o prazer, ou ela não vai sentir vontade, né?

Nesta próxima fala, Renato explica-se pelo viés do vício em cometer a violência, que segundo ele, era tanto dele quanto das filhas. O vício dos AVS em cometer a violência é uma questão que mereceu estudos de Furniss (1993) e Sanderson (2005). Na fala a seguir, Renato expõe situações para caracterizar o vício:

Eu batia o pé e falava assim: “Hoje, de agora pra frente, eu não faço mais isso”. Mas passava dois, três dias e [...] cedia. Até mês chegou passar e tal, e eu pensava: “Não, agora não vou mesmo”. E quando é fé caía de novo. Pra mim aquilo parecia que tinha caído era o céu em cima de mim, sabe? Tinha desmoronado em cima de mim. E aí quando é fé, falava: “Tem que coisar”. Mas só que eu buscava, sabe? Quer dizer, buscava força em mim mesmo, né? Não ia buscar força em quem não tinha que dar, quer dizer, quantas vezes eu cheguei pra elas e pedia: “Minha filha, me ajuda, e tal”. “Não, vou te ajudar, papai”. [Passavam] três, quatro dias, no máximo cinco dias, e elas mesmo é que vinham, e tal. [...] Igual eu falei: continuou o vício.

Um outro motivo é a existência de situações de permissividade familiar, em que ele dava banho em suas filhas mesmo depois de crescidas:

Quando a mulher tava ocupada, eu ia banhar elas, aí tal. Aí depois de um mulherão, sabe? E eu banhava era pelado com as meninas né? E tal. [...] Você vê uma menina mulher que banha junto com o pai, né? Quer dizer, aí tá vendo tudo ali, quer dizer, né? Pra falar a verdade, isso aconteceu várias vezes né? Depois que a mente delas foi desenvolvendo, e

aí sabe que a mãe veio ver, né? Que eu estava fazendo coisa errada, né? Veio falar que não era pra banhar mais com ela, né?

A “cegueira” e a permissividade da esposa não são elencadas diretamente por Renato como um dos motivos para cometer a violência, mas, em suas falas, pode-se notar que esses fatores contribuíram para o ocorrido. Ela, que por diversas vezes percebeu a violência que ele perpetrava, não tomou nenhum tipo de atitude para proteger as filhas, o que não é fato raro, segundo Café (2004) e Suárez e Bandeira (1999). Essas falas de Renato reafirmam suas suspeitas:

Até eu ficava admirado como é que acontecia e ela não percebia, né? Eu pensava...tinha vez na minha mente que ela estava sabendo, porque tinha coisa que acontecia assim que até cego via, né? [...] Aí acontecia as coisas [...] com ela lá na sala... aí outras vezes estava sentado lá assistindo televisão, talvez até deitado no colo dela, aí eu também deitava no colo da Maria com os pés no colo dela né? Aí a Mariana ia lá pro quarto, quando é fé ela me chamava, aí eu iá, né? [...] era uma coisa assim que só quem via sabe.

No entanto, apesar de enumerar diversos motivos, afirma não compreender exatamente os “porquês” da violência. Diz não poder explicar o que ocorreu, pois não há explicações para a violência. A perplexidade em relação aos motivos para cometer a violência expressa por Renato é bastante comum, segundo Forward e Buck (1989), Suárez e Bandeira (1999) e Kamphuis et al. (2005). Para eles, a falta da funcionalidade racional da violência sexual pode ser a causa da perplexidade evidenciada por AVS. A fala de Renato reforça o que a literatura preconiza: “Nunca forcei ninguém.<sup>114</sup> Toda vida respeitei o direito, igual eu já falei pra você, fico parado pensando por que é que isso veio acontecer da forma que aconteceu. [...] Minha revolta maior é essa”.

Essa dúvida sobre os motivos que o levaram a cometer violência é novamente enfatizada quando narra que por diversas vezes ele cuidou de outras crianças e não as violentou. Renato se pergunta, portanto, por que a violência ocorreu contra suas filhas:

Já tive responsabilidade, já tive que ficar, com duas três crianças dentro de casa, né? Porque o pai tinha que sair correndo né? E eu fiquei ali e zelava e tudo, né? Pode chegar lá qualquer hora, ou ligar lá, que eu garanto pra você que eu sou uma excelente pessoa,

---

<sup>114</sup> Esta fala denota o caráter de minimização da responsabilidade pela violência cometida. No estudo de Schmikler (2006, p. 191) um dos AVS por ela pesquisados verbaliza uma fala semelhante: “Tô provando que eu não peguei ninguém à força”.

sou uma pessoa respeitadora, sou isso, sou aquilo e tal, né? Por que aconteceu isso comigo? Cuidei tanto dos filhos dos outros.

Este item revela que, dentre os motivos citados por Renato (violência sexual sofrida na infância, falta de recursos financeiros, falta de sabedoria, curiosidade sexual das crianças, violência como um vício, “cegueira” e permissividade da esposa e não-compreensão das razões da violência), nenhum deles referiu-se ao desejo sexual, nem ao desejo de controle e poder sobre as filhas, pelo menos não explicitamente, contradizendo Horley (2000) e Phelan (1995). Ao contrário, os motivos por ele explicitados parecem ir de encontro à explicação fornecida por Forward e Buck (1989), que defendem que a violência sexual pode ter como motivação principal a satisfação de necessidades emocionais do AVS. No caso de Renato, essas necessidades poderiam estar de alguma forma relacionadas ao medo da homossexualidade provinda da violência sexual sofrida na infância. A violência praticada seria, pois, uma forma através da qual ele encontrou de afirmar-se como heterossexual.

#### 3.3.2.4 O sentido atribuído às crianças – as crianças sexualizadas

Um elemento bastante presente na fala de Renato é a constante repetição de que, na época em que era criança, havia inocência, desconhecimento de diversas questões, principalmente as de cunho sexual. No núcleo da violência sofrida, ele, por diversas vezes, frisa o fato de que foi prolongadamente submetido à violência sexual porque achava que aquilo era natural, parte de sua socialização. Ele diz que, atualmente, as crianças não mais possuem essa inocência. Prova disto é que suas filhas, aos oito anos de idade, já tinham conhecimento sobre sexo, pois a escola e a televisão fornecem informações sobre o assunto.

Esse desenvolvimento da atualidade, segundo seu raciocínio, faz com que as crianças – inclusive as de dois e três anos – já saibam “de tudo”. No final da próxima fala, diz, entretanto, que elas não sabem se defender – e possivelmente fala aqui da violência sexual. Contudo, há implicitamente em sua fala a atribuição de um caráter sexual às crianças, fato não raro segundo Ward et al. (1995). Esta fala de Renato é esclarecedora:

No mundo que nós estamos hoje, uma criança com cinco anos, seis anos já sabe tudo, né?

[...] Talvez você chega na criança e fica até, sabe? Ver elas falando as coisas, né? E você fica assim admirado, né? [...] É porque a mente das crianças, a mente do povo hoje em dia tá mais aberta, né? [...] Então a criança já cresce com a mente aberta, quer dizer, só chega porque não tem a plena força de se defender, mas já cresce sabendo o que é o certo e o que é o errado.

Apesar da atribuição do caráter sexual às crianças, Renato, contudo, faz questão de deixar claro que essa malícia não traduz maturidade emocional. É o que expõe nesta fala: “Hoje, tanto o homem, quanto a mulher, e tem mulher que você olha pra ela e acha que tem vinte e pouco anos e ela tem doze anos [...] Quer dizer, mas não está preparada [...] mentalmente”.

Em outras partes de sua fala, ele reafirma explicitamente o caráter sexualizado das crianças: “Às vezes tem criança hoje que já sabe até beijar e tudo. Um dia desses eu deparei aqui dentro aqui com uma criança desse tamanhinho, acho que uns três anos... Fora de brincadeira, eu com 45 anos, não dava conta de beijar do jeito que ele beijou, né?”.

Ao avaliar se isto seria bom ou ruim, diz que o ponto positivo seria o de elas saberem o que está ocorrendo. Contudo, mesmo reconhecendo o caráter de “racionalidade” das crianças de hoje, admite que isto não seja suficiente para que elas se defendam de investidas sexuais de adultos:

Em um ponto é bom porque a criança [...] tá crescendo sabendo, né? O caminho certo e o caminho que é errado. Quer dizer, ela depara com aquilo ali, né? Então ela tá sabendo o que é o certo e o que é o errado. [...] Mas aí o que acontece? Ela não tem uma força pra se defender, né?

Em outras vezes se contradiz ao dizer que as crianças não possuem o entendimento de questões sexuais, mas coloca-as em uma posição de seres sexualizados desde a mais tenra idade:

Eu já deparei com criança que talvez tenha sete meses, oito meses que já fica de bruço e você vê que ela tá querendo fazer, tipo de quem tá fazendo relação sexual e a mãe e o pai fica é rindo. Quer dizer, tá certo, é uma criancinha, não tem entendimento, não tem nada. [...] O que é que uma criança de sete meses sabe fazer? Quer dizer, não sabe falar, não sabe fazer nada, só sabe chorar.

Na fala que se segue, Renato descreve as investidas sexuais de uma criança<sup>115</sup> de nove

---

<sup>115</sup> Trata-se de uma outra criança que Renato conheceu antes de praticar violência sexual contra as filhas.

anos. No início, ele verbaliza que “era uma criança”; no final, refere-se a ela como uma “mulher”, o que pode revelar que Renato fornece um caráter de maturidade sexual e emocional às crianças, “adultizando-as”. Isto corrobora um estudo de Wilson (1999), que concluiu que os AVS intrafamiliares tendem a alçar suas vítimas a um *status* adulto. É o que se pode concluir deste relato:

Era uma criança né? [...] eu cheguei perto, ela grudou no meu pescoço assim, beijando e tal e eu, sabe? Tirei ela com medo do pessoal ver, sabe? E tal, a porta fechada, sabe? Aí eu tirei ela e falei: “Não. Que que é isso? O que é que é isso e tal?”. E ela: “Não, você está achando que eu não sou mulher?”. Desse jeito pra mim [...], só que na época eu olhava era pro tamanho dela, né? Ela era uma criança, olhei pra ela e falei: “Não, espera aí [...] Não, oh, eu já sou um homem”. Na época eu tinha já uns 18 anos. Até pensei: aquela mulher [é a criança de nove anos] tava grávida dele.

O sentido mais evidente nas falas de Renato em relação às crianças é a sexualização delas. Apesar de mostrar-se “perplexo” com o fato, ele defende a idéia de que uma criança de dois anos já conhece questões relacionadas à sexualidade, o que remete ao debate das crianças ninfetas. Mesmo sendo utilizado em nossa sociedade, esse discurso gira em torno do conhecimento sexual de adolescentes de aproximadamente dezesseis anos, e não em relação ao entendimento de uma criança de dois anos, como Renato evidencia. A dúvida que surge quando ele faz esse tipo de colocação é se, efetivamente, esse sentido sexual dado às crianças de alguma forma o induziu à prática da violência sexual.

### 3.3.2.5 Os sentimentos em relação à violência cometida: medo, vergonha e culpa

Neste trabalho, a insistência em analisar os sentimentos apresentados pelos sujeitos se deve ao fato de compreender que eles são parte constitutiva da subjetividade humana (VYGOTSKY, 2004). Segundo Sawaia (2006, p. 85),

emoção e sentimento não são entidades absolutas ou lógicas do nosso psiquismo, elas constituem o sistema de afetividade, um universo peculiar da configuração subjetiva das experiências vividas ao longo de nossas existências e das projetadas para o futuro como possibilidades que superam as nossas possibilidades. São fenômenos privados, mas sua gênese e conseqüências são sociais, como defende Vigotski [...] constituindo-se em ponto

de transmutação do social e do psicológico, da mente e do corpo, da experiência e da representação.

No caso específico de Renato, os sentimentos experienciados em relação à violência praticada são dificilmente expressos. Mesmo assim, um sentimento está muito presente: o medo, o tempo inteiro vinculado à revelação do segredo para sua esposa e para outras pessoas.

Aí eu ficava com medo, né? Pensava assim: “Se ela falar, falar pra mulher? E se elas falarem pra uma colega e essa colega falar pra mãe?”. [...] Quando eu assustava, tava lá em riba da cama lá e tal, aí eu ficava naquela situação. Aí daqui a pouquinho saía pra brincar com uma colega, talvez saía com raiva, né? Aí chega lá e fala pra coleguinha ou sai daqui vai e falar pra outra pessoa, quer dizer, meu medo era esse.

Um outro sentimento evidenciado por ele é a vergonha. Apesar de a literatura (PERONE e NANNINI, 2002; PROEVE e HOWELLS, 2002) advogar que os AVS não sentem vergonha, Renato revela a presença desse sentimento, experienciado nos momentos iniciais da violência e também ao relatá-la para outras pessoas: “Se eu te falar pra você que eu quando eu conto pra você eu não tenho vergonha, [...] eu estou mentindo”.

Pelo fato de ter praticado violência intrafamiliar, Renato sente-se também culpado. Dá a entender que, se a violência tivesse ocorrido fora do âmbito familiar, esse sentimento seria menor. Convém destacar que a culpa também é outro sentimento negado pela literatura sobre AVS (SCHMIKLER, 2006).

Em outros momentos, Renato não consegue nomear os sentimentos experienciados, mas conta de sua “sensação” em relação à violência cometida: “Na hora ali até podia estar tudo bem, mas depois, quando saía na rua, é como se o céu desabasse na minha cabeça e me perguntava por que eu fiz isso. Às vezes, queria morrer, até pensava em sair de casa e não aparecer mais”.

Mesmo quase não falando sobre os sentimentos experienciados em relação à violência cometida, Renato expressa medo, culpa e vergonha. A veracidade desses sentimentos, porém, foge do escopo deste trabalho, uma vez que o objetivo é dar voz a esses sujeitos e tentar apreender os nexos constitutivos de sua subjetividade.

### 3.3.2.6 As dimensões da violência: a violência processual e a violência como expressão do uso da força física

Quando Renato passa a discorrer sobre violência, identificam-se em sua fala duas características: a primeira é a de que se tratou de uma violência processual. Renato parece ter realizado um movimento de preparação física, sexual e emocional das filhas para o ato sexual. A segunda dimensão é que, para ele, o conceito de violência está intimamente implicado ao uso da força física.

Em relação à primeira característica, ao narrar como a violência aconteceu, Renato ressalta seu caráter de processualidade: “Não foi assim de uma vez, foi algo que aconteceu aos poucos”. Nesse processo, a penetração somente aconteceu aproximadamente dois anos após a violência sexual ter iniciado. Quando questionado se as filhas reclamavam de dor, Renato afirma que, devido à forma como os fatos ocorreram, tornou-se possível preparar as filhas para o ato sexual. Segundo Phelan (1995), em casos de violência sexual intrafamiliar, os atos sexuais tomam cada vez mais uma gravidade crescente, o que denota o caráter processual da violência. Para Suárez e Bandeira (1999, p. 155),

A prática da violência sexual não é improvisada, não é um acidente. Ela se anuncia, vai sendo tecida de diferentes maneiras, utilizando-se de códigos, sinais, mensagens e jogos que, instalados no seio familiar, começam a atuar. Os signos da ameaça, do medo e do segredo vão sendo incorporados, sem serem percebidos.

Em um estudo, Rice e Harris (2002) concluem que, nos casos em que a violência sexual é intrafamiliar, emprega-se menos força e, conseqüentemente, menos ferimentos físicos à vítima, o que talvez indique algum grau de solicitude paterna. No caso de Renato, porém, o caráter de processualidade da violência deu-se não para preservar a integridade física de suas filhas, mas principalmente com a função de manter o segredo. É o que Renato relata a seguir:

Ela reclamava [de dor], sabe? Assim que eu sabia que não podia, pegava ela e ia fazer, talvez igual se faz com uma mulher, e tal, eu pensava: “Se eu for fazer isso, com certeza vou machucar ela, e com certeza se machucar, ela vai falar pra mãe, né?”. Ou então com certeza vai andar com condições diferentes, a mãe vai querer saber o que tá acontecendo, né?



Renato conta que eram suas filhas que solicitavam que ele as penetrasse: “Às vezes só coisava ali e tal, e ela ficava: ‘Não, põe, põe, põe’. Aí quando eu queria introduzir, sentia que ela ficava assim se torcendo, né?”. A penetração sexual parece ter sido um momento decisivo para Renato, que, na ocasião – segundo ele –, tentava pôr fim à violência: “Creio que já mais de uns dois anos que tava coisando, então depois que acontece, [...] muitas vezes tentei afastar assim, pensando assim no lado da família”.

A segunda dimensão da violência, para Renato, é a relação com o emprego de força física. Ao ser questionado sobre o que seria violência, Renato expressa-se da seguinte forma:

Violência só traz prejuízo pras pessoas, né? Porque seja ela uma violência ao pudor, seja uma violência física contra as pessoas, só traz prejuízo pras pessoas.<sup>116</sup> [...] Se você sai com uma arma pra roubar uma pessoa, né? Foi uma violência, né? Você foi mexer com uma pessoa que você não tinha nada, você foi pegar uma coisa que não era seu.

Na fala a seguir, Renato associa violência com violência física:

Violência é assim, no meu ponto de vista, é a pessoa que agride os outros, né? É chegar e sacar uma arma, uma mulher começar a medir força com homem, porque geralmente 90% dos homens têm mais força que a mulher, né? Então, é pegar uma pessoa à força, obrigar a pessoa a fazer alguma coisa, né? Que não pode, não pode fazer, de ambas as partes, uma pessoa também chegar batendo nos outros, né? Chegar e sacar uma arma, atirar no outro, matar o outro. Esse é um tipo de violência. O outro talvez está num lugar desses, fala uma palavrinha e o outro já agride, vai dando murro, pancada. No meu modo de ver, isso é violência. As pessoas judiar dos outros.

Em síntese, Renato revela que a violência sexual praticada contra as filhas não ocorreu de forma abrupta, mas sim vagarosamente, para que as ocorrências permanecessem em segredo. Ao refletir sobre o que é violência, esta é associada principalmente ao emprego de força física.

---

<sup>116</sup> Aqui Renato evidencia o reconhecimento do caráter nocivo da violência sexual.

### 3.3.2.7 O desejo de não mais cometer violência

Ao falar sobre a vontade de não cometer violência novamente, dois momentos diferentes se sobressaem. O primeiro deles se manifestou antes de ser preso. Contudo, Renato não conseguia concretizar essa vontade, pois a violência sexual se tornara um “vício”, tanto para si como para as filhas, segundo seu raciocínio. Na próxima fala, destaca que, apesar de não querer mais praticar violência sexual, ele a percebia com um caráter de inevitabilidade: “Eu fico um mês, dois meses sem mexer com isso e tal. E quando é fé... e eu fico contrariado porque só me resta voltar a fazer aquilo de novo, e tal, né? Aí eu fico pensando: [...] ‘Será que é tão difícil assim largar?’”.

Para que a violência sexual contra suas filhas tivesse fim, Renato conta ter pensado várias vezes em abandonar a sua casa e voltar quando se sentisse curado daquele vício: “O pensamento era ir ficar [em outra cidade] uns tempos, depois voltar pra cá, né? [...] Quando eu chegasse, com certeza já tava livre daquela coisa ali [violência], né?”.

Um segundo momento é marcado por planos ao sair da prisão. Importante ressaltar que o desejo de não mais cometer a violência não está associado às conseqüências para as vítimas, mas sim aos efeitos para ele mesmo:

Porque na hora que eu passar desses portões pra fora aí, [...] eu sei que eu tenho que respeitar as minhas filhas, e vou respeitar muito mais as dos outros, né? E nunca mais, em nome de Jesus Cristo, vou precisar passar por uma situação dessas. Por quê? Porque agora eu sei [...] que, aqui dentro, só de você estar aqui dentro de um lugar que você não pode sair...

Em relação ao desejo de parar, Renato acredita que a responsabilização legal foi para ele uma forma positiva de interdição da violência sexual, uma vez que coisas piores poderiam ter acontecido. Isso vai de encontro ao estudo de Furniss (1993), que versa sobre a importância da responsabilização jurídica para os AVS:

Pra mim, [a prisão] foi bom, porque... sabe? Era melhor do que ter acontecido outras coisas piores né? Já imaginou, né? Se Deus me livre ela tivesse ficado grávida? Né? Que situação que não ia ser pra mim, né? Quer dizer, olhar pro meu neto e ai falar assim: “É neto e filho”.

Em suma, Renato assinala dois momentos relacionados ao desejo de parar de cometer a violência: o passado e o futuro. Apesar de não se avaliar aqui se Renato conseguirá ou não o seu intento, reforça-se, nesta análise, a existência do desejo.

O núcleo de significação “A violência praticada” indica alguns caminhos para a compreensão da forma pela qual Renato foi constituindo sua subjetividade. Quanto à questão da assumência ou não da responsabilidade pela violência, Renato, em alguns momentos, assume a responsabilidade, entretanto a maior parte de suas falas registra o contrário: a culpabilização de suas filhas. Já no que diz respeito às conseqüências da violência, o que fica evidente é o seu reconhecimento da devastação familiar proveniente da violência sexual. Quanto à forma pela qual Renato contextualiza os motivos para cometer a violência, Renato parece associá-la em grande parte à violência sexual sofrida na infância, ao invés de mencionar motivos tais como a gratificação sexual. Ademais, os motivos parecem estar intimamente relacionados às necessidades de afirmação de sua identidade sexual, preenchendo, pois, as necessidades emocionais.

Na contramão da compreensão da sociedade, Renato afirma que as crianças são portadoras de uma sexualidade que as favoreceria na relação sexual com adultos, mesmo as muito pequenas, refletindo o estereótipo da “criança ninfeta”.

No que diz respeito aos sentimentos experienciados em relação à violência cometida, revela ter sentido medo, culpa e vergonha, apesar de demonstrar certa dificuldade em verbalizá-los. Ao descrever as dimensões da violência, Renato destaca seu caráter de processualidade e a associação do conceito de violência ao emprego de força física. E, por fim, reafirma que, quando sair da prisão, os planos são de não mais cometer tais atos.

## CONCLUSÃO

Pesquisar sobre a violência sexual e ter como sujeitos da pesquisa os autores de tal violência significa, na perspectiva teórico-metodológica aqui adotada, buscar compreender os nexos constitutivos de sua subjetividade – perspectiva esta que em momento algum os desculpabiliza dos atos por eles cometidos. Ao contrário, é imperiosa a responsabilização legal deles, como prevêem o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 (BRASIL, 2001) e o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil (BRASIL, 2002), por se tratarem de crimes – previstos pelo Código Penal brasileiro – que causam grandes danos.

Uma pesquisa com AVS – sujeitos comumente negligenciados pela literatura sobre violência sexual – fornece informações valiosas sobre a maneira de proteger as crianças. Ademais, remete a diversos desafios, tanto no campo teórico, quanto no metodológico. No primeiro, a tentativa que se faz é a de entender que esses sujeitos foram constituídos pela mesma sociedade em que nos encontramos. Esse desafio reforça a necessidade de não fazer a dicotomia clássica: “eles os maus e nós os bons”. Não fazê-la torna-se difícil – mas necessário –, especialmente após analisar os relatos de Henrique, Pedro e Renato sobre a violência praticada. Da mesma maneira, não rotulá-los como monstro, maníaco, tarado – os termos pejorativos mais comumente utilizados para descrevê-los –, constitui um desafio.

Em contrapartida, não se pode, igualmente, considerá-los como “as vítimas” da situação, apegando-se ao sofrimento ético-político de suas histórias de vida. Eles foram negligenciados, abandonados, violentados psicológica, física e sexualmente. Contudo, esta parece ser a história de vida de milhões de brasileiros que, mesmo assim, não cometeram violência sexual contra crianças e adolescentes. O que os diferencia desses milhões de brasileiros? Por que decidiram reproduzir a infância maltratada, uma vez que sofreram na própria pele os danos que a violência causa à vítima? O que aconteceu com aquele garoto sofrido que agora violenta outras

crianças? São muitas perguntas e as respostas ainda são superficiais.

Um segundo desafio enfrentado por esta pesquisa foi o de caráter metodológico. Primeiramente, foi necessário fazer uma certa desvinculação com os paradigmas dominantes na literatura internacional, para assegurar que o conhecimento produzido na área expressasse tanto a universalidade quanto a particularidade dos sujeitos. Buscar entender o ser humano sob os preceitos da Psicologia Social Crítica não é fácil, pois significa compreender sua não-linearidade, admitindo a contraditoriedade dos sentidos e dos significados por eles produzidos. As pesquisas sobre o tema, mesmo sendo numerosas na literatura internacional, mascaram algumas das respostas que se pretende ao estudar o fenômeno.

Não se pode negar que os três sujeitos desta pesquisa nos forneceram elementos valiosos para o entendimento da violência sexual contra crianças e adolescentes. Relataram-nos as formas pelas quais se constituíram em AVS, expondo contradições, ambivalências e escolhas totalmente equivocadas. Todos os três enfrentaram o mesmo drama: a violação de suas infâncias, a violação de direitos, a violação das possibilidades de viver sem violência, sem fome, sem coerção, sem tristeza, sem raiva, sem revolta. Enfim, a violação das possibilidades de ser crianças sujeitos de direitos.

Suas histórias de vida nos mostram que essa violação foi amplamente favorecida pela condição de desproteção de suas infâncias por parte das famílias, da sociedade e do Estado. A situação de abandono em que viveram levou-os, de certa forma, a se tornarem vítimas de diversos tipos de violência na infância. Foram essas infâncias negligenciadas que deram seguimento à lógica dos maus-tratos à infância quando se tornaram adultos.

Ressalta aos olhos, ainda, a violência sexual sofrida na infância pelos três sujeitos. Constatada essa particularidade, não é o caso de fazer assertivas demasiadamente generalistas, simplistas ou causais, no sentido de que a violência sexual sofrida na infância leva necessariamente à violência sexual praticada. Contudo, não se pode negar ou minimizar seu valor, pois se sabe que a violência sexual sofrida acarreta diversas conseqüências às suas vítimas, sendo a reprodução da violência na fase adulta uma delas.

Nos relatos apresentados neste trabalho, Henrique reforça a forma pela qual a violência sexual sofrida na infância teve impacto na prática da violência sexual quando adulto. Os

sentimentos de raiva, culpa, ódio e vingança expressos por ele foram fatores decisivos na violência por ele cometida. Pedro, apesar de não dar tanta ênfase como Henrique, também revela que a violência sexual sofrida na infância teve grande impacto na forma como mantém relacionamentos interpessoais. Minimiza, assim, os efeitos negativos tanto da violência sofrida como da praticada. Para ele, um dos maiores efeitos da violência sexual sofrida foi a hipersexualização de seus relacionamentos, o que está intimamente ligado à violência praticada. Já, para Renato, a marca maior da violência sexual sofrida na infância foi o medo da homossexualidade. Será que esse medo não foi um dos fatores intimamente associados à violência praticada, uma vez que, ao sentir-se questionado em sua orientação sexual, ele cometeu violência em uma tentativa de afirmar-se como homem, como heterossexual?

Pedro e Renato têm um ponto em comum no tocante à violência sexual sofrida: a inabilidade em falar sobre os sentimentos experienciados, diferentemente de Henrique, que os verbaliza claramente. Em relação à violência praticada, os três apresentam aspectos em comum e outros totalmente divergentes.

Sintetizando as informações por eles fornecidas sobre a violência sexual praticada, ficou claro, em primeiro lugar, que todos os três revelaram ter noção de que a violência sexual era incorreta. Henrique demonstrou por diversas vezes estar consciente da magnitude de seu erro, assumindo totalmente a responsabilidade pela violência praticada. Já Pedro e Renato, apesar das tentativas de minimização dos efeitos negativos da violência ou até mesmo da tentativa de culpabilização das vítimas, mostraram-se, mesmo que em raros momentos, convictos de que era errado o que estavam cometendo, evidenciando assim a tensão estabelecida entre assumir a responsabilidade e desculpabilizar-se por seus atos. Ademais, a noção das conseqüências da violência sexual manifestadas pelos três sujeitos denota a consciência de seus erros. Isso, contudo, não foi suficiente para contê-los em suas ações.

Em segundo lugar, todos os três expuseram algum tipo de sentimento em relação à violência cometida, ao contrário do que postula o senso comum e até mesmo a literatura vigente sobre o tema. Os sentimentos em comum elencados pelos três sujeitos são a vergonha e culpa. Além destes, separadamente, mencionaram a vingança, o arrependimento, o ódio, a pena, o nojo e o medo.

Em terceiro lugar, é freqüente em suas falas uma tentativa de compreensão dos motivos para se cometer violência. E nessa tentativa todos os três estabelecem uma relação entre a violência praticada e a violência sexual sofrida na infância. Para Henrique, os motivos estão intimamente ligados aos sentimentos negativos provindos da violência sexual sofrida. Para Pedro, há uma forte conexão com o desejo sexual por adolescentes e com a hipersexualização dos relacionamentos interpessoais. Para Renato, a violência praticada parece estar vinculada à satisfação de suas necessidades emocionais – que podem estar relacionadas ao medo da homossexualidade provindo da violência sexual sofrida. Além disso, Henrique e Renato mostram uma perplexidade em relação às razões que determinaram a prática de violência sexual, aspecto este não verbalizado por Pedro.

Em quarto lugar, Pedro e Renato demonstram compreender as crianças como seres sexuais. No caso de Pedro, esse sentido pode ser corroborado pelo fato de ele acreditar que as crianças gostam de manter relações sexuais com adultos, quando estes últimos tomam a iniciativa na relação. Para Renato, esse sentido está vinculado à idéia de que são as crianças, por serem sexualizadas, é que fazem com que a relação sexual aconteça. É necessário ressaltar que, contraditoriamente ao sentido de crianças como seres sexuais, tanto Pedro quanto Renato têm noção das conseqüências da violência para as vítimas, o que revela uma ambivalência entre acreditar que as crianças beneficiam-se da atividade sexual com adultos e a conseqüência danosa dessa relação. Na direção contrária dos sentidos de crianças e adolescentes como seres sexuais, Henrique reconhece que os adolescentes não gostavam da relação sexual que mantinham com ele.

Em quinto lugar, uma característica comum nas falas dos três sujeitos é o desejo de não mais cometer outras violências após saírem da prisão. À exceção de Pedro – que expressa uma ambivalência entre esse desejo e o desejo sexual por adolescentes –, a fala dos demais denota claramente a vontade de se redimirem. A análise dessa vontade, contudo, não pode ser tida como preditora da forma como eles irão proceder em relação a futuras violências. Por enquanto, são apenas desejos.

Por fim, as falas dos sujeitos revelam que um dos temas que necessita ainda ser mais bem investigado é o da sexualidade dos AVS. Esse tema é freqüentemente ventilado por Pedro, mas pouco verbalizado por Henrique e por Renato.

Com base nessas similaridades e diferenças, constata-se que os sentidos que eles dão à violência praticada são os mais diversos. Para Henrique, o sentido da violência sexual cometida está intimamente conectado à necessidade de vingança, de repetição da violência sexual como forma de elaborar a violência sexual sofrida. Para Pedro, o sentido está mais ligado ao desejo sexual e à sexualidade. Ele não entende a violência sexual como uma prática violenta, em razão de não utilizar de violência física para com as crianças e adolescentes. Alega sobremaneira manter com eles uma relação de afeto. O sentido da violência praticada era, pois, relacionado a uma relação entre pares, uma vez que, por diversas vezes, evidenciou que também se considerava criança/adolescente. Para Renato, os sentidos dados à violência cometida são principalmente relacionados à figura da criança sedutora, portadora de uma maturidade sexual desde a mais tenra idade. Além disto, por meio da violência, ele buscava preencher suas necessidades de afeto e de afirmação de sua heterossexualidade.

Dessa forma, os sentidos atribuídos pelos sujeitos à violência sexual, assim como suas histórias de vida, expõem suas diferentes subjetividades. Isto ratifica a necessidade de tratá-los como uma população heterogênea, que começa a cometer violência por uma variedade de motivos. Nessa direção, conceber os AVS como portadores de distúrbios mentais, dimensão esta apresentada nos processos judiciais dos sujeitos evidenciados no capítulo 2, não ajuda no entendimento de suas subjetividades. Ao contrário, mascara a realidade de que são homens comuns. Diante do exposto, dois aspectos merecem destaque: o primeiro é relacionado à produção do conhecimento em âmbito científico. Considerá-los doentes ou psicopatas não faz nada além de enquadrá-los em diagnósticos clínicos. Alguns AVS podem ser considerados como pedófilos de acordo com a descrição clínica, muitos, entretanto – a exemplo de Henrique e Renato –, não podem ser incluídos nessa classificação, pois não se enquadram no principal critério diagnóstico para a pedofilia: a apresentação de fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, de impulsos sexuais ou de comportamentos envolvendo atividade sexual com uma (ou mais de uma) criança pré-púbere (geralmente com 13 anos ou menos).

Os diagnósticos, pois, tornam-se demasiadamente generalistas e tentam atribuir certa homogeneidade a grupos heterogêneos. Necessário se faz, então, para além do diagnóstico, compreender a subjetividade dos AVS, escutar as suas vozes, de forma a entender seus



mecanismos de ação e prevenir futuras reincidências.

Em sua origem, a violência sexual é sociocultural e histórica, e não um fenômeno somente individual, psicopatológico, ou apenas um problema apenas do âmbito da cognição dos que a cometem. A psicopatologia retira os AVS da esfera da normalidade para inseri-los no campo da anormalidade, ignorando o papel da sociedade, da cultura e da história.

O segundo aspecto a ser ressaltado é que, ao considerá-los doentes, a sociedade deixa de prevenir novas violências. Isso ocorre, por exemplo, quando as orientações dadas às crianças a respeito da violência sexual são as de que devem rejeitar homens estranhos, de má aparência, grosseiros ou fétidos, que oferecem balas ou dinheiro, ou seja, tem-se aí o estereótipo do portador de transtorno mental. Ao contrário, nesta pesquisa fica claro que os AVS comumente tratam bem as crianças, para conseguirem seu intento. São, portanto, simpáticos, “amigos” das crianças. São pais, padrastos, tios, avós, tias, mães, vizinhos e vizinhas, ou seja, pessoas “acima de qualquer suspeita”.

As informações fornecidas pelos sujeitos desta pesquisa deixaram pistas sobre como proteger as crianças e adolescentes da violência sexual, uma vez que nos fazem repensar a forma pela qual historicamente se tem destituído as crianças de qualquer tipo de poder nas relações com os adultos. Pedro e Renato evidenciaram que, em uma relação de obediência cega às ordens de adultos, as crianças comumente guardam segredos acerca da violência a que estão sendo submetidas. Será que as famílias, ao acreditar que sexo não é assunto de criança e que a educação sexual deve ser feita só na escola, crêem que é possível prevenir? Por que se acredita que, ao não falar sobre sexo ou violência sexual com as crianças, elas estão mais protegidas? Por que não se ensina às crianças que elas devem proteger e respeitar seu corpo? Por que os adultos não atentam para os sinais que as crianças apresentam, quando estão sendo vítimas de violência sexual? Por que elas não contam, por medo da reação dos adultos ou por medo do descrédito?

É urgente, portanto, reforçar a idéia da criança como sujeito de direitos, amplamente preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Concebê-la como tal não representa que haja perda do “poder” do adulto ou o repasse de amplos poderes a ela, mas sim que ela seja educada para dar respeito e também receber respeito – o que é muito diferente da obediência cega comumente preconizada pelas famílias. A criança, pois, deve ser orientada que nenhum adulto

está autorizado a cometer nenhum tipo de violação de direitos, seja ela de qualquer tipo.

Por fim, algumas questões devem ser expostas. Primeiramente, os pesquisadores precisam entender que o objetivo principal das pesquisas com AVS é a prevenção de futuras reincidências, o que significa necessariamente reduzir o sofrimento humano – tanto das vítimas em potencial como dos próprios AVS.

Em segundo lugar, mais pesquisas devem ser realizadas com AVS que não foram vítimas de violência na infância. Compreender a forma como esses outros sujeitos contextualizam a violência cometida seria oportuno, já que todos os três sujeitos desta pesquisa apontaram algum tipo de relação entre a violência sexual praticada e a violência sofrida. Além disto, estudos sobre adultos que, na infância, foram vítimas de violência sexual e romperam com o ciclo de violência seriam também importantes, na medida em que isto caracteriza o que alguns autores denominam resiliência – característica esta ausente nos sujeitos desta pesquisa.

Em terceiro lugar, como afirmamos em trabalho anterior (ESBER, 2007), a sexualidade de AVS necessita ser mais amplamente estudada, pois – mesmo não tendo sido mencionada por dois dos três sujeitos como motivação principal – trata-se de um dos componentes constitutivos da violência sexual.

Em quarto lugar, esta pesquisa propicia tanto à esfera governamental quanto à não-governamental um repensar das estratégias para a redução da incidência da violência sexual – questão aliás que tem sido o maior desafio para os pesquisadores sobre o tema. A partir do conhecimento adquirido sobre as subjetividades dos AVS, podem-se delinear estratégias de educação de crianças e adolescentes para a não-aceitação das violências sofridas, denunciando-as quando for o caso.

Em quinto lugar, esta pesquisa ressalta a necessidade de atentar para as formas como esses sujeitos contextualizam suas violências, seus sentimentos e seus pensamentos, ao invés de tentar atribuir “defeitos” às suas cognições ou empatia. Não se deve também elencar fatores únicos na etiologia da violência sexual, evitando simplificações teóricas, com uma dimensão fatalista da explicação do fenômeno.

Em sexto lugar, fica clara a necessidade de elaboração e efetivação de políticas públicas destinadas a AVS, que abarquem, dentre outras ações, atendimentos psicoterapêuticos.

Neles são dadas aos sujeitos oportunidades de expor questões relativas às suas subjetividades que devem ser analisadas e confrontadas, dentro de um *setting* que se proponha a aceitar o sujeito que ali se encontra, mas jamais as violências por ele cometidas. O encarceramento, por si só, parece ser insuficiente para conter a violência sexual e evitar reincidências.

Por último, a riqueza das informações aqui veiculadas somente foi possível porque esta pesquisa buscou dar voz aos AVS – o que não é uma tarefa fácil, pois suas falas incomodam. Escutar o que eles têm a dizer, contudo, torna-se um exercício necessário, porque há uma resgate de elementos historicamente negados na compreensão da violência sexual. Esse tipo de metodologia pode permitir o aprofundamento do conhecimento sobre o tema. Parafraseando Forward e Buck (1989), ver os AVS como seres humanos pode transformar-se a parte mais difícil – mas necessária – do esforço para entender e prevenir a violência sexual em nossa sociedade. Essa etapa, contudo, é importante, pois eles são os autores do processo da violência sexual e, como tal, precisam ser estudados, conhecidos e compreendidos em suas vicissitudes.

No encerramento deste trabalho, cabe reconhecer o lócus privilegiado da Psicologia Social Crítica no trato do fenômeno, pois as explicações fornecidas, em uma variedade de níveis, deixam claro que a violência sexual não pode ser considerada uma parte integrante da “natureza” dos homens. Ao contrário, está intimamente vinculada às condições sócio-históricas que estão postas aos sujeitos que a cometem.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. Violência e educação. In: SIMPÓSIO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 5. *Anais*. Caxias do Sul: Prefeitura Municipal, 1988. p. 3-25.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 26, n. 2, p. 222-245, 2006.
- AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. Alguns aspectos observados no crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 11, n. 3, p. 559-578, 1998.
- ANTONIAZZI, Adriane S.; DELL'AGLIO, Débora; BANDEIRA, Denise. O conceito de coping: uma revisão teórica. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 3, n. 2, 1998.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, n. 2, p. 3-11, 2002.
- AUBURN, Timothy; LEA, Susan. Doing cognitive distortions: a discursive psychology analysis of sex offender treatment talk. *British Journal of Social Psychology*, v. 42, n. 2, p. 281-298, 2003.
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Pele de asno não é só história: um estudo sobre a vitimização sexual de crianças e adolescentes em família*. São Paulo: Roca, 1988.
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. 2. ed. São Paulo: Iglu, 1989.
- AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- BAHROO, Bhagwan A. Pedophilia: psychiatric insights. *Family Court Review*, v. 41 n. 4, p. 497-507, 2003.
- BALTIERI, Danilo Antônio. *Consumo de álcool e outras drogas e impulsividade sexual entre agressores sexuais*. 2005. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BARUDY, Jorge. Violencia agresiva y violencia ideológica em la fenomenologia humana. *Violencia em la cultura: riesgos y estratégias de intervencion*. Chile: Ediciones Sociedad Chilena de Psicologia Clínica, 2000.

BASS, Ellen; THORNTON, Louise. *Nunca contei a ninguém*. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1985.

BECKER, J.; HALL, S.; STINSON, J. Female sexual offenders: clinical, legal and policy issues. *Journal of Forensic Psychology Practice*, v. 1, n. 1, p. 29-50, 2001.

BERNER, Wolfgang; BERGER, Peter; HILL, Andréas. Sexual sadism. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 47, n. 4, p. 383-395, 2003.

BEYER, Kristen R.; BEASLEY, James O. Nonfamily child abductors who murder their victims: offender demographics from interviews with incarcerated offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 18, n. 10, p. 1167-1188, 2003.

BLANCHARD, Ray; BARBAREE, Howard E. The strength of sexual arousal as a function of the age of the sex offender: comparisons among pedophiles, hebephiles, and teleiophiles. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 4, p. 441-456, 2005.

BLANCHARD, Ray; KUBAN, Michael E.; BLAK, Thomas; CANTOR, James M.; KLASSEN, Philip; DICKEY, Robert. Phallometric comparison of pedophilic interest in nonadmitting sexual offenders against stepdaughters, biological daughters, other biologically related girls, and unrelated girls. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 18, n. 1, p. 1-14, 2006.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Senado Federal. *Constituição da Republica Federativa do Brasil*. Brasília, 1988.

BRASIL. Lei Federal n. 8069 de 13/6/1990. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Goiânia: Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente/GO, 2001.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado de Direitos Humanos/Departamento da Criança e do Adolescente. *Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil*. 3. ed. Brasília: MJ/SEDH/DCA, 2002a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências. Portaria MS/GM n. 737, de 16/5/2001. *Diário Oficial da União*, n. 96 seção 1e, de 18/5/2001. Brasília: Ministério da Saúde, 2002b.

BRASIL. Lei 7.209, de 11 de julho de 1984. Altera dispositivos da Lei 2.848, de 7 dezembro de 1940, e dá outras providências. *Código Penal*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2006.

BRIERE, John; ELLIOTT, Diana M. Prevalence and psychological sequelae of self-reported childhood physical and sexual abuse in a general population sample of men and women. *Child Abuse & Neglect*, v. 27, n. 10, p. 1205-1222, 2003.

BROWN, Marjorie E.; HULL, Laurie Ann; PANESIS, Steven K. *Women who rape*. Boston: Massachusetts Trial Court, 1984.

BURN, May F.; BROWN, Sarah. A review of the cognitive distortions in child sex offenders: an examination of the motivations and mechanisms that underlie the justification for abuse. *Aggression and Violent Behavior*, v. 11, n. 3, p. 225-236, 2006.

CAFÉ, Mônica Barcellos. *Família e educação para heteronomia: a violência dos silêncios*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2004.

CAMINO, Leôncio; ISMAEL, Eliana. A Psicologia Social e seu papel ambíguo no estudo da violência e dos processos de exclusão social. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi de Araújo (orgs.). *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CAMPOS, Josete de Oliveira; FALEIROS, Eva T. Silveira. *Repensando os conceitos de violência, abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília: CECRIA/MJSEDH-DCA/FBB/UNICEF, 2000.

CARVALHO, Luiz do Nascimento; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. Perfil da população carcerária condenada por crimes contra mulheres, crianças e adolescentes em Goiás: autores, violência e vítima. In: OLIVEIRA, Maria Luiza Moura; SOUSA, Sônia Margarida Gomes de (Org.). *(Re)Descobrimo as faces da violência sexual contra crianças e adolescentes*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: Câne Editorial, 2007.

CHARAM, Isaac. *O estupro e o assédio sexual: como não ser a próxima vítima*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

CHAUI, Marilena. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CHAUI, Marilena; CARDOSO, Ruth; PAOLI, Maria Célia (Orgs.). *Perspectivas antropológicas da mulher: sobre mulher e violência*. Rio de Janeiro: Zahar, v. 4, 1985.

CHAUI, Marilena. Uma ideologia perversa: explicações para a violência impedem que a violência real se torne compreensível. *Folha de S. Paulo*. Entrevista. São Paulo, 14 mar. 1999.

COHEN, Cláudio. *O incesto: um desejo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

CORBETT, Carmen; PATEL, Vaneeta; ERIKSON, Matthew; FRIENDSHIP, Caroline. The violent reconvictions of sexual offenders. *Journal of Sexual Aggression*, v. 9, n. 1, p. 31-39, 2003.

COSTA, Lorena Andréa da. *Infância e violência física intrafamiliar: os significados e sentidos para as crianças vítimas*. 2004. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

COURTNEY, Jude; ROSE, John; MASON, Oliver. The offence process of sex offenders with intellectual disabilities: a qualitative study. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 18, n. 2, p. 169-191, 2006.

COVELL, Christmas N.; SCALORA, Mario J. Empathic deficits in sexual offenders: an integration of affective, social, and cognitive constructs. *Aggression and Violent Behavior*, v. 7 p. 251-270, 2002.

COWEN, Emory L.; STRICKLER, George. The social desirability of trait descriptive terms: a sample of sexual offenders. *The Journal of Social Psychology*, v. 59, n. 2, p. 307-315, 1963.

CRAISSATI, Jackie; BEECH, Anthony. A review of dynamic variables and their relationship to risk prediction in sex offenders. *Journal of Sexual Aggression*, v. 9, n. 1, p. 41-55, 2003.

CRAISSATI, Jackie; BEECH, Anthony. The characteristics of a geographical sample of convicted rapists sexual victimization and compliance in comparison to child molesters. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 19, n. 4, p. 371-388, 2004.

D'ÁVILA, Maria Inácia. Identidade da Psicologia Social latino-americana. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho A. (orgs). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DREZETT, Jefferson Ferreira. Aspectos biopsicossociais da violência sexual. *Jornal da Rede Pública*, n. 22, p. 18-21, 2000.

DSM-IV. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

EGAN, Vincent; KAVANAGH, Beth; BLAIR, Marie. Sexual offenders against children: the influence of personality and obsessionality on cognitive distortions. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 3, p. 223-240, 2005.

ELLIS, Albert; DOORBAR, Ruth R.; JOHNSTON, Robert. Characteristics of convicted sex offenders. *The Journal of Social Psychology*, v. 40, n. 1, p. 3-15, 1954.

ESBER, Karen Michel. *O perfil psicológico do agressor sexual: da patologia à normalidade – estudo de casos investigados por meio do psicodiagnóstico Rorschach*. 2000. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2000.

ESBER, Karen Michel. *Pessoas que cometeram violência sexual: patologia individual ou questão de família?* Monografia (Pós-Graduação Lato Sensu em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

ESBER, Karen Michel. Tinha pavor em pensar que alguém pudesse descobrir: o sentido de infância e adolescência para autores de violência sexual. In: OLIVEIRA, Maria Luiza Moura; SOUSA, Sônia Margarida Gomes de (Org.). *(Re)Descobrimo as faces da violência sexual contra crianças e adolescentes*. Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos; Goiânia: Cânone Editorial, 2007.

ESHUYS, Donna; SMALLBONE, Stephen. Religious affiliations among adult sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 18, n. 3, p. 279–288, 2006.

FAGUNDES, Terezinha de Lisieux Quesado. Da questão médica e individual ao problema social: uma análise do abuso sexual de crianças e adolescentes. In: GADELHA, Graça; BARBOSA, Hélia. (Orgs.). *Construindo uma história: tecnologia social de enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes*. Salvador: CEDECA-BA, 2003.

FALEIROS, Eva. *Violência sexual contra crianças e adolescentes: os (des)caminhos da denúncia*. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Direitos Humanos, 2003.

FALEIROS, Vicente de Paula. A violência sexual contra crianças e adolescentes e a construção de indicadores: a crítica do poder, da desigualdade e do imaginário. In: LEAL, Maria de Fátima Pinto; CESAR, Maria Auxiliadora (Org.). *Indicadores de violência intrafamiliar e exploração sexual de crianças e adolescentes*. Brasília: Ministério da Justiça/CECRIA/CESE, 1998.

FALEIROS, Vicente de Paula. *Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores*. Brasília: Universa, 2007.

FALSHAW, Louise; BROWNE, Kevin D.; HOLLIN, Clive R. Victim to offender: a review. *Aggression and Violent Behavior*, v. 1, n. 4, p. 389-404, 1996.

FEATHERSTONE, Brid.; LANCASTER, Elizabeth. Contemplating the unthinkable: men who sexual abuse children. *Critical Social Policy*, v. 17, n. 4, p. 51-71, 1997.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu*, v. 26, p. 201-223, 2006.

FELIPE, Sônia T.; PHILIPPI, Jeanine N. *O corpo violentado: estupro e atentado violento ao pudor – um ensaio sobre a violência e três estudos de filmes à luz do contratualismo e da leitura cruzada entre direito e psicanálise*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1998.

FERRARI, Dalka Chaves Almeida. Pedofilia: uma das faces da violência sexual contra crianças. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 12, n. 2, p. 59-84, 2004.



FERRARI, Dalka Chaves Almeida; VECINA, Tereza Cristina Cruz (Orgs.). *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora, 2002.

FINKELHOR, David. *Sexually victimized children*. New York: The Free Press, 1979.

FINKELHOR David; RUSSELL, Diana. Women as perpetrators: review of the evidence. In: FINKELHOR, David (Org.). *Child sexual abuse: new theory and research*. New York: The Free Press, 1984.

FINKELHOR, David; HOTALING, Gerald; LEWIS, I. A.; SMITH, Christine. Sexual abuse in a national survey of adult men and women: prevalence, characteristics, and risk factors. *Child Abuse and Neglect*, v. 14, p. 19-28, 1990.

FOROUZAN, Elham; GIJSEGHM, Hubert Van. Psychosocial adjustment and psychopathology of men sexually abused during childhood. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 49, n. 6, p. 626-651, 2005.

FORWARD, Susan; BUCK, Craig. *A traição da inocência: o incesto e sua devastação*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

FURNISS, Tilman. *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GABEL, Marceline. *Crianças vítimas de abuso sexual*. São Paulo: Summus, 1997.

GANNON, Theresa A. Increasing honest responding on cognitive distortions in child molesters: the Bogus Pipeline procedure. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 21, n. 3, p. 358-375, 2006.

GANNON, Theresa A.; WARD, Tony; COLLIE, Rachael. Cognitive distortions in child molesters: theoretical and research developments over the past two decades. *Aggression and Violent Behavior*, v. 12, n. 3, p. 402-416, 2007.

GEE, Dion G.; DEVILLY, Grant J.; WARD, Tony. The content of sexual fantasies for sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 16, n. 4, p. 315-331, 2004.

GEER, James H.; ESTUPINAN, Laura A.; MANGUNO-MIRE, Gina M. Empathy, social skills, and other relevant cognitive processes in rapists and child molesters. *Aggression and Violent Behavior*, v. 5, n. 1, p. 99-126, 2000.

GLASER, Danya; FROSH, Stephen. *Abuso sexual de niños*. Buenos Aires: Paidós, 1988.

GLASSER, M.; KOLVIN, I.; CAMPBELL, D.; GLASSER, A.; LEITCH, I.; FARRELLY, S. Cycle of child sexual abuse: links between being a victim and becoming a perpetrator. *The British Journal of Psychiatry*, v. 179, p. 482-494, 2001.

GOMES, Érica Figueiredo; CRUZ, Amadeu Roseli. Castração hormonal no abusador sexual de crianças: questões éticas e farmacológicas. *Jornal Brasileiro de Prevenção e Tratamento das Ofensas Sexuais*, v. 2, n. 1, p. 25-45, 2003.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair. (Orgs). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. São Paulo: Cortez, 2001.

GREENBERG, David M.; FIRESTONE, Philip; NUNES, Kevin L.; BRADFORD, John M.; CURRY, Susan. Biological fathers and stepfathers who molest their daughters: psychological, phallometric, and criminal features. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 1, p. 39-46, 2005.

GUARESCHI, Neuza M. de Fátima; WEBER, Andrei; COMUNELLO, Luciene Nardi; NARDINI, Milena. Discussões sobre violência: trabalhando a produção de sentidos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 19, n. 1, p. 122-130, 2006.

GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Violência física doméstica contra crianças e adolescentes e a imprensa: do silêncio à comunicação*. 1995. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

GUTIÉRREZ-LOBOS, Karin; EHER, Reinhard; GRÜNHUT, Christine; BANKIER, Bettina; SCHMIDL-MOHL, Brigitte; FRÜHWALD, Stefan; SEMLER, Brigitte. Violent sex offenders lack male social support. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 45, n. 1, p. 70-82, 2001.

HABIGZANG, Luísa F.; KOLLER, Sílvia H.; AZEVEDO, Gabriela Azen; MACHADO, Paula Xavier. Violência sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 21, n. 3, p. 341-348, 2005.

HANSON, Karl L. Empathy deficits of sexual offenders: a conceptual model. *Journal of Sexual Aggression*, v. 9, n. 1, p. 13-23, 2003.

HARTLEY, Carolyn Copps. Incest offender's perceptions of their motives to sexually offend within their past and current life context. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 16, n. 5, p. 459-475, 2001.

HATCH-MAILLETTE, Mary A.; SCALORA, Mario J.; HUSS, Matthew T.; BAUMGARTNER, Jerome V. Criminal thinking patterns: are child molesters unique? *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 45, n. 1, p. 102-117, 2001.

HAYASHINO, Diane S.; WURTELE, Sandy K.; KLEBE, KELLI J. Child molesters: an examination of cognitive factors. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 10, n. 1, p. 106-116, 1995.

HEIL, Peggy; AHLMEYER, Sean; SIMONS, Dominique. Crossover sexual offenses. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 15, n. 4, p. 221-236, 2003.

HINES, Denise A.; FINKELHOR, David. Statutory sex crime relationships between juveniles and adults: a review of social scientific research. *Aggression and Violent Behavior*, v. 12, n. 3, p. 300-314, 2007.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. (Orgs.). *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1978.

HORLEY, James. Cognitions supportive of child molestation. *Aggression and Violent Behavior*, v. 5, n. 6, p. 551-564, 2000.

ITZIN, Catherine. Incest, paedophilia, pornography and prostitution: making familial males more visible as the abusers. *Child Abuse Review*, v. 10, n. 1, p. 35-48, 2001.

JESUS, Núbia Angélica de. *O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2005. Trabalho inédito.

JESUS, Núbia Angélica de. O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 26, n. 4, p. 672-683, 2006.

KAMPHUIS, Jan H.; DE RUITER, Corine; JANSSEN, Bas; SPIERING, Mark. Preliminary evidence for an automatic link between sex and power among men who molest children. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 20, n. 11, p. 1351-1365, 2005.

KINGSTON, Drew A.; FIRESTONE, Philip; MOULDEN, Heather; BRADFORD, John M. The utility of the diagnosis of pedophilia: a comparison of various classification procedures. *Archives of Sexual Behavior*, v. 36, n. 3, p. 423-436, 2007.

KOKISH, Ron; LEVENSON, Jill S.; BLASINGAME, Gerry D. Post-conviction sex offender polygraph examination: client-reported perceptions of utility and accuracy. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 2, p. 211-221, 2005.

LAMBIE, Ian; SEYMOUR, Fred; LEE, Alan; ADAMS, Peter. Resiliency in the victim– offender cycle in male sexual abuse. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 14, n. 1, p. 31-47, 2002.

LANCASTER, Elizabeth; LUMB, Jeannie. Bridging the gap: feminist theory and practice reality in work with the perpetrators of child sexual abuse. *Child and Family Social Work*, v. 4, p. 119-129, 1999.

LANDINI, Tatiana Savoia. Pedófilo, quem és? A pedofilia na mídia impressa. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, 2003.

- LANDINI, Tatiana Savoia. *Horror, honra e direitos: violência sexual contra crianças e adolescentes no século XX*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- LANDINI, Tatiana Savoia. Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 225-252, 2006.
- LANE, Silvia T. Maurer. Os fundamentos teóricos. In: LANE, Silvia T. Maurer; ARAÚJO, Yara. (Orgs.). *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 35-56, 1999.
- LANE, Silvia T. Maurer. A Psicologia Social na América Latina: por uma ética do conhecimento. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho A. (Orgs.). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LANE, Silvia T. Maurer. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: LANE, Silvia Tatiana Maurer; CODO, Wanderley (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- LANGSTROM, Niklas; SJOSTEDT, Gabrielle; GRANN, Martin. Psychiatric disorders and recidivism in sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 16, n. 2, 2004.
- LEAL, Maria de Fátima Pinto. *Exploração sexual comercial de meninos, meninas e de adolescentes na América Latina e Caribe: relatório Final – Brasil*. Brasília: CECRIA, 1999.
- LOH, Catherine; GIDYCH, Christine A. A prospective analysis of the relationship between childhood sexual victimization and perpetration of dating violence and sexual assault in adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 21, n. 6, p. 673-688, 2006.
- LONDOÑO, Fernando Torres. A origem do conceito menor. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.
- LOOMAN, Jan; GAUTHIER, Claudine; BOER, Douglas. Replication of the Massachusetts treatment center child molester typology in a Canadian sample. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 16, n. 8, p. 753-767, 2001.
- LOOMAN, Jan; ABRACEN, Jeffrey; SERIN, Ralph; MARQUIS, Peter. Psychopathy, treatment change, and recidivism in high-risk, high-need sexual offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 20, n. 5, p. 549-568, 2005.
- LOWENKAMP, Christopher T., HOLSINGER, Alexander M.; LATESSA, Edward J. Risk/need assessment, offender classification, and the role of childhood abuse. *Criminal Justice and Behavior*; v. 28, n. 5, p. 543-563, 2001.

LUNG, For-Wey; HUANG, Shu-Fen. Psychosocial characteristics of criminals committing incest and other sex offenses: a survey in a Taiwanese prison. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 48, n. 5, p. 554-560, 2004.

LUSSIER, Patrick. The criminal activity of sexual offenders in adulthood: revisiting the specialization debate. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 3, p. 269-292, 2005.

LUSSIER, Patrick; BEAUREGARD, Eric; PROULX, Jean; NICOLE, Alexandre. Developmental factors related to deviant sexual preferences in child molesters. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 20, n. 9, p. 999-1017, 2005.

MACMARTIN, Clare; WOOD, Linda A. Sexual motives and sentencing: judicial discourse in cases of child sexual abuse. *Journal of Language and Social Psychology*, v. 24, n. 2, p. 139-159, 2005.

MADANES, Cloé. *Sexo, amor e violência: estratégias para a transformação*. Campinas, SP: Editorial Psy, 1997.

MADEIRA, Felícia Reicher (Org.). *Quem mandou nascer mulher: estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/UNICEF, 1997.

MAGALHÃES, Vilene Eulálio de. *Criminosos sexuais: um perfil de sujeitos condenados por crimes sexuais*. 2003. Dissertação (Mestrado em Sexologia) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2003.

MALLAK, Linda Simone; VASCONCELOS, Maria Gorete Oliveira Medeiros. *Compreendendo a violência sexual em uma perspectiva multidisciplinar*. Carapicuíba: Fundação Orsa Criança e Vida, 2002.

MARCUS, David K.; CUNNINGHAM, Michael R. Do child molesters have aberrant perceptions of adult female facial attractiveness? *Journal of Applied Social Psychology*, v. 33, n. 3, p. 499-512, 2003.

MARQUES, Heloisa Maria de Vivo. *A voz do abusador: aspectos psicológicos dos protagonistas de incesto*. 2005. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.

MARSHALL, William L.; BARBAREE, Howard E.; ECCLES, Alan. Early onset and deviant sexuality in child molesters. *Journal of Interpersonal Violence*, 6, v. 2, p. 323-336, 1991.

MARSHALL, William L.; MARSHALL, Liam E. The origins of sexual offending. *Trauma Violence & Abuse*, v. 1, n. 3, p. 250-263, 2000.

MARSHALL, William L.; SERRAN, Geris A.; CORTONI, Franca A. Childhood attachments, sexual abuse, and their relationship to adult coping in child molesters. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 12, n. 1, p. 17-26, 2000.

MARSHALL, William L.; THORNTON, David; MARSHALL, Liam E.; FERNANDEZ, Yolanda M.; MANN, Ruth. Treatment of sexual offenders who are in categorical denial: a pilot project. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 13, n. 3, 2001.

MARSHALL, William L.; KENNEDY, Pamela. Sexual sadism in sexual offenders: An elusive diagnosis. *Aggression and Violent Behavior*, v. 8, p. 1-22, 2003.

MARSHALL, William L.; YATES, Pamela. Diagnostic issues in sexual sadism among sexual offenders. *Journal of Sexual Aggression*, v. 10, n. 1, p. 21-27, 2004.

MARSHALL, William L.; SERRAN, Geris A.; MARSHALL, Liam E.; FERNANDEZ, Yolanda M. Recovering memories of the offense in “amnesic” sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 1, p. 31-38, 2005.

MASSIMI, Marina. Matrizes do pensamento em Psicologia Social na América Latina: história e perspectivas. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas; GUARESCHI, Pedrinho A. (Orgs). *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MIHAILIDES, Stephen; DEVILLY, Grant J.; WARD, Tony. Implicit cognitive distortions and sexual offending. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 16, n. 4, p. 333-350, 2004.

MILNER, Rebecca J.; WEBSTER, Stephen D. Identifying schemas in child molesters, rapists, and violent offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 4, p. 425-439, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 6. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999a.

MOLON, Suzana Inês. *Subjetividade e Constituição do Sujeito em Vygotsky*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MUSLEH, Maher Hassan. *A transformação da identidade do vitimizador sexual que se transformou em “vítima”*. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade São Marcos, São Paulo, 2003.

NEY, Philip G.; FUNG, Tak; WICKETT, Adele Rose. The worst combinations of child abuse and neglect. *Child Abuse and Neglect*, v. 18, n. 12, p. 705-714, 1994.

NOVO, Helerina Aparecida. *A dimensão ético-afetiva dos discursos sobre a violência: implicações para o processo de convivência social*. 1996. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

OLVER, Mark E.; WONG, Stephen C. P. Psychopathy, sexual deviance, and recidivism among sex offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 18, n. 1, 2006.

PAIM, Isaias. *Curso de psicopatologia*. 11. ed. São Paulo: EPU, 1993.

PARKINSON, Patrick N.; SHRIMPTON, Sandra; OATES, R. Kim; SWANSTON, Heather Y.; O'TOOLE, Brian I. Nonsex offences committed by child molesters: findings from a longitudinal study. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 48, n. 1, p. 28-39, 2004.

PERONE, Reynaldo; NANNINI, Martine. *Violencia y abusos sexuales em la infância: um abordaje sistêmico y comunicacional*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

PHELAN, Patricia. Incest and its meaning: the perspectives of fathers and daughters. *Child Abuse & Neglect*, v. 19, n. 1, p. 7-24, 1995.

PINTO JUNIOR, Antônio Augusto. *Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico*. São Paulo: Vetor, 2005.

PROEVE, Michael; HOWELLS, Kevin. Shame and guilt in child sexual offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 46, n. 6, p. 657-667, 2002.

RENSHAW, Domeena C. *Incesto: compreensão e tratamento*. São Paulo: Roca, 1984.

RESENDE, Anita Cristina Azevedo. O tempo do tempo: objetividade e subjetividade no tempo quantificado. 1986. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

REY, Fernando Luis González. O emocional na constituição da subjetividade. In: LANE, Silvia T. Maurer; ARAÚJO, Yara. (Orgs.). *Arqueologia das emoções*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 35-56, 1999.

RICE, Marnie E.; HARRIS, Grant T. Men who molest their sexually immature daughters: is a special explanation required? *Journal of Abnormal Psychology*, v. 111, n. 2, p. 329-339, 2002.

ROBERTIELLO, Gina; TERRY, Karen J. Can we profile sex offenders? A review of sex offender typologies. *Aggression and Violent Behavior*, v. 12, n. 5, p. 508-518, 2007.

ROMANO, Elisa; DE LUCA, Rayleen V. Male sexual abuse: a review of effects, abuse characteristics, and links with later psychological functioning. *Aggression and Violent Behavior*, v. 6, n. 1, p. 55-78, 2001.

SAFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. A síndrome do pequeno poder. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. 2. ed. São Paulo: Iglu, 1989a.

SAFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Exploração Sexual de Crianças. In: AZEVEDO, Maria Amélia; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. 2. ed. São Paulo: Iglu, 1989b.

SALTER, Daniel; MCMILLAN, Dean; RICHARDS, Mark; TALBOT, Tiffany; HODGES, Jill; BENTOVIM, Arnon; HASTINGS, Richard; STEVENSON, Jim; SKUSE, David. Development of sexually abusive behaviour in sexually victimised males: a longitudinal study. *Lancet*, v. 361, p. 471-476, 2003.

SANDERSON, Cristiane. *Abuso sexual em crianças: fortalecendo pais e professores para proteger crianças de abusos sexuais*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.

SARADJIAN, Adam; NOBUS, Dany. Cognitive distortions of religious professionals who sexually abuse children. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 18, n. 8, p. 905-923, 2003.

SARREL, Philip M.; MASTERS, William H. Sexual molestation of men by women. *Archives of sexual behaviour*, v. 11, n. 2, p. 117-131, 1982.

SAWAIA, Bader Burihan. Exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader Burihan. (Org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a.

SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão-inclusão. In: SAWAIA, Bader Burihan. (org). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b.

SAWAIA, Bader Burihan. Introduzindo a afetividade na reflexão sobre estética, imaginação e constituição do sujeito. In: DA ROS, Silvia Zanatta; MAHEIRIE, Kátia; ZANELLA, Andréa Vieira (Orgs.). *Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeitos e (em) experiência*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2006.

SAWAIA, Bader Burihan. Uma análise da violência pela filosofia da alegria: paradoxo, alienação ou otimismo ontológico crítico. In: SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi de Araújo (Org.). *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SCHMICKLER, Catarina Maria. *O protagonista do violência sexual: sua lógica e estratégias*. Chapecó: Argos, 2006.

SCHNEIDER, Sandra L.; WRIGHT, Robert C. The FoDOD: a measurement tool for reconceptualizing the role of denial en child molesters. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 16, n. 6, p. 545-564, 2001.



SCHWAEBE, Charles. Learning to pass: sex offenders' strategies for establishing a viable identity in the prison general population. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 49, n. 6, p. 614-625, 2005.

SERIN, Ralph C.; MAILLOUX, Donna L.; MALCOM, P. Bruce. Psychopathy, deviant sexual arousal and recidivism among sexual offenders. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 16, n. 3, p. 234-246, 2001.

SETO, Michael C.; EKE, Angela W. The criminal histories and later offending of child pornography offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 2, p. 201-210, 2005.

SILVA, Helena Oliveira da; SILVA, Jailson de Souza da. *Análise da violência contra a criança e o adolescente segundo o ciclo de vida no Brasil: conceitos, dados e proposições*. São Paulo: Global; Brasília: UNICEF, 2005.

SIMONS, Dominique; WURTELE, Sandy K.; HEIL, Peggy. Childhood victimization and lack of empathy as predictors of sexual offending against women and children. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 17, n. 12, p. 1291-1307, 2002.

SMALLBONE, Stephen W.; MCCABE, Billee-Anne. Childhood attachment, childhood sexual abuse, and onset of masturbation among adult sexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 15, n. 1, p. 1-9, 2003.

SMALLBONE, Stephen W.; WORTLEY, Richard K. Criminal diversity and paraphilic interests among adult males convicted of sexual offenses against children. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 48, n. 2, p. 175-188, 2004a.

SMALLBONE, Stephen W.; WORTLEY, Richard K. Onset, persistence, and versatility of offending among adult males convicted of sexual offenses against children. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 16, n. 4, p. 285-298, 2004b.

SOUSA, Sônia Margarida Gomes. Trabalho infantil: a negação da infância? Estudo do significado do trabalho para crianças das camadas populares. 1994. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

SOUSA, Sônia Margarida Gomes. *O significado de infância, educação e violência para pais que cometeram violência física contra filhos*. Goiânia: Editora UCG, 2001a.

SOUSA, Sônia Margarida Gomes. *Prostituição infantil e juvenil: uma análise psicossocial do discurso de depoentes da CPI*. 2001. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001b.

SOUSA, Sônia Margarida Gomes. *Crianças vítimas de violências físicas: um olhar a partir da categoria analítica de “sofrimento ético-político”*. Relatório de pesquisa. Goiânia: Universidade Católica de Goiás: 2004

STIRPE, Tania S.; STERMAC, Lana E. An exploration of childhood victimization and family of origin characteristics of sexual offenders against children. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 47, n. 5, p. 542-555, 2003.

SUÁREZ, Mireya; BANDEIRA, Lourdes. *Violência, gênero e crime no Distrito Federal*. Brasília: Editora UnB, 1999.

SULLIVAN, Joe; BEECH, Anthony. Professional perpetrators: sex offenders who use their employment to target and sexually abuse the children with whom they work. *Child Abuse Review*, v. 11, n. 3, p. 153-167, 2002.

SULLIVAN, Joe; BEECH, Anthony. A comparative study of demographic data relating to intra and extra-familial child sexual abusers and professional perpetrators. *Journal of Sexual Aggression*, v. 10, n. 1, p. 39-50, 2004.

UNICEF. Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pags\\_020\\_039\\_violencia2.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pags_020_039_violencia2.pdf). Acesso em: 19 dez. 2006.

VALENTE, Sharon M. Sexual abuse of boys. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*. v. 18, n. 1, p. 10-16, 2005.

VANDIVER, Donna M.; WALKER, Jeffery T. Female sex offenders: an overview and analysis of 40 cases. *Criminal Justice Review*, v. 27, n. 2, p. 284-300, 2002.

VECINA, Tereza Cristina Cruz. Do tabu à possibilidade de tratamento psicossocial: um estudo reflexivo da condição de pessoas que vitimizam crianças e adolescentes. In: VECINA, Tereza Cristina Cruz; FERRARI, Dalka Chaves de Almeida (Orgs.). *O fim do silêncio na violência familiar: teoria e prática*. São Paulo: Ágora, 2002.

VIVARTA, Veet (Org.). *O grito dos inocentes: os meios de comunicação e a violência sexual contra crianças e adolescentes*. São Paulo: Cortez, 2003.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Havana: Ministerio de Cultura: Editorial Científico Técnica, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Teoria e método em psicologia*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*, v. 21, n. 71, p. 21-44, 2000b.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Teoría de las emociones: estudio histórico-psicológico*. Madrid: Ediciones Akal, 2004.
- WACQUANT, Löic. *As prisões da miséria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- WARD, Tony. Sexual offenders' cognitive distortions as implicit theories. *Aggression and Violent Behavior*, v. 5, n. 5, p. 491-507, 2000.
- WARD, Tony. The explanation, assessment and treatment of child sexual abuse. *International Journal of Forensic Psychology*, v. 1, n. 1, p. 10-25, 2003.
- WARD, Tony; KEENAN, Thomas. Child molesters' implicit theories. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 14, n. 8, p. 821-838, 1999.
- WARD, Tony; BEECH, Anthony. An integrated theory of sexual offending. *Aggression and Violent Behavior*, v. 11, p. 44-63, 2006.
- WARD, Tony, HUDSON, Stephen M.; MARSHALL, William L. Cognitive distortions and affective deficits in sex offenders: a cognitive deconstructionist interpretation. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 7, n. 1, p. 67-83, 1995.
- WARD, Tony; HUDSON, Stephen M.; JOHNSTON, Lucy; MARSHALL, William L. Cognitive distortions in sex offenders: an integrative review. *Clinical Psychology Review*, v. 17, n. 5, p. 479-507, 1997.
- WARD, Tony; KEENAN, Thomas; HUDSON, Stephen M. Understanding cognitive, affective, and intimacy deficits in sexual offenders: a developmental perspective. *Aggression and Violent Behavior*, v. 5, n. 1, p. 41-62, 2000.
- WEBSTER, Stephen D.; MARSHALL, William L. Generating data with sexual offenders using qualitative material: a paradigm to complement not compete with quantitative methodology. *Journal of Sexual Aggression*, v. 10, n. 1, p. 117-122, 2004.
- WEBSTER, Stephen D.; BOWERS, Louise E.; MANN, Ruth E.; MARSHALL, William L. Developing empathy in sexual offenders: the value of offence re-enactments. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 17, n. 1, p. 63-77, 2005.
- WEST, D. J. The sex crime situation: deterioration more aparent than real? *European Journal on Criminal Policy and Research*, v. 8, n. 4, p. 399-422, 2000.

WILSON, Robin J. Emotional congruence in sexual offenders against children. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, v. 11, n. 1, 1999.

ZANELLA, Andréa Vieira. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia & Sociedade*, v. 17, n. 2, p. 99-104, 2005.

## APÊNDICE A

### LISTA DOS PERIÓDICOS PESQUISADOS EM ÁREAS DIVERSAS

Periódico	Endereço eletrônico
1 - <i>Aggression and Violent Behavior</i>	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/journal/13591789">http://www.sciencedirect.com/science/journal/13591789</a>
2 - <i>British Journal of Criminology</i>	<a href="http://bjc.oxfordjournals.org/">http://bjc.oxfordjournals.org/</a>
3 - <i>Child Abuse and Neglect</i>	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/journal/01452134">http://www.sciencedirect.com/science/journal/01452134</a>
4 - <i>Child Abuse Review</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=BUO&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=BUO&amp;site=ehost-live</a>
5 - <i>Child Maltreatment</i>	<a href="http://intl-cmx.sagepub.com/">http://intl-cmx.sagepub.com/</a>
6 - <i>Clinical Psychology Review</i>	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/journal/02727358">http://www.sciencedirect.com/science/journal/02727358</a>
7 - <i>Criminal Justice and Behavior</i>	<a href="http://intl-cjb.sagepub.com/">http://intl-cjb.sagepub.com/</a>
8 - <i>Criminology</i>	<a href="http://www.blackwellpublishers.co.uk/">http://www.blackwellpublishers.co.uk/</a>
9 - <i>Critical Criminology</i>	<a href="http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/108483/">http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/108483/</a>
10 - <i>Human Relations</i>	<a href="http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/112058/">http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/112058/</a>
11 - <i>International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology</i>	<a href="http://intl-ijo.sagepub.com/">http://intl-ijo.sagepub.com/</a>
12 - <i>International Journal of the Sociology of Law</i>	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/journal/01946595">http://www.sciencedirect.com/science/journal/01946595</a>
13 - <i>Journal of Criminal Law &amp; Criminology</i>	<a href="http://www.law.nwu.edu/jclc/index.htm">http://www.law.nwu.edu/jclc/index.htm</a>
14 - <i>Journal of Family Violence</i>	<a href="http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/104903/">http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/104903/</a>
15 - <i>Journal of Forensic Sciences</i>	<a href="http://www.blackwell-synergy.com/loi/jfo">http://www.blackwell-synergy.com/loi/jfo</a>
16 - <i>Journal of Interpersonal Violence</i>	<a href="http://intl-jiv.sagepub.com/">http://intl-jiv.sagepub.com/</a>
17 - <i>Journal of Research in Personality</i>	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/journal/00926566">http://www.sciencedirect.com/science/journal/00926566</a>
18 - <i>Journal of Sexual Aggression</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=H4O&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=H4O&amp;site=ehost-live</a>
19 - <i>Journal of Social Issues</i>	<a href="http://www.blackwell-synergy.com/loi/josi">http://www.blackwell-synergy.com/loi/josi</a>
20 - <i>Law and Human Behavior</i>	<a href="http://proquest.umi.com/pqdlink?Ver=1&amp;Exp=08-13-2012&amp;RQT=318&amp;PMID=53485&amp;cfc=1">http://proquest.umi.com/pqdlink?Ver=1&amp;Exp=08-13-2012&amp;RQT=318&amp;PMID=53485&amp;cfc=1</a>
21 - <i>Probation Journal</i>	<a href="http://intl-prb.sagepub.com/">http://intl-prb.sagepub.com/</a>
22 - <i>Sex Roles</i>	<a href="http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/101600/">http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/101600/</a>
23 - <i>Sexual Abuse: A Journal of Research &amp; Treatment</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=G1W&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=G1W&amp;site=ehost-live</a>
24 - <i>The Prison Journal</i>	<a href="http://tpj.sagepub.com/">http://tpj.sagepub.com/</a>
25 - <i>Trauma, Violence, &amp; Abuse</i>	<a href="http://intl-tva.sagepub.com/">http://intl-tva.sagepub.com/</a>

## APÊNDICE B

### PERIÓDICOS SELECIONADOS PARA A REVISÃO DA LITERATURA\*

*International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*. O primeiro texto deste periódico data de 1966. Trata-se de uma revista norte-americana, de periodicidade bimensal, cujo foco é a pesquisa, a discussão e o tratamento das variáveis associadas com o crime e a delinquência. Enfatiza o tratamento do ofensor e como eles relacionam-se à teoria e à prática clínica. Esse periódico possui um total de 285 artigos publicados sobre o tema pesquisado.

*Journal of Interpersonal Violence*. Editada, desde 1986 pela Universidade de Washington, esta revista tem como foco as vítimas de violência e seus perpetradores. Examina todos os tipos de violência interpessoal, estabelecendo similaridades e diferenças entre os vários tipos de crimes. 265 artigos sobre AVS.

*Journal of Sexual Aggression*. Publicado no Reino Unido, desde 2001, os artigos desta revista discutem tópicos relacionados à agressão sexual, incluindo trabalhos sobre a prevenção e o impacto da agressão sexual nas vítimas, nos membros da família e cuidadores. Apresenta também respostas judiciais à questão. Sobre o tema foram encontrados 104 artigos neste periódico.

*Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*. Publicado desde 1984 pela Association for the Treatment of Sexual Abusers (ATSA),\*\* este periódico divulga aspectos clínicos e teóricos relacionados ao abuso sexual. Havia 122 artigos sobre o tema nesse periódico.

---

\* As informações sobre os periódicos foram retiradas do portal CAPES.

\*\* A ATSA é uma organização interdisciplinar, sem fins lucrativos. Foi fundada para o apoio à pesquisa, facilitando a troca de informações e educação profissional no campo da avaliação e tratamento de autores de violência sexual. Informações retiradas do site: [www.atsa.com](http://www.atsa.com) na data de 25/7/2007.

## APÊNDICE C

### LISTA DOS PERIÓDICOS PESQUISADOS NA ÁREA DE PSICOLOGIA SOCIAL

<b>Periódico</b>	<b>Endereço eletrônico</b>
1 - <i>Asian Journal of Social Psychology</i>	<a href="http://www.blackwell-synergy.com/loi/ajsp">http://www.blackwell-synergy.com/loi/ajsp</a>
2 - <i>Basic &amp; Applied Social Psychology</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=7LI&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=7LI&amp;site=ehost-live</a>
3 - <i>British Journal of Social Psychology</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=99J&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=99J&amp;site=ehost-live</a>
4 - <i>Journal of Applied Social Psychology</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=JAV&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=JAV&amp;site=ehost-live</a>
5 - <i>Journal of Experimental Social Psychology</i>	<a href="http://www.sciencedirect.com/science/journal/00221031">http://www.sciencedirect.com/science/journal/00221031</a>
6 - <i>Journal of Language and Social Psychology</i>	<a href="http://jls.sagepub.com/">http://jls.sagepub.com/</a>
7 - <i>Journal of Personality &amp; Social Psychology</i>	<a href="http://gateway.uk.ovid.com/gw2/ovidweb.cgi">http://gateway.uk.ovid.com/gw2/ovidweb.cgi</a>
8 - <i>Personality and Social Psychology Bulletin</i>	<a href="http://psp.sagepub.com/">http://psp.sagepub.com/</a>
9 - <i>Social Behavior &amp; Personality</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=2EF&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=2EF&amp;site=ehost-live</a>
10 - <i>Social Psychology</i>	<a href="http://web.ebscohost.com/ehost/detail?vid=1&amp;hid=21&amp;sid=f2ee394-d0cd-4594-9c71-de3728b97d61%40sessionmgr9">http://web.ebscohost.com/ehost/detail?vid=1&amp;hid=21&amp;sid=f2ee394-d0cd-4594-9c71-de3728b97d61%40sessionmgr9</a>
11 - <i>Social Psychology of Education</i>	<a href="http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/102995/">http://www.springerlink.com.w10053.dotlib.com.br/content/102995/</a>
12 - <i>Social Psychology Quarterly</i>	<a href="http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=SPQ&amp;site=ehost-live">http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&amp;db=sih&amp;jid=SPQ&amp;site=ehost-live</a>
13 - <i>The Journal of Social Psychology</i>	<a href="http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/Journals/getIssues.jhtml?sid=HWW%3ASSFT&amp;issn=0022-4545&amp;un=aws57&amp;pw=cobz224946">http://vnweb.hwwilsonweb.com/hww/Journals/getIssues.jhtml?sid=HWW%3ASSFT&amp;issn=0022-4545&amp;un=aws57&amp;pw=cobz224946</a>

## APÊNDICE D

### PERIÓDICOS DE PSICOLOGIA SOCIAL SELECIONADOS PARA A REVISÃO DA LITERATURA

*British Journal of Social Psychology*. Publicada no Reino Unido desde 2001, abarca temas como cognição social, atitudes, processos grupais, influência social, relações intergrupos, *self* e identidade, comunicação não-verbal, aspectos sociais e psicológicos dos afetos e emoções, e da linguagem e discurso.

*Journal of Applied Social Psychology*. Desde 1983, este periódico do Reino Unido publica artigos de pesquisas de laboratório e de campo em áreas como saúde, relações raciais, discriminação, processos grupais, crescimento da população, violência, pobreza, entre outros.



## APÊNDICE E

### ARTIGOS SELECIONADOS PARA A REVISÃO DA LITERATURA INTERNACIONAL

*British Journal of Social Psychology.* Este periódico contém apenas um texto sobre AVS, cujo título é “Doing cognitive distortions: A discursive psychology analysis of sex offender treatment talk” (AUBURN & LEA, 2003).

*Journal of Applied Social Psychology.* Este também contém apenas um texto sobre o tema: Do child molesters have aberrant perceptions of adult female facial attractiveness?” (MARCUS & CUNNINGAM, 2003).

*International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology.* Deste periódico foram selecionados sete artigos sobre AVS contra crianças e adolescentes: “An Exploration of Childhood Victimization and Family-of-Origin Characteristics of Sexual Offenders Against Children” (STIRPE & STERMAC, 2003); “Criminal Diversity and Paraphilic Interests Among Adult Males Convicted of Sexual Offenses Against Children” (SMALLBONE & WORTLEY, 2004); “Learning to Pass: Sex Offenders’ Strategies for Establishing a Viable Identity in the Prison General Population” (SCHWAEBE, 2005); “Shame and Guilt in Child Sexual Offenders” (PROEVE & HOWELLS, 2002); “Violent Sex Offenders Lack Male Social Support” (GUTIÉRREZ-LOBOS, EHER, GRÜNHUT, BANKIER, SCHMIDL-MOHL, FRÜHWALD & SEMLER, 2001); “Nonsex Offenses Committed by Child Molesters: Findings From a Longitudinal Study” (PARKINSON, SHRIMPTON, OATES, SWANSTON & O’TOOLE, 2004); “Psychosocial Characteristics of Criminals Committing Incest and Other Sex Offenses: A Survey in a Taiwanese Prison” (LUNG & HUANG, 2004).

*Journal of Interpersonal Violence.* Deste periódico foram selecionados cinco artigos para a revisão: “Cognitive Distortions of Religious Professionals Who Sexually Abuse Children” (SARADJIAN & NOBUS, 2003); “Developmental Factors Related to Deviant Sexual Preferences in Child Molesters” (LUSSIER, BEAUREGARD, PROULX & NICOLE, 2005); “Incest offender’s perceptions of their motives to sexually offend within their past and current life context” (HARTLEY, 2001); “Preliminary Evidence for an Automatic Link Between Sex and Power Among Men Who Molest Children” (KAMPHUIS, RUITER, JANSSEN & SPIERING, 2005); “The Characteristics of a Geographical Sample of Convicted

Rapists Sexual Victimization and Compliance in Comparison to Child Molesters” (CRAISSATI & BEECH, 2004).

*Journal of Sexual Aggression.* Cinco artigos deste periódico foram escolhidos para compor a revisão: “A comparative study of demographic data relating to intra- and extra-familial child sexual abusers and professional perpetrators” (SULLIVAN & BEECH, 2004); “A Review of Dynamic Variables and their Relationship to Risk Prediction in Sex Offenders” CRAISSATI & BEECH, 2003); “Empathy Deficits of Sexual Offenders: A Conceptual Model” (HANSON, 2003); “Generating data with sexual offenders using qualitative material: A paradigm to complement not compete with quantitative methodology” (WEBSTER & MARSHALL, 2004); “The Violent Reconvictions of Sexual Offenders” (CORBETT, PATEL, ERIKSON & FRIENDSHIP, 2003).

*Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment.* Deste periódico foram selecionados dezesseis artigos: “Biological Fathers and Stepfathers Who Molest Their Daughters: Psychological, Phallometric, and Criminal Features” (GREENBERG, FIRESTONE, NUNES, BRADFORD & CURRY, 2005); “Childhood Attachment, Childhood Sexual Abuse, and Onset of Masturbation Among Adult Sexual Offenders” (SMALLBONE & MCCABE, 2003); “Childhood Attachments, Sexual Abuse, and Their Relationship to Adult Coping in Child Molesters” (MARSHALL, SERRAN & CORTONI, 2000); “Crossover Sexual Offenses” (HEIL, AHLMEYER & SIMONS, 2003); “Identifying Schemas in Child Molesters, Rapists, and Violent Offenders” (MILNER & WEBSTER, 2005); “Implicit Cognitive Distortions and Sexual Offending” (MIHAILIDES, DEVILLY & WARD, 2004); “Onset, Persistence, and Versatility of Offending Among Adult Males Convicted of Sexual Offenses Against Children” (SMALLBONE & WORTLEY, 2004); “Phallometric Comparison of Pedophilic Interest in Nonadmitting Sexual Offenders Against Stepdaughters, Biological Daughters, Other Biologically Related Girls, and Unrelated Girls” (BLANCHARD, KUBAN, BLAK, CANTOR, KLASSEN & DICKEY, 2006); “Post-conviction Sex Offender Polygraph Examination: Client-Reported Perceptions of Utility and Accuracy” (KOKISH, LEVENSON & BLASINGAME, 2005); “Religious Affiliations Among Adult Sexual Offenders” (ESHUYS & SMALLBONE, 2006); “Resiliency in the Victim–Offender Cycle in Male Sexual Abuse” (LAMBIE, SEYMOUR, LEE & ADAMS, 2002); “The Content of Sexual Fantasies for Sexual Offenders” (GEE, DEVILLY & WARD, 2004); “The Criminal Activity of Sexual Offenders in Adulthood: Revisiting the Specialization Debate” (LUSSIER, 2005); “The Criminal Histories and Later Offending of Child Pornography Offenders” (SETO & EKE, 2005); “The Offence Process of Sex Offenders with Intellectual Disabilities: A Qualitative Study” (COURTNEY, ROSE & MASON, 2006); “The Strength of Sexual Arousal as a Function of the Age of the Sex Offender: Comparisons Among Pedophiles, Hebephiles, and Teleiophiles” (BLANCHARD & BARBAREE, 2005).

ARTIGOS SELECIONADOS PARA A REVISÃO DA LITERATURA  
INTERNACIONAL – EM TABELA

1 - Periódico: *British Journal of Social Psychology*

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(es )</b>	<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Ano</b>	<b>País dos autores</b>
"Doing Cognitive Distortions: A Discursive Psychology Analysis of Sex Offender Treatment Talk"	Timothy Auburn & Susan Lea	Psicologia Forense	2003	Reino Unido

2 - Periódico: *Journal of Applied Social Psychology*

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(es )</b>	<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Ano</b>	<b>País dos autores</b>
"Do Child Molesters Have Aberrant Perceptions of Adult Female Facial Attractiveness?"	David K. Marcus & Michael R. Cunnigam	Psicologia Social	2003	Estados Unidos

3 - Periódico: *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(es )</b>	<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Ano</b>	<b>País dos autores</b>
"An Exploration of Childhood Victimization and Family-of-Origin Characteristics of Sexual Offenders Against Children"	Tania S. Stirpe & Lana E. Stermac	Educação	2003	Canadá
"Criminal Diversity and Paraphilic Interests Among Adult Males Convicted of Sexual Offenses Against Children"	Stephen W. Smallbone & Richard K. Wortley	Criminologia	2004	Austrália
"Learning to Pass: Sex Offenders' Strategies for Establishing a Viable Identity in the Prison General Population"	Charles Schwabe	Encarcerados	2005	Estados Unidos
"Shame and Guilt in Child Sexual Offenders"	Michael Proeve & Kevin Howells	Psicologia Forense	2002	Austrália
"Violent Sex Offenders Lack Male Social Support"	Karin Gutiérrez-Gutiérrez-Lobos, Reinhard Eher, Christine Grünhut, Bettina Bankier, Brigitte Schmidl-Mohl, Stefan Frühwald & Brigitte Semler	Psiquiatria	2001	Áustria
"Nonsex Offenses Committed by Child Molesters: Findings From a Longitudinal Study"	Patrick N. Parkinson, Sandra Shrimpton R. Kim Oates, Heather Y. Swanston & Brian I. O'Toole	Não identificado	2004	Austrália
"Psychosocial Characteristics of Criminals Committing Incest and Other Sex Offenses: A Survey in a Taiwanese Prison"	For-Wey Lung & Shu-Fen Huang	Não identificado	2004	Taiwan

4 - Periódico: *Journal of Interpersonal Violence*

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(es )</b>	<b>Area do Conhecimento</b>	<b>Ano</b>	<b>País dos autores</b>
"Cognitive Distortions of Religious Professionals Who Sexually Abuse Children"	Adam Saradjian & Dany Nobus	Psicologia Clínica	2003	Estados Unidos
"Developmental Factors Related to Deviant Sexual Preferences in Child Molesters"	Patrick Lussier, Eric Beauregard, Jean Proulx & Alexandre Nicole	Psicologia do Desenvolvimento	2005	Canadá
"Incest offender's perceptions of their motives to sexually offend within their past and current life context"	Carolyn Copps Hartley	Não identificado	2001	Estados Unidos
"Preliminary Evidence for an Automatic Link Between Sex and Power Among Men Who Molest Children"	Jan H. Kamphuis, Corine De Ruiter, Bas Janssen & Mark Spiering	Psicologia Clínica/ Psicologia Forense	2005	Holanda
"The Characteristics of a Geographical Sample of Convicted Rapists Sexual Victimization and Compliance in Comparison to Child Molesters"	Jackie Craissati & Anthony Beech	Psicologia Clínica/ Psicologia Forense	2004	Reino Unido

5 - Periódico: *Journal of Sexual Aggression*

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(e s )</b>	<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Ano</b>	<b>País dos autores</b>
"A comparative study of demographic data relating to intra- and extra-familial child sexual abusers and professional Perpetrators"	Joe Sullivan & Anthony Beech	Não identificado	2004	Reino Unido
"A Review of Dynamic Variables and their Relationship to Risk Prediction in Sex Offenders"	Jackie Craissati & Anthony Beech	Não identificado	2003	Reino Unido
"Empathy Deficits of Sexual Offenders: A Conceptual Model"	R. Karl Hanson	Psicologia Clínica	2003	Canadá
"Generating data with sexual offenders using qualitative material: A paradigm to complement not compete with quantitative methodology"	Stephen D. Webster1 & William L. Marshall	Metodologia	2004	Reino Unido e Canadá
"The Violent Reconvictions of Sexual Offenders"	Carmen Corbett, Vaneeta Patel, Matthew Erikson & Caroline Friendship	Não identificado	2003	Reino Unido

6 - Periódico: Sexual Abuse: *A Journal of Research and Treatment*

<b>Título do Artigo</b>	<b>Autor(e s )</b>	<b>Área do Conhecimento</b>	<b>Ano</b>	<b>País dos autores</b>
20 - Biological Fathers and Stepfathers Who Molest Their Daughters: Psychological, Phallometric, and Criminal Features	David M. Greenberg, Philip Firestone, Kevin L. Nunes, John M. Bradford, & Susan Curry	Psicologia Clínica	2005	Austrália e Canadá
21 - Childhood Attachment, Childhood Sexual Abuse, and Onset of Masturbation Among Adult Sexual Offenders	Stephen W. Smallbone & Billee-Anne McCabe	Não identificado	2003	Austrália
22 - Childhood Attachments, Sexual Abuse, and Their Relationship to Adult Coping in Child Molesters	W. L. Marshall, Geris A. Serran & Franca A. Cortoni	Não identificado	2000	Canadá
23 - Crossover Sexual Offenses	Peggy Heil, Sean Ahlmeyer & Dominique Simons	Não identificado	2003	Estados Unidos
24 - Identifying Schemas in Child Molesters, Rapists, and Violent Offenders	Rebecca J. Milner & Stephen D. Webster	Não identificado	2005	Inglaterra
25 - Implicit Cognitive Distortions and Sexual Offending	Stephen Mihailides, Grant J. Devilly & Tony Ward	Psicologia Clínica	2004	Austrália, Nova Zelândia
26 - Onset, Persistence, and Versatility of Offending Among Adult Males Convicted of Sexual Offenses Against Children	Stephen W. Smallbone & Richard K. Wortley	Não identificado	2004	Austrália
27 - Phallometric Comparison of Pedophilic Interest in Nonadmitting Sexual Offenders Against Stepdaughters, Biological Daughters, Other Biologically Related Girls, and Unrelated Girls	Ray Blanchard, Michael E. Kuban, Thomas Blak, James M. Cantor, Philip Klassen & Robert Dickey	Psicologia Clínica	2006	Canadá
28 - Post-conviction Sex Offender Polygraph Examination: Client-Reported Perceptions of Utility and Accuracy	Ron Kokish, Jill S. Levenson & Gerry D. Blasingame	Psicologia Clínica	2005	Estados Unidos
29 - Religious Affiliations Among Adult Sexual Offenders	Donna Eshuys & Stephen Smallbone	Não identificado	2006	Austrália
30 - Resiliency in the Victim-Offender Cycle in Male Sexual Abuse	Ian Lambie, Fred Seymour, Alan Lee & Peter Adams	Psicologia Clínica	2002	Nova Zelândia
31 - The Content of Sexual Fantasies for Sexual Offenders	Dion G. Gee, Grant J. Devilly & Tony Ward	Psicologia Clínica	2004	Austrália, Nova Zelândia
32 - The Criminal Activity of Sexual Offenders in Adulthood: Revisiting the Specialization Debate	Patrick Lussier	Não identificado	2005	Canadá
33 - The Criminal Histories and Later Offending of Child Pornography Offenders	Michael C. Seto & Angela W. Eke	Não identificado	2005	Canadá
34 - The Offence Process of Sex Offenders with Intellectual Disabilities: A Qualitative Study	Jude Courtney, John Rose & Oliver Mason	Não identificado	2006	Reino Unido
35 - The Strength of Sexual Arousal as a Function of the Age of the Sex Offender: Comparisons Among Pedophiles, Hebephiles, and Teleiophiles	Ray Blanchard & Howard E. Barbaree	Psicologia Clínica	2005	Canadá

## APÊNDICE F

### TÍTULOS REFERENTES À LITERATURA NACIONAL SOBRE AVS

<b>Título da Monografia/Dissertação/Livro</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Instituição</b>	<b>Tipo da Produção</b>
1 - <i>Pessoas que cometeram violência sexual: patologia individual ou questão família?</i>	Esber	2005	Universidade Católica de Goiás	Monografia
2 - <i>O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor.</i>	Jesus	2005	Universidade Católica de Goiás	Monografia
3 - <i>O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor.</i>	Jesus	2006		Artigo publicado em revista
4 - <i>Do tabu à possibilidade de tratamento psicossocial: um estudo reflexivo da condição de pessoas que vitimizam crianças e adolescentes</i>	Vecina	2002		Artigo de Livro
5 - <i>O perfil psicológico do agressor sexual - da patologia à normalidade. Estudo de casos investigados por meio do psicodiagnóstico Rorschach.</i>	Esber	2000	Universidade Católica de Goiás	Monografia
6 - <i>Consumo de álcool e outras drogas e impulsividade sexual entre agressores sexuais.</i>	Baltieri	2005	Universidade de São Paulo	Tese de Doutorado
7 - <i>Criminosos Sexuais: um perfil de sujeitos condenados por crimes sexuais.</i>	Magalhães	2003	Universidade Gama Filho	Dissertação de Mestrado
8 - <i>Pedofilia: uma das faces da violência sexual contra crianças.</i>	Ferrari	2004		Artigo publicado em revista
9 - <i>Pedófilo, quem és? A pedofilia na mídia impressa.</i>	Landini	2003		Artigo publicado em revista
10 - <i>O Protagonista do Violência Sexual: sua Lógica e Estratégias.</i>	Schmickler	2006		Livro
11 - <i>A transformação da identidade do vitimizador sexual que se transformou em "vítima".</i>	Musleh	2003	Universidade São Marcos	Dissertação de Mestrado
12 - <i>A Voz do Abusador: Aspectos Psicológicos dos Protagonistas de Incesto.</i>	Marques	2005	Universidade Católica de Brasília	Dissertação de Mestrado

## APÊNDICE G

### TEMAS, SUJEITOS E METODOLOGIAS DOS ARTIGOS SELECIONADOS

<b>Título do Artigo</b>	<b>Tema</b>	<b>Condição dos Sujeitos</b>	<b>Metodologia</b>
1 - "Doing cognitive distortions: A discursive psychology analysis of sex of fender treatment talk"	Crítica da explicação das distorções cognitivas como fator etiológico da violência sexual.	3 encarcerados.	Pesquisa qualitativa: Análise das falas dos sujeitos, através de sessões clínicas
2 - "Do Child Molesters Have Aberrant Perceptions of Adult Female Facial Attractiveness?"	Análise da percepção de mulheres por AVS.	98 sujeitos, sendo 68 AVS encarcerados e 30 alunos universitários.	Pesquisa quantitativa: Apresentação de fotografias de mulheres e classificação do nível de atratividade.
3 - "An Exploration of Childhood Victimization and Family-of- Origin Characteristics of Sexual O ffenders Against Children"	Vitimização na infância e família de origem.	124 internados em hospital psiquiátrico. a) 33 AVS contra crianças; b) 66 ofensores violentos e c) 25 ofensores não violentos.	Pesquisa quantitativa: Entrevista s emi-estruturada e escala Likert.
4 - "Criminal Diversity and Paraphilic Interests Among Adult M ales Convicted of Sexual O ffenses Against Children"	Diversidade criminal em AVS.	326 AVS encarcerados e 36 cumprindo sentenças na comunidade.	Pesquisa quantitativa: Questionário, consulta em prontuários, escala
5 - "Learning to Pass: Sex Offenders' Strategies for Establishing a Viable Identity in the P rison General Population"	Estratégias de sobrevivência utilizadas por AVS nas prisões.	Não identificado.	Pesquisa qualitativa: Entrevistas.
6 - "Shame and Guilt in Child Sexual Offenders "	Análise da presença de vergonha e culpa em AVS.	Nenhum.	Revisão da Literatura.
7 - "Violent Sex Offenders Lack Male Social Support"	Investigação da rede social de AVS.	62 encarcerados.	Pesquisa quantitativa: Consulta em registros oficiais do Ministério da Justiça e entrevistas.
8 - "Nonsex Offenses Committed by Child Molesters: Findings From a Longitudinal Study"	Diversidade Criminal de AVS.	30 encarcerados.	Pesquisa quantitativa: Consulta em registros criminais.
9 - "Psychosocial Characteristics of Criminals Committing Incest and Other Sex Offenses: A Survey in a Taiwanese Prison"	Análise de características psicossociais.	240 encarcerados.	Pesquisa quantitativa: Questionário.
10 - "Cognitive Distortions of Religious Professionals Who Sexually Abuse Children"	Análise de distorções cognitivas de clérigos.	14 clérigos encarcerados que participaram de um programa de atendimento em meio comunitário.	Pesquisa qualitativa: Análise de seções dos atendimentos psicológicos.

Continua

Continuação

<b>Título do Artigo</b>	<b>Tema</b>	<b>Condição dos Sujeitos</b>	<b>Metodologia</b>
11 - "Developmental Factors Related to Deviant Sexual Preferences in Child Molesters"	Fatores desenvolvimentais e preferências sexuais desviantes.	146 encarcerados.	Pesquisa quantitativa: Pesquisa em registros policiais, entrevista, escalas e "phallometric assessment".
12 - "Incest offender's perceptions of their motives to sexually offend within their past and current life context"	Exploração dos motivos que AVS relatam sobre o cometimento da violência.	8 participantes de um programa de atendimento comunitário.	Pesquisa qualitativa: Entrevistas.
13 - "Preliminary Evidence for an Automatic Link Between Sex and Power Among Men Who Molest Children"	Investigação de conexões automáticas entre sexo e poder.	45 sujeitos de um hospital psiquiátrico, sendo 10 AVS contra crianças, 15 pacientes forenses e 20 alunos.	Pesquisa quantitativa: Estímulos visuais (palavras relacionadas a poder e sexo)
14 - "The Characteristics of a Geographical Sample of Convicted Rapists Sexual Victimization and Compliance in Comparison to Child Molesters"	Comparação de características de amostras urbanas de AVS contra mulheres e AVS contra crianças.	310 sujeitos, sendo 80 AVS contra mulheres e 230 AVS contra crianças de um programa comunitário.	Pesquisa quantitativa: Entrevista semi-estruturada, pesquisa em registros do programa e escalas.
15 - "A comparative study of demographic data relating to intra- and extra-familial child sexual abusers and Professional perpetrators "	Comparação de informações demográficas entre AVS e AVS que são profissionais.	305 participantes de um centro de tratamento residencial.	Pesquisa quantitativa: Questionário; 30 sujeitos completa ram uma entrevista semi-estruturada.
16 - "A Review of Dynamic Variables and their Relationship to Risk Prediction in Sex Offenders "	Análise de variáveis dinâmicas (características mutáveis) da personalidade.	Nenhum.	Revisão teórica.
17 - "Empathy Deficits of Sexual Offenders: A Conceptual Model"	Apresentação de um modelo para a compreensão da empatia em AVS.	Nenhum.	Revisão teórica.
18 - "Generating data with sexual offenders using qualitative material: A paradigm to complement not compete with quantitative methodology"	Discussão sobre metodologias qualitativas e quantitativas para a pesquisa sobre AVS.	Nenhum.	Revisão teórica.
19 - "The Violent Reconvictions of Sexual Offenders "	Análise das reconvicções violentas de AVS pré e pós encarceramento.	104 sujeitos reconvictos, encarcerados ou não.	Pesquisa quantitativa: Consulta ao Serviço de Identificação Nacional.
20 - "Biological Fathers and Stepfathers Who Molest Their Daughters: Psychological, Phallometric, and Criminal Features"	Comparação de pais e padrastos incestuosos em relação a características psicológicas, "phallometric" e criminais.	143 sujeitos atendidos em um hospital universitário, sendo 84 pais e 59 padrastos.	Pesquisa quantitativa: Consulta a prontuários técnicos, leitura de registros policiais e escalas.

Continua



Continuação

<b>Título do Artigo</b>	<b>Tema</b>	<b>Condição dos Sujeitos</b>	<b>Metodologia</b>
21 - "Childhood Attachment, Childhood Sexual Abuse, and Onset of Masturbation Among Adult Sexual Offenders "	Estudo sobre a vinculação materna/paterna, presença de violência sexual na infância e ocorrência de masturbação.	48 encarcerados, sendo 22 AVS contra mulheres, 26 contra crianças, 13 AVS intrafamiliar e 13 AVS extrafamiliar.	Pesquisa quantitativa: Autobiografia Questionário.
22 - "Childhood Attachments, Sexual Abuse, and Their Relationship to Adult Coping in Child Molesters "	Exame da vinculação filho-pais e a presença de violência sexual na infância.	83, sendo 30 AVS contra crianças, 24 ofensores não-sexuais (todos encarcerados) e 24 não- ofensores (sujeitos da comunidade).	Pesquisa quantitativa: Questionário, inventário e escala.
23 - "Crossover Sexual Offenses"	Comparação de AVS e AVS múltiplos, em relação às respostas do polígrafo.	489 sujeitos, sendo 223 encarcerados e 266 em livramento condicional.	Pesquisa quantitativa: Consulta em registros oficiais, questionários e administração do polígrafo.
24 - "Identifying Schemas in Child Molesters, Rapists, and Violent Offenders "	Análise de esquemas cognitivos em AVS contra mulheres, crianças, comparando-os com ofensores violentos.	36, sendo 12 AVS contra mulheres, 12 AVS contra crianças, e 12 ofensores violentos, todos encarcerados.	Pesquisa quantitativa: Mapas de vida (autobiografias) e questionário.
25 - "Implicit Cognitive Distortions and Sexual Offending"	Comparação de cognições implícitas de AVS com outros grupos.	100 sujeitos, sendo 25 AVS contra crianças encarcerados, 25 como grupo de controle, 25 ofensores não-violentos, 25 não- ofensores e 25 AVS contra mulheres.	Pesquisa quantitativa: Apresentação de estímulos (palavras) para classificação.
26 - "Onset, Persistence, and Versatility of Offending Among Adult Males Convicted of Sexual Offenses Against Children"	Análise do início, persistência e versatilidade (generalização) de ofensas em AVS.	207, AVS contra crianças, sendo 98 intrafamiliares, 72 extrafamiliares e 37 ofensores mistos, todos encarcerados.	Pesquisa quantitativa: Consultas nos arquivos penitenciários e questionário.
27 - "Phallometric Comparison of Pedophilic Interest in Nonadmitting Sexual Offenders Against Stepdaughters, Biological Daughters, Other Biologically Related Girls, and Unrelated Girls "	Comparação de interesses pedofílicos em diversos grupos de ofensores.	291 sujeitos testados em um centro de saúde mental.	Pesquisa quantitativa: "Phallometric assessment" (com informações fornecidas pelos sujeitos) e consulta aos relatórios do centro.
28 - "Post-conviction Sex Offender Polygraph Examination: Client-Reported Perceptions of Utility and Accuracy"	Análise da percepção de AVS à testagem do polígrafo.	95 AVS de um programa de tratamento comunitário.	Pesquisa quantitativa: Questionário.

Continua

Continuação

<b>Título do Artigo</b>	<b>Tema</b>	<b>Condição dos Sujeitos</b>	<b>Metodologia</b>
29 - "Religious Affiliations Among Adult Sexual Offenders "	Exame da associação entre afiliação religiosa e história oficial da violência.	111 sujeitos encarcerados.	Pesquisa quantitativa: Consulta aos prontuários Autobiografia com perguntas pré-estabelecidas.
30 - "Resiliency in the Victim- Offender Cycle in Male Sexual Abuse"	Análise dos fatores que contribuem para o ciclo vítima-ofensor ou para a resiliência.	88 sujeitos, sendo 47 do grupo vítima-ofensor e 41 resilientes, ambos em tratamento comunitário.	Pesquisa quantitativa: Questionário semi-estruturado e entrevistas.
31 - "The Content of Sexual Fantasies for Sexual Offenders "	Investigação do papel da fantasia sexual durante o processo de violência.	24 AVS encarcerados, tendo cometido violência contra mulheres, crianças e adolescentes.	Pesquisa qualitativa: Entrevista semi-estruturada.
32 - "The Criminal Activity of Sexual Offenders in Adulthood: Revisiting the Specialization Debate"	Revisão da literatura no que concerne à especialização/generalização de AVS.	Nenhum.	Revisão Teórica.
33 - "The Criminal Histories and Later Offending of Child Pornography Offenders "	Análise de "ofensores pornográficos".	201 sujeitos (não específica a condição dos mesmos).	Pesquisa quantitativa: Consulta a banco de dados policiais e ao "Ontário Sex Offender Registry".
34 - "The Offence Process of Sex Offenders with Intellectual Disabilities: A Qualitative Study"	Exame das características de AVS com incapacidades intelectuais.	9 sujeitos, sendo de programas residenciais e comunitários.	Pesquisa qualitativa: Entrevista.
35 - "The Strength of Sexual Arousal as a Function of the Age of the Sex Offender: Comparisons Among Pedophiles, Hebephiles, and Teleiophiles"	Comparação de taxas de excitação sexual em AVS.	2028 sujeitos acessados por um serviço de saúde mental.	Pesquisa quantitativa: "Phalometric assessment".